

**Universidade Federal de Ouro Preto**

Instituto de Ciências Sociais Aplicadas

Programa de Pós-Graduação em Comunicação

---

Dissertação

---

**Memória e corpo na  
biografia de Ney  
Matogrosso: espaço público  
e privado no jornalismo de  
teor testemunhal**

*Carlos Augusto Pereira dos Santos Júnior*

Mariana  
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

CARLOS AUGUSTO PEREIRA DOS SANTOS JÚNIOR

**MEMÓRIA E CORPO NA BIOGRAFIA DE NEY MATOGROSSO:  
espaço público e privado no jornalismo de teor testemunhal**

MARIANA  
Fevereiro de 2024

CARLOS AUGUSTO PEREIRA DOS SANTOS JÚNIOR

**MEMÓRIA E CORPO NA BIOGRAFIA DE NEY MATOGROSSO:  
espaço público e privado no jornalismo de teor testemunhal**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação e Temporalidades

Linha de Pesquisa: Práticas Comunicacionais e Tempo Social

Orientadora: Profa. Dra. Marta Regina Maia

MARIANA  
Fevereiro de 2024

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S237m Santos Junior, Carlos Augusto Pereira Dos.  
Memória e corpo na biografia de Ney Matogrosso [manuscrito]:  
espaço público e privado no jornalismo de teor testemunhal. / Carlos  
Augusto Pereira Dos Santos Junior. - 2024.  
209 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. MARTA REGINA MAIA.  
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro  
Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-  
Graduação em Comunicação.  
Área de Concentração: Comunicação e Temporalidades.

1. Matogrosso, Ney, 1941- Biografia. 2. Biografia. 3. Corpo humano. 4.  
Jornalismo - Aspectos sociais. 5. Narrativa (Retórica). I. MAIA, MARTA  
REGINA. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 316.77

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter de Sousa-Bibliotecário Coord. ICOSA/UFOP-  
CRB6a1407



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Carlos Augusto Pereira dos Santos Júnior**

### **Memória e corpo na biografia de Ney Matogrosso: espaço público e privado no jornalismo de teor testemunhal**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação

Aprovada em 19 de fevereiro de 2024

#### Membros da banca

Prof.(a). Dr.(a) Marta Regina Maia (Orientador(a) e Presidente) – Universidade Federal de Ouro Preto

Prof.(a). Dr.(a) Reges Toni Schwaab - Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Prof.(a). Dr.(a) Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof.(a). Dr.(a) Marta Regina Maia orientador(a) do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 11/03/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Marta Regina Maia, Usuário Externo**, em 12/03/2024, às 09:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0681449** e o código CRC **678738C4**.

Dedico esta dissertação a todos os corpos dissidentes que resistem e são *locus* de memória e testemunho da vida.

## AGRADECIMENTOS

Durante o período de dois anos, experimentei uma verdadeira metamorfose em minha vida pessoal e profissional. Os ensinamentos partilhados pela minha orientadora, professora Marta Regina Maia, doutora em Comunicação, proporcionaram-me uma compreensão mais profunda de como a pesquisa e o ensino são elementos intrínsecos à minha forma de pensar e contribuir para o mundo. Não posso deixar de mencionar que foi a orientação da professora Marta que, em certo momento, me encorajou a buscar o mestrado, ao reconhecer minhas qualidades acadêmicas. Além de orientar meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), vencedor do Prêmio Nacional Jeduca 2023, na categoria de melhor reportagem especial, Marta desempenhou um papel fundamental ao me acompanhar nesse processo de aprofundamento intelectual. Supervisionando, questionando, criticando e corrigindo minhas ideias, mesmo quando pareciam indecifráveis para mim, foram suas contribuições que me ajudaram a seguir com minha jornada acadêmica.

Agradeço, em sequência, ao jornalista, biógrafo e escritor brasileiro, Julio Maria, pela sua generosidade, mesmo diante de inúmeras demandas profissionais e pessoais. Sua prontidão em atender aos meus pedidos de entrevista foi o que tornou esse processo possível. Essas conversas, sem dúvida, contribuirão para o biografismo no Brasil e além, ao tensionar o campo do jornalismo, a ética no espaço público e privado, bem como o relacionamento entre biógrafo e biografado. Embora não tenha entrevistado Ney Matogrosso, figura central do objeto analisado nesta dissertação, aproveito também para expressar minha gratidão ao cantor, mesmo sem tê-lo conhecido pessoalmente. Agradeço-lhe, enquanto jornalista, pesquisador e leitor, por compartilhar detalhes de sua vida com a sociedade brasileira. Minha história se entrelaça com a do biografado, uma vez que fui uma criança que enfrentou as consequências da repressão de um pai militar. Também escutei que passaria fome ao escolher o jornalismo. Dizia a mim que jornalismo era profissão de mulher, de comunista, de vagabundo. O afeto paternal que parecia inabalável na infância dissipou-se na adolescência, quando revelei minha bissexualidade. Nesse momento, compreendi que minha mãe, Andreia Carla, minha avó, dona Maria, meu irmão, Enzo Gabriel, e minhas irmãs, Carla e Jhessi, sempre encararam minha maneira de ser com naturalidade, sendo-lhes extremamente grato por isso. Eles foram os meus verdadeiros e autênticos apoiadores, capazes de me aceitar integralmente como eu sou. Esse é um princípio que defendo de maneira inabalável, esteja onde estiver. Assim fez Ney. Assim faço eu. Sua biografia, dessa forma, reflete também a vida de muitos de nós.

Aqui expresso meus mais sinceros agradecimentos às pessoas que, de maneira valiosa, apoiaram-me e demonstraram confiança na pesquisa que empreendi. À professora Marisa Singulano, doutora em Sociologia, e à professora Francisca Diana, doutora em Economia, agradeço imensamente por me acompanharem e me incentivarem ao longo deste percurso acadêmico, desde o início até os dias atuais. Às professoras Denise Prado, Debora Lopez, Karina Barbosa, Ana Carolina e aos professores Felipe Viero, Frederico Tavares, Pedro Marra, e Marcelo Freire, todos doutores e doutoras em Comunicação, expresso minha gratidão por suas contribuições significativas para o meu desenvolvimento no mestrado. Agradeço também aos professores Reges Toni Schwaab e Fernando Resende, doutores em comunicação, por terem lido e comentado minha dissertação e composto a banca de qualificação em meados de 2023. Agradeço, de modo especial, a todos os funcionários da Universidade Federal de Ouro Preto, cuja dedicação à educação é fundamental. Um agradecimento especial à Renata de Souza e Silva, secretária do PPGCOM, por sua constante disponibilidade, sorriso acolhedor e prontidão em auxiliar nas burocracias desta fase. Aos meus colegas de turma, sem distinção, agradeço pelo apoio, confiança e compartilhamento de conhecimentos em sala de aula. Ainda sou grato à equipe editorial da revista INICIACOM, com a qual tive a oportunidade de assessorar e contribuir com a pesquisa na área de Comunicação por meio da INTERCOM.

Com imensa gratidão, destaco a importância de Dona Sônia Almeida em minha vida, com quem morei em Mariana durante o mestrado, em sua casa. Em apenas cinco meses, ela trouxe uma perspectiva renovada, infundindo mais amor e leveza em meu dia a dia, ao mesmo tempo em que me mostrou que tenho o poder de escolher o que aceitar para me tornar uma pessoa cada vez melhor. Da mesma forma, expresso minha gratidão à Mary, a auxiliar doméstica, que preparava almoços divinos e deixava a casa ainda mais linda e acolhedora do que já era. De maneira especial, ela contribuiu para alegrar meus dias compartilhando as novidades do distrito onde morava em Mariana. Devo expressar que a conclusão deste trabalho ainda espelha o percurso de autoconhecimento trilhado ao lado do meu analista, o psicólogo junguiano Victor Weber. Aos meus amigos de vida, verdadeiras joias raras neste mundo, expresso minha eterna gratidão: Camila Mesquita, Stefanny Leite, Luana Carolina, Célia Shirley, Isadora Miranda, Edmilson Júnior, Karla Rezende, Carlos Miguel, Letícia Nolasco, Crislen Machado, Aleone Higido, Eduarda Brito, Aparecida Silva, Bruno Xavier, Siqueni Vertello, Gustavo Nogueira, Rafael Augusto, Ariane Neves, Ericson Jardim, Juscimara Honorato, Tahis Mares, Damiana, João Vitor e Fernanda Miranda. Também sou profundamente grato às minhas professoras e amigas, Tatyana di Lissandra, Marlene Louzada, Aparecida

Brasileiro, Marilene Louzada, Cilene Alves, Nilva Fernandes, Norivalda Alves, Sandra Castro, Erineide Alves, Márcia Louzada, Sirlene Fernandes, Márcia Ferreira, e a todas as pessoas que contribuíram para a minha trajetória educacional e com a minha vakinha para o intercâmbio. Em memória, atribuo meu sucesso e amor pelos estudos à tia Clarita, minha saudosa professora de gramática, agora uma estrela no céu, que dedicou anos de sua vida a me ensinar as regras do português e as eternas lições para uma vida de coragem e fé.

Agradeço imensamente àqueles que estiveram ao meu lado durante o mestrado sanduíche na Eslováquia. Em especial, expresso minha gratidão a Darlene Gladu Petrie, que despendeu tempo e carinho para ler minha carta de motivação e todos os meus documentos em inglês, mesmo estando no Canadá. Expresso também minha sincera gratidão aos amigos que ultrapassaram fronteiras. Francesco Valoriani, meu amigo italiano com quem compartilhei quarto e momentos significativos durante minha estadia na Europa. À Francesca Federici, agradeço por ensinar que o amor pode florescer na amizade. À Tamuna Kintsurashvili, Saída Mamavarneba, John, Yasman, Yasmin e Adriano, minha profunda gratidão pelo acolhimento em terras estrangeiras. Obrigado por me acompanharem em viagens por tantos países pela Europa, por me ensinar italiano, alemão, francês, espanhol e tantas outras línguas durante esse tempo que passamos juntos. Hoje sou um brasileiro com um pouco de cada parte desse mundo. Por fim, não posso deixar de agradecer à professora doc. Mgr. Marketa, aos professores doc. Marián, doc. Lukas, Mgr. Samuel, e às coordenadoras Bc. Olga e Bc. Natália. Expresso meu agradecimento à Universidade Federal de Ouro Preto por todas as oportunidades proporcionadas até aqui, e à Pavol Josef Safarik University e ao programa eslovaco NSP por viabilizar minha experiência de estudo no exterior, contribuindo para tornar-me um ser humano mais universal. Ao presidente Lula e à ex-presidenta Dilma Rousseff, meu eterno obrigado por terem conquistado novamente a democracia no Brasil e nos terem permitido sonhar outra vez. Desejo, pois, que o futuro seja, também, de muitas oportunidades, mais paz e mais amor.

*“E o que me resta é só um gemido  
Minha vida, meus mortos  
Meus caminhos tortos, meu sangue latino  
Minh'alma cativa  
Rompi tratados, traí os ritos  
Quebrei a lança, lancei no espaço  
Um grito, um desabafo  
E o que me importa é não estar vencido”.*  
(João Ricardo e Paulo Mendonça)

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetos de pesquisa o livro "Ney Matogrosso: a biografia" (2021), escrito pelo jornalista e biógrafo Julio Maria, e duas entrevistas realizadas com o autor da obra. O objetivo geral é realizar uma análise da relação entre corpo (BUTLER, 2017; RUBIN, 2017; FOUCAULT, 1998; GONÇALVES, 2004; ZUMTHOR, 2018), memória (POLLAK, 1989; SARLO, 2007; SELIGMANN-SILVA, 2008; AGAMBEN, 2009), e testemunho jornalístico (FROSH, 2009; BARRETOS, 2017; MAIA, PERES, 2023), assim como dos limites entre o espaço público e privado (LONGUI, 2006; SILVA, 2006; CHRISTOFOLETTI, 2019; MAIA, FERNANDES, 2022). Com isso, surge o seguinte problema de pesquisa: "Em que medida as escolhas narrativas do biógrafo, no que concerne à memória e ao corpo, delineiam as fronteiras entre o espaço público e privado na elaboração de narrativas biográficas no âmbito do jornalismo de teor testemunhal?". A análise baseia-se em uma abordagem epistemológica fundamentada no jornalismo de teor testemunhal, respaldada pelos estudos de Frosh e Pinchevski (2009), Resende e Peres (2016), além de Maia e Fernandes (2023). Ainda foram definidos dois eixos norteadores: a relação entre biógrafo, biografado e fontes; e a relação entre biógrafo e processo da narrativa biográfica. Ambos têm como operadores metodológicos a "concepção de memória", que busca investigar as interpretações sobre memória no espaço público e privado; e a "concepção de corpo", a fim de se compreender como a interpretação sobre o corpo foi fundamental para a construção da biografia de Ney. Como resultados, evidenciou-se que a biografia de Ney, escrita por Maria (2021), considerou as ideias de memória e corpo na construção de uma narrativa centrada nas vivências do artista. Esses elementos configuraram a narrativa e levaram o jornalista a pensar sobre os limites no espaço público e privado. Assim, a pesquisa também suscita outras formas de configurações narrativas e pensa o processo de construção da pauta, captação e edição do livro jornalístico, e as relações entre biógrafo e biografado, e biógrafo e construção da narrativa.

**Palavras-chave:** Biografia Jornalística; Narrativas; Testemunho; Memória; Corpo; Ney Matogrosso.

## ABSTRACT

This academic dissertation focuses on the book "Ney Matogrosso: a biografia" (2021), written by journalist and biographer Julio Maria, as well as two interviews conducted with the author. The overall objective is to analyze the relationship between body (BUTLER, 2017; RUBIN, 2017; FOUCAULT, 1998; GONÇALVES, 2004; ZUMTHOR, 2018), memory (POLLAK, 1989; SARLO, 2007; SELIGMANN-SILVA, 2008; AGAMBEN, 2009), and journalistic testimony (FROSH, 2009; BARRETOS, 2017; MAIA, PERES, 2023), as well as the boundaries between public and private spaces (LONGUI, 2006; SILVA, 2006; CHRISTOFOLETTI, 2019; MAIA, FERNANDES, 2022). This raises the following research question: "In what ways does the biographer's understanding of the body and memory shape the biographical narrative, delimiting the boundaries between public and private spaces in the field of testimonial journalism?". The analysis is based on an epistemological approach grounded in testimonial journalism, supported by the studies of Frosh and Pinchevski (2009), Resende and Peres (2016), as well as Maia and Fernandes (2023). Two guiding axes were also defined: the relationship between the biographer, the biographical subject, and sources; and the relationship between the biographer and the process of biographical narrative. Both axes utilize the methodological operators of the "conception of memory," which seeks to investigate interpretations of memory in public and private spaces; and the "conception of body," in order to understand how interpretations of the body were fundamental to the construction of Ney's biography. The results show that Maria's biography about Ney (2021) considered the ideas of memory and body in constructing a narrative centered on the artist's experiences. These elements shaped the narrative and led the journalist to establish certain boundaries in the public and private space of the biographical subject. Thus, the research also raises other forms of narrative configurations and considers the process of agenda-setting, gathering, and editing of the journalistic book based on the relationships between the biographer and the subject, and the biographer and the construction of the narrative.

**Keywords:** Journalistic Biography; Narratives; Testimony; Memory; Body; Ney Matogrosso.

## SUMÁRIO

<b><u>INTRODUÇÃO</u></b> .....	<b>13</b>
<b><u>1. A BIOGRAFIA E O FAZER JORNALÍSTICO: INTERSECÇÕES E DESAFIOS</u></b> ...24	
1.1. <u>Biografia, memória e testemunho</u> .....	25
1.2. <u>A produção de biografias jornalísticas no Brasil</u> .....	33
1.3. <u>Histórias de vida como pauta jornalística</u> .....	43
<b><u>2. INTERESSE PÚBLICO E DIREITO À PRIVACIDADE</u></b> .....	<b>65</b>
2.1. <u>Espaço público e privado em biografias jornalísticas</u> .....	65
2.2. <u>Biografias não-autorizadas no Brasil e movimento Procure Saber</u> .....	73
2.3. <u>Confluência público-privada do corpo performático e comunicacional</u> .....	86
2.3.1. <u>Performance Corporal: comunicação, resistência e libertação</u> .....	92
2.3.2. <u>Corpo biográfico e a escrita performática</u> .....	96
<b><u>3. PROCESSO DE PRODUÇÃO BIOGRÁFICA</u></b> .....	<b>103</b>
3.1. <u>Relação entre biógrafo, biografado e fontes</u> .....	106
3.1.1. <u>Concepção da memória biográfica</u> .....	110
3.1.2 <u>Concepção do corpo biográfico</u> .....	126
3.2. <u>Relação entre biógrafo e processo da narrativa biográfica</u> .....	138
3.2.1. <u>Concepção da memória biográfica</u> .....	139
3.2.2 <u>Concepção do corpo biográfico</u> .....	149
<b><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b> .....	<b>162</b>
<b><u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u></b> .....	<b>172</b>
<b><u>APÊNDICE A</u></b> .....	<b>182</b>
<b><u>APÊNDICE B</u></b> .....	<b>191</b>
<b><u>ANEXOS</u></b> .....	<b>201</b>

## INTRODUÇÃO

Na década de 1970, Ney Matogrosso consolidou sua posição como uma figura proeminente na música brasileira ao desafiar as normas socialmente estabelecidas em um período tumultuado durante a ditadura militar. Nos palcos, suas maquiagens e indumentárias andróginas transcendiam a estética vigente e tornavam-se um espaço de performance artística e política. Alocado nesse lugar de resistência, Ney Matogrosso não apenas cantava e dançava. Seu corpo andrógino e maquiado representava uma manifestação de coragem e autenticidade, como um contraponto às restrições sexuais e de gênero de sua época.

Ney, em contraste com artistas que optaram por discursos políticos explícitos, como Caetano, Gilberto Gil e Chico Buarque, foi, de certa forma, pioneiro em uma revolução artística que ultrapassou os limites do cenário musical. Sua ousadia artística, fundamentada na expressividade corporal, não se limitou a desafiar as convenções estabelecidas, mas também desencadeou uma transformação cultural abrangente, cujos reflexos se estenderam para além das notas musicais. O corpo de Ney desafiou as ideias conservadoras sobre o corpo masculino, o que representou uma busca pela liberdade na expressão de diversas identidades. Nascido em 1 de agosto de 1941, na cidade de Bela Vista, no estado do Mato Grosso, seu corpo já emergia, assim, como um espaço de possibilidades, onde ele podia ser, pensar e questionar. Ao se apresentar nos palcos, e inicialmente nos teatros, o cantor rompeu com determinadas normas sociais de gênero, confrontou padrões sociais estabelecidos sobre o ideal de corpo e se transmutou em uma declaração de renúncia ao que era coercitivamente imposto às vidas marginalizadas pelo regime militar. Além da voz, a existência e presença corporal do cantor nos meios de comunicação, como a televisão, também se tornaram meio para questionar e confrontar a rigidez dos costumes e discursos dos anos da ditadura.

No espaço privado, muito além da música, o artista transcendeu o estrelato, sendo lembrado, também, por seus atos de resistência. Em sua vida pública, o cantor corajosamente assumiu seu relacionamento amoroso com Cazuzza, desafiou abertamente tabus e enfrentou a oposição de setores reacionários da política e da mídia que resistiam à visibilidade de casais homoafetivos. Além disso, ao romper mais tarde com o grupo *Secos&Molhados*, que o catapultou à fama, o artista demonstrou sua natureza libertária e subversiva ao seguir uma

carreira solo. Suas decisões revelam, em algum grau, os valores de um sujeito que buscou sua própria identidade artística, sem ceder às opressões do conservadorismo e dos códigos de condutas galgados no conservadorismo, na heteronormatividade, na padronização dos corpos e no silenciamento das vozes que, nos dias atuais, são chamadas de grupos minoritários.

Até a escrita desta dissertação, Ney Matogrosso ainda realiza seus shows em diversos estados do Brasil e em outros países. Prosseguindo com a turnê "Bloco na Rua", interrompida durante a pandemia de COVID-19, a primeira apresentação de Ney em 2024 ocorreu em 6 de janeiro na cidade do Rio de Janeiro. Passados três anos desde que sua biografia foi publicada pelo jornalista e biógrafo Julio Maria, mesmo Ney tendo afirmado<sup>1</sup> frequentemente que não é uma pessoa que reflete sobre a própria vida, o cantor declarou ao jornal A Tribuna ter refletido mais sobre sua trajetória a partir de algumas de suas canções. "Hoje, quando canto Sangue Latino, parece que estou falando de mim, e quando a gravei, eu não havia captado, não tinha percebido isso". Lançada em 1973, no álbum *Secos & Molhados*, a canção fala sobre a influência da cultura latina na identidade e na alma de quem a carrega. A letra evoca uma atmosfera melancólica e romântica e aborda temas como paixão e a conexão profunda com as características culturais da América Latina. A música é celebrada como um clássico do movimento "Tropicália" e da Música Popular Brasileira.

Aos 81 anos de idade, Ney Matogrosso ainda é lembrado pelo público por sua determinação em viver sem aprisionamentos e por aceitar a si mesmo, sem se curvar a quaisquer imposições que tentem limitar sua liberdade. Essa maneira de encarar a vida tem sido uma constante em sua jornada. Parte de sua história de vida, dos sucessos e desafios, da autenticidade e resiliência, da resistência política por meio do corpo até as dificuldades em lidar com sujeitos em crise, tudo isso é detalhadamente evidenciado em um livro jornalístico, que constitui um dos objetos de pesquisa desta dissertação, além das entrevistas com o biógrafo de Ney.

Em 2021, o cantor celebrou seus 80 anos de vida. No mesmo período, o jornalista e crítico de música do Jornal *O Estado de S. Paulo*, Julio Maria, lançou um livro sobre o artista, intitulada "Ney Matogrosso: a biografia", publicado pela editora Companhia das Letras. A obra jornalística abrange diversos momentos da vida do cantor e o arco narrativo tem início na

---

<sup>1</sup> A matéria sobre o primeiro show do artista em 2024 pode ser conferida na íntegra na página oficial do jornal A Tribuna. Disponível em: <<https://atribunarj.com.br/materia/ney-matogrosso-abre-2024-com-show-extra-no-vivo-rio>>. Acesso em: 08 jan. 2024.

infância de Ney Matogrosso, ao relatar os primeiros conflitos com o pai. Em seguida, são narrados os acontecimentos após sua saída de casa, incluindo sua experiência nas Forças Armadas, onde testemunhou, pela primeira vez, um beijo entre dois homens e o consumo recreativo de *cannabis*. Os capítulos subsequentes relatam sua vida em São Paulo, onde teve a oportunidade de atuar e cantar em bares e casas de shows do bairro Bela Vista, reduto da boemia paulistana nas décadas de 1960 e 1970. O leitor ainda é levado a conhecer a vivência de Ney em Brasília e no Rio de Janeiro; as violências impostas pelo regime ditatorial; além dos seus relacionamentos amorosos repletos de afeto, entrega, mas, ao mesmo tempo, de inúmeros conflitos. O livro também compartilha com os leitores a troca de cartas, o cuidado e o amor entre Ney e Cazuza até a morte do cantor carioca.

Para além disso, a biografia revela descobertas sobre a influência de Ney Matogrosso na música brasileira e destaca sua conquista em 1973 ao ultrapassar Roberto Carlos, até então reconhecido nacionalmente como o cantor com o maior número de discos vendidos. O álbum “Secos&Molhados” surpreendeu ao superar as expectativas, esgotando as mil cópias em duas semanas. Cada nova canção, como “Rosa de Hiroshima”, “Primavera nos dentes”, “Mulher barriguda”, “Fala” e “O patrão nosso de cada dia”, impulsionava as vendas, o que levou a produtora Continental a acelerar a produção para atender à demanda dos lojistas. O sucesso foi evidenciado pelo desaparecimento de 5 mil cópias das prateleiras e indicou uma correspondência direta entre a quantidade de discos prensados e a quantidade de discos vendidos, em uma aferição ditada pela demanda da época.

O livro também destaca uma perspectiva raramente abordada por Ney, ao criticar as artes na sociedade e expressar preocupação sobre como o mundo artístico está cada vez mais comercializado com produtos de massa, em detrimento de serem compreendidos como expressões genuínas da criação humana. Aos 51 anos, como aborda a biografia, Ney revelou uma postura de intolerância que até a expôs em uma entrevista concedida ao jornal *O Globo* em novembro de 1992. “Para falar a verdade, eu estou perdendo o meu saco. Eu olho para o mundo e acho tudo tão medíocre. As artes estão de uma mediocridade que amola. E o que está no comando de toda a mediocridade é o dinheiro” (MARIA, 2021, p. 421). De toda forma, à frente de seu tempo, Ney Matogrosso já vislumbrava o cenário musical capitalista dos dias atuais.

Passados tantos anos desde que essa declaração foi feita por Ney, em outubro de 2023, o cantor esgotou a tenda do Folio — Festival Literário Internacional de Óbidos, em Portugal.

Durante o evento, o cantor disse não ter censurado nenhuma informação durante a produção da biografia e destacou a única exigência feita ao autor Julio Maria: a obra "não poderia ter nenhuma mentira"<sup>2</sup>. Aos 82 anos, o artista afirmou estar tranquilo em relação ao seu passado, conforme abordado na entrevista no Fólio. A conversa abordou diversos temas, desde a difícil relação com o pai até a prisão durante a ditadura militar no Brasil, além de aspectos de sua vida e carreira. Na ocasião, o artista também tratou da cinebiografia "Homem com H", que será produzida sobre sua vida. O ator Jesuíta Barbosa interpretará Ney Matogrosso e as gravações estão programadas para iniciar em janeiro de 2024, coincidindo com a fase final da escrita desta dissertação sobre a biografia de Ney.

Resultado de cinco anos e quase duzentas entrevistas, a biografia escrita por Julio Maria desvenda a trajetória de uma das personalidades artísticas mais marcantes do Brasil contemporâneo. Ney Matogrosso, guiado por sua intuição, forjou um caminho único na música brasileira, enfrentando obstáculos desde a intolerância paterna até os desafios da censura e a sombra da epidemia de aids. O jornalista e biógrafo imergiu-se na vida de Ney, visitando seus locais de origem, desvendando sua adolescência conturbada e explorando os bastidores da carreira artística. Julio Maria, nascido em São Paulo em 1973, é repórter e crítico musical e atuou durante 15 anos no jornal *O Estado de S. Paulo*. Com uma carreira extensa, passou uma década como repórter musical e editor do Caderno de Variedades do *Jornal da Tarde*, além de colaborar como colunista e comentarista da *Rádio Eldorado*. Entre 2010 e 2013, foi responsável pela edição do Caderno 2 "Mais Música". Além disso, é autor da premiada biografia "Nada Será Como Antes", que detalha a vida de Elis Regina e conquistou o prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) em 2015. Vale destacar que o biógrafo, demonstrando seu interesse particular por biografias de músicos, dedica sua obra sobre Ney Matogrosso a Zuza Homem de Mello, também jornalista e biógrafo brasileiro especializado em escrever sobre cantores. Essa homenagem reflete a afinidade do jornalista com a narrativa biográfica, especialmente quando voltada para figuras icônicas da música brasileira.

---

<sup>2</sup> O Folia — Festival Literário Internacional de Óbidos é um evento literário que ocorre na encantadora vila de Óbidos, Portugal. Este festival celebra a literatura em diversas formas, proporcionando um espaço de encontro entre autores, leitores e entusiastas da literatura. Durante o evento, ocorrem lançamentos de livros, palestras, debates, exposições e outras atividades culturais. Ney foi um dos artistas a lançar sua biografia, ao lado do jornalista e biógrafo Julio Maria. Disponível em: <<https://observador.pt/2023/10/21/ney-matogrosso-esgota-tenda-do-folio-no-lancamento-de-biografia/>>. Acesso em: 04 jan. 2024.

Além de proporcionar uma imersão na vida do artista e na efervescência da cena cultural brasileira, a proposta narrativa de Maria (2021) sobre a vida de Ney revela-se como um objeto de estudo para a compreensão do papel central do corpo como um espaço em que cujo testemunho adquire relevância e é constantemente acionado pelo biógrafo na construção da narrativa biográfica. Nesse contexto, o corpo de Ney Matogrosso emerge como o *locus* de suas experiências e vivências relatadas no livro, desde a forma como a corporalidade se tornou uma ferramenta artística no teatro, permitindo-lhe transcender fronteiras e levar sua arte a palcos nacionais e internacionais, até as nuances e desafios enfrentados em sua jornada como sujeito e cidadão. Ao que parece, no livro, o corpo de Ney Matogrosso configura a moldagem da narrativa que envolve sua trajetória. Especialmente no capítulo de análise dessa dissertação, o leitor terá acesso a QR Codes para uma imersão nas discussões propostas ao longo do texto.

Diante dessas considerações, surge uma indagação: de que maneira a compreensão do biógrafo acerca do corpo e da memória delinea a narrativa biográfica, delimitando as fronteiras entre espaços públicos e privados no âmbito do jornalismo testemunhal? Sobretudo na biografia de Ney, as experiências corpóreas e subjetivas, narradas pelo biógrafo, parecem desempenhar um papel crucial na construção da narrativa. Isso evidencia a relevância do corpo como elemento estruturante na elaboração da pauta biográfica, o que proporciona uma constante adaptação do que o biógrafo entende por espaço público e privado no jornalismo. Surge, assim, uma temática que suscita ponderações acerca dos desafios em escrever uma biografia, sobretudo quando conduzida por jornalistas. Nesse contexto, a dissertação tem como problema de pesquisa: em que medida as escolhas narrativas do biógrafo, no que concerne à memória e ao corpo, delineiam as fronteiras entre o espaço público e privado na elaboração de narrativas biográficas no âmbito do jornalismo de teor testemunhal? Nesta lógica, o objetivo geral desta pesquisa concentra-se em realizar uma análise da relação entre corpo, memória e testemunho jornalístico, bem como dos limites entre o espaço público e privado, presentes no livro "Ney Matogrosso: a biografia". Busca-se compreender como esses elementos se interrelacionam com a construção da narrativa biográfica de Ney Matogrosso, proposta pelo jornalista Julio Maria. Para tanto, foram estabelecidos três objetivos específicos que direcionam a investigação.

O primeiro objetivo da pesquisa consiste em investigar como o corpo de Ney Matogrosso se tornou um espaço de resistência artística e política ao longo de sua trajetória, ao desafiar as normas sociais, familiares e culturais da época, especialmente durante os anos 70 e

80, um período conturbado pela ditadura militar no Brasil. Será realizada uma análise do papel da memória e do testemunho jornalístico na construção narrativa de sua história, com a intenção de compreender como as lembranças pessoais e os relatos testemunhais influenciaram a composição do livro. Ao investigar a produção da obra, baseada em depoimentos, entrevistas e registros históricos e documentais, almeja-se compreender como esses relatos foram incorporados na narrativa biográfica, já que o percurso feito pelo biógrafo não se encontra detalhado no livro.

O segundo objetivo desta dissertação foca na análise dos impactos dos limites dos espaços públicos e privados na seleção e interpretação dos relatos presentes na biografia de Ney Matogrosso. Serão examinadas as questões éticas relacionadas à privacidade do biografado e à liberdade de expressão do jornalista, com o intuito de compreender como as fronteiras entre o espaço público e privado são atravessadas no contexto da narrativa biográfica. Além disso, será investigado, também, o papel da pauta jornalística na produção das histórias de vida no jornalismo, com atenção à influência nas escolhas editoriais do biógrafo, em sua construção e na representação de Ney Matogrosso na obra em análise.

Já o terceiro objetivo intenta problematizar a influência da subjetividade do biógrafo na abordagem dos aspectos públicos e privados da vida de Ney Matogrosso. Será investigado, por exemplo, como as escolhas editoriais e as motivações do biógrafo influenciaram a maneira como os aspectos da vida pública e pessoal do artista foram abordados na narrativa biográfica. Essa análise proporcionará compreensões sobre o papel do biógrafo na construção da história de vida e em como sua visão subjetiva torna-se capaz de afetar a representação dos eventos e experiências vivenciados pelo biografado. Em conjunto, esses objetivos delimitam a abordagem da pesquisa e fornecem uma abordagem transversal para a investigação dos elementos que configuram a narrativa biográfica de Ney Matogrosso, considerando a relevância do corpo, os desafios éticos e a influência da subjetividade do biógrafo no processo de produção da biografia.

Ademais, as justificativas que fundamentam esta dissertação emanam de diferentes fontes. Em particular, destacam-se duas consideradas mais relevantes. A primeira decorre da concepção de que o campo do jornalismo e da comunicação, como um todo, ainda carece de estudos mais aprofundados que relacionem as corporalidades e os agentes de memória. De modo algum, isso significa dizer que não existam pesquisas com esse propósito, pois há várias. Inclusive, esta dissertação busca elencar e relacionar diversos autores e autores de ambas as

temáticas ao longo dos capítulos. Entretanto, ao serem comparadas com outros estudos, especialmente os voltados para diferentes operadores, as questões sobre o corpo e a memória na comunicação ainda parecem permanecer à margem de parte das análises e pesquisas acadêmicas. Por isso, esta dissertação se dedica à imersão nas corporalidades e nas memórias no contexto do biografismo jornalístico.

Além disso, também é importante considerar as motivações do pesquisador que compõem a construção desta dissertação. Neste momento, peço licença para utilizar a primeira pessoa do discurso, que não terá predominância na escrita desta dissertação. Faço uso dela apenas para me colocar no texto e relatar em poucos parágrafos o que me motivou subjetivamente, enquanto mestrandando, a desenvolver esta obra acadêmica. Como jornalista, leitor e pesquisador, os temas sobre o corpo e a memória afetam-me ao longo de toda a minha vida profissional e acadêmica, suscitando a necessidade de repensar a profissão e o campo comunicacional por outras perspectivas. Fato é que, em se tratando da biografia sobre Ney Matogrosso, trata-se de um objeto que tem muita relação com minha vida. Assim como a vida do artista, também vivenciei os discursos de um pai militar e extremamente reacionário. Falas, inclusive, carregadas de hipocrisia ao dizer que defendia os valores da família tradicional, mas preferiu se ausentar enquanto pai durante a minha jornada de estudos iniciada na infância. Sem esquecer de mencionar sua desvalorização pelas artes e pelos artistas considerados “comunistas”. Quando criança, eu, por exemplo, já era encantado por música. Cheguei a fazer parte de um coral de músicos por 10 anos. Dizia a mim que seria cantor. Com o passar do tempo, passei a sufocar essas ideias, porque sabia que não teria uma vida tão regada de privilégios e boa condição financeira para arriscar nesse sonho. As falas contrárias à arte e a quem ousasse professá-la eram tão fortes, que talvez tenham sido elas a abafarem o que alimentava meus dias.

Na adolescência, aos 17 anos, decidi seguir o caminho do jornalismo, ainda enquanto cursava o ensino médio, e fui aprovado na Universidade Federal de Ouro Preto antes mesmo de concluir meus estudos. Na expectativa de estar imune a críticas, uma vez que também optaria por uma segunda paixão acadêmica, me deparei com a recusa da aceitação da minha escolha profissional, atribuída, mais uma vez, ao estigma associado aos “comunistas”. Não recebi suporte financeiro nem emocional quando mais necessitei. O militarismo, que inicialmente parecia restrito aos quartéis, ressurgiu vigorosamente nas dinâmicas familiares brasileiras. Na minha situação, não foi diferente, e talvez tenha sido ainda mais desafiador por ser filho de

militar. Além disso, o fato de ter um filho jornalista passou a ser percebido como um dos desafios, e, para muitos, a responsabilidade recaía sobre mim, como se estivesse desafiando diretamente meu pai. Conforme relata a biografia de Julio Maria (2021), experiências semelhantes foram vivenciadas por Ney Matogrosso. Não apenas o desejo de se tornar artista era considerado uma afronta à figura paterna, que também era militar, mas sua expressão corporal e personalidade eram questionadas. Ney enfrentou essas adversidades nas décadas de 50 e 60, enquanto eu comecei a vivenciar situações semelhantes a partir de 2016. Talvez, os momentos históricos tenham algo significativo em comum: a volta do conservadorismo.

Paralelamente à trajetória de Ney Matogrosso, minha infância também foi marcada por confrontos com discursos homofóbicos que me apelidavam de "viadinho", "donzela" e "bichinha". Esses rótulos eram atribuídos simplesmente por ser uma criança educada e que expressava mais características consideradas socialmente como femininas do que aquelas mais relacionadas à masculinidade tóxica. Embora desconhecesse a trajetória de Ney Matogrosso, fiz a opção consciente de renunciar a posses materiais, trilhando meu próprio caminho, mesmo que isso implicasse significativos sacrifícios. Enfrentei inúmeras falas paternas de que passaria fome e necessidades devido à escolha da minha profissão. No entanto, ao me mudar para Minas Gerais, consegui melhorar minha condição de vida como estudante universitário, participando de projetos de extensão, iniciação científica, estágios e trabalhos *freelancers*, aproveitando as diversas oportunidades que surgiam. Sem dúvidas, essas experiências sustentaram minha coragem em seguir caminhos outros, desprovido de muitos privilégios. Minha mãe, minha avó e a Universidade Pública foram meus alicerces.

Passados tantos anos, hoje reconheço que as adversidades da vida me moldaram de maneira singular, transformando-me em um jornalista com uma perspectiva mais humanizada. Não posso negar que esta dissertação surge dessa concepção. Há uma relação íntima com o tema. Contrariamente à ideia de que isso possa representar um problema, encaro-me como um pesquisador que busca a transparência nas pesquisas, com o objetivo de evidenciar, para o leitor ou leitora, quais são os motivos que impulsionaram as minhas escolhas, o meu trabalho, a minha curiosidade e os meus métodos de análise. Em outras palavras, ao contrário de considerar as subjetividades como um obstáculo na ciência, acredito que elas representam um dos caminhos possíveis para desmistificar as tentativas de alcançar uma neutralidade que busca uma separação absoluta entre o pesquisador e o objeto de estudo - algo que reconheço como impossível.

Em continuidade aos processos de construção desta dissertação, é relevante mencionar que o trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, intitulado “A biografia e o fazer jornalístico: interseções e desafios”, será discutido o espaço biográfico, à guisa de compreender o cruzamento entre a memória, o testemunho e o espaço privado e público nas biografias escritas por jornalistas. No primeiro tópico, “Biografia, memória e testemunho” é abordado o caráter híbrido da biografia (ARFUCH, 2010), como um campo que abriga identidades contemporâneas (BOURDIEU, 1986); o processo de construção da memória na narrativa e dos esquecimentos (POLLAK, 1989; SARLO, 2007; SELIGMANN-SILVA, 2008) e o modo como a guinada subjetiva conduz à valorização do testemunho nas narrativas produzidas pelo jornalismo (PERES, 2016; AGAMBEN, 2009; RESENDE, 2017; MAIA, BARRETOS, 2018). No segundo tópico “A produção de biografias jornalísticas no Brasil”, são feitas reflexões acerca do biografismo no mundo (DOSSE, 2009; CASTRO, 2022; NETO, 2022; FERNANDES, 2023) e, principalmente, no Brasil, abrangendo as biografias escritas por jornalistas. No terceiro tópico, “Histórias de vida como pauta jornalística”, discute-se como a pauta influencia a produção de narrativas sobre histórias de vida no jornalismo (FURTADO, 2021; LAGE, 2001) e como a construção da pauta apresenta um caráter imbricado nas subjetividades e nos interesses do biógrafo (AVELAR, SCHMIDT, 2013; MORAES, VEIGA DA SILVA, 2019; MAIA, PERES, 2023).

O segundo capítulo, “Interesse público e direito à privacidade”, concentra-se em expandir o debate sobre o espaço público e privado e suas implicações diretas na produção e elaboração de biografias. No primeiro tópico, “Espaço público e privado em biografias jornalísticas”, são traçadas reflexões sobre o desafio do biógrafo em decidir quais aspectos da vida do biografado devem ser abordados (LONGUI, 2006; SILVA, 2006; CHRISTOFOLETTI, 2019; MAIA, FERNANDES, 2022). Além disso, discorre-se sobre como essas decisões influenciam diretamente a abrangência e profundidade da narrativa biográfica. Também se discutem os limites entre o espaço público e privado e de que modo o entendimento do biógrafo sobre eles pode impactar a interpretação dos relatos de testemunho e da memória (SCHMIDT, 1997; GIDDENS, 1991). Por fim, explora-se como a compreensão subjetiva do biógrafo sobre o público e o privado afeta a recepção desses relatos, influenciada por suas próprias crenças, valores e perspectivas (GIDDENS, 1991; PEREIRA, 2007; MAIA, 2008). O segundo tópico, “Confluência público-privada do corpo performático e comunicacional”, busca aprofundar o entendimento sobre a presença do corpo como confluência entre o espaço público e privado, e

os desafios éticos que surgem nesse contexto. Ainda será analisado como as experiências corpóreas, traumas e subjetividades do biografado condicionam a configuração da narrativa biográfica no âmbito do jornalismo testemunhal. O último tópico desse capítulo, “Biografias não-autorizadas no Brasil e movimento Procure Saber”, examinará o contexto em que biografias não autorizadas foram proibidas no Brasil, com ênfase ao movimento "Procure Saber", criado em 2013 e liderado por determinados artistas brasileiros, que defendiam a proibição de biografias sem autorização no país.

O último capítulo desta dissertação, “Processo de produção biográfica”, concentra-se na análise do livro “Ney Matogrosso - a biografia”, com base nas discussões realizadas nos demais tópicos da pesquisa. A análise metodológica é fundamentada na análise de narrativas e no jornalismo de teor testemunhal, e busca compreender como as escolhas narrativas sobre a memória e o corpo na biografia de Ney Matogrosso delineiam a fronteira entre espaço público e privado no contexto do jornalismo biográfico. A metodologia, ancorada no jornalismo testemunhal, não apenas examina a narrativa biográfica em termos da concepção do corpo e da memória, mas também investiga o relacionamento entre o biógrafo e o biografado, detalhando o processo de escrita, as decisões editoriais e as relações interpessoais.

Para tanto, também foram feitas entrevistas exclusivas com o jornalista Julio Maria, autor da biografia, com perguntas sobre liberdade de imprensa, limites entre o público e o privado, decisões editoriais e o processo de produção da pauta, da captação e da edição. Além disso, entrevistas secundárias, como reportagens, notícias, podcasts e debates, foram utilizadas para contextualizar e esclarecer aspectos abordados nas entrevistas. A análise metodológica se estrutura em dois eixos: "relação entre biógrafo e biografado" e "relação entre biógrafo e processo da narrativa biográfica", à guisa de tensionar a dinâmica interpessoal, as expectativas iniciais do biografado, as decisões narrativas do biógrafo e a influência do biografado na construção da narrativa. A pesquisa busca, ainda, aprofundar a compreensão do biógrafo sobre o corpo e a memória, abordando como esses elementos são capazes de moldar uma narrativa que transcende a mera escrita de vida e reverbera significados no campo social.

A análise metodológica desta dissertação emprega dois operadores específicos, focando na "Narrativa Testemunhal sobre Memória Biográfica" e na "Narrativa Testemunhal sobre Corpo Biográfico". No primeiro operador, a análise da memória de Ney Matogrosso desde a infância até momentos recentes de sua carreira baseia-se em teorias de Pollak (1989), Sarlo

(2007), Seligmann-Silva (2008), Agamben (2009), Schmidt (1997) e Giddens (1991). Investiga-se como as memórias do biografado foram integradas na narrativa, ao considerar a relação com contextos sociais e culturais amplos, como a Ditadura Militar e o conservadorismo familiar. Também se investiga o entendimento do biógrafo sobre os limites entre espaço público e privado no jornalismo. No segundo operador, a análise do corpo de Ney Matogrosso na narrativa biográfica é respaldada por Butler (2017), Rubin (2017), Foucault (1998) Gonçalves (2004), Zumthor (2018), Reis (2019) e Preciado (2004). Examina-se, ainda, o entendimento do jornalista sobre o corpo biográfico, suas escolhas narrativas centradas na corporalidade e a visão do biógrafo sobre o corpo no espaço público e privado. A análise concentra-se na vulnerabilidade corporal, nas performances e nos significados atribuídos ao corpo de Ney como um local de testemunho, relato, performance e experiência. O objetivo é compreender como as características corporais configuram a narrativa biográfica, tomando o corpo como espaço de testemunho e expressão.

Ainda é pertinente ressaltar que a metodologia adotada se originou de uma configuração estruturada a partir de decisões que visaram contemplar tanto abordagens já experimentadas, como a Análise de Narrativas e entrevistas em profundidade, quanto à elaboração de um protocolo metodológico exclusivo para esta dissertação. Esse protocolo foi desenvolvido para atender aos objetivos gerais e específicos e, em certa medida, se aproximar do problema de pesquisa. Isso explica por que os operadores metodológicos, assim como os eixos norteadores, foram concebidos com base nas autoras e autores estudados durante a fundamentação teórica desta obra acadêmica. A criação de uma metodologia própria, dessa forma, alinhada às necessidades específicas da pesquisa, tornou-se fundamental para abordar conceitos tão abrangentes como corpo e memória, especialmente no campo da comunicação.

À luz das questões introdutórias abordadas, com foco nos operadores analíticos, particularmente memória e testemunho, o primeiro capítulo desta pesquisa concentra-se na discussão mais detalhada das interações entre biografia e prática jornalística. Nesta fase inicial, o objetivo é não apenas ampliar a compreensão, mas também tensionar e promover discussões mais substanciais sobre a intrincada relação entre memória e testemunho no contexto do jornalismo contemporâneo

## 1. A BIOGRAFIA E O FAZER JORNALÍSTICO: INTERSEÇÕES E DESAFIOS

Ao longo dos últimos anos, as biografias têm contribuído para a reconstituição da memória individual e coletiva, sendo entendidas como uma ferramenta de conhecimento e da promoção de reflexões acerca da condição humana. Além de incorporar narrativas que combinam apuração aprofundada, o biografismo oferece muito mais do que relatos proporcionados pelas técnicas narrativas do fazer jornalístico. Ao deslindar a vida e o legado de indivíduos, as biografias jornalísticas revelam facetas da história, da cultura e da sociedade. Oferecem novas perspectivas para se compreender as complexidades e as contradições humanas, bem como os desafios e as conquistas ao longo do tempo.

Sem dissociar a vida do sujeito do seu contexto sócio-histórico, as biografias jornalísticas intentam iluminar questões mais abrangentes e contextualizar eventos históricos e sociais. Não apenas apresentam recortes da vida dos sujeitos no mundo, mas invariavelmente abordam temas como identidade, poder, superação e justiça. Assim, tornam-se meios convidativos à reflexão sobre a existência humana, acerca dos sucessos e das frustrações, das paixões e dos desafetos, das confidências e dos segredos. Essa combinação de elementos torna as biografias jornalísticas uma fonte capaz de fornecer uma compreensão mais profunda da vida, da memória, do testemunho e dos espaços públicos e privados pelos quais os sujeitos transitam socialmente.

Com base nisso, este capítulo propõe-se a investigar o espaço biográfico, à guisa de compreender o cruzamento entre a memória, o testemunho e o espaço privado e público nas biografias jornalísticas. No primeiro tópico, serão abordadas as interseções entre biografia, memória e testemunho. Em alguma medida, a intenção é refletir como a escrita biográfica permite ceder espaço às histórias individuais, em busca de memórias, especialmente aquelas relacionadas a experiências subjetivas dos sujeitos. Investiga-se, ainda, o papel ativo do jornalista como aquele que constrói e testemunha o que se é narrado, bem como a importância da escuta ativa pelo biógrafo na busca por testemunhos.

No segundo tópico, o olhar é direcionado à produção de biografias jornalísticas no contexto brasileiro. O tópico analisa a evolução do biografismo no país, desde o surgimento da imprensa e o florescimento da burguesia urbana, até os dias atuais. Por meio das discussões,

ainda é possível entrever as particularidades da produção biográfica no Brasil, suas influências culturais e contribuições para preservação de determinadas memórias.

No terceiro tópico, investigam-se as histórias de vida como um dos elementos constituintes do fazer jornalístico. A intenção é examinar como os jornalistas utilizam as memórias individuais como fonte de informação e abordar as razões que levam o jornalista a se interessar pelas trajetórias de vida de pessoas comuns ou de notoriedade pública. Uma vez que as narrativas biográficas analisam pormenores e intricamentos da condição humana, abordando temas como identidade, superação, justiça social, desigualdades e questões contemporâneas, torna-se preciso compreender a pauta jornalística na biografia como um elemento combativo aos discursos hegemônicos que marginalizam determinadas vidas.

Por meio desta investigação, este capítulo busca ampliar a compreensão sobre o papel das biografias jornalísticas na sociedade contemporânea, ao indagar como a escrita biográfica, a memória e o testemunho contribuem para a construção das histórias do sujeito na produção biográfica realizada por jornalistas. Ao adentrar nesse universo multifacetado, as reflexões oferecem novas e variadas perspectivas sobre a escrita biográfica no jornalismo e sua influência na formação da opinião pública e na subjetividade do indivíduo.

### **1.1 Biografia, memória e testemunho**

Refletir academicamente sobre biografias escritas por jornalistas implica, entre outras coisas, compreender a complexidade envolvida no ato de transformar relatos e memórias em narrativas jornalísticas. Nessa busca, os biógrafos enfrentam o desafio de escolher entre inúmeras formas de escrever sobre a vida de um indivíduo, à medida que se deparam com a necessidade de selecionar perspectivas e enquadramentos específicos. Com isso, a escrita biográfica torna-se permeada pela natureza inacabada do processo de biografar, uma vez que alguns aspectos permanecem recortados, o que se assemelha à lógica de estruturação da memória, na qual algumas lembranças são recuperadas e outras esquecidas.

Ricoeur (1994) destaca a importância da narrativa na construção das identidades humanas ao tratar do estudo do relato biográfico e sua estreita relação com as memórias. Segundo o autor, a inter-relação dos "processos culturais que articulam a experiência como um

todo" (RICOEUR, 1994, p. 92) está presente na vida do biografado, permeando os aspectos individuais e coletivos. Nessa perspectiva, a narrativa biográfica assume o papel de uma ferramenta que possibilita a exploração das identidades individuais e coletivas, assim como a reconstrução histórica e a evocação das memórias extraídas tanto do sujeito biografado quanto do contexto social em que ele está inserido. No entanto, ao se reconhecer que os biógrafos frequentemente se deparam com a escassez de informações, contradições e perspectivas ambíguas nas histórias de vida, torna-se evidente que a construção de uma narrativa biográfica não implica em esgotar todas as possibilidades de reinterpretação.

Como delinea Vieira (2011), ao tratar do interesse do pesquisador em histórias de vida, as trajetórias do biografado podem ser entendidas como um amplo campo de identidades contemporâneas, que se desenvolve em um processo contínuo de produção, circulação e articulação da memória. Nesse sentido, Bourdieu (1986) enfatiza a importância da apropriação das histórias de vida pelos cientistas sociais. Essa apropriação envolve a consideração da memória como um dos elementos da construção e da interpretação das narrativas biográficas:

A história de vida é uma daquelas noções do senso comum que entram de contrabando no universo acadêmico; primeiro, sem tambor nem trompete, pelos etnólogos; depois, mais recentemente, e não sem estrondo, entre os sociólogos. Falar de história de vida é pressupor pelo menos, e isto não é pouco, que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, *Une vie*, uma vida é inseparavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato desta história (BOURDIEU, 1986, p. 69, grifo do autor).

Em vista disso, ao colocar o sujeito e seu meio social em evidência, Leonor Arfuch (2010, p. 10) postula que a atividade do biógrafo consiste, majoritariamente, em desenvolver reflexões teóricas acerca das memórias individuais e coletivas no mundo, ao dedicar-se “à exploração da teorização contemporânea do sujeito”. Em outras palavras, a biografia buscaria compreender o indivíduo em seu contexto histórico e social, ao utilizar conceitos teóricos e reflexões críticas para enriquecer a compreensão sobre o biografado. Além disso, pensar academicamente em biografias também consistiria em um olhar crítico e reflexivo acerca da construção da subjetividade do sujeito, bem como sobre as diferentes formas de narrá-la, e a partir de quais memórias e esquecimentos a biografia passa a ser produzida (POLLAK, 1989).

Ricoeur (1994) explica que a memória e o esquecimento são fundamentais para a compreensão de como indivíduos e sociedades entendem seu passado e presente. De modo

similar, Sarlo (2007, p. 10), alerta que "o passado sempre chega ao presente". Se antes o acesso ao passado se dava principalmente por meio das obras dos historiadores, na contemporaneidade, observa-se uma ampliação desse panorama devido ao impulso proporcionado pelo campo comunicacional e pela guinada subjetiva (PERES, 2016).

Seja na autobiografia quanto no texto biográfico, a subjetividade estaria presente no processo de construção da história de vida. Isso decorreria da seleção de eventos, da interpretação e da forma de relatar o passado e presente que dependem da perspectiva do biógrafo e das influências culturais, sociais e pessoais que moldam sua visão de mundo. Desse modo, a subjetividade seria uma característica intrínseca da narrativa e se tornaria importante reconhecê-la para entender como a vida do sujeito é retratada nas obras biográficas produzidas por jornalistas. Como também enfatiza Bruner (1991), as histórias de vida são criadas pelo sujeito como uma forma de dar sentido às suas experiências e aos eventos do mundo. Os acontecimentos assumiriam a forma das narrativas utilizadas para descrevê-los. Neste sentido, observa-se uma proliferação de narrativas centradas no "eu" que são amplamente difundidas na contemporaneidade pela prática jornalística. As experiências de vida são cada vez mais compartilhadas e reinventadas em diversos contextos. Dado esse fato, o ato testemunhal dos sujeitos ganha destaque como um elemento estruturante da escrita sobre histórias de vida. Essa realidade suscita debates mais profundos sobre questões relacionadas ao domínio público e privado, à liberdade de expressão e à responsabilidade, como será visto com mais detalhes nos próximos capítulos deste estudo, particularmente no terceiro capítulo.

Ao tratar desse tema, Peres (2016) alude que a guinada subjetiva revelou a potencialidade em ceder lugar à voz do sujeito na composição biográfica, tanto na perspectiva social, em que o campo midiático influencia na presentificação do "eu" e na valorização do sujeito, quanto no jornalismo brasileiro, em que a produção de narrativas de grande reportagem, em especial, por meio do suporte livro, constitui um novo *status* de autor. Ao se deparar com a produção de biografias jornalísticas, é como se essa atividade adentrasse em um terreno fértil de memórias individuais, coletivas e de diferentes períodos históricos, entrelaçados à vida daqueles que são entrevistados durante o processo. Esse é o entendimento de Soriano (2007), ao ressaltar como a memória se manifesta na escrita de biografias, emergindo a partir das palavras do entrevistado e oferecendo significados para a experiência de vida na narrativa.

Assim, torna-se crucial direcionar a atenção ao sujeito e suas subjetividades, e à forma como o discurso sobre si é construído a fim de revelar as complexidades individuais.

A memória configura-se, neste caso, como um elemento flexível, capaz de ser revisitada e questionada tanto pelo biógrafo quanto pelo biografado e até mesmo pelo leitor. Durante o processo de escrita biográfica, é comum que a memória, ao se desvencilhar do discurso do sujeito, seja remodelada pela perspectiva e compreensão do biógrafo, entrelaçando-se a novos contextos e propiciando reflexões, o que permite a reescrita dos caminhos percorridos ao longo da vida. Além disso, ressalta-se que a memória apresenta o potencial de ser associada a outros textos e momentos, ganhando significado dentro do arcabouço memorial do leitor. Dessa forma, percebe-se a memória como um processo de reelaboração discursiva constante. Ao incorporá-la ao discurso testemunhal, o jornalista confere à memória importância subjetiva, aos diferentes modos de pensar e a um lugar no mundo, seja ele individual ou compartilhado socialmente.

Dessa forma, a memória é sempre alavancada pelo testemunho. Ao revisar o significado da palavra “testemunho”, observa-se que a origem etimológica da palavra no latim remete ao termo *superstes*. Ele remete ao discurso dos "sobreviventes", ou seja, daqueles indivíduos ou grupos sociais que atravessaram experiências profundamente marcantes e traumáticas. Nesse contexto, o testemunho emerge como um espaço propício aos sobreviventes para relatar suas vivências, o que testemunharam e as múltiplas interpretações que tecem sobre os eventos ocorridos. Assim, evidencia-se que o testemunho está intrinsecamente ligado à subjetivação da realidade vivida, uma vez que cada pessoa que sobrevive a um evento traumático, por exemplo, pode ser afetada de maneira singular, resultando na formação de memórias diversas e multifacetadas sobre um mesmo fenômeno.

Durante a Segunda Guerra Mundial, as narrativas e perspectivas sobre o conflito variaram significativamente, refletindo a interseção de fatores como identidade étnica, nacionalidade e posição social dos indivíduos envolvidos. Essas diferentes perspectivas evidenciam as múltiplas interpretações dos eventos históricos e a natureza subjetiva da memória coletiva. No contexto específico do Holocausto, por exemplo, os testemunhos dos sobreviventes assumem uma importância na recuperação e reconstituição da memória e das compreensões acerca dos horrores enfrentados pelos judeus e outros grupos perseguidos. Esses testemunhos buscam desafiar o esquecimento, a negação e os esforços para apagar essas memórias, enfatizando a necessidade de sua transmissão às gerações futuras. No entanto, também se

reconhece que as experiências durante a guerra foram conflitantes, ao sustentar a ideia de que a percepção dos alemães da época sobre o conflito pode ter sido influenciada pela propaganda e pela visão do regime nazista.

Enquanto alguns alemães podem interpretar a guerra de maneira positiva, enxergando-a como um ato de heroísmo ou até mesmo como uma causa justa, é fundamental reconhecer que tais percepções muitas vezes se tornam distorcidas e alimentadas por ideologias extremistas, como aquelas que advêm de grupos neonazistas. Já para outros grupos, como judeus e outros alvos do regime, a experiência da guerra mostrou-se profundamente traumática e representou um período de horror e sofrimento. Para esses grupos, as memórias da guerra estão ligadas ao genocídio, às perdas humanas e às violações dos direitos humanos.

Isso acontece, em algum grau de semelhança, no Brasil. Após 59 anos do Golpe Militar de 64, ainda há grupos de pessoas que se dividem para testemunhar os efeitos da repressão ou do moralismo em suas vidas. De um lado, há os sobreviventes que relatam as torturas, as perseguições, o processo de exílio do país, as censuras, a restrição à liberdade política, religiosa, artística, intelectual e as violências sobre o corpo. Por outro, há pessoas que buscam, nessa época, inspiração para reproduzir comportamentos, discursos e atos antidemocráticos a partir de uma concepção saudosista daquela realidade. Uma espécie de reverência ao tempo passado. Neste sentido, é importante ponderar sobre a natureza do testemunho em relação aos acontecimentos vivenciados por uma pessoa. Seria necessário presenciar ou estar diretamente afetado para efetivamente testemunhar? Quais seriam os elementos distintivos do texto testemunhal em relação a outras formas de escrita e representação da realidade? Afinal, é fundamental compreender o lugar de onde essa memória emerge e como delimita o caráter testemunhal do relato em relação a outras atividades de expressão e recriação do mundo vivido.

Na prática jornalística, o testemunho é recorrentemente relacionado à noção de presença corpórea. De estar fisicamente localizado no espaço e no exato momento em que o acontecimento se deu. Isso, de alguma maneira, remete à ideia de “testemunho ocular da história”. Todavia, Peres (2021) enxerga que, em uma sociedade cada vez mais midiaticizada e com forte apelo à imagem e às narrativas no mundo digitalizado, “os sujeitos receptores de determinados acontecimentos, ainda que estejam demasiadamente distantes do local onde os fatos se sucederam, tratam-se de testemunhas em potencial” (PERES, 2021, p. 28). Assim, até mesmo o receptor pode tornar-se testemunha de um acontecimento, ainda que não estivesse

fisicamente presente no local e quando se sucederam. O mediatizado “Dia 11 de setembro”, por exemplo, levou pessoas do mundo todo a serem afetadas pelas imagens do avião chocando-se contra as Torres Gêmeas nos Estados Unidos. Neste caso, não foi preciso estar presente fisicamente no local para que pessoas em outros países ficassem desesperadas, vivenciassem traumas, assombrassem-se com o contexto político mundial, ou rememorassem as repercussões sonoras, imagéticas e psicológicas mesmo após passados quase vinte anos do acontecimento. Ao que sugere Frosh (2014), a mídia parece ter potencializado a ideia e abrangência do testemunho, para além da fisicalidade.

É a partir dessa dimensão do visível, do dizível e da comoção (FROSH, 2014) que se sugere uma relação entre testemunho, memória e biografia. Testemunhar configurar-se-ia no ato de externar uma série de afetações frutos de um processo de lembranças sobre o momento passado, vivido ou em curso. No entanto, o poder do testemunho também está em ser afetado e deixar-se afetar pelo relato do Outro. Talvez se trate de uma das noções mais importantes para a prática jornalística, baseada na ética e no entendimento de que a fala do Outro deve ser acolhida, respeitada e transformada em um texto testemunhal que também preze pela subjetividade e as emoções delineadas. Evidentemente, não significa agir de maneira sensacionalista. Pelo contrário, no caso das produções biográficas, trata-se de evitar que a visão do jornalista sobressaia ao discurso narrativo do biografado, ainda que o biógrafo se coloque no texto, desde que seja de modo transparente e enquanto parte do processo de escuta e escrita.

Quando o jornalista se torna parte integrante do texto testemunhal, como proposto por Resende e Peres (2016), recupera-se uma categoria que inclui o biógrafo na composição da narrativa. A ideia de “narrador-jornalista” estabelece um vínculo de afetação e alteridade entre quem escuta e quem relata. Uma das razões pelas quais isso ocorre é que o jornalista reconhece o indivíduo sendo entrevistado como um sujeito único e com características próprias. Essa abordagem demonstra uma atitude de considerar o entrevistado como um 'outro', alguém diferente e separado do próprio jornalista. Simultaneamente, o jornalista reconhece, no Outro, partes de sua personalidade, seus sentimentos e a forma singular com que se vê no mundo, bem como as diversas interpretações relacionadas a ele. Seria o limite para que o jornalista não se transformasse no Outro, ou tivesse tal pretensão. Essa atividade de alteridade serviria para se pensar em “um narrador-jornalista que aparece na cena de forma explícita e incisiva. Um narrador-jornalista que oferece ao leitor outras nuances do real” (PERES, 2016, p. 97).

Na esfera da biografia, o testemunho emerge como um elemento de subjetividade, especialmente quando se trata de uma obra destinada a retratar a vida de um biografado, desvelando fragmentos de memória e experiências de natureza íntima e pessoal. Segundo Maia e Barretos (2018), a questão da representação do Outro constitui-se como um desafio inerente ao avanço tecnológico, que estimula uma proliferação de discursos mediados, gerando constantes demandas por representatividade. Nesse contexto, nas narrativas biográficas, ao abordar a interseção entre a memória subjetiva e o texto testemunhal, é possível observar uma recorrente dinâmica de deslocamento da subjetividade entre o jornalista e a fonte, uma vez que a construção do testemunho almeja, sobretudo, "reunir os fragmentos deste eu-narrado" (AGAMBEN, 2009, p. 136). Dessa forma, torna-se evidente a presença explícita de um relato subjetivo, enraizado numa memória singular de cada sujeito, mas que, ao ser compartilhado, busca estabelecer uma conexão com o leitor.

Conforme ressaltado por Seligmann-Silva (2008), a escuta ativa e espontânea desempenha um papel essencial nas narrativas que buscam ampliar vozes e externar na escrita as memórias de difícil processamento para o sujeito, especialmente aquelas relacionadas a experiências traumáticas. O autor (2008) enfatiza que o testemunho inexistente sem a disposição de ouvir e o desejo de compartilhar a carga dessa testemunha. Quando o jornalista assume o papel de portador do testemunho, ele adota uma postura ativa e comprometida com a dinâmica do testemunho (PERES, 2018). Assim, na narrativa biográfica, que se entrelaça com as subjetividades, afetos e formas de percepção do Outro, o jornalista atua também como testemunha desse processo, para além de mero mediador entre o biografado e o leitor.

Peres (2018) menciona a importância dessa reflexão sobre o papel do jornalista na configuração do testemunho, ao dizer que ele é fundamental para a discussão sobre a Operação Massacre<sup>3</sup> e “consequentemente, para se refletir sobre o testemunho nas narrativas que apresentam como base memórias traumáticas, impossíveis de serem abordadas sem o relato, seja pela falta de outros registros documentais ou pela força do próprio testemunho” (PERES, 2018, p. 218). Nesse contexto, Maia e Barretos (2017; 2018) argumentam que a escolha dos

---

<sup>3</sup> O texto aborda o episódio conhecido como "Operação Massacre" em Buenos Aires em 1956, quando doze homens foram presos e condenados sumariamente ao fuzilamento sem acusação formal ou julgamento, acusados de participar de uma tentativa de golpe de Estado. Isso revelou o caráter violento do governo provisório que havia deposto Juan Domingo Perón e prometido pacificar e devolver a liberdade ao país. Para Peres (2018), a obra de Walsh (2010) destaca a importância do testemunho na reconstituição e visibilidade do episódio dessa Operação.

jornalistas em valorizar o testemunho como elemento central no acesso às memórias e subjetividades dos sujeitos é um recurso potencializador do espaço dado ao “eu” no texto. Essa abordagem se configura como um operador que permite ampliar a compreensão dos eventos e experiências vividas, ao dar protagonismo aos sujeitos e preservar, ainda que a partir dos rastros, suas próprias histórias e o modo como estas são narradas subjetivamente.

Consoante Pereira (2007), a biografia pode ser considerada um "gênero de memória", uma vez que a construção da história de vida de um indivíduo depende da lembrança e da repetição discursiva ao longo do tempo. Neste sentido, a memória de outras pessoas que conviveram com o biografado seria uma espécie de fonte documental para o biógrafo, que precisa utilizá-la para obter informações e criar uma narrativa que abranja outras perspectivas sobre o “eu” relatado pelo biografado. Ainda na escrita jornalística de biografias, valorizam-se não apenas as realizações públicas e notáveis dos personagens, mas se destaca a importância de abranger outras facetas dos sujeitos, como os sentimentos, o inconsciente, a cultura, a dimensão privada e o cotidiano (SCHMIDT, 1997, p. 16). Para tanto, torna-se necessário ir além dos fatos e acontecimentos notáveis da vida pública, buscando compreender também a dimensão privada e cotidiana do biografado, assim como sentimentos e valores culturais.

Desse modo, a abordagem adotada pelo biógrafo, em relação ao seu objeto de pesquisa, está intimamente ligada à compreensão da memória. Como salientado por Silva (2009), a memória levanta questões que exigem reflexão. A primeira questão está relacionada à compreensão de que a existência de uma biografia pressupõe a utilização de forças sociais para a manutenção de uma memória, ou de um certo tipo de memória, na qual o indivíduo não é apenas uma unidade, mas também representa um grupo e encarna ideais e expectativas que não estão ocultas, mas coexistem com outras manifestações.

A segunda refere-se ao fato de que esse indivíduo, considerado notável e diferenciado dentro do grupo e da sociedade em que está inserido, não representa os grupos marginalizados, silenciados ou minoritários, mas está inserido em um campo de disputa no qual a memória e o esquecimento também se estabelecem em relação à trajetória de outros indivíduos do mesmo grupo. Assim, as transformações históricas e sociais podem privilegiar diferentes pessoas com notabilidade pública em diferentes contextos, e a própria "memória oficial" pode sofrer alterações ou ser capaz de incorporar variantes e até mesmo contradições. A terceira questão relaciona-se com a percepção de que o biografismo é um campo propício para evidenciar a

multiplicidade de significados e expectativas que uma mesma narrativa, uma trajetória individual, pode assumir em diferentes obras, autores e épocas, conforme afirmado por Pollak (1989). Desde o início do século XX, as ciências sociais buscam compreender histórias e memórias, procurando dar conta do aspecto social. No entanto, observa-se uma preferência dos pesquisadores pelos conflitos e disputas em detrimento dos elementos de continuidade e estabilidade, o que pode estar relacionado às batalhas da memória que ocorreram na Europa nas décadas de 80 e 90 (POLLAK, 1989). Ainda é importante destacar, além disso, que as lembranças podem apresentar zonas de sombra, silêncios e "não-ditos", que muitas vezes se sobrepõem ao esquecimento definitivo e ao reprimido inconsciente (POLLAK, 1989).

Com isso em mente, os métodos biográficos têm ganhado destaque na investigação qualitativa, principalmente devido à sua ênfase na voz e experiência dos sujeitos, e à sua busca por testemunhos da memória (ARFUCH, 2010). Confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos e correspondências, para além do seu valor literário, traçam um espaço de autorreflexão para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente. Arfuch (2010, p. 36) menciona que a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. Em outros termos, a memória é afetiva, e não se acomoda a detalhes que a confortam. Pelo contrário, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou particulares, simbólicas e sensíveis a todas as transferências, cenas, censura ou projeções (NORA, 1993). Desse modo, após serem analisadas as questões relacionadas ao jornalismo, memória e testemunho na escrita biográfica, é preciso abordar a produção de biografias no Brasil. A escrita biográfica retrata motivações, superações e contribuições de indivíduos para a sociedade. No contexto brasileiro, a produção de biografias proporciona uma oportunidade de reconstruir o passado, resgatar memórias e transmitir conhecimentos. No próximo tópico, exploram-se as particularidades da produção biográfica jornalística no Brasil.

## **1.2 A produção de biografias jornalísticas no Brasil**

A biografia escrita por jornalistas possui uma abordagem que vai além da mera informação, ao proporcionar ao leitor experiências diversas. Por vezes, procura-se envolver o público por meio de uma narrativa que tensione o poder das palavras e das memórias sobre os eventos relatados. Com efeito, almeja-se estimular reflexões sobre diversos aspectos da

sociedade, do biografado e do contexto sócio-histórico. Ao incorporar elementos já presentes na produção jornalística, as biografias jornalísticas têm o potencial de ampliar o entendimento e a visão de mundo do leitor, pelo menos em teoria. Talvez essas sejam, em alguma medida, as perspectivas adotadas por muitos dos jornalistas brasileiros que se dedicam a escrever biografias: unir o que há de consagrado nos três modos recorrentes de biografismo, a saber, a biografia histórica, a literária e, por fim, a jornalística. Neste sentido, em vez de apenas compreender o modo particular de escrever biografias jornalísticas no Brasil, torna-se crucial refletir sobre a história do biografismo no país e compreender momentos em que o gênero biográfico teve de se consolidar como uma prática jornalística. Não se trata, porém, de traçar uma linha histórica detalhada, seja no Brasil ou de maneira mais geral, como já fizeram Neto (2022), Castro (2022), Dosse (2009), Vieira (2015) e Arfuch (2010), mas identificar as mudanças que possibilitaram a emergência das biografias jornalísticas conforme são compreendidas na contemporaneidade.

De há muito, a humanidade tem se mostrado interessada pela escrita de trajetórias de vida, ora preocupada em controlar o percurso histórico do biografado e as compreensões alheias às suas experiências, ora com o intuito de desnudar as múltiplas versões sobre quem se biografava, alinhando os personagens ao indivíduo em sua condição humana, que constantemente se depara com passagens de derrotas, frustrações e mediocridades pela vida. Nisso, há algo de elementar quando se observa a história do biografismo pelo mundo: uma sucessão de modos distintos de biografar a si ou ao outro, embora de forma não pura e linear, haja vista que os antigos formatos de escrita biográfica subsistem na maneira em que uma gama de biografias ainda é produzida. Dosse (2009) destaca o caráter híbrido da biografia desde a antiguidade, que se encontra em uma tensão constante entre o viés científico e a busca pela verdade, o uso de elementos ficcionais e a imaginação histórica para suprir lacunas documentais. Para o autor (2009), devido à dificuldade de classificação em uma disciplina específica e à presença de contradições — como a vocação romanescas, a busca pelo conhecimento erudito e a narrativa de uma moral exemplar — a biografia da antiguidade seria frequentemente desvalorizada e pouco refletida.

Ao contrário do que se supõe, tendo em vista que o gênero biográfico no jornalismo remonta de poucas décadas passadas, a prática de registrar histórias de vida trata-se de uma atividade antiga do mundo. Desde a antiguidade, período da história que compreende do surgimento da escrita (por volta do quarto milênio a.C.) até a queda do Império Romano do

Ocidente (no ano 476 d.C.), o ser humano busca compartilhar suas experiências e deixar registros sobre a trajetória de líderes com pressuposto prestígio social. Ruy Castro (2022), jornalista e biógrafo brasileiro, menciona que “desde o primeiro borrão na parede da caverna, o homem faz biografia” (CASTRO, 2022, p. 19). Segundo o escritor (2022), pode-se considerar que a produção de biografias tenha tido início há 10 mil ou 35 mil anos, quando os indivíduos já se interessavam pela narrativa acerca da vida do outro:

Os rabiscos desse biógrafo pioneiro reproduziam as figuras de seus colegas e de animais, sinal de que já dominava a função básica da biografia: a descrição do outro. E ele podia não saber, mas já tinha muito que contar. À medida que o mundo se sofisticava, suas imagens começaram a formar histórias, e ele sentiu que precisava de algo mais para narrá-las - as palavras. Daí, em mais alguns milênios, veio a escrita. (CASTRO, 2022, p. 19).

A exemplo do que Castro (2020) propõe ao leitor para reflexão, destacam-se narrativas sobre as experiências de indivíduos considerados importantes para a aristocracia da época, como o imperador romano Júlio César, o filósofo grego Sócrates, o poeta romano Virgílio, o historiador grego Heródoto e o dramaturgo grego Sófocles. Por outro lado, como aponta Neto (2022), também jornalista e biógrafo brasileiro, a biografia mais antiga de que se tem conhecimento assemelha-se mais a uma autobiografia do que a uma biografia — como o gênero é conhecido na contemporaneidade — e foi escrita na primeira voz do discurso, em vez de produzida sob a perspectiva de uma pessoa alheia ao biografado. Neto (2022) retoma a noção de que também existia um foco no texto autobiográfico, em que as autorrealizações pessoais eram narradas sob a percepção do próprio biografado, que se colocava como digno de contemplações pelos seus referidos feitos. Gravado em um paredão de calcário de quinze por 25 metros, com cerca de 2500 anos, a autobiografia citada por Neto (2022) narra a vida do rei Dario, que governou durante o apogeu do império persa de 522 a.C, com destaque para as “conquistas, guerras e revoltas internas, tudo em narrativa triunfal, autocongratatória, recheada de intrigas e traições” (NETO, 2022, p. 42).

Em seu livro "O desafio biográfico", François Dosse (2016), apresenta uma divisão do biografismo no mundo em três fases: a idade heroica, que engloba a antiguidade clássica até a modernidade; a idade modal, que abrange as biografias produzidas no século XX; e a era hermenêutica, que abarca as biografias contemporâneas que expressam a diversidade e multiplicidade de identidades. Essa abordagem metodológica proposta pelo autor (2016) busca

compreender a evolução do biografismo ao longo do tempo. Seja por meio de inscrições em pedras, papiros, pergaminhos ou papel, as biografias da Idade Heroica desempenharam um papel na construção da história das civilizações. Segundo o autor (2009), esse período do biografismo, que se estende da antiguidade clássica até a modernidade, tinha como principal característica a hagiografia, ou seja, a tendência a glorificar em excesso a vida e obra dos personagens retratados, sem considerar seus aspectos mais humanos e falíveis. Especificamente no contexto do biografismo desenvolvido no Brasil, as primeiras escritas de biografias remontam ao período colonial, principalmente ao século XVI, quando os jesuítas produziam hagiografias de santos e mártires como parte de seus esforços para catequizar os povos indígenas. Essas obras apresentavam narrativas sobre a vida e a obra de figuras cristãs.

Entre as primeiras hagiografias escritas no Brasil, destaca-se a "Vida do Bem-Aventurado Padre José de Anchieta", escrita por Pero Rodrigues em 1595. Considerado um dos fundadores de São Paulo, Anchieta ganhou notoriedade entre os principais missionários jesuítas do país, e sua biografia se tornou um modelo para outras hagiografias escritas posteriormente. Além das hagiografias, também surgiram no período colonial as chamadas "relações" - relatos sobre a vida de governadores, capitães e personalidades envolvidas na colonização do Brasil. Essas obras, no entanto, não se caracterizavam como biografias no sentido contemporâneo do termo, uma vez que não tinham a intenção de retratar a vida privada e os aspectos psicológicos dos personagens (NETO, 2022).

Após a Idade Heroica, deslocando a singularidade do sujeito e focando na coletividade, Dosse (2009) explica que no segundo tempo da escrita biográfica, durante a Idade Modal, o interesse das biografias extrapola a unicidade do indivíduo para vê-lo como uma ilustração da coletividade, onde o contexto se torna evidente e o indivíduo passa a ser visto como um reflexo do espaço social. A biografia modal, desse modo, objetivava criar um relato idealizado sobre a pessoa biografada, como as obras de Lucien Febvre sobre Rabelais e Lutero, onde o interesse estaria mais no contexto da época em que eles viveram do que em suas singularidades como indivíduos. A Idade Modal, assim, idealiza semelhanças com a visão marxista que descredencia a ação individual em favor da análise dos sujeitos coletivos e das estruturas socioeconômicas. Neto (2022) destaca que o marxismo desloca o foco do indivíduo para a coletividade, privilegiando as grandes estruturas sociais e econômicas como determinantes da existência humana. Por esse pensamento, os indivíduos não escolhem livremente as circunstâncias em que

vivem, mas são condicionados por elas, o que torna as trajetórias singulares pouco significativas diante das estruturas coletivas. Sobre a relação do marxismo e a idade modal sugerida por Dosse (2009), Neto explica (2022):

O marxismo, na mesma toada, descredenciou a ação do indivíduo como objeto de análise, privilegiando os sujeitos coletivos e as grandes estruturas - sobretudo econômicas - que condicionariam a existência humana. As trajetórias singulares nada significariam diante das condições materiais que as determinavam. Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles que escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram (NETO, 2022, p. 55).

Em outras palavras, na abordagem da idade modal da biografia, o contexto é o fator predominante e o indivíduo é visto como um mero reflexo do espaço e tempo que o caracterizam. Isso significa dizer que o valor do sujeito histórico seria medido pela sua capacidade de transmitir os costumes, comportamentos e modos de vida dos indivíduos que pertencem a uma estrutura social mais ampla. Por outro lado, na fase hermenêutica da história do gênero biográfico, há uma mudança de foco da singularidade do sujeito para a pluralidade das identidades. Nessa fase, há uma retomada do gênero biográfico e um aumento na produção de biografias. Segundo Neto (2022, p. 55), isso se deve ao desenvolvimento do comércio, o esfacelamento do sistema feudal, a crescente urbanização e a formação dos grandes Estados nacionais - fatores que propiciaram as condições necessárias para a produção e circulação do gênero. Seguindo essa perspectiva, Pereira (2007) ressalta que a ênfase nas subjetividades se tornou viável a partir do declínio dos paradigmas estruturais, o que possibilitou aos pesquisadores, incluindo historiadores e antropólogos, romperem com as restrições que envolviam a biografia e se voltassem para o sujeito e sua subjetividade:

A pergunta não seria mais como a história influencia o indivíduo, mas como o indivíduo influencia a história. Com a valorização do homem como indivíduo dotado de características próprias e diferentes das dos demais homens, houve uma enorme valorização da vida privada, das subjetividades, da sensibilidade dos indivíduos e da experiência cotidiana ao longo do tempo. (PEREIRA, 2007, p. 33).

A partir do século XIX, as biografias, incluindo a hermenêutica das últimas décadas mencionada por Dosse (2009), passaram a ocupar um lugar de destaque, impulsionadas pelo advento da imprensa e pelo surgimento da burguesia urbana. No contexto brasileiro, as

biografias assumiram um papel significativo, exercendo influência sobre a cultura e a memória coletiva do país. Desde então, elas se estabeleceram como um gênero que retrata a vida fragmentada e parte das trajetórias de indivíduos, contribuindo para a compreensão da história e identidade brasileiras, em alguma medida. Em geral, ao relatar a trajetória de vida de reis, rainhas e líderes políticos, as obras biográficas da época colonial eram escritas principalmente por pessoas próximas ao biografado, como familiares, amigos ou admiradores, com ênfase nas realizações e virtudes do biografado, muitas vezes ignorando ou minimizando seus defeitos e fraquezas. Com o tempo, o gênero evoluiu para incluir não apenas figuras históricas, mas também pessoas com alcance midiático, pertencentes aos setores culturais, artísticos, políticos, educacionais e acadêmicos. A vida de pessoas anônimas também passa a ser biografada. Neste contexto, surgem as biografias jornalísticas.

De acordo com Neto (2022), foi preciso romper com o paradigma da biografia como exaltação dos “grandes homens” e questionar se apenas personalidades públicas renomadas são dignas de ter suas histórias contadas. Neto (2022) destaca que, embora a maioria do mercado editorial ainda prefira os biografados famosos, há uma vereda fértil para pesquisadores que desejam escrever sobre homens e mulheres comuns, invisíveis à macro-história. A mudança de perspectiva parece ampliar o leque de possibilidades da biografia como um gênero que pode contemplar a diversidade de trajetórias humanas. Essa crítica também pode ser relacionada à ideia de que, na Idade Hermenêutica, a escrita biográfica se volta à subjetividade de pessoas comuns, não apenas para os “grandes homens da história”. Segundo Pereira (2007), no Brasil, é notável que a maior popularização das biografias começa a partir da década de 1970. Também no século XX, com a ascensão do jornalismo moderno e a criação de revistas e jornais especializados em apresentar a vida de pessoas famosas e influentes, muitas vezes com um tom mais objetivo e factual do que as primeiras biografias celebrativas, a biografia torna-se um gênero consagrado do fazer jornalístico. Galvão (2005, p. 2) enfatiza que o biografismo no Brasil tem sua origem na necessidade de resgatar a história da esquerda, quando sofreu forte repressão durante a ditadura militar:

O biografismo entre nós tem uma origem específica, apesar de transbordar desse estreito vale: o resgate da saga da esquerda, duramente reprimida pela ditadura militar que se implantou com o golpe de 1964. Depois se ramificaria em várias direções; afora a biografia, na literatura, no romance, no documentário longo, no documentário curto para a TV (GALVÃO, 2022, p. 2).

Contudo, somente nos últimos anos do século XX, os jornalistas se destacariam na produção de textos biográficos, rompendo com algumas características das biografias clássicas e moldando uma nova maneira de escrever histórias de vida. Essas biografias jornalísticas são modalidades próximas ao livro-reportagem, mesmo ao possibilitar ao repórter maior liberdade para escolher o biografado. Esse movimento deu suporte para a formação de um mercado com mais jornalistas empregando o gênero:

No ano de 1981, Raimundo Magalhães Jr. faleceu. Com sua morte, encerrou-se um período profícuo do biografismo brasileiro. Deixou uma obra extensa que marcou a moderna biografia no país. Com ele, o jornalismo colocou o pé no biográfico. Ao noticiar sua morte o jornal Estado de São Paulo (sic) colocou no título do obituário a assertiva “Raimundo Magalhães, o fim da biografia”. Não poderiam estar mais errados. Naquele mesmo ano, o biógrafo austríaco Stefan Zweig se tornava personagem da biografia *Morte no paraíso – A Tragédia de Stefan Zweig*, lançada por Alberto Dines. O livro tornou-se uma referência em um novo movimento do biografar que, olhando em retrospectiva, há pelo menos 34 anos abriu espaço para o protagonismo do jornalista. Não é nada oficialmente instituído, mas uma sucessão de trabalhos que obtiveram êxitos editoriais significativos e deram suporte para a formação de um mercado no qual mais jornalistas escolhem explorar o gênero. (VIEIRA, 2015, p. 6).

Neste mesmo cenário, Fernandes (2023) enfatiza a necessidade de evitar atribuir apenas a Alberto Dines o papel de único precursor do interesse dos jornalistas brasileiros pela biografia. O autor (2023) destaca que os jornalistas Emiliano José e Oldack Miranda já haviam escrito a biografia de Carlos Lamarca, ex-capitão do Exército, um ano antes do lançamento do livro de Dines, intitulado “Morte no paraíso” (1981). Essa obra retrata a trajetória de Lamarca e relata suas estratégias de combate, crenças, ideais e emoções. É importante reconhecer, assim, a contribuição de alguns autores no surgimento desse interesse jornalístico. “Tal publicação representou uma reviravolta no mercado editorial em um contexto marcado pela expansão da censura, particularmente após o Ato Institucional nº 5 (AI-5) em 1968, que condenava qualquer forma de questionamento” (FERNANDES, 2023, p. 30). Como o autor (2023) acrescenta, o Decreto 1.077, promulgado em 1970, estabeleceu a censura prévia a livros e periódicos.

Com a expansão do biografismo no jornalismo brasileiro, ao longo do tempo, o campo jornalístico assumiu um papel cada vez mais relevante nessa área. Utilizando técnicas de apuração, entrevistas e reportagem, os repórteres contribuíram para o gênero biográfico, proporcionando narrativas de vida detalhadas e precisas. A produção de biografias jornalísticas

permitiu não apenas contar histórias individuais, mas também articular a memória coletiva e valorizar as contribuições dos indivíduos para a sociedade. Por meio dessa abordagem, é possível oferecer ao público uma visão mais aprofundada, contextualizada e rica em detalhes sobre a vida e as realizações de personagens históricos. Apesar de ter se popularizado no jornalismo brasileiro, a produção de biografias jornalísticas é um campo que ainda enfrenta muitas críticas e controvérsias.

Um dos principais desafios para o repórter é encontrar o equilíbrio entre o interesse público e o direito à privacidade das fontes. Em certos casos, os próprios biografados podem ser avessos à ideia de ter suas vidas expostas e exploradas, o que pode tornar a tarefa do jornalista ainda mais difícil. Além disso, existe também o risco de que as biografias sejam sensacionalistas, superficiais ou tendenciosas, o que compromete a qualidade e a credibilidade do trabalho jornalístico. No entanto, apesar dessas dificuldades, a produção de biografias jornalísticas no Brasil pode oferecer importantes reflexões sobre o papel do jornalismo e da mídia na construção de narrativas sobre histórias de vida. Também pode ser uma oportunidade para dar visibilidade a pessoas comuns que tiveram experiências singulares e para discutir questões sociais e culturais que coexistem em uma determinada cidade ou país.

Em sua biografia intitulada "Maria Bonita: Sexo, Violência e Mulheres no Cangaço", Adriana Negreiros (2018), jornalista e escritora brasileira, busca trazer uma visão alternativa à história da personagem. Em vez de reproduzir a narrativa patriarcal dominante, que a retrata como uma mera companheira do líder cangaceiro Lampião, Negreiros busca destacar a importância de Maria Bonita na formação e na condução do bando, além de evidenciar o papel das mulheres no cangaço. Ainda na biografia, a biógrafa (2018) relata a história da personagem sob uma perspectiva feminista, questionando a maneira como a sociedade tradicionalmente trata as mulheres em posição de subalternidade, ignorando suas contribuições históricas:

A preocupação da jornalista em abordar questões de gênero em sua obra vai além da representação de Maria Bonita. Além de narrar a trajetória de vida da rainha do cangaço, Adriana também faz um diagnóstico da presença feminina no cangaço, destacando que só ocorreu a partir de sua biografada, e denuncia uma série de violências praticadas pelos cangaceiros contra mulheres e meninas, algumas delas levadas à força para integrar o bando (FERNANDES, 2023, p. 120).

Como destacado por Fernandes (2023), a obra de Adriana Negreiros aborda questões relacionadas ao patriarcado, à independência feminina e à maternidade de maneira preponderante. O título do seu livro, "Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço" (2018), já indica a sua preocupação em problematizar temas de gênero. Essa abordagem é reafirmada em sua segunda obra, "A vida nunca mais será a mesma: cultura do estupro no Brasil" (2021), em que a autora traz um relato corajoso a partir de sua própria experiência. Além disso, o autor (2023) menciona que Adriana Negreiros demonstra interesse contínuo em questões de gênero e é capaz de realizar uma autocrítica em relação ao seu próprio trabalho, mesmo cinco anos após a publicação. Essa capacidade de reflexão evidencia o compromisso de Negreiros em aprimorar seu entendimento sobre as dinâmicas de gênero e em atualizar sua perspectiva ao longo do tempo.

A evolução demonstra um engajamento constante com a temática e uma disposição para aprender e crescer como escritora e defensora das pautas relacionadas ao tema. Algo similar é refletido em "Maysa: Só numa multidão de amores" de Neto (2007). A biografia traz um retrato detalhado da personalidade intensa e contraditória da artista, relatando sua vida amorosa turbulenta, sua carreira musical de sucesso e as tensões familiares que a acompanharam ao longo de sua vida. Além disso, o livro também apresenta reflexões sobre o papel da mulher na sociedade da época em que Maysa viveu, abordando questões como o machismo, o patriarcado e a liberdade feminina:

Em Maysa: Só numa multidão de amores, a personalidade intempestiva da cantora é anunciada ao leitor desde a epígrafe, com auxílio de trecho da confessional "Resposta", composição de autoria da biografada: "Só digo o que penso/ só faço o que gosto/ e aquilo que creio./ E se alguém não quiser entender/ E falar pois que fale Eu não vou me importar com a maldade/ De quem nada sabe? (NETO, 2022, p. 102).

Nesse sentido, por mais que não fosse o principal interesse de Neto (2007), a obra busca compartilhar com o leitor uma visão mais ampla e feminista sobre a vida da cantora, destacando suas lutas e conquistas como mulher-artista e sua importância como um ícone cultural da época. Além da obra de Neto (2017), de forma ainda mais objetiva, Negreiros (2018) escreve a história de Maria Bonita como uma personagem multifacetada, que foi capaz de liderar e lutar ao lado dos homens em um ambiente extremamente hostil e violento, desafiando as normas de gênero e provando a capacidade e a coragem das mulheres. Com essa abordagem mais crítica e

inclusiva, Negreiros (2018) e Neto (2022) conferem novas perspectivas para a história de Maria Bonita e Maysa, valorizando a perspectiva feminina e questionando as narrativas hegemônicas que por muito tempo silenciaram a voz e a presença das mulheres na história.

Carrico e Medeiros (2022) afirmam que, após a leitura do trabalho de Adriana Negreiros, fica evidente que a figura popularizada de Maria Bonita, tão presente na cultura nordestina, é ficcional e inventada, que não necessariamente retrata a mulher que viveu entre 1911 e 1938. Segundo os autores (2022), a representação de Maria Bonita evoca imagens estereotipadas da cultura nordestina, desde a caracterização dos trajes de cangaceira até a imagem de “mulher-macho” ou “amante-devota de Lampião”. Como aponta Adriana Negreiros (2018), até mesmo o nome “Maria Bonita” se torna popularizado após a morte da cangaceira:

[...] enquanto a mulher de Lampião viveu, a personagem nunca existiu. A cangaceira que teve a cabeça decepada em 28 de julho de 1938 era simplesmente Maria Déa: uma jovem de 28 anos que morreu sem jamais saber que, um dia, seria conhecida como Maria Bonita (NEGREIROS, 2018, p. 17)

Dessa forma, a figura estereotipada de Maria Bonita, assim como de outras cangaceiras e cangaceiros, contribui para a imagem inventada do Nordeste, representando os nordestinos de forma estanque. Além de Adriana (2018), Neto (2022) também desenvolveu outra proposta similar ao abranger outros aspectos da vida de Getúlio Vargas em sua biografia sobre o ex-presidente, lançada em 2012. Embora não tenha focado na questão de gênero, a obra proporcionou uma perspectiva mais abrangente sobre esse personagem em particular.

Outro exemplo é a citação de Neto (2022) sobre o uso de uma epígrafe irônica na biografia “Getúlio” serve como referência à importância da abordagem subjetiva na escrita de biografias: “usei como epígrafe uma frase do biografado, mas ali com propósito irônico: ‘sou contra biografias’. O objetivo era deixar evidente que não se tratava de uma hagiografia, como as tantas escritas sobre o ex-presidente (NETO, 2022). Ou seja, o biógrafo (2022) tentou, ao máximo, se afastar de uma narrativa que apenas glamorizasse ou tratasse o ex-presidente do Brasil como herói nacional.

Desse modo, ao considerar a produção de biografias no Brasil, é fundamental destacar o papel significativo que as histórias de vida desempenham no âmbito do jornalismo. A busca por relatos testemunhais tem levado jornalistas a compreenderem a narrativa biográfica como

uma poderosa ferramenta de informação e reflexão. Ao revisitar experiências individuais e coletivas, essas histórias contribuem para a compreensão da sociedade, da cultura e dos desafios enfrentados pelos indivíduos. A seguir, é válido investigar como as histórias de vida se tornaram uma pauta relevante no jornalismo, evidenciando a importância do olhar humano e da subjetividade do jornalista na construção narrativa da escrita biográfica.

### **1.3 Histórias de vida como pauta jornalística**

A pauta desempenha um papel crucial na produção das biografias jornalísticas. De acordo com Furtado (2021), a pauta representa o ponto de partida para a elaboração de uma reportagem e, no caso das biografias, é por meio dela que o biógrafo determina o tema central e os personagens envolvidos na história. Além disso, é imprescindível considerar questões éticas e legais, como o respeito à privacidade do biografado e a necessidade de estabelecer acordos para a divulgação de informações pessoais sensíveis. Por esse motivo, a estruturação da pauta das biografias jornalísticas trata-se de um processo criterioso, que considera diversos aspectos a serem abordados na escrita biográfica. No íterim entre a escolha do biógrafo e o início da escrita biográfica, a pauta pode servir de guia inicial ao trabalho do biógrafo, direcionando a pesquisa, a coleta de informações e a organização da narrativa.

A seleção dos biografados é um primeiro ponto a ser levado em consideração na estruturação da pauta biográfica. Configura-se como um processo que considera uma série de fatores. Ela pode ser influenciada por critérios como o interesse do biógrafo pelo personagem, o contexto social em que o biografado se insere, o impacto cultural ou mesmo pela demanda e interesse do público, dentre tantas outras intenções e variáveis que poderiam ser citadas. Além disso, o biógrafo deve considerar a disponibilidade e acessibilidade das fontes primárias, como entrevistas com familiares, amigos ou pessoas próximas ao biografado, bem como fontes secundárias, como documentos, registros históricos ou obras já publicadas. Ainda assim, é importante ressaltar que a pauta não deve ser vista como uma camisa de força, mas como um ponto de partida flexível, sujeita a ajustes e evoluções ao longo do processo de escrita. À medida que o biógrafo mergulha na investigação e na interação com o biografado, novos aspectos, nuances e perspectivas podem surgir, exigindo uma adaptação da pauta original. Por isso, a

pauta não limita o trabalho do biógrafo, mas fornece um arcabouço inicial que pode ser ampliado à medida que a narrativa se desdobra e se enriquece com novas descobertas.

No processo de definição da pauta de uma biografia, o biógrafo estabelece os principais temas, eventos e aspectos da vida do biografado que serão abordados ao longo do trabalho. Com ela, a entrevista emerge como uma ferramenta valiosa, permitindo ao biógrafo pensar nas primeiras informações a serem obtidas diretamente do biografado ou de pessoas próximas a ele. Por meio da estruturação de perguntas e da possibilidade de uma escuta atenta, o biógrafo imagina abranger diferentes momentos da vida do indivíduo, suas experiências, perspectivas, motivações e até mesmo aspectos mais íntimos. A entrevista jornalística configura-se, neste caso, como uma técnica que pode ser útil na produção de biografias, especialmente no que diz respeito à apuração. Segundo Lage (2001), a entrevista, que advém da reportagem, é um trabalho de pesquisa que envolve a coleta de informações e dados sobre um tema específico, a partir de relatos, testemunhos e memórias. Assim, a pesquisa para a produção de biografias jornalísticas conduz a um processo que exige dedicação e rigor metodológico.

Por meio da técnica de entrevista, o biógrafo irá obter informações sobre a vida e a trajetória do biografado. Para Medina (2008), trata-se de um diálogo possível entre o entrevistador e o entrevistado, que pode gerar informações inéditas. Ao pensar sobre o testemunho enquanto narrativa midiática, são traçadas reflexões e indagações sobre sua importância para a construção do espaço biográfico. Afinal, para que o jornalista cumpra não só o papel de informar ao leitor sobre a vida do Outro, parece imprescindível extrair do biografado as confissões de suas experiências, traumas, entendimentos de si, memórias de aventura, desilusões e vergonhas que pautaram a vida do entrevistado até aquele determinado momento em que narra. Nessa relação de escuta do testemunho, escrita, afeto - e por que não de alteridade - é comum que se questione os limites do jornalista em acessar a vida do biografado, sobretudo quando se insere a discussão espaço público *versus* privado.

Afinal, há de se pensar o interesse particular, público e informacional no horizonte do biógrafo durante a criação de uma pauta para a produção de biografias jornalísticas, que se vale, sobretudo, de práticas e técnicas também objetivas de apuração e entrevista para a escrita de biografias jornalísticas. “Acreditamos que um caminho para desestabilizar os modos redutores de representação perpetrados pela imprensa é a adoção do que chamamos de jornalismo de subjetividade” (MORAES, VEIGA DA SILVA, 2019, p. 13). A denominação, como sugere as

autoras (2019), carrega consigo provocações ao sublinhar justamente aquilo que sempre esteve ausente nas narrativas postuladas pelo jornalismo, mas se tornou negado pela prática do fazer jornalístico, mesmo estando entranhado pela epistemologia regente:

A partir da crítica feminista, entendemos que a subjetividade (e todos os elementos que estariam relacionados a ela, tais como a emoção, o corpo, as visões de mundo dos sujeitos-profissionais), atributo convencionado como feminino, ocupa as bases da hierarquia no jornalismo. Alijada da objetivação jornalística, por não ser considerada “preche da razão dualista e cartesiana”, a subjetividade é suprimida não apenas na linguagem, que visa à impessoalidade no discurso com fins de assegurar neutralidade, totalidade e valor de verdade. É suprimida também, em grande parte, nas reflexões críticas sobre as práticas, tanto pelos profissionais que as desempenham quanto por boa parte dos estudos que predominaram historicamente no campo (MORAES, VEIGA DA SILVA, 2019, p. 13).

Neste sentido, a incorporação de histórias de vida nas pautas jornalísticas tem se destacado como uma das práticas narrativas do jornalismo contemporâneo. Ao entrelaçar as vivências e memórias individuais com os fenômenos e temporalidades inerentes ao tecido social, do qual o jornalismo extrai os eventos a serem reportados, as trajetórias de vida dos sujeitos emergem como oportunidades propícias para a exploração de temas como identidade, cultura, política e sociedade, dentre uma série de temáticas que poderiam ser citadas. Em consonância com a visão de Gould e Felix (2022), no jornalismo do século XXI, algumas dessas histórias de vida são contadas por meio de grandes reportagens que demandam uma apuração aprofundada e uma produção de longo prazo.

Em certos casos, busca-se apresentar perspectivas menos convencionais sobre a vida de determinado personagem ou a história de um evento já conhecido, levando em consideração a possibilidade de que os acontecimentos possam ser narrados de maneiras diversas. Nesse contexto, é imprescindível ressaltar que essas abordagens alternativas de contar histórias de vida não buscam limitar a trajetória de um indivíduo a uma única e definitiva narrativa, isenta de lacunas e possibilidades de interpretação. Ao contrário, elas oferecem um espaço de abertura para reinterpretções, ressignificações, reconstruções narrativas e consideração de diversos contextos históricos e sociais, mesmo que o tema já tenha sido abordado em ocasiões passadas.

Essas narrativas compreendem diferentes ângulos, perspectivas e nuances da vida do biografado, considerando os múltiplos fatores que influenciam sua trajetória, ao reconhecerem que as experiências humanas acionam uma infinidade de sentidos, e que a compreensão sobre um indivíduo vai além de uma única versão da história. À guisa de exemplo, ao investigar as

construções narrativas em biografias jornalísticas, Vieira (2013) aponta que o jornalista e biógrafo Mário Magalhães, autor da biografia “Mariguella: o guerrilheiro que incendiou o mundo” (2012), utiliza sua experiência como repórter para produzir uma narrativa de fôlego e apuração em profundidade. Em entrevista ao projeto de tese de Vieira (2015), Mário Magalhães (2013) relata que se considera mais um repórter do que um biógrafo e acredita que o modo como uma história é contada torna-se crucial para fazer de um assunto árido algo cativante e informativo, destacando a importância da história de vida nesse processo:

Eu acho que as pessoas gostam de boas histórias. Também tem isso, gente gosta de gente. Repara que o Ruy e o Fernando não são só biógrafos, são repórteres. Eles têm um estilo diferente, marcadamente diferente. O Fernando é um narrador clássico e o Ruy é um cronista. O Fernando é um narrador de fôlego e o Ruy conta história como se estivesse contigo, sentado em uma mesa, contando um caso. Esses caras são brilhantes. Tu reparas que a obra deles tem muitas... muitos sucessos, eles não são só biógrafos, eles são repórteres. Por exemplo, “Chega de Saudade” é uma reportagem. “Os últimos soldados da Guerra Fria”, “A Ilha”, são reportagens. Óbvio que eles acabaram escrevendo mais sobre vidas, mas são reportagens. Eu não me considero biógrafo. Eu sou um repórter. Eu acho que as reportagens mais cativantes, tu conta os assuntos mais áridos de uma maneira muito mais encantadora e, certamente, informativa, contando a história das pessoas (MAGALHÃES, 2013, entrevista).

Ao avançar nessa discussão, em que concerne ao posicionamento do biógrafo no texto, Fonseca e Vieira (2011) irão argumentar que o jornalista deve trazer para a construção do projeto biográfico seus referenciais epistemológicos como jornalista, mas com uma identidade ambígua que abriga o jornalista e o escritor. Nesse sentido, a biografia no jornalismo não se limitaria a uma busca pela objetividade, mas também pela criatividade em informar o leitor sobre a vida do biografado, combinando literatura, jornalismo e história. Vista dessa forma, a biografia no jornalismo configura-se como um mergulho não só em passados e memórias do biógrafo e biografado, bem como para o leitor que se coloca no tempo e espaço narrados a partir da leitura e consequente imaginação.

Referência nos estudos de relatos biográficos, a professora e pesquisadora argentina Leonor Arfuch (2010) menciona que começou a estudar biografias nos anos 1990, quando percebeu uma tendência de importância crescente da vida pessoal do sujeito em diferentes áreas, como política, ciências sociais, artes e literatura. Em “Espaço Biográfico: Dilemas da

subjetividade contemporânea”, Arfuch (2010) define o espaço biográfico<sup>4</sup> contemporâneo como uma tendência da subjetividade que envolve aspectos distintos, além dos gêneros canônicos como biografias, autobiografias e memórias. A pesquisadora (2010) ainda destaca como o espaço biográfico contemporâneo abrange não apenas as histórias de pessoas famosas, mas também a exposição da vida íntima de pessoas comuns em *reality shows* e plataformas digitais. Essa expansão do espaço biográfico evidencia como indivíduos se expõem e são observados pelo público em um ambiente público.

Indo um pouco além, Sarlo (2007) também enfatiza o interesse de pesquisadores pelo campo biográfico dada a importância que a narração e o testemunho desempenham no modo como as memórias são incorporadas às escritas de histórias de vida. Neste contexto, Silva (2018) aponta para a questão do voyeurismo envolvido na produção e consumo de biografias. A existência de determinadas narrativas biográficas é vista como um reflexo desse desejo, onde os espectadores e narradores se envolveriam em uma espécie de espetáculo, muitas vezes explorando aspectos íntimos e pessoais dos indivíduos expostos nas narrativas. Tal constatação feita por Silva (2018) vai ao encontro da motivação de Arfuch (2010) em pesquisar a produção de biografias há quase trinta anos:

Via tudo isso como uma tendência crescente, até que, ainda nos anos 1990, apareceram os *reality shows*. Pessoas que poderíamos chamar de "comuns" começaram a aparecer nas telas, exibindo sua intimidade em espaço público. Aí começou algo como uma "intimidade pública", que se ampliou ainda mais e hoje temos todo esse fenômeno de Facebook e outras mídias. *Nesses espaços, o que importa realmente é a demonstração do "eu", da interioridade.* (GZH, 2013, ONLINE, grifo nosso).

Sobre o entendimento da biografia como objeto de estudo, Silva (2018) também destaca que o gênero “permite a discussão sobre os vínculos sociais e históricos que se relacionam com a forma como o personagem teve sua obra e sua trajetória lembrada ou esquecida ao longo do tempo” (SILVA, 2009, p. 163). Além de Silva (2009) e Arfuch (2010), há também pesquisadores de outros campos do conhecimento, como psicologia e história, que destacam a importância do sujeito e de suas subjetividades na produção de relatos sobre histórias de vida.

---

<sup>4</sup> Arfuch (2010) definirá o espaço biográfico como um contexto social que molda a vida dos indivíduos por meio de suas narrativas e práticas cotidianas. Esse espaço é constantemente reconstruído por causa de fatores culturais, históricos e políticos.

Em “The Stories We Live By: Personal Myths and the Making of the Self”<sup>5</sup> (ainda sem edição traduzida para o português), o psicólogo e pesquisador, Dan P. McAdams (1993), que se dedica ao estudo de narrativas de vida e da construção de identidade, elucida que o ser humano sempre buscará compreender a própria experiência de vida e a história do outro por meio de histórias que organizem e deem sentido às experiências de vida. Neste sentido, a narrativa biográfica ainda poderia contribuir para a compreensão da trajetória de uma pessoa ou movimentos socioculturais ao longo do tempo; fornecer *insights* sobre o contexto histórico e político em que essas experiências ocorreram, bem como sobre as relações entre diferentes grupos e instituições (SILVA, 2009). Isso pode ser válido para uma análise mais ampla da produção editorial, acadêmica e jornalística de uma pessoa, bem como para entender seu envolvimento em conjunturas e acontecimentos políticos e culturais específicos.

Conhecido por sua crítica à narrativa biográfica, Bourdieu (1986) explica sua noção de "ilusão biográfica", ainda mal interpretada conforme argumenta Neto (2022). Segundo Bourdieu (1986), a organização das vidas em uma narrativa coerente e organizada é uma ilusão propagada pelos textos biográficos, que seguem uma lógica de causa e efeito, como se um acontecimento no passado implicasse sempre em outro no futuro. Para o autor (1986), as vidas não podem ser vistas dessa forma linear, e a tentativa de biografar uma pessoa tratar-se-ia, nesse sentido, de uma farsa, uma mentira, um absurdo científico. O artigo clássico de Bourdieu (1986) fala sobre como as construções da narrativa biográfica e como o peso da trajetória no percurso individual é lembrança fundamental quando se faz referência aos vícios do gênero, ao falar de "ilusão biográfica" e "criação artificial de sentido" (Silva, 2009, p. 163). A crítica de Bourdieu, segundo Silva (2009), ao gênero biográfico, é uma reflexão importante sobre as limitações da narrativa linear e a tentativa de forçar a vida em uma estrutura coerente e distanciada da subjetividade e das escolhas feitas pelo biógrafo. A ideia de que as vidas apresentam fatos, por vezes incoerentes, pode ser de difícil aceitação, especialmente em uma sociedade que valoriza a narrativa linear e coerente. No entanto, vale destacar que a crítica de Bourdieu não nega a possibilidade de um texto biográfico, mas se trata de uma importante reflexão sobre as

---

<sup>5</sup> O título original do livro pode ser traduzido para o português como “A história que vivemos: Mitos pessoais e a construção do eu”. Na obra, Mc Adams (1993) aborda a relação entre as histórias pessoais que as pessoas contam sobre si mesmas e a construção da identidade. Embora o livro não trate especificamente de biografias, suas ideias podem ser relevantes para a compreensão da importância dessas narrativas na formação da identidade do sujeito.

limitações do gênero biográfico e a necessidade de reconhecer os dilemas das vidas individuais (NETO, 2022). Em suas palavras, Bourdieu (1986) ainda argumenta:

A narrativa, seja ela biográfica ou autobiográfica, assim como aquela do entrevistado que se dirige ao entrevistador, propõe acontecimentos que, por não se desenrolarem em uma estrita sucessão cronológica (qualquer um que coletou histórias de vida sabe que os entrevistados perdem constantemente o fio da sucessão cronológica), tendem ou pretendem se organizar de acordo com sequências ordenadas por relações inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia (o entrevistador e o entrevistado) têm, de alguma maneira, o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência relatada (e, implicitamente, de toda a existência) (BOURDIEU, 1986, p. 73)<sup>6</sup>.

Acerca desse tópico, Freud chegou a dizer, por exemplo, que a tentativa de uma escrita biográfica é sempre um fracasso (SILVA, 2009, p. 163). Em uma carta de resposta a Arnold Zweig, um ex-cliente de Freud, amigo e correspondente, que lhe pediu autorização para escrever uma biografia, o psicanalista recusou o pedido, afirmando que "aquele que se compromete com uma biografia está comprometido com mentiras, dissimulação, hipocrisia, disfarces, bajulação... a verdade biográfica não existe", conforme destacado na carta<sup>7</sup> em Silva (2009, p. 163). Neto (2022) não atribui impossibilidades de se conceber uma biografia jornalística, embora argumente que o gênero ainda se situa em uma zona de hibridismos e fronteiras, também pertencentes a outros campos, como a história e a literatura. Ao referir-se às fronteiras, Neto (2022) faz uma ressalva:

Não por acaso, costuma-se admitir que a biografia é um gênero híbrido, zona de fronteira entre a escrita histórica e o fazer literário. Quando falamos em fronteiras, tendemos a imaginar, por definição, linhas divisórias imaginárias que separam territórios ou impõe limites entre eles. Prefiro entendê-las como zonas de transição e convergência, porque são capazes de absorver e incorporar influências [...] (NETO, 2022, p. 74).

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em seu livro "O perigo de uma única história", explora os modos como a construção narrativa de uma história pode perpetuar estereótipos, distorcer realidades e exercer controle sobre a memória. Na obra, que pode ser considerada uma autobiografia, Adichie (2019) compartilha com os leitores suas lembranças da

---

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 62-63, pp. 69-72, juin 1986. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3137327/>> Acesso: 8 abr. 2023.

<sup>7</sup> Carta de Freud a Arnold Zweig, citada por Ernest Jones, biógrafo oficial do psicanalista, apud YORKE, Clifford. "Review: Anna Freud: A Biography By Elisabeth Young-Bruehl", In: The International Journal of Psychoanalysis, n. 71, p. 167, 1990).

infância, momento da vida em que foi exposta predominantemente a literaturas eurocêntricas produzidas por pessoas brancas. “Como eu só tinha lido livros nos quais os personagens eram estrangeiros, tinha ficado convencida de que os livros, por sua natureza, precisavam ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar” (ADICHIE, 2019, p. 13). Essas experiências levaram-na a acreditar que personagens com características semelhantes às suas - pele negra, cabelo crespo, lábios grossos, entre outras - nunca fariam parte dos livros infanto-juvenis.

As perspectivas do espaço biográfico (ARFUCH, 2010) e do giro subjetivo (SARLO, 2005) convergem para as reflexões propostas por Adichie (2019), uma vez que contribuem para pensar a escrita biográfica enquanto um espaço de inserção da unicidade do sujeito, suas subjetividades e a relação entre o “eu” e o mundo. Ao longo de sua narrativa, Adichie (2019) destaca como a imposição de uma única possibilidade de narrativa restringe a compreensão e a representação de diferentes experiências e identidades. A escritora (2019) ressalta que as histórias moldam a percepção do mundo e exercem um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva. No entanto, quando apenas uma história é privilegiada e difundida, outras vozes são silenciadas e as identidades são reduzidas a estereótipos simplistas. Adichie (2019) ainda argumenta ser necessário o rompimento com os estereótipos e ampliação de narrativas para incluir diversas perspectivas, à medida que também enfatiza a importância de ouvir e valorizar histórias de diferentes contextos culturais, étnicos e sociais.

Seguindo a análise de Thompson (2012), a História Oral surge como uma metodologia que busca obter relatos que possam oferecer uma compreensão mais aprofundada do sujeito dentro de seu contexto temporal e espacial. O autor (2012) destaca que os historiadores orais, ao longo de um período significativo, apresentaram certa resistência em considerar o testemunho oral como uma expressão autêntica e pura da "voz do passado". Em vez disso, eles optaram por explorar os processos de emergência de "lembranças" e a tarefa de "recompor" as reminiscências registradas (THOMPSON, 2012). Essas abordagens levantam questões relevantes no âmbito ético e epistemológico. Com base nessa perspectiva, é possível compreender o texto biográfico como um espaço essencial para investigar o contexto social no qual a história é narrada, especialmente a partir da memória oral, como argumentado por Vieira (2015). A autora ressalta a importância de uma abordagem que considere as relações entre a história pessoal e a história coletiva, buscando compreender como os eventos individuais se

interligam com as transformações sociais mais amplas. Essa análise reforça a relevância do texto biográfico como uma ferramenta para compreendermos a interação entre a vida individual e os processos históricos mais abrangentes.

Pensar a biografia apenas como a narração da vida de um indivíduo é retirar do gênero a dimensão social que uma história de vida encerra. Ela não é um fim em si mesma. O outro é um sujeito do seu tempo, inserido em uma cultura, agente da história, da sua e da comunidade, da sociedade em que vive. A biografia é um fenômeno social (VIEIRA, 2015, p. 182).

Maia (2006) e Vilas-Boas (2006) apresentam ideias complementares sobre a importância de refletir sobre a prática jornalística e buscar ferramentas que possam auxiliar na compreensão dos sujeitos e suas histórias. Maia (2006) ressalta que a entrevista é uma das bases para a produção jornalística, mas muitas vezes fica limitada pela rotina profissional e visões cristalizadas. De modo análogo, Vilas-Boas (2006) destaca a História Oral como uma importante ferramenta para obter relatos e compreender o sujeito, para além das técnicas de entrevistas convencionais do jornalismo diário. A produção de uma biografia oferece ao jornalista a oportunidade de ter um prazo distinto daquele que é vivenciado na redação, caracterizado pela rapidez na divulgação das notícias, o que pode limitar a capacidade do profissional de se aprofundar em suas pesquisas. De certo modo, os autores Vilas-Boas (2006) e Maia (2006) apontam para a importância de uma abordagem mais reflexiva e crítica na prática jornalística, visando ampliar e aprofundar a compreensão sobre como os sujeitos são retratados na mídia. Ao investigar em que medida a transparência contribui para a produção de biografias, Maia e Fernandes (2022) mencionam que o biógrafo “Mário Magalhães, por exemplo, necessitou de nove anos para publicar Marighella (2012), enquanto Fernando Moraes precisou de uma década completa para colocar Lula (2021) nas prateleiras e vitrines das livrarias” (MAIA; FERNANDES, 2022). Neste caso, os autores (2022) destacam como a apuração biográfica demanda mais tempo que outras produções jornalísticas por causa da necessidade de pesquisas aprofundadas.

A escrita biográfica, desse modo, requer planejamento de pauta; pesquisa prévia de fontes; levantamento, leitura e descarte de documentos; realização de entrevistas (com uma ou mais fontes, ou mais de uma vez com a mesma fonte). No caso da biografia jornalística, há sentidos do jornalista, enquanto biógrafo e repórter, que podem ser acionados durante as

pesquisas, entrevistas e investigações para aprofundar nos detalhes sobre a vida do biografado. No entanto, como mencionado por Fonseca e Vieira (2011), o processo de criação de uma biografia é permeado por imbricações entre o factual e o ficcional, bem como pela subjetividade do relato biográfico e pela forma como essa narrativa é construída. Sobre o assunto, Schmidt (1997) enfatiza que a biografia surge no contexto jornalístico como uma aproximação entre essas áreas, o que resulta na adoção de elementos ficcionais e técnicas narrativas.

Apesar dessa similaridade, há diferenças significativas entre as biografias escritas por historiadores e as produzidas por jornalistas, por exemplo. De todo forma, se há algo a destacar é que, além de fatores como criatividade e técnicas de investigação e escrita de outros campos do conhecimento, a biografia escrita por jornalistas extrapola a criação de uma obra literária e histórica. Torna-se imprescindível, desse modo, a utilização de técnicas de escrita e apuração próprias do fazer jornalístico, para que se produza um material que também tenha como horizonte informar; apresentar o mundo por meio de perspectivas críticas, embasadas, fruto de pesquisas e que envolvam uma constelação de pessoas que se conectem ao biografado; engendrar reflexões, por vezes desconfortantes para o biografado e sua família. Um exemplo que ilustra a relação entre biografado e biógrafo é o caso de Paulo Coelho. Em entrevista ao *UOL*<sup>8</sup>, ao contar sobre o processo de escolha e de escrita da biografia sobre o escritor, intitulada “O Mago”, o jornalista Fernando Morais revelou que durante quatro anos “invadiu” a casa, a vida e a alma de Paulo Coelho para produzir a obra. No acordo firmado entre os dois, Paulo não teria permissão para ler a obra antes de sua publicação. No entanto, quando o livro ficou pronto, Paulo Coelho não ficou satisfeito com o resultado e interrompeu todo contato com Fernando Morais, deixando-o sem saber exatamente o que havia desagradado o biografado ou sido considerado um exagerado.

Tempos depois, no entanto, ao refletir sobre a situação, Paulo Coelho percebeu que o livro não continha informações falsas ou ultrajantes; ao contrário, ele se viu confrontado com sua própria história naquele momento. Esse episódio evidencia a complexidade das relações entre biografado e biógrafo e como uma biografia pode desafiar a percepção e a identidade do sujeito retratado. Além disso, é importante ressaltar que a obra em questão abordava questões de ordem íntima, como os interesses sexuais do biografado em relação à mãe, bem como as

---

<sup>8</sup> A entrevista completa de Fernando Morais concedida ao UOL pode ser facilmente acessada na internet. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yzTL79rFqwI>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

aventuras sexuais vivenciadas pelo próprio Coelho, incluindo seus relacionamentos com outros rapazes na adolescência. Essas confissões e informações foram compartilhadas pelo próprio biografado e pelos arquivos fornecidos ao biógrafo durante o processo de pesquisa. Esses aspectos reveladores da vida pessoal do biografado demonstram como a biografia pode adentrar em territórios sensíveis e desvelar aspectos ocultos da vida de um indivíduo.

Nesta perspectiva, ao expandir os horizontes dos modos convencionais de narrar histórias de vida, a pauta jornalística na escrita biográfica seria capaz de transcender os limites do jornalismo de referência. Fabiana Moraes (2022) destaca a necessidade de questionar a ideia de que a reportagem é o ápice do jornalismo, relegando as notícias do cotidiano a um papel menos importante. A autora (2022) argumenta que são justamente as notícias diárias que afetam o sujeito de forma mais constante, moldando seus imaginários, discursos e conhecimentos. Neste caso, a pauta, que dá forma ao conteúdo jornalístico, deve ser encarada como "arma de combate", capaz de confrontar a desumanização perpetuada pela mídia.

No processo de planejamento e pré-produção das reportagens, conforme enfatizado por Lage (2013), os repórteres realizam uma seleção criteriosa de fontes primárias e secundárias, atribuindo a cada uma delas papéis distintos na construção da narrativa jornalística, embora nem sempre essas fontes cumpram exatamente as funções inicialmente planejadas. Essa prática evidencia a importância do papel do repórter como mediador na escrita de histórias de vida, seja ao divulgar informações delicadas em casos de denúncia, seja ao buscar restaurar a dignidade dos indivíduos. No contexto dessa seleção e mediação, Moraes (2022, p. 22) destaca a reflexão sobre como "os atos cúmplices e genocidas presentes nas falas das figuras autorizadas pela imprensa só ganham peso, credibilidade, amplitude e repercussão após um processo de seleção, de escolha". Esse pensamento ressalta a responsabilidade do jornalista ao selecionar quais discursos e histórias ganharão visibilidade, destacando como essa escolha pode influenciar a percepção e o impacto das narrativas jornalísticas.

Na obra "A ordem do discurso", Michel Foucault (1996) lança luz sobre a imponente força dos discursos, sua habilidade de concretizar ideologias e gerar efeitos tangíveis, ao mesmo tempo em que se tornam perigosos ao solidificar interesses particulares e aprofundar divisões sociais. Dentro desse panorama, há discursos que se prestam a marginalizar e discriminar indivíduos e suas vivências. Na mesma direção, Moraes (2022) amplia essa reflexão ao questionar a noção de objetividade no jornalismo, evidenciando como ela pode ocultar ou

dissimular os interesses subjacentes às produções jornalísticas e aos próprios cânones que regem a prática. Ainda segundo Fabiana Moraes (2022), a subjetividade, tida como evitável e indesejada por revelar o que a técnica busca ocultar, está entrelaçada na ordem discursiva de um jornalismo que ainda almeja uma pureza impossível. Nessa perspectiva, a subjetividade permeia os critérios da objetividade, representando o terreno no qual reside, muitas vezes não declaradamente, a rejeição do Outro. Essa subjetividade se materializa em práticas, que no âmbito do jornalismo se manifestam por meio de regras. Ela pode ser observada na defesa dos "fatos", nos valores-notícia e até mesmo no delineamento da pauta jornalística:

Outra reação também comum é afirmar que a crítica à objetividade seria uma tentativa de demolir o próprio jornalismo. Penso justamente o contrário. Aqui, meu esforço crítico é antes de tudo o reconhecimento da importância desse campo. Para isso, entendo que é preciso implodir, através do pensamento e da prática, um certo jornalismo: aquele que reiteradamente coisificou pessoas e populações e promoveu tipos vários de violência disfarçando-se sob um manto no qual estavam escritas palavras como "democrático", "isento" e "objetivo" (MORAES, 2022, p. 96).

Segundo Schmidt e Avelar (2013), o biógrafo está fadado a escrever seu relato em meio a uma série de contradições e desafios. Justamente pelo fato de que a narrativa biográfica deve pressupor “uma modalidade de escrita da história profundamente imbricada nas subjetividades, nos afetos, nos modos de ver, perceber e sentir o outro” (AVELAR; SCHMIDT, 2013, p. 72), é necessário que o jornalista enquanto testemunha e, simultaneamente, mediador do relato entre o biógrafo e o leitor, também esteja atento ao que não é dito, ao que não é visível, ao que escapa às entrevistas e, sobretudo, de quem possui direito à fala e a quem esse direito rotineiramente não é concedido.

No âmbito da escrita jornalística, a inclusão de narrativas de vida surge, assim, como um artefato para confrontar a natureza “coisificadora” do jornalismo contemporâneo. Ao adotar uma abordagem imbuída de engajamento e sensibilidade, a prática jornalística transcende as imposições ilusórias da objetividade e fomenta um ambiente propício à expressão de múltiplas vozes e vivências. Nesse contexto, a pauta jornalística tem o potencial de amplificar as vozes marginalizadas e validar suas experiências, ao romper com os estigmas e preconceitos presentes nas narrativas tradicionais. É, neste sentido, que a pauta jornalística pode se converter em uma arma de resistência e transformação, capaz de dismantelar paradigmas enraizados e despertar questões outrora negligenciadas (MORAES, 2022). Ao acolher a subjetividade do jornalista e

conferir valor à pluralidade de perspectivas, as histórias de vida ainda emergem como um meio efetivo de denúncia, sensibilização e construção de uma consciência coletiva amplificada.

Fabiana Moraes e Márcia Veiga da Silva (2019) lançam luz sobre a realidade na qual o jornalismo se vê diariamente inserido: repleta de desafios e impasses que expõem sua incapacidade de lidar plenamente com os fenômenos sociais que permeiam o debate público. É nesse contexto que se torna evidente a falta de humanidade nos discursos veiculados pelo jornalismo de referência, especialmente quando as retóricas atravessam a esfera íntima da vida individual e afetam a visão das pessoas sobre como elas se enxergam no mundo e reivindicam seus direitos básicos como seres humanos e cidadãos. Essa lacuna revela, de certa forma, uma falha intrínseca à prática profissional e dificulta a problematização e a análise crítica dos fenômenos sociais impulsionados por opressões estruturais, como o machismo, o racismo e a LGBTfobia, apenas para citar alguns exemplos.

Essas opressões, entrelaçadas em um emaranhado de discursos e práticas arraigadas na sociedade, acabam por direcionar como o jornalismo é exercido, limitando sua capacidade de abranger a complexidade desses fenômenos. Muitas vezes, desprovidas de nuances e sensibilidades, as narrativas jornalísticas acabam por perpetuar estereótipos, reproduzir valores dominantes e manter, assim, um posicionamento excludente que dificulta a construção de uma visão mais abrangente e inclusiva da realidade. Marta e Peres (2023) propõem uma abordagem de narrativa em que há posicionamento ativo do repórter, tratado especificamente pela figura do biógrafo, diante do fazer jornalístico. A hipótese central é que a narrativa construída pelo jornalista possui um papel fundamental na configuração dos eventos que têm origem nas pautas, permitindo que o repórter possa desnaturalizar questões relacionadas à violência. Nessa perspectiva, as pesquisadoras (2023) destacam a importância de se considerar elementos que transcendem a mera técnica jornalística, que também é influenciada por subjetividades, a fim de abranger aspectos humanos e relacionais presentes na prática discursiva.

Vale ressaltar que, mesmo ao valorizar a objetividade no campo jornalístico, tais como a checagem de fontes, coleta minuciosa de dados, entrevistas em profundidade e apuração, Marta e Peres (2023) reconhecem que toda prática jornalística é inevitavelmente permeada por posicionamentos e ideologias. Essa compreensão, consonante com as propostas de Fabiana Moraes (2022), coloca em evidência a subjetividade inerente ao processo jornalístico. Essa discussão sobre a importância da narrativa, bem como o reconhecimento das nuances subjetivas

na prática jornalística, tem implicações na escrita biográfica. Assim como no campo do jornalismo, as biografias também envolvem a construção de narrativas que vão além dos fatos objetivos e técnicos e abarcam diversas nuances das experiências humanas, das relações interpessoais e dos contextos sócio-históricos. Os biógrafos, durante a produção dos livros sobre histórias de vida, também resguardam perspectivas e ideologias com o potencial de influenciar a forma como a história do biografado é contada, o que implica a necessidade de constante reflexão sobre a ética jornalística em todo o processo de escrita biográfica.

Nesta lógica, Marta e Peres (2023) propõem uma abordagem que valoriza a objetividade jornalística na produção, ao mesmo tempo em que busca incorporar um "jornalismo de subjetividades", como também proposto por Moraes (2015). Essa perspectiva não apenas preserva o campo jornalístico em sua perspectiva epistemológica e prática, mas enfatiza a importância de uma leitura crítica que reconheça as escolhas e omissões permeadas por questões de "gênero, classe, raça e territórios" (MORAES, 2022, p. 104). Isso, em algum grau, significa compreender que a subjetividade do jornalista é uma ferramenta capaz de colaborar com a construção de narrativas mais humanas e alocadas, em parte, na ordem do sensível, sem comprometer a precisão dos fatos ou a busca pela veracidade das informações.

Em uma abordagem reflexiva sobre a temática, Fabiana Moraes (2022) também amplia a visão hegemônica sobre a pauta, normalmente concebida e praticada no jornalismo de referência. A proposta de Moraes (2022) é entender a pauta como uma ferramenta de combate capaz de enfrentar a desumanização presente, muitas vezes, no próprio jornalismo. Seria necessário, dessa forma, compreendê-la como uma tecnologia disponível para um "agir jornalístico". Ao propor a categorização de "pauta-roteiro", que se baseia em ganchos e está frequentemente relacionada ao assunto do momento, podendo surgir de demandas espontâneas ou sugeridas, e de "pauta-ação", que depende do enquadramento conferido e valoriza uma postura reflexiva por parte do responsável pelo planejamento e/ou execução, permitindo novas abordagens e desdobramentos do tema, Moraes (2022) não apenas conceitua a questão, mas busca compreender a riqueza de nuances presentes nas rotinas produtivas do jornalismo.

Como ainda problematizado por Marta e Peres (2023), desde a chegada dos manuais de redação e estilo ao Brasil, por volta da década de 70, diversos autores têm buscado definir o conceito de "pauta" no contexto jornalístico, sendo esta uma das etapas iniciais da rotina de produção em uma redação. Segundo as autoras (2023), ao se analisar a pauta de forma

instrumental, como algo que apenas auxilia o trabalho de reportagem, existe praticamente um consenso de que ela funciona como um guia ou roteiro para orientar o repórter e facilitar a organização e o gerenciamento das equipes. No entanto, conforme argumenta Moraes (2022), em seu recente livro "A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza", a pauta jornalística vai além de meras diretrizes, pois ela organiza e desorganiza visibilidades, hierarquiza e deshierarquiza vozes e representações, e estrutura e desestrutura discursos (MORAES, 2022, p. 197). Essa perspectiva evidencia um aspecto muitas vezes ignorado por aqueles que defendem uma imprensa neutra e imparcial e que desafia a concepção simplista da pauta na prática jornalística.

Essa compreensão sobre o papel da pauta como uma ferramenta que influencia a forma como os eventos são percebidos e narrados são centrais não apenas na atividade jornalística, mas também na prática dos biógrafos-jornalistas. Ao desenvolver a pauta para a escrita biográfica, esses profissionais também são responsáveis por organizar e estruturar a narrativa, decidindo quais aspectos da vida do biografado serão destacados e como serão representados. Assim como no jornalismo, a escolha das temáticas e o enquadramento dado à história do biografado podem influenciar a percepção do leitor e a compreensão da história de vida. Ao reconhecer a função e o impacto da pauta, dessa maneira, os biógrafos-jornalistas são desafiados a refletir criticamente sobre suas escolhas e posicionamentos e a buscar por posicionamentos mais transparentes na construção das biografias. Esse entendimento sobre o papel da pauta no desenrolar da narrativa biográfica também abre espaço para inserção de diferentes perspectivas sobre os eventos, vozes e experiências, o que contribui para a criação de relatos plurais e com respaldo da ética jornalística na escrita de biografias.

Ao abordar a problemática da polarização de discursos e a disseminação ampla de vozes marginalizadas, faz-se ainda necessário mencionar as reflexões de Fernando Resende (2017), que destacam o imenso desafio enfrentado pelo jornalismo contemporâneo em lidar com a multiplicidade de perspectivas e realidades que compõem um determinado universo representativo. O autor (2017) ressalta que essa tarefa não é de fácil solução, uma vez que os avanços tecnológicos que impulsionam a polarização e a disseminação das falas também tendem, em muitos casos, a submetê-las a um processo de apagamento. Nesta ótica, a relação paradoxal entre os avanços e inovações tecnológicas que têm impactado intensamente o campo jornalístico no século XXI, e o surgimento de um cenário em que as pessoas se veem subjugadas

às máquinas. Ao viverem imersos em um imaginário profundamente enraizado, cujos princípios são o progresso e a busca por uma ordenação simplificada do mundo, os sujeitos buscam por fórmulas facilitadoras que proporcionem uma compreensão simplista da realidade, em detrimento de uma abordagem com problematização (RESENDE, 2017).

Essa dinâmica reflete o anseio humano por apreender o mundo de forma rápida e descomplicada, mas também expõe os perigos de uma visão superficial e redutora da realidade. Diante desse contexto, é imprescindível questionar o papel do jornalismo como mediador da complexidade social. Afinal, a busca incessante por explicações simplistas e superficiais afasta a possibilidade de uma apreensão crítica dos fenômenos da vida social. No Brasil, por exemplo, as desigualdades sociais são profundamente marcadas por questões raciais, de gênero e de classe, marginalizando amplas parcelas da população por meio de sistemas de classificação e hierarquização de diferenças cujas desigualdades são construídas na cultura e nos sistemas simbólicos, nos quais a linguagem midiática desempenha um papel central. Nesse sentido, a pauta jornalística estaria imersa nas tramas de poder-saber, reproduzindo valores dominantes por meio de uma racionalidade excludente (MORAES, VEIGA DA SILVA, 2019). Conforme as autoras (2019), tanto a impessoalidade quanto a objetividade têm sido questionadas há muito tempo pela própria teoria do jornalismo, mas continuam sendo constantemente invocadas na prática profissional, especialmente em um contexto de ênfase na verificação de fatos impulsionado pelo fenômeno das notícias falsas. Nessa lógica, Gomis (2014) destaca que os conceitos preconcebidos pela prática jornalística influenciam tanto a compreensão do leitor sobre os produtos de notícias quanto definem os traços de nossa cultura, resultando na naturalização dos discursos das classes dominantes.

Vale ressaltar que as críticas propostas por Moraes (2022), Veiga (2019) e Resende (2017) não buscam prescrever soluções ou sugerir uma única abordagem para o jornalismo. Pelo contrário, trata-se de uma reflexão que busca questionar e repensar os modelos estabelecidos, buscando caminhos alternativos e plurais para a prática jornalística. De todo modo, o que os textos sugerem é que reconhecer as limitações do jornalismo tradicional não significa negar sua importância ou invalidar o trabalho dos profissionais envolvidos, mas abrir espaço para uma discussão ampla e inclusiva sobre como a prática jornalística pode ser modificada diante dos desafios contemporâneos. No livro "O nascimento de Joicy", a jornalista Fabiana Moraes (2015) propõe, na prática, a reconfiguração da pauta jornalística

contrahegemônica, ao subverter as convenções estabelecidas pelo jornalismo de referência, dando lugar às histórias de vida que se encontravam soterradas pela invisibilidade midiática. Neste contexto, a autora amplia a dialógica sobre gênero, sexualidade e poder, insurgindo como uma voz dissidente dos critérios convencionais de noticiabilidade.

A protagonista da obra, Joicy, é uma mulher transgênero e cabeleireira que desafia os estereótipos convencionais de feminilidade, tendo um corpo musculoso que não se enquadra nas expectativas tradicionais. No entanto, independentemente de sua aparência física, Joicy está determinada a passar pelo procedimento de readequação genital, conhecido como neovaginoplastia. Nessa obra, as narrativas são detalhadas, humanizadas e centradas na personagem principal. O livro também aborda as violências simbólicas e práticas enfrentadas por pessoas transgêneros, revelando como suas histórias muitas vezes são negligenciadas pelo jornalismo cotidiano e tradicional, sendo apresentadas predominantemente para enfatizar os aspectos negativos e conformados discursivamente. Essa abordagem é especialmente evidente quando se trata das concepções de feminilidade e da vida dissidente em relação às normas heteronormativas e de normalização, entre outros dispositivos de poder.

Em se tratando da biografia jornalística, há de se destacar sua capacidade de abranger histórias diversas e diferentes modos de narrativa. Essa abordagem vai de encontro à visão restrita que considera a linguagem apenas com um conjunto de códigos e o jornalista como mero "transmissor" de fatos. Seguindo essa perspectiva, a escrita biográfica pode configurar-se como um espaço para inclusão de diferentes relatos, ampliando as fronteiras da linguagem e buscando uma compreensão mais abrangente do objeto biografado. Conforme destacado por Maia e Fernandes (2022), a biografia oferece um terreno fértil para a expressão da pluralidade de perspectivas e experiências humanas. Por meio de uma narrativa sensível, emergem as vivências, os contextos e as relações do biografado com o mundo. Conforme ressalta Pereira (2007, p. 33), a valorização da vida privada, das subjetividades, da sensibilidade dos indivíduos e de sua experiência cotidiana ao longo do tempo revela que a relação entre história e indivíduo é bidirecional. Assim, a questão não se resume apenas ao fato de como a história influencia o indivíduo, mas também a como o indivíduo influencia a história. Nesse sentido, as histórias de vida se destacam como uma temática relevante para as biografias jornalísticas, pois proporcionam uma oportunidade de aprofundar as conexões entre o indivíduo e o contexto histórico e social em que ele está inserido. Essas narrativas permitem compreender como os

eventos históricos, em alguma medida, influenciam a trajetória individual do sujeito e, ao mesmo tempo, como as experiências pessoais e as escolhas individuais podem deixar marcas na história da coletividade social.

No século XXI, a produção de biografias jornalísticas no Brasil tem sido impulsionada pela demanda por narrativas de vida consideradas relevantes pelos meios de comunicação e pelo público. A biografia de Manuel Francisco dos Santos, conhecido como Garrincha, escrita pelo jornalista Ruy Castro em 1995, é um exemplo de como os jornalistas biógrafos se interessam em contar histórias de vida de pessoas esquecidas pela sociedade. Garrincha, jogador de futebol, foi um ídolo nas décadas de 50 e 60, mas, após sua morte, sua história acabou sendo apagada e esquecida, e normalmente lembrada em datas comemorativas, sobretudo quando o tema é esporte. A biografia de Ruy Castro (1995), por outro lado, demonstra que Garrincha era mais do que um famoso jogador de futebol. O biógrafo (1995) deu-se conta da importância de resgatar a vida desse personagem e transformá-la em uma biografia, contando a história do jogador desde seus antepassados até sua carreira de sucesso. O livro foi construído a partir de 500 entrevistas com 170 pessoas, o que demonstra o trabalho investigativo realizado pelo autor para dar vida à história de Garrincha. No entanto, a escolha dos personagens biografados também chama atenção. Schmidt (1997) ressalta que, além dos "grandes homens", as pessoas comuns e os subalternos merecem a dignidade da biografia. É nessa perspectiva que muitas biografias jornalísticas procuram ir além dos personagens notáveis e privilegiados midiaticamente, buscando ampliar a visibilidade de grupos marginalizados na mídia.

Como resultado, essas biografias oferecem um espaço para que indivíduos menos visíveis possam compartilhar suas experiências de vida, suas lutas e conquistas, e assim contribuir para uma compreensão mais abrangente da sociedade brasileira. Neto (2022) destaca que a biografia de pessoas anônimas tem sido motivo de interesse crescente entre os biógrafos, e cita o exemplo de Carlo Ginzburg, autor de "O Queijo e os Vermes", que conta a história de Menocchio, um moleiro perseguido pela Inquisição por ideias pouco ortodoxas. Como observado por Pereira (2007), as atuais biografias jornalísticas procuram o mesmo artifício: ir além dos personagens notáveis e privilegiados midiaticamente, contando histórias de vida de pessoas anônimas. Em certa medida, essas biografias podem contribuir para uma compreensão mais abrangente da sociedade brasileira, ampliando a visibilidade de grupos marginalizados e permitindo que suas histórias sejam contadas. Nessa perspectiva, é importante ressaltar que a

crecente conscientização sobre as lutas identitárias e desigualdades sociais influencia a escolha dos personagens biografados pelas editoras e pelos jornalistas.

“Ricardo e Vânia”<sup>9</sup> é outro exemplo de livro que se concentra em contar a história de uma figura anônima e comum da sociedade brasileira. Escrita pelo jornalista e escritor Chico Felitti e publicada em 2019, a obra narra a história de vida de Ricardo Correa da Silva, que se tornou conhecido como Fofão da Augusta, após sua história ser contada em um programa de TV nos anos 1990. O livro de Chico Felitti narra a vida de Ricardo desde a infância até sua morte em 2017, e mostra como ele se tornou uma figura tão emblemática da cidade de São Paulo. Por meio de entrevistas com familiares, amigos e pessoas que conviveram com Ricardo, o autor revela uma história de abandono, traumas e lutas. Além desse personagem, o livro também conta a história de Vânia, uma mulher que trabalhava como prostituta nas ruas de São Paulo e que se tornou uma das poucas amigas dele.

Como publicado pelo jornalista e crítico na *Folha de S.Paulo*, Ivan Finotti, em fevereiro de 2019<sup>10</sup>, o autor do livro "Ricardo e Vânia", Felitti, adota uma abordagem única em sua narrativa. Ao invés de seguir uma ordem cronológica dos eventos, Felitti opta por narrar os fatos à medida em que os descobre. Essa abordagem foi necessária, uma vez que o próprio jornalista interferiu pessoalmente na história. Um exemplo disso é a descoberta da certidão de nascimento de Ricardo em Araraquara - crucial para que ele pudesse ser identificado no hospital, e não mais registrado como desconhecido. Essa maneira não convencional de contar a história adiciona um atrativo ao livro, complementando a habilidade narrativa do autor.

Embora “Ricardo e Vânia” não seja uma biografia, no sentido estrito do gênero jornalístico, a obra apresenta elementos bastante presentes nas recentes biografias escritas por jornalistas brasileiros, que buscam, por exemplo, representar uma parcela significativa da sociedade brasileira. Aqui, pode-se destacar também as biografias que forneceram narrativas inovadoras para contar histórias de vida, como *Olga*, *Chatô* e *Lula*, escritas pelo jornalista

---

<sup>9</sup> A história de Fofão da Augusta ganhou forte repercussão no Brasil em 27 de outubro de 2017, quando foi publicada pela primeira vez pelo site de notícias BuzzFeed, atingindo um número superior a um milhão de visualizações no dia em que foi divulgada. Mais tarde, o livro Ricardo e Vânia também seria comprado por uma produtora de cinema. A primeira reportagem sobre o personagem que levou à escrita do livro de Felitti pode ser acessada no seguinte endereço: <<https://www.buzzfeed.com/br/felitti/fofao-da-augusta-quem-me-chama-assim-nao-me-conhece>>. Acesso: 8 abr. 2023

<sup>10</sup>Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/02/ricardo-e-vania-revela-mais-do-homem-por-tras-do-apelido-fofao.shtml>>. Acesso em: 8 abr. 2023.

Fernando Moraes; *Padre Cícero, Getúlio e Maysa*, de Lira Neto; *Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha*, de Ruy Castro; *Mariguella*, por Mário Magalhães e *Elis Regina e Ney Matogrosso*, escritas pelo jornalista Julio Maria. Para Luiz Costa Pereira Júnior (2014), os repórteres enfrentam diariamente o desafio de encontrar evidências e informações em meio à complexidade dos acontecimentos. Quando se trata da apuração por meio de histórias de vida, o trabalho desse profissional requer ainda mais habilidades investigativas e abordagens não convencionais, que vão além das práticas habituais encontradas no jornalismo de referência, a fim de garantir a construção de um relato mais profundo dos eventos e das experiências individuais. Pereira Júnior (2014, p. 71) ainda explica que “no jornalismo, construir sentido é reduzir incertezas, porque a realidade não pode ser contada aos outros por inteiro, noticiar é selecionar fatos para organizar um sentido”.

Conforme explicado por Santos (2009), o jornalismo vive e sobrevive nessa teia que conecta passado e presente, buscando construir uma narrativa contemporânea, sempre pautado pelo imperativo ético. Nesse sentido, a prática jornalística demanda flexibilidade e disposição para encontrar diferentes caminhos e perspectivas, a fim de obter novas construções narrativas, para além do convencional. Como apresentado por Pereira Júnior (2014), os repórteres precisam lidar com incertezas e estar abertos para conduzir uma investigação aprofundada, mesmo que isso possa implicar em alterar o rumo da apuração. Sob essa ótica, os repórteres questionam suas próprias premissas, ao desafiar suas ideias iniciais. Essa postura de abertura e adaptabilidade é fundamental para garantir uma apuração rigorosa e uma narrativa jornalística atrelada a princípios éticos:

Tal qual o historiador, o jornalista é o profissional da imprensa que seleciona os fatos que acontecem no mundo a partir de critérios de valoração, conforme uma complexa interação entre fontes, formas de captação de dados, e mais que isso, sob as influências do contexto histórico, social, político e cultural em que vive. O jornalismo, então, vive e sobrevive nessa rede de elos do passado e do presente, para tecer a narrativa da contemporaneidade, no dever de estar sempre ligado ao vetor da ética (SANTOS, 2009, p. 23).

No caso de biografias jornalísticas, é importante considerar o caos, o devir da apuração e a multiplicidade de perspectivas. De acordo com essa compreensão, ao relatar a história de uma pessoa por meio do jornalismo, o biógrafo cede espaço a uma variedade de fontes, testemunhos e relatos que se revelam como um caminho abrangente para compreender a vida e

trajetória do indivíduo. Isso possibilita, em alguma medida, que a biografia escrita por jornalistas extrapole narrativas simplistas, unilaterais e, ao mesmo tempo, funcione como um dispositivo pedagógico do fazer jornalístico. Ainda no processo de expansão da investigação, o jornalista pode se aprofundar na narrativa, conforme a estratégia editorial, que passa por diversos filtros, e a competência do jornalista ao investigar e narrar os fatos de diversas naturezas e implicações na sociedade (SANTOS, 2009).

Ao retratar personagens históricos ou contemporâneos, essas biografias oferecem perspectivas alternativas para contar histórias de vida, contribuindo para outras compreensões do passado e do presente do sujeito. Ao se pensar nos cânones do jornalismo de referência, Pereira Júnior (2014) relembra que o trabalho do jornalista é ser preciso: um fato ocorreu de uma determinada maneira, e não de outra. No entanto, o que é considerado "real" será o significado atribuído a esse fluxo caótico de estímulos do espaço investigativo. A esta altura, é necessário considerar que as fontes de informação nem sempre foram convocadas a atuar como colaboradoras no processo de produção jornalística, enquanto testemunhas ou partes centrais dos relatos. Conforme apontado por Lage (2013), eram comumente ouvidos funcionários públicos, políticos, diretores de empresas e pessoas envolvidas em eventos de interesse público. Nesse contexto, a assessoria de imprensa desempenhava um papel relevante na mediação entre os indivíduos e os repórteres, muitas vezes buscando enviesar a fala dos entrevistados em benefício de seus interesses empresariais. Essa dinâmica de relacionamento entre as fontes e os jornalistas muitas vezes era vista como um desafio para a produção de reportagens mais imparciais e isentas (LAGE, 2013). Os repórteres enfrentavam dificuldades em obter transparência nas informações, uma vez que as fontes, muitas vezes, tentavam controlar a narrativa e direcionar a percepção do público de acordo com suas motivações corporativas. Com o tempo, a inclusão das histórias de vida nas pautas jornalísticas surgiu, em tese, como método de ampliação do leque de fontes e pela busca em diversificar as perspectivas presentes nas reportagens. Ao dar voz aos indivíduos e suas experiências pessoais, o jornalismo buscava, assim, ir além das fontes tradicionais e oferecer uma visão mais abrangente dos acontecimentos.

Dado o debate sobre histórias de vida, é inevitável confrontar a questão do espaço público e privado no contexto jornalístico. A busca pela narrativa biográfica, muitas vezes, envolve a incursão em aspectos íntimos e pessoais do biografado, levantando debates sobre ética, privacidade e o limite entre o que é de interesse público e o que é reservado ao indivíduo.

Por essa razão, a relação entre espaço público e privado no jornalismo biográfico merece ser examinada com cautela, a fim de indagar sobre desafios enfrentados por jornalistas e biógrafos ao se depararem com o direito à informação e o respeito à individualidade e dignidade humana.

## **2. INTERESSE PÚBLICO E DIREITO À PRIVACIDADE**

Este capítulo tem como propósito analisar os desafios enfrentados constantemente por biógrafos, ao decidirem quais aspectos da vida do biografado devem ser abordados em suas narrativas. Nessa tarefa, os biógrafos se deparam com a necessidade de equilibrar a liberdade de expressão na construção da história de vida com o respeito ao direito à privacidade do biografado, tomando como medida os limites entre o espaço público e privado. Nesse contexto, torna-se relevante discutir como esses limites são compreendidos no campo do jornalismo, uma vez que a interpretação sobre corpo e memória na narrativa testemunhal, em geral, é influenciada pela visão subjetiva do biógrafo, que por sua vez é moldada por suas próprias crenças, valores e perspectivas. A ética, nesse sentido, desempenha um papel fundamental na escrita biográfica, pois se torna necessário considerar tanto o direito à privacidade do biografado quanto a liberdade de expressão do biógrafo no fazer jornalístico.

O capítulo abordará, ainda, aspectos histórico-culturais nos quais a escrita biográfica se insere, explorando o contexto e os dilemas das biografias não-autorizadas no Brasil, bem como o movimento "Procure Saber", liderado por artistas brasileiros em defesa da privacidade de suas vidas pessoais. A confluência entre público e privado do corpo será examinada para aprofundar a compreensão sobre a produção biográfica, enfatizando as implicações éticas, legais e sociais envolvidas na escolha da pauta e na elaboração dessas narrativas. Ao refletir sobre o equilíbrio delicado entre o interesse público e o direito à privacidade, busca-se contribuir para o debate acadêmico e promover a reflexão sobre a prática jornalística.

### **2.1 Espaço público e privado em biografias jornalísticas**

Em diferentes contextos sociais, a relação entre o espaço coletivo e individual, assim como a importância da privacidade em biografias jornalísticas, têm sido objeto de discussão por diversos estudiosos (LONGUI, 2006; CHRISTOFOLETTI, 2019; SILVA, 2006; PEREIRA, 2007; PEREIRA JÚNIOR, 2010; MAIA 2008; MARTINS, 2008). No campo jornalístico, ao longo dos anos, a relação entre esses espaços tem gerado debates jurídicos permeados por tensões decorrentes dos valores que envolvem a divulgação de informações de

interesse público e a necessidade de preservação do espaço privado dos sujeitos. Em se tratando da narrativa biográfica, a dicotomia entre o público e o privado representa um desafio que exige dos biógrafos um esforço constante em buscar equilíbrio, o desejo de revelar detalhes da vida do biografado e a responsabilidade de respeitar sua privacidade. Nesse contexto, refletir sobre o deslocamento do jornalista e da própria narrativa biográfica no âmbito do espaço público-privado se torna um ponto de partida fundamental para diferentes caminhos e tentativas que conciliam as demandas por informações advindas do espaço público com o respeito aos limites da intimidade do biografado.

Christofoletti (2019), em sua obra "Percepções de jornalistas brasileiros sobre privacidade", explora a complexidade inerente à questão da privacidade no exercício do jornalismo. Destaca-se como esse tema frequentemente entra em conflito com o interesse público e as expectativas de diferentes grupos e indivíduos na sociedade. Ao retomar o contexto histórico desse debate, Martins (2008) rememora que a cidade-estado da antiga Grécia era fortemente marcada por essa divisão, cuja *pólis*<sup>11</sup> representa os cidadãos livres e o *oikos* referia-se ao setor particular de cada indivíduo, ao que hoje se denomina privacidade. “Na medida em que grandes festas medievais da nobreza vão sendo substituídas pelos banquetes de homenagem da burguesia, vai surgindo um espaço público em que são claramente separadas as dimensões pública e privada” (MARTINS, 2008, p. 4). Como ainda explica o autor (2008), a distinção emerge pela necessidade de sanar as diferenças entre famílias - que naquele contexto representava o limite entre os diferentes ambientes políticos - e, ao mesmo tempo, configurar-se-ia com uma economia política fruto da modernidade:

Aos poucos, a atividade econômica ultrapassa a esfera doméstica e passa a ser regulada, tornando-se de interesse geral. A burguesia, excluída do Estado e da Igreja, assume posições econômicas fundamentais. É o momento de maturação do capitalismo industrial, em que a economia é baseada na identificação dos interesses do Estado com o interesse comum e na unidade monetária. Surge então a economia política, orientada pelos ditames do mercado, que mais tarde será amparada pela imprensa (MARTINS, 2008, p. 5).

---

<sup>11</sup> Na Grécia Antiga, a *pólis* era o centro da vida cívica e política, onde os cidadãos se reuniam para discutir assuntos públicos. Apesar disso, a democracia ateniense excluía mulheres, escravos, estrangeiros e homens livres, mas não cidadãos, da participação política plena. Apenas certos cidadãos atenienses podiam exercer direitos políticos, limitando a inclusão na tomada de decisões.

Ampliando a discussão para a atualidade, é válido destacar que a contemporaneidade impõe desafios no que se refere à relação entre o espaço público e privado no âmbito do jornalismo. Os meios de comunicação jornalísticos, enquanto mediadores de informações e fenômenos, exercem alguns papéis ao transitar nessa fronteira. O imbricamento desse contexto reside, muitas vezes, na necessidade de equilibrar o interesse público em ter o direito ao acesso à informação efetivado pelos jornalistas, com a salvaguarda do direito à privacidade das fontes presentes na produção. Nesse sentido, a reflexão de Longui (2006) sobre o conflito entre valores pessoais e a ação racional emerge como um aspecto fundamental no compromisso ético-jornalístico. A argumentação do autor (2006) se baseia na premissa de que o jornalismo, enquanto atividade profissional, implica um conjunto de interações entre valores pessoais, por vezes inevitáveis para a decisão sobre o que é de interesse da sociedade. Silva (2006) contribui para essa discussão ao abordar a evolução histórica dos espaços públicos e privados, desde a democracia ateniense até a emergência da "opinião pública", como explica Martins (2008), mas agora demandando uma reflexão aprofundada sobre a configuração e estruturação dessas esferas no contexto contemporâneo.

Silva (2006) argumenta que a evolução dos espaços público e privado ao longo da história é essencial para a compreensão dos desafios enfrentados atualmente no jornalismo. Desde a antiguidade clássica até a era da globalização, as transformações nas relações sociais, políticas e econômicas impactam a configuração e as fronteiras entre essas esferas. Nesse contexto, a criação da "opinião pública" e o surgimento de novos meios de comunicação ampliam as possibilidades e os dilemas do jornalismo no que tange à privacidade das fontes, exigindo uma reflexão mais profunda sobre os limites éticos e legais envolvidos. Longui (2006) destacará o cotidiano de jornalistas em que frequentemente se veem confrontados com dilemas éticos no momento de decidir quais informações devem ser divulgadas e como isso pode afetar a privacidade das pessoas envolvidas. Esse pensamento sugere que a tensão entre valores pessoais e ação racional, enquanto aportes adotados por Longui (2006) em sua análise, é um aspecto intrínseco à prática jornalística. Por um lado, haveria o dever de informar o público e garantir o acesso a informações consideradas de interesse público e, por essa razão, não poderiam ficar alheias ao conhecimento da sociedade.

É notável, portanto, a coexistência de interesses que muitas vezes se contrapõem, o que demanda uma análise mais criteriosa das implicações éticas e legais envolvidas na divulgação

de informações que permeiam o espaço público-privado. A dinâmica entre o interesse público e a proteção da privacidade das fontes requer uma abordagem que considere o contexto sociocultural e os avanços tecnológicos. Nesse sentido, a visão de Longui (2006) destaca a necessidade de compreender o jornalismo não apenas como uma atividade profissional, mas também como um agente social que desempenha um papel crucial na formação da opinião pública e na configuração do espaço público.

Em um contexto marcado pela ampla disseminação e compartilhamento de narrativas pessoais, impulsionado pela influência dos meios de comunicação, surgem questionamentos acerca dos limites entre o público e o privado na prática da biografia jornalística. Nesse cenário, os direitos e responsabilidades relacionados à liberdade de expressão ganham destaque, gerando um intenso debate nacional sobre o assunto. Paralelamente, observa-se a emergência de um fenômeno social no campo biográfico, evidenciado pela presença de um espaço biográfico que se configura por meio da influência midiática na atualização do “eu” e na valorização do subjetivo. Além disso, no âmbito do jornalismo brasileiro, destaca-se a produção de narrativas de grande reportagem pelos jornalistas, que conquistam um novo *status* como autores nesse contexto. Ainda é importante abordar um aspecto relacionado à elaboração e publicação de biografias: a questão ética, que será aprofundada no próximo tópico, mas que surge aqui em razão do imbricamento entre o público e o privado. Como lembra Schmidt (1997), surge o questionamento sobre até que ponto é válido invadir a vida de um personagem, revelar seus segredos e expor suas vulnerabilidades.

O biógrafo pode se apropriar da imagem do biografado, levantando dilemas éticos. Essas questões ganharam destaque nas páginas da imprensa brasileira durante a disputa judicial entre Ruy Castro, biógrafo do craque de futebol Garrincha, e suas dez filhas. Seus familiares alegavam que não foram consultados e não autorizaram a publicação do livro "Estrela solitária", argumentando que seus direitos de imagem, previstos na Constituição, estavam sendo violados. A apreensão judicial do livro em questão coloca em confronto as prerrogativas de liberdade de expressão e o direito à privacidade. Além de possuir qualidades estilísticas, técnicas e historiográficas, uma biografia precisa também considerar o respeito à memória do biografado, um elemento subjetivo que pode estar sujeito a disputas e discussões (SCHMIDT, 1997, p. 16). No livro “A Sangue Frio”, o jornalista Truman Capote vai até uma pequena cidade no Kansas para investigar um assassinato brutal. Ao longo de sua jornada, ele se envolve emocionalmente

com um dos assassinos, Perry Smith, e acaba sacrificando sua ética profissional e pessoal para conseguir terminar seu livro. A obra mostra como Capote é capaz de desempenhar seu papel de jornalista, mas, ao mesmo tempo, como coloca em risco sua própria integridade emocional e ética para alcançar seus objetivos profissionais. (CHRISTOFOLETTI, 2019; LONGUI, 2006; GIDDENS, 1991). Por ser um livro que aborda a questão dos limites entre interesses públicos e privados no jornalismo, ao analisar Capote, Longui (2006) destaca que o jornalista chega a uma cidade como representante de um jornal, mas acaba defendendo seus interesses privados.

A partir da relação de intensa intimidade entre Capote com o assassino, são levantadas discussões sobre o compromisso jornalístico. Esse conflito entre interesses pessoais e públicos é uma questão presente ao longo do processo de construção do livro “A Sangue Frio”. Longui (2006) também aborda a temática ao analisar o filme sobre a obra e sua representação dos limites tênues entre interesses públicos e privados. Por meio dessas obras, é possível refletir sobre os desafios enfrentados pelos jornalistas ao equilibrar o direito à informação com o respeito à privacidade das pessoas envolvidas, abrindo espaço para um debate necessário e contínuo sobre os limites éticos e legais na produção jornalística. O autor (2006) destaca que na democracia ateniense, o espaço social comportava basicamente uma única divisão entre os domínios do privado e do público, mas com a criação da "opinião pública" e de espaços como a sala de visitas, os cafés e os teatros, surgem novas formas de produção de sentido e a vida civil se torna muito mais ampla do que nos primórdios da democracia. Com isso, a estruturação do espaço público e privado se configura como um ambiente mais avançado e é necessário refletir sobre como esses limites se relacionam:

O próprio conceito de espaço público, para Habermas (1984), está ancorado em uma esfera comunicativa, onde os indivíduos se comunicam de forma livre e autônoma, sem barreiras que impeçam a articulação de interesses coletivos. No entanto, a prática do jornalismo pode ser vista como uma forma de delimitação desse espaço, uma vez que é mediadora das informações que circulam nessa esfera. O jornalismo não é apenas um reflexo passivo da realidade, mas uma construção ativa da mesma, que pode ser utilizada para influenciar e moldar a opinião pública. Nesse sentido, é necessário que os jornalistas tenham consciência da sua responsabilidade social e do impacto que suas escolhas e ações podem ter no espaço público (SILVA, 2006, p. 40).

A partir do que Silva (2006, p. 40) aborda, há um entendimento de que o jornalismo desempenharia um papel fundamental na construção de uma sociedade mais informada e consciente, contribuindo para a visibilidade de pessoas que muitas vezes são marginalizadas

pela sociedade. Nesse sentido, a relação entre o espaço público e privado ganha relevância para a promoção da alteridade, ou seja, o reconhecimento e respeito à diferença do Outro. Como aborda Giddens (1991), a modernidade trouxe consigo a separação entre espaços públicos e privados, criando uma distinção entre as atividades realizadas nessas esferas. Essa distinção é uma característica importante da sociedade moderna, que se reflete em várias áreas, como a política, a economia e a cultura. No entanto, essa distinção não é rígida e imutável, e as fronteiras entre as esferas público e privado podem ser permeáveis e sujeitas a mudanças ao longo do tempo (GIDDENS, 1991).

Uma dicotomia comum é a tensão entre privacidade e segurança, sugerindo ser necessário prescindir da primeira para garantir a segunda. No entanto, essa premissa é questionada por diversas organizações que defendem o fortalecimento da segurança pessoal e da privacidade dos jornalistas, bem como a proteção da privacidade das fontes e denunciante. As revelações sobre vigilância têm alterado a dinâmica entre jornalistas e fontes, colocando em risco não apenas a privacidade, mas também a própria democracia no ocidente. Aproximando ainda mais da realidade da escrita de biografias jornalísticas no Brasil, um desafio adicional ao se tratar da privacidade é encontrar um equilíbrio entre a liberdade de imprensa e a privacidade pessoal. No contexto do jornalismo, os conflitos entre os domínios público e privado revelam ao repórter a necessidade de reflexão sobre como a exposição da privacidade de uma pessoa pode ter implicações em sua vida pública e na percepção da sociedade em relação a ela.

Além disso, essa relação também pode ser explorada na produção de biografias jornalísticas, que apresenta o potencial de resgatar histórias esquecidas e contribuir para a construção da memória coletiva. A valorização da vida privada, das subjetividades, da sensibilidade dos indivíduos e de sua experiência cotidiana ao longo do tempo é refletida nas reflexões de Pereira (2007), ao apontar que a pergunta não seria mais como a história influencia o indivíduo e sim como o indivíduo influencia a história. Essa perspectiva enalteceu a importância das histórias de vida como pauta para as biografias jornalísticas, já que elas permitem desenvolver novas conexões entre o indivíduo e o contexto histórico e social no qual ele está inserido. Como destaca Pereira Jr. (2010), ao abordar temas para a sociedade, como identidade, cultura, política e sociedade, os jornalistas realizaram, em tese, um trabalho de pesquisa rigoroso e comprometido com a veracidade das informações, visando oferecer ao público narrativas para a promoção da alteridade e da compreensão do outro.

Maia e Fernandes (2022) ressaltam a importância da transparência no campo jornalístico, que, por sua natureza, está inserido em uma esfera econômica impulsionada pelo capital. Os autores destacam a falta de clareza por parte da mídia em relação à sua própria estrutura empresarial, enfatizando a existência de conglomerados com interesses políticos e econômicos que não estão alinhados com o interesse público. Essa falta de transparência compromete a integridade do jornalismo. Além disso, Maia e Fernandes (2022) também expressam preocupação com a falta de transparência no processo de produção jornalística como um todo. A audiência, composta por leitores, ouvintes, telespectadores e internautas, tem o direito de acessar não apenas a informação em si, mas também os mecanismos de sua produção. Isso se deve ao fato de que o espírito público deveria nortear a produção jornalística, como explicado por Maia (2008). No entanto, conforme observado por Rogério Christofolletti (2021), a maioria das empresas jornalísticas é de controle privado e adota uma postura de falta de transparência. Essa mentalidade contribui para que essas empresas escapem do escrutínio coletivo, mantendo a sociedade inconsciente em relação aos interesses das organizações noticiosas e aos seus vieses e relações (CHRISTOFOLLETTI, 2021).

Conforme apontado por Fernandes (2023), a Lei de Acesso à Informação (LAI) promulgada em 2011 representa um avanço significativo para o Brasil, uma vez que estabelece o direito de acesso a informações públicas por parte da população, independentemente de serem jornalistas ou não. A LAI abrange os órgãos públicos pertencentes aos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, incluindo as Cortes de Contas, bem como o Ministério Público. Além disso, também se aplica a entidades privadas sem fins lucrativos que recebem recursos públicos para a realização de ações de interesse público. No contexto constitucional brasileiro, o capítulo V, intitulado "Da Comunicação Social", do artigo 220, parágrafo 5º, da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, estabelece que os meios de comunicação social não podem ser objeto de monopólio ou oligopólio, seja de forma direta ou indireta. Essa disposição constitucional pretende garantir a pluralidade e diversidade de vozes na comunicação, evitando a concentração excessiva de poder nas mãos de poucos agentes. A partir desses marcos legais, busca-se promover a transparência e a democratização da informação, fortalecendo a participação cidadã no espaço público.

No entanto, é importante destacar que, embora essas diretrizes estejam claramente expressas na Constituição, ainda não houve uma regulamentação efetiva que assegure sua plena

implementação. Nesse sentido, falta uma legislação específica que defina de forma mais precisa as medidas e mecanismos necessários para evitar a formação de monopólios ou oligopólios na comunicação e garantir a diversidade de perspectivas. A ausência de uma regulamentação adequada compromete a efetividade desses princípios constitucionais e abre espaço para possíveis manipulações e concentrações indevidas de poder no âmbito da comunicação. Na contramão da busca por acesso aos mecanismos da produção midiática, os jornalistas também estão inseridos em uma cultura que, muitas vezes, menospreza a transparência, devido aos riscos envolvidos para as fontes, para eles próprios, para a informação e para certas práticas historicamente valorizadas nas redações (CHRISTOFOLETTI, 2021). É importante considerar esses aspectos para compreender a importância da transparência e sua relação entre o espaço público e privado na escrita de biografias por jornalistas.

De acordo com Christofolletti (2019), a questão da privacidade envolve uma tensão entre direitos coletivos e individuais. Nesse contexto, há o risco de que a esfera privada seja supervalorizada em detrimento do interesse público e da transparência informacional. Essa discussão ressalta a importância de um equilíbrio adequado entre a proteção da privacidade das pessoas e a necessidade de acesso à informação para o interesse público. O autor (2019) exemplifica essa tensão ao imaginar uma situação em que ministros do Supremo Tribunal Federal do Brasil decidam que dados de suas remunerações não estejam mais acessíveis nos portais de transparência ou para jornalistas, sob justificativa de resguardar a privacidade das autoridades do Poder Judiciário brasileiro. Com isso, a negativa da informação faria prevalecer os direitos individuais dos ministros, afrontando o direito coletivo à informação e provocando desconfiança generalizada sobre o repasse de recursos públicos à corte. Pereira Júnior (2010) ressalta que o jornalismo, historicamente, tem como finalidade atender às demandas de informação da sociedade, contribuindo para a democracia e fortalecendo a cidadania. Entretanto, para cumprir esse papel, é necessário que o jornalismo muitas vezes colida com as expectativas de privacidade de pessoas, grupos e organizações. A privacidade, desse modo, é vista como uma questão ética constante no jornalismo, que deve também revisitar seus limites entre o espaço público e privado com frequência.

Ao aprofundar a discussão, evidencia-se a relevância da questão da privacidade tanto no âmbito do jornalismo quanto na sociedade em geral. Nesse sentido, surge a necessidade de reflexão sobre os limites que demarcam os espaços públicos e privados, visando garantir a

transparência e a preservação dos direitos individuais e coletivos. Além disso, é pertinente considerar as transformações nas expectativas de privacidade e as novas formas de intrusão possibilitadas pelo avanço tecnológico, a fim de compreender os impactos e buscar mecanismos que protejam dados e informações sensíveis. A análise dessa temática requer abordagens compreensões aprofundadas dos desafios e implicações envolvidos. Em se considerando a intrincada relação entre os domínios público e privado nas biografias jornalísticas, torna-se imperativo aprofundar a análise da dimensão do corpo como um local de testemunho e expressão da memória. No tópico a seguir, são feitas reflexões sobre as complexidades éticas do entendimento do corpo no contexto da comunicação, a fim de se examinar o impacto da escrita sobre o corpo na prática jornalística e na construção de narrativas biográficas. Este enfoque nos conduzirá à discussão acadêmica sobre os desafios éticos que permeiam os limites entre o espaço público e privado na escrita de biografias, a se pensar pelo movimento “Procure Saber” que censurou e retirou das livrarias biografias escritas por jornalistas brasileiros.

## **2.2 Biografias não-autorizadas no Brasil e movimento Procure Saber**

A história da democracia brasileira é marcada por períodos em que os direitos à liberdade de expressão foram severamente restringidos, afetando tanto os indivíduos como as coletividades, incluindo profissionais do jornalismo - uma das áreas mais atingidas por perseguições políticas ao longo do desenvolvimento da imprensa no país. Isso é exemplificado pelo caso de Vladimir Herzog, mencionado no relatório do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, que elenca histórias de vida de jornalistas vítimas da ditadura militar (TRUJILO JUNIOR, TANJI, 2017). Conhecido como Vlado, o jornalista foi assassinado em 25 de outubro de 1975, por questões políticas.

Sua morte ocorreu enquanto o jornalista estava sob custódia das autoridades brasileiras durante o período da ditadura militar no Brasil. A versão oficial divulgada na época pelas autoridades era de que ele havia cometido suicídio na prisão, enforcando-se com a cinta que usava em seu macacão<sup>12</sup>. No entanto, essa versão foi amplamente contestada e posteriormente

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/autor-da-foto-de-vladimir-herzog-visita-dependencias-do-doi-codi/>>. Acesso: 02. out. 2023.

reconhecida como uma falsa narrativa. Anos depois, em 2013, uma nova investigação concluiu que Vladimir Herzog foi vítima de homicídio sob custódia das autoridades durante um período de intensa repressão política. O caso é um dos exemplos mais emblemáticos de abuso de direitos humanos durante a ditadura militar no país, e a morte do jornalista instigou a luta pela democracia, pela liberdade de imprensa e pela justiça no Brasil. Em que pese os avanços na luta pela liberdade de imprensa e expressão, somente em 2023, o Governo brasileiro finalmente começou a cumprir a sentença pela morte do jornalista Vladimir Herzog<sup>13</sup>. Esta decisão, que havia sido anunciada cinco anos antes pela Corte Interamericana de Direitos Humanos, foi ignorada pelos governos Temer e Bolsonaro.

Em um novo cenário político, agora sob o Governo Lula, a corte considerou o Estado brasileiro responsável pela falta de investigação, julgamento e punição dos responsáveis pela tortura e pelo assassinato de Herzog em 1975. Além disso, o país foi também responsabilizado pela violação dos direitos de conhecer a verdade e pela integridade pessoal dos familiares do jornalista assassinado. Nessa perspectiva, mesmo com o reconhecimento de que a redemocratização tenha buscado pôr fim a um período de perseguições estatais, prisões clandestinas, torturas e desaparecimentos, é evidente que a prática do jornalismo continua a ser alvo de diversas tentativas de censura e restrições - às vezes tão sutis, que nem mesmo são entendidas, em um primeiro momento, como métodos de censura. Outro exemplo, dessa vez mais recente, foi o assassinato do jornalista britânico Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira, no Vale do Javari<sup>14</sup>, em 5 de junho de 2022, também por motivações políticas, sobretudo de grupos contrários às atividades indigenistas.

Em especial nos anos que antecederam a última eleição presidencial em 2022, jornalistas de várias origens também foram submetidos à censura, intimidações e mortes. Diante desse cenário, ao contemplarmos a questão da liberdade de expressão e levarmos em consideração que o Brasil é um dos países mais perigosos para jornalistas, segundo a ONG Jornalistas Sem Fronteiras<sup>15</sup>, somos compelidos a examinar o ambiente conflituoso em que a escrita jornalística e a biográfica se inserem. Como aponta Lira Neto (2022, p. 67), sobre os

---

<sup>13</sup> Disponível em: <[https://cultura.uol.com.br/noticias/61690\\_governo-brasileiro-comeca-a-cumprir-sentenca-pela-morte-do-jornalista-vladimir-herzog.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/61690_governo-brasileiro-comeca-a-cumprir-sentenca-pela-morte-do-jornalista-vladimir-herzog.html)>. Acesso: 04 out. 2023.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-06/em-dez-meses-houve-62-violacoes-da-liberdade-de-imprensa-na-amazonia>>. Acesso: 06 out. 2023.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/12/14/brasil-e-um-dos-paises-mais-perigosos-para-jornalistas-afirma-ong-reporteres-sem-fronteiras>>. Acesso: 07 out. 2023.

conflitos gerados pelo processo da escrita biográfica: “escrever sobre personagens reais pressupõe entender de que modo indivíduo e sociedade se implicam mutuamente; como a vida privada de alguém é condicionada pelas circunstâncias de seu tempo e espaço”. Para o autor (NETO, 2022), uma biografia precisa sempre estar atenta às conexões — e tensões — entre indivíduos e contexto.

Diante desse cenário de conflitos narrativos, comum na escrita biográfica, em que a linha tênue entre a liberdade de expressão e o respeito ao direito à privacidade frequentemente se torna objeto de debate, emerge uma reflexão sobre o impacto da produção biográfica nos direitos do biógrafo e do biografado (ARFUCH, 2010). Esse debate adquire uma relevância particular ao se considerar o surgimento do movimento "Procure Saber", composto por artistas brasileiros que, em determinado momento histórico do país, advogavam pela proibição da publicação de biografias não autorizadas, elaboradas por jornalistas no Brasil. No entanto, é importante destacar que o assunto ainda é pouco tensionado nas produções acadêmicas brasileiras. Embora dissertações e teses na área do Direito abordem o tema em maior número, a abordagem frequentemente se concentra em questões jurídicas, em consonância com a natureza do campo. Também é possível encontrar algumas discussões em artigos do campo da Literatura, mas muitas vezes em uma perspectiva que não aborda de maneira abrangente aspectos históricos e éticos, bem como as complexas relações entre o espaço público e privado. Dado esses fatores, esta dissertação busca contextualizar o período.

Em 2023, completam-se 10 anos desde que o movimento "Procure Saber" abriu o debate sobre as questões legais envolvendo a escrita biográfica. Caetano Veloso, Gilberto Gil, Roberto Carlos, Djavan, Erasmo Carlos, dentre outros cantores da MPB e da Jovem Guarda, foram os principais defensores da proibição de biografias não autorizadas. Como repercutido em matéria publicada pelo jornal O Globo, em novembro de 2013<sup>16</sup> - auge das discussões iniciadas por esse grupo de artistas da MPB, a mobilização do “Procure Saber” foi expressa em diversos artigos no próprio jornal, escritos por Caetano, Gil e Djavan. Eles defendiam a privacidade dos biografados. Os argumentos apresentados eram dos mais diversos e se baseavam, principalmente, na tese de que determinadas obras jornalísticas e biográficas tinham o potencial de prejudicar a reputação da pessoa biografada, ao adentrar indevidamente em sua vida privada

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/roberto-carlos-deixa-associacao-procure-saber-10693841>>. Acesso: 29 set. 2023.

e até mesmo violar o direito à privacidade. O grupo se apoiava em fundamentos legais, notadamente o Código Civil Brasileiro, para embasar suas alegações. Conforme apontam Fernandes e Daisy, "diversas personalidades ingressaram com ações judiciais na tentativa de proibir a divulgação de informações sobre suas vidas, quando não autorizadas" (FERNANDES, RAFAELA, 2014). Como resultado, muitos juízes e tribunais acataram os pedidos, invocando as disposições contidas nos artigos 20 e 21 do Código Civil.

Esse debate sobre a escrita biográfica havia sido desencadeado anteriormente no Supremo Tribunal Federal, quando decisões judiciais proibiram a publicação de duas biografias relacionadas ao renomado escritor Paulo Leminski. Essas obras, escritas por Domingos Pellegrini e Toninho Vaz, foram impedidas de chegar ao público, aprofundando as discussões sobre a liberdade de expressão e o direito à privacidade em relação à escrita biográfica. A reação do movimento "Procure Saber" surgiu em resposta à decisão do STF que visava conceder aos artistas biografados, ou a seus familiares, o direito de determinar o que poderia ou não ser publicado em suas biografias, gerando um debate intenso no cenário cultural e jurídico do Brasil. No âmago desse debate, ícones da Música Popular Brasileira (MPB) e representantes do movimento da Jovem Guarda levantaram a bandeira da obrigatoriedade da autorização prévia do biografado antes de qualquer obra biográfica ser publicada. Chico Buarque (2013), um dos maiores nomes da MPB, fez uma declaração em relação à biografia "Roberto Carlos em detalhes," enfatizando que o cantor deveria ter o direito inalienável de preservar sua vida pessoal. A biografia, escrita pelo jornalista e biógrafo brasileiro Paulo César Araújo, enfrentou a proibição judicial em 2007, após uma ação movida pelo artista biografado.

Em seu artigo de opinião, Chico Buarque (2013) destacou vários outros casos de biografias jornalísticas que desencadearam debates acerca da delimitação entre o direito à privacidade e o direito à informação. Entre essas obras figuram "Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo," de autoria de Mário Magalhães, um relato biográfico da vida do guerrilheiro Carlos Marighella; "Estrela solitária - Um brasileiro chamado Garrincha," escrita por Ruy Castro, que oferece um vislumbre da vida do renomado jogador de futebol; e "Daniella Perez: biografia, crime e justiça," produzida pelo advogado Bernardo Braga Pasqualette em 1992. Segundo a perspectiva de Buarque (2013), uma vez que penetraram no espaço da vida pessoal dos biografados, todas essas obras enfrentaram proibições em algum grau, desconsiderando aspectos igualmente relevantes, como o direito à informação, o interesse

público e as entrevistas conduzidas pelos jornalistas durante o processo de escrita dessas biografias. Muitas dessas biografias acabaram sofrendo censura judicial com base na mesma retórica defendida por Chico Buarque, o que remonta à polêmica sobre o equilíbrio entre a preservação da privacidade e o acesso à informação em obras biográficas. Passado o episódio, Buarque fez uma autocrítica<sup>17</sup> por ter se posicionado a favor da proibição de biografias não autorizadas, o que passou a ser ideia impensável em uma democracia para ele.

Durante o auge do movimento, um caso paradigmático que popularizou o movimento "Procure Saber" e inflamou as discussões em torno da escrita biográfica foi a polêmica envolvendo a biografia não autorizada de Roberto Carlos. Especialmente durante a acirrada batalha travada nos tribunais entre o cantor e seu biógrafo, Paulo César de Araújo. Em 2007, Roberto Carlos moveu um processo na tentativa de impedir a publicação da biografia não autorizada. Nesse embate, o cerne da questão residiu na delicada balança entre o direito do biógrafo à liberdade de expressão e a necessidade premente de proteger a imagem e a privacidade do artista. Esse episódio não apenas lançou luz sobre os desafios e dilemas intrínsecos à escrita biográfica, mas também ressaltou a relevância do tema no contexto do Brasil contemporâneo, em que os princípios da liberdade de expressão e do direito à privacidade frequentemente colidem, gerando debates fundamentais sobre o equilíbrio entre esses direitos em uma sociedade democrática em constante evolução.

Essa conjuntura também deu origem a debates sobre a fronteira entre a liberdade de imprensa e o direito à privacidade de figuras públicas no Brasil. Enquanto alguns argumentavam que a exigência de autorização prévia dos biografados limitava o direito dos escritores de narrar de forma independente a história dessas personalidades públicas, outros sustentavam que o respeito à privacidade dessas figuras era essencial para evitar potenciais abusos e intrusões. Após intensas discussões e posterior decisão do STF, sobre os limites desses direitos fundamentais, viu-se a necessidade de encontrar um equilíbrio que assegurasse a livre circulação de informações enquanto protegesse a intimidade e a dignidade dos biografados. Conforme enfatizado por Vieira (2011), em uma era caracterizada pela amplificação das narrativas pessoais e pela onipresença da experiência biográfica nos meios de comunicação, onde a memória individual é cada vez mais compartilhada, acessada e, por vezes, reinterpretada

---

<sup>17</sup> A autocrítica foi divulgada pela revista Veja e pode ser acessada na íntegra no site oficial. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/chico-buarque-sobre-biografias-posso-ter-me-precipitado>>. Acesso: 09. dez. 2023.

em contextos complexos, surgem questões éticas importantes. O movimento “Procure Saber” não apenas destacou a relevância do fenômeno biográfico como uma manifestação social, caracterizada pela criação de um espaço biográfico moldado pela influência dos meios de comunicação na apresentação do “eu” e na valorização do aspecto subjetivo, mas também como um fenômeno intrínseco ao jornalismo brasileiro.

Em 2022, em uma entrevista para o programa cultural “Provoca”<sup>18</sup>, apresentado por Marcelo Tas, Paulo César de Araújo relembrou o processo jurídico que enfrentou na justiça por publicar a biografia de Roberto Carlos. Na conversa, Araújo diz que o cantor pediu sua prisão por escrever a biografia. “Vale lembrar que o Roberto Carlos não pediu só a proibição do livro. Ele pediu R\$ 500 mil por dia à editora Planeta, apreensão do livro e a minha prisão superior a dois anos. Está lá no processo criminal. Não foi fácil” (PROVOCA, 2022, online). No auge das discussões em 2013 sobre a publicação de biografias não-autorizadas em 2013, o biógrafo também concedeu uma entrevista acerca do tema ao programa “Roda Vida”, da TV Cultura, em que fala sobre o encontro com Roberto Carlos em uma audiência judicial:

Vendo um trabalho de quinze anos sendo destruído em uma audiência de cinco horas, foi quando eu disse, olhando para ele, que era um absurdo queimar livros no século XXI. ‘Isso vai ser uma mácula não na biografia, mas na sua própria biografia’. Foi quando eu fiz uma proposta para ele, já que estava reclamando por eu ganhar dinheiro com o nome dele. Então, eu disse: ‘fique com todos os direitos autorais do livro. Eu não quero receber um centavo desse livro, mas que o livro continue à venda e que continue circulando livremente’. Ele não aceitou. A editora não fez esforço para defender essa proposta, e o livro foi entregue a Roberto Carlos. No dia seguinte, ele parou o caminhão dele e, além de proibir, recolheu onze mil livros que estavam no estoque da editora (RODA VIVA, 2013, online).

Na mesma entrevista, Alberto Dines (2013) questionou a noção de poder que Roberto Carlos tinha ao acreditar que podia determinar o que um jornalista poderia ou não publicar. “Ele está nas primeiras páginas do jornal de hoje como se fosse um guru cultural, dando sua opinião sobre qual biografia deve ser publicada” (RODA VIDA, 2013, online). Em sua fala, Dines ainda explica que a sociedade brasileira estava passando por mais uma fase inquisitorial, uma vez que o Brasil teve três censuras simultâneas, sendo reconhecido como um dos últimos países a ter permissão para tipografar e colocar um jornal em circulação, publicado apenas em Londres

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IV0jZJ1CWW8>>. Acesso: 03 out. 2023.

devido à inquisição (RODA VIDA, 2013, online). O jornalista também chamou a atenção para o fato de considerar Roberto Carlos fruto disso, sobretudo ao observar ideologias religiosas:

Roberto Carlos é herdeiro direto da inquisição. Não é à toa que ele é tão religioso assim, com esse poder divino que ele acha que tem de proibir. Ele não tem esse direito, e eu acho que a imprensa está incessante demais. Devia-se fazer um protesto. Boicotá-lo simplesmente, porque um homem desse não tem o direito de intervir na cultura de um país. Agora, infelizmente, ele tem o suporte de três figuras idolatradas: Chico, Caetano, Gilberto Gil, dentre outros, que dão um certo suporte que ele não tem pessoalmente (RODA VIVA, 2013, online).

À época, um dos maiores apoiadores da censura às biografias, além dos citados por Dines (2013), era o então deputado Jair Bolsonaro. Em sua agenda política, a pauta contra a publicação de biografias não-autorizadas era utilizada como premissa para outras censuras à liberdade de imprensa e de expressão que um dia seriam intensificadas e postas em prática durante o seu mandato como presidente do Brasil, entre 2019 e 2022. Em uma entrevista intitulada “Jair Bolsonaro: Chico, Caetano e Gil estão defendendo minha tese”, publicada na revista *Época* do Grupo Globo, o jornalista Leonel Rocha faz uma pergunta a Bolsonaro sobre como ele se sente ao defender a mesma tese de artistas censurados pela ditadura militar, à qual o então deputado Bolsonaro responde:

São eles que estão defendendo minha tese. Dou-lhes boas-vindas em nome do clube dos sensatos. Até concordo com Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil que é preciso alguma censura. Aproveitarei a oportunidade para mostrar a eles que regras e proibições não atentam contra a democracia. Não é bem assim que a banda toca quando se defende a tese do ‘é proibido proibir’, como eles pregavam quando estavam na oposição. Uma censura se faz necessária de vez em quando. Se não houver certa censura na escola, imagine o futuro da molecada. Tem de ter. Chico, Caetano e Gil tinham liberdade para fazer oposição. Se não tivessem, teriam ido para o paredão. Não foram. Só não posso nem dizer que estou feliz na companhia deles. Fico feliz de estar, sim, ao lado de Roberto Carlos (ÉPOCA, 2013, online).

Quando perguntado sobre o porquê de ser contra a publicação de biografias não autorizadas, Bolsonaro respondeu que a vida privada do biografado deveria ser preservada, utilizando do mesmo argumento sustentado por Caetano e Chico Buarque nas colunas de jornais sobre o tema. “Defendo a liberdade de expressão e o direito à privacidade. Se a Justiça fosse rápida, até defenderia a liberdade total de publicação e a punição financeira de quem comete abusos” (ÉPOCA, 2013, online). Aproveitando o movimento "Procure Saber" como capital político para promover suas pautas conservadoras, Bolsonaro expressou sua concordância com

a censura prévia, uma demanda também feita por artistas da MPB. Ele se justificou alegando que havia "historiadores mineradores" que buscavam apenas lucrar às custas dos biografados:

Um biógrafo que queira contar a vida do empresário Eike Batista poderia tentar tirar dinheiro dele. No meu caso, alguém pode escrever o maior absurdo para tentar me desqualificar. É o que acontece a conta-gotas na imprensa. Sou chamado de racista, e tenho um sogro quase "negão". Isso me dói. Sou chamado de homofóbico porque descobri o "kit gay" que o governo queria distribuir nas escolas. Depois, a própria Dilma considerou inadequado. Palmas para Dilma. Não quer dizer que estou afinado com ela. Dilma recuou por pressão da bancada evangélica, não por minha causa. Eu estava no esculacho. Não tinha mais argumentos sérios para convencer o governo (ÉPOCA, 2013, online).

É crucial enfatizar que, conforme divulgado pela mídia, Bolsonaro emergiu como uma das figuras proeminentes da extrema-direita ao distorcer e inflamar de forma intensa os debates em torno da publicação de biografias no Brasil. Em uma entrevista ao jornal Globo, o então deputado federal declarou com veemência que não dedicava tempo à leitura de biografias, preferindo se concentrar em assuntos online<sup>19</sup>. Esse posicionamento reflete o cenário da época, no qual um tópico que originalmente envolvia considerações éticas, reunindo biógrafos, jornalistas, escritores e a sociedade civil, se transformou em um terreno em que Bolsonaro explorou as vulnerabilidades para promover seus interesses políticos.

Dentro deste cenário caracterizado pela proliferação de desinformação, também é de extrema importância destacar que a expressão "kit gay" nunca fez parte dos planos ou projetos do governo de Dilma Rousseff. Na realidade, trata-se de uma invenção difundida por Bolsonaro e por partidos políticos com inclinações conservadoras e de extrema-direita. Na realidade, as cartilhas intituladas "Brasil Sem Homofobia" (levianamente chamada por Bolsonaro de "Kit Gay") não tinham como objetivo promover nenhuma ideologia governamental, ao contrário do que o então deputado gostaria de insinuar. Bolsonaro, conhecido por suas posições homofóbicas, misóginas e seu apoio a pautas contrárias aos direitos humanos, contestou essas cartilhas, atribuindo-lhes teorias conspiratórias infundadas. As cartilhas "Escola Sem Homofobia" faziam parte do currículo escolar brasileiro naquela época e tinham o propósito de promover o respeito à diversidade de gênero e orientação sexual no país, em conformidade com

---

<sup>19</sup> A entrevista pode ser acessada na íntegra no site oficial do Jornal O Globo. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/10/bjair-bolsonarob-chico-caetano-e-gil-estao-defendendo-minha-tese.html>>. Acesso: 05 nov. 2023.

as recomendações da Unesco e práticas educacionais adotadas em nações desenvolvidas. O material abordava temas já ensinados nas escolas, como biologia, sociologia, química e outros conteúdos transversais e interdisciplinares.

No exercício de seu cargo de presidenta na época, Dilma Rousseff não apenas discordava das ideias do então deputado Bolsonaro, mas as repudiava ao nível político. Mais do que isso, a presidenta foi uma testemunha da censura e proibição da publicação das cartilhas, um acontecimento que guardava semelhanças com o que ocorreu no caso das biografias naquele período. A censura e proibição da obra foram executadas sob pressão das bancadas evangélicas no Congresso, refletindo as tensões políticas e ideológicas daquela época. Além disso, esse episódio destaca o contexto reacionário de censura a livros, independente de sua natureza, seja ela didática, jornalística ou de qualquer outro gênero, e serve para ilustrar as profundas divisões políticas que permearam aquele período. Dentro desse cenário de oposição à publicação de livros, com ênfase nas biografias jornalísticas, é interessante notar que várias figuras políticas de direita, como os deputados Marcos Rogério, Anthony Garotinho, Roberto Caiado, André Figueiredo, Paulo Maluf e Marco Feliciano, se alinharam ao grupo “Procure Saber”. No entanto, a peculiaridade desta situação reside no fato de que artistas da Música Popular Brasileira (MPB), que já haviam experimentado a censura e repressão durante a Ditadura Militar de 1964, agora se encontravam do mesmo lado daqueles que negavam a história de repressão, perseguição e mortes que o Brasil enfrentou no século passado. Esse paradoxo levanta questões profundas sobre as dinâmicas políticas e culturais do Brasil, bem como sobre a tensão entre as liberdades individuais e o desejo coletivo de preservar a memória histórica.

No âmbito desse debate, ainda pode-se observar que, durante o movimento “Procure Saber”, a linguagem empregada por Roberto Carlos refletiu a terminologia do mercado e do comércio. Sua defesa da proibição de biografias e a promoção da censura à circulação de livros evidenciaram um aspecto político e cultural na sociedade brasileira. Essa abordagem nos leva a questionar a tendência brasileira em direção a atitudes inquisitoriais, como mencionado por Dines, ao considerar políticas que colocam o direito individual, como o da propriedade privada, acima do desejo coletivo. Esse enigma do equilíbrio entre direitos individuais, liberdade de expressão e memória histórica incita a refletir sobre os desafios culturais e políticos que o Brasil enfrenta e a busca por soluções que respeitem tais princípios no ambiente democrático.

É válido mencionar que a palavra "biografia," quando decomposta, revela seu significado: é o relato da vida de alguém, e o biógrafo é responsável por construir essa narrativa. No entanto, essa definição vai além. Uma biografia é uma obra que se baseia em informações coletadas pelo biógrafo a partir de diversas fontes, incluindo registros escritos, relatos orais e, atualmente, recursos digitais, como apontam NETO (2022) e Castro (2022). As fontes escritas podem incluir materiais de imprensa, registros de arquivos e diversos tipos de documentos (ARFUCH, 2010), desde certidões de nascimento até autópsias. As fontes orais, neste processo de produção, envolvem entrevistas com pessoas que tiveram algum tipo de contato com o biografado, seja pessoal ou profissional, independentemente de terem nutrido sentimentos positivos ou negativos em relação a ele. Além disso, as fontes digitais abrem um vasto campo de pesquisa, onde informações remotas sobre o biografado podem ser encontradas em sites e arquivos que nem sempre são óbvios de início.

Conforme argumentam vários biógrafos, jornalistas e escritores, ao contrário da postura defendida pelo grupo "Procure Saber," a escrita biográfica não constitui uma apropriação ilegal da história de vida de alguém; pelo contrário, ela oferece espaço para uma multiplicidade de perspectivas e interpretações sobre a trajetória do indivíduo retratado. O objetivo não é distorcer a verdade de um relato, mas sim apresentar uma riqueza de discursos que cercam esse indivíduo. Seria, no mínimo, contraproducente esperar que uma única narrativa fosse capaz de abarcar a complexidade da vida de alguém. Parece que essa abordagem unidimensional foi o que se tentou alcançar quando houve esforços para censurar a publicação de biografias no Brasil. Somente em abril de 2013, o projeto de lei que viabilizava a divulgação de biografias não autorizadas foi aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados.

O deputado Newton Lima, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT) de São Paulo, foi o autor da iniciativa. Em caráter conclusivo, a decisão implicou que o projeto não necessitava ser submetido ao plenário da Casa e, por isso, foi encaminhado diretamente ao Senado para votação. A proposta teve como objetivo permitir a distribuição e venda de vídeos e textos que retratavam a vida de pessoas com trajetórias de interesse público ou que desempenhavam um papel relevante para a sociedade. Até aquele momento, a legislação concedia aos biografados e seus herdeiros o poder de vetar biografias não autorizadas e de solicitar indenizações por danos morais no caso de obras que afetassem a honra da pessoa retratada - momento em que o movimento "Procure Saber" ainda tinha força discursiva.

O relator dessa proposta a favor das biografias, na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), foi o deputado Alessandro Molon, do Partido dos Trabalhadores (PT) do Rio de Janeiro. Durante as discussões<sup>20</sup>, Molon afirmou que havia outro direito em jogo, além da liberdade de expressão e do direito à privacidade. Para o deputado, tratava-se do direito do cidadão à informação, da possibilidade de conhecer a vida de uma pessoa pública. Molon também argumentava que quando alguém está na vida pública, o direito à privacidade é naturalmente reduzido, e as vias legais já existem para lidar com a difamação, calúnia e injúria. Nesse sentido, Molon apontava que o movimento de artistas contrários às biografias também tinha motivações políticas, especialmente por parte de partidos que não abraçavam princípios democráticos e que buscavam minar a liberdade de imprensa e a liberdade de expressão no Brasil.

Além das figuras do campo político brasileiro, dois artistas que estiveram envolvidos na promoção da PEC da Música, que oferecia incentivos fiscais para CDs e DVDs, também expressaram sua posição favorável ao projeto de lei sobre biografias que estava em tramitação na Câmara. Sandra de Sá, por exemplo, enfatizou que a publicação de biografias não necessariamente precisaria de autorização, afirmando que poderiam escrever uma biografia sobre ela, uma vez que não haveria nenhuma reclamação de sua parte. Outro artista, o cantor Fagner, abordou o assunto, manifestando-se contra o movimento "Procure Saber", argumentando que não se deveria impedir que as pessoas escrevessem biografias. Na visão do artista, é sempre importante haver biografias sobre artistas brasileiros e personalidades em geral. Em sua visão, caso algo incompatível com a realidade fosse publicado, isso poderia ser resolvido posteriormente por meio do sistema judicial. À medida que o grupo "Procure Saber" perdia força e um debate mais aprofundado e centrado nos princípios da liberdade de expressão e da imprensa ganhava destaque, o cantor Roberto Carlos tomou a decisão de se desvincular do coletivo de artistas. Essa mudança de postura, que anteriormente se posicionava de maneira contrária às biografias não autorizadas, foi oficialmente comunicada por seu empresário. O afastamento de Roberto Carlos do grupo se tornou mais evidente quando Caetano expressou críticas ao cantor em um artigo publicado no jornal O Globo.

Nesse mesmo período, a controvérsia também foi intensificada com a participação de Roberto Carlos em um vídeo divulgado pelo grupo "Procure Saber", no qual ele aparecia ao

---

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.bibliotecajuridica.sp.gov.br/projeto-de-lei-das-biografias-esta-parado-ha-seis-meses/>>. Acesso: 08. out. 2023.

lado de Erasmo Carlos e Gilberto Gil. A intenção do vídeo era atenuar os efeitos da polêmica gerada pelo movimento. Nele, os cantores reafirmaram seu compromisso com o direito à privacidade, ao mesmo tempo em que negaram apoiar a censura. No entanto, é importante ressaltar que o vídeo e a manifestação de opinião surgiram tardiamente, quando o debate sobre a autorização da produção de biografias já havia avançado consideravelmente na mídia, no sistema judiciário e na sociedade. Diante da crescente visibilidade e popularidade do tema, jornalistas, escritores e historiadores se uniram ao debate, enfatizando que a restrição à escrita biográfica representava uma ameaça à liberdade de imprensa e à disseminação do conhecimento histórico. Essa controvérsia eventualmente chegou aos tribunais brasileiros, culminando em uma decisão proferida pela Suprema Corte do país. No dia 10 de junho de 2015, com um veredicto unânime, os ministros da Suprema Corte deliberaram a favor da permissão das biografias não-autorizadas, reconhecendo-as como uma forma legítima de expressão artística e jornalística. Essa histórica decisão marcou um marco na defesa da liberdade de expressão e no acesso à informação no Brasil, representando um capítulo controverso na relação entre os artistas e as biografias não autorizadas no país.

É fundamental ressaltar que a decisão não se limitou apenas às biografias escritas em formato de livros. O veredicto também englobou a legalização das publicações em outros meios, como filmes, novelas, séries e outros produtos artísticos que compartilham narrativas de vida. Todos os nove ministros que participaram do julgamento acompanharam a relatora da ação, ministra Cármen Lúcia. Em seu voto, a ministra condenou a censura prévia sobre biografias, destacando que estas não se limitam a ser meros registros da vida de figuras públicas. Cármen Lúcia<sup>21</sup> argumentou que "por meio da biografia, não se escreve apenas a vida de uma pessoa, mas o relato de um povo, os caminhos de uma sociedade." Dessa forma, sua argumentação defendeu não apenas a liberdade de expressão, mas também o direito à informação como pilares fundamentais da democracia.

A proposta aprovada pelo STF<sup>22</sup> também incorporou um dispositivo jurídico que estabeleceu um tratamento diferenciado para as biografias de interesse público. O projeto deixou claro que a falta de autorização não impede a divulgação de imagens, textos e

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2013/04/comissao-aprova-projeto-que-libera-edicao-de-biografias-nao-autorizadas.html>>. Acesso: 05. nov. 2023.

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2015-jun-11/leia-sustentacao-oral-gustavo-binenbojm-adi-biografias>>. Acesso: 09. out. 2023.

informações com propósito biográfico de indivíduos cujas trajetórias pessoais, artísticas ou profissionais tenham relevância pública, ou estejam ligadas a eventos de interesse da sociedade como um todo. Além disso, o texto deu foco à garantia da liberdade de expressão para pesquisadores e autores, ao mesmo tempo em que preservou o direito à informação de toda a sociedade brasileira. Com sua aprovação, o país conquistou a oportunidade de compreender mais profundamente o processo de escrita biográfica.

Após o enfraquecimento do movimento “Procure Saber” devido à autorização para a publicação de biografias não autorizadas, o grupo buscou reposicionar sua atuação em outras questões e demandas. Houve momentos de desalinhamento dentro do grupo, e Paula Lavigne, empresária que compunha o grupo, foi desautorizada a falar em nome da APS (Associação Procure Saber). Isso refletiu as mudanças e divergências de opiniões entre seus membros. Cerca de um ano após a decisão judicial favorável às biografias não autorizadas, o movimento redirecionou seu foco para questões de direitos autorais na música. De acordo com Caetano Veloso<sup>23</sup>, o grupo procurou adotar uma abordagem mais voltada para o futuro. Ele afirmou que a associação estava unida, havia crescido e tinha perspectiva mais voltada ao futuro. O cantor também mencionou que o tema das biografias tinha sido um ponto de controvérsia para o grupo:

Ouvi vários falarem e vi que a associação está inteira, maior e com mais cara de futuro. Ouvi do linchamento midiático que se seguiu à tentativa de levar a sociedade brasileira a enfrentar a questão das biografias como um problema a ser discutido. Todos lá sabem que eu nunca fui pela exigência de autorização para que biografias fossem publicadas, mas que prometi não atrapalhar - e até ajudar - meus amigos que não pensam assim. E que terminei descobrindo quantas razões eles tinham para ter a postura crítica da lei liberadora sumária que acabou sendo adotada. O tom histórico e muitas vezes desonesto da imprensa, não tendo sido a menor dessas razões. Mas a turma da APS (diferentemente de mim) não quer mexer nesse tema, que a traumatizou em medida considerável (VELOSO, 2014, online).

Apesar da polêmica ter perdido intensidade nos últimos anos, a relação entre os domínios público e privado continua um tema de relevância nas discussões acadêmicas no campo do jornalismo. Essa temática permeia a escrita e a publicação de biografias em todo o país. Como será analisado no próximo capítulo, a história de Ney Matogrosso, biografada pelo jornalista Julio Maria, mesmo sem ter sido alvo de censura judicial, suscita diversas questões

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2014/09/Caetano-Veloso-Procure-Saber-esta-com-cara-de-futuro-4595926.html>>. Acesso: 05. nov. 2023.

no âmbito do jornalismo e da escrita biográfica, especialmente em relação à narrativa que aborda as questões éticas envolvendo as corporalidades. Em entrevistas, o próprio biografado mencionou o período de censura às biografias, inclusive no dia do lançamento da biografia. Uma vez que a narrativa da biografia se concentra nas questões que envolvem o corpo de Ney Matogrosso e suas intimidades, ela se torna um objeto de análise multifacetado que permite a análise da influência do seu corpo artístico, social e performático na configuração da narrativa biográfica, como será visto no capítulo seguinte.

### **2.3 Confluência público-privada do corpo performático e comunicacional**

Refletir sobre o entrelaçamento da dimensão pública e privada do corpo, percebendo-o como um elemento intrinsecamente performático e comunicativo, representa um marco fundamental na busca por novas perspectivas que buscam redefinir o papel da corporeidade na escrita biográfica. Nessa jornada de reconstrução conceitual, torna-se imperativo compreender o panorama contemporâneo da comunicação e do jornalismo, especialmente à luz de um mundo globalizado. Não obstante, antes de tudo, é crucial compreender as inúmeras tentativas de controle sobre o corpo, em um sistema capitalista, onde alguns são valorizados e outros relegados à marginalização e exclusão.

Em particular, na era moderna, que ostenta possibilidades aparentemente ilimitadas, mas que, paradoxalmente, se encontra permeada por uma relutância em abraçar a criatividade espontânea e desafiar os cânones preestabelecidos, o corpo é frequentemente relegado a uma engrenagem mecanizada, por vezes, vinculada a princípios mercadológicos e ancorada nas raízes da tradição ocidental. Também fortemente influenciada pelo pensamento cartesiano, essa abordagem narrativa estabelece uma dicotomia entre mente e corpo e, por assim dizer, restringe de maneira significativa a compreensão da importância do corpo na construção de narrativas jornalísticas à medida que a sociedade avança rumo às ideias da modernidade. Em especial, nesta tentativa de fragmentação da experiência humana, a ausência do corpo parece ser propulsionada pela evolução tecnológica, a qual, em muitos casos, favorece a rápida assimilação de conteúdos superficiais em detrimento de uma comunicação aprofundada e informativa (DUMONT, PRETO, 2005). Nesse cenário, o que se observa é um espaço definido

pela atrofia das subjetividades, enquanto o ser humano, cada vez mais alienado, se afasta progressivamente de sua autorrepresentação e autopercepção no processo comunicacional.

Apesar da remoção dessas corporalidades na comunicação, deve-se destacar, no entanto, que o corpo detém um poder narrativo em diversos contextos, abrangendo as artes, a política, o cenário social e, inclusive, o jornalismo, onde sua importância transcende o mero relato escrito. Ao examinar o corpo como um veículo de comunicação e linguagem, surge a necessidade de uma compreensão crítica e desafiadora dos paradigmas socialmente estabelecidos. Isso implica romper com discursos convencionais e incorporar fontes de inspiração de diversas áreas do conhecimento, incluindo sociologia, filosofia, artes e, sobretudo, a comunicação. É a partir dessa perspectiva que se busca entender como a atenção dada ao corpo configura, em algum grau, a construção das narrativas jornalísticas, especialmente na escrita de biografias, um espaço de investigação em que esse tema ainda é pouco analisado e merece, nesta dissertação, atenção central como problema de pesquisa.

Em primeira análise, a dificuldade inicial nesse desafio de tomar o corpo como parte do processo comunicacional parece residir na pouca atenção dedicada à corporeidade. Nesse contexto, ele é subestimado e, com isso, perde-se a oportunidade de ser entendido como campo de investigação das subjetividades, das questões políticas que o envolvem, dos discursos que o permeiam e das marcas sociais que nele se inscrevem. A partir dessa problematização, apresenta-se a necessidade de entender o corpo como espaço onde se entrelaçam os fios da comunicação, da linguagem e das experiências humanas. Quando a temática passa a ser pensada de forma crítica, analítica e acadêmica, desvela-se a riqueza da corporalidade como repositório de símbolos linguísticos, identidades e memórias. Dada essa pretensão em adotar uma perspectiva que abranja dimensões tangíveis e intangíveis, sejam elas metafísicas, filosóficas ou de outra natureza, o corpo humano se revela como o epicentro de toda expressão humana, conforme destacado por Dumont e Preto (2005). É o ponto de partida dos pensamentos, da resistência e do florescimento da linguagem; o espaço onde as subjetividades individuais se manifestam, quer de maneira explícita ou mais subliminar. Particularmente, na esfera midiática contemporânea e no espaço público, o corpo adquire uma importância que transcende sua dimensão puramente física. Com frequência, ele se torna o elemento que representa e expõe as singularidades individuais, incorporando uma interação de diversos elementos culturais, sociais, geográficos, linguísticos e históricos, como observado por Gonçalves (2004).

Sob essa ótica, ao examinar o controle político-midiático exercido sobre o corpo, especialmente em contextos privados e íntimos, é evidente a conexão da sociedade contemporânea com a lógica mercadológica. Isso culmina na criação de narrativas midiáticas que, frequentemente, buscam enquadrar o corpo em espaços sociais, culturais, sexuais e outros tipos de enclausuramentos. Como destacado por Dumont e Preto (2005), é notável o fenômeno em que o corpo, sobretudo na esfera midiática, é invadido pelo olhar público, em busca do que possa parecer interessante à sociedade. Contrariando as expectativas, quando se trata do corpo na mídia, o que prevalece é a estigmatização, sujeitando-o a um escrutínio incessante, evidenciando como a sociedade contemporânea está imersa em uma lógica que contribui para a construção de narrativas que ultrapassam os limites mais íntimos desse corpo.

Nesta linha crítica de pensamento, ressalta-se que no mundo da comunicação, especialmente no domínio da propaganda, ocorre uma invasão do universo psicológico, a ponto de inverter a relação entre pessoa e mercadoria. A mercadoria, muitas vezes associada a uma marca de prestígio, passa a conferir valor ao seu consumidor ou portador. Isso resulta em uma situação na qual o produto muitas vezes é valorizado mais do que a própria pessoa, levando o indivíduo a sentir-se socialmente validado ao ostentar a posse deste produto. Baseando-se ainda nessa ideia, Dumont e Preto (2005) destacam como o corpo é utilizado na construção de narrativas cinematográficas e de que maneira essas narrativas comunicacionais despojam o corpo de sua dimensão humana, banalizando assim a identidade do sujeito:

A mídia hollywoodiana, formadora de opinião, traz sua visão de corporeidade, através de marcos cinematográficos: Blade Runner (seres humanos como meras cópias perversas e amorais), "O Homem Bicentenário" (o ser insensível), "Inteligência Artificial" (seres humanos como sucatas recicláveis), "Matrix" (mundo virtual e o mundo real - outra vez reminiscências platônicas) e "Simone" (cujo enredo mescla fenômeno midiático, cultura de massa e padrão de beleza eurocêntrica). São metáforas que denunciam a banalização do ser e perda da identidade do humano despojado de sua subjetividade. Diante do avanço da cibernética e da biotecnologia, tais questões se colocam como desafio. Quais conceitos de "modernidade" e quais concepções de ser humano são forjadas nesse terceiro milênio. Podemos falar em paradigmas nesse binômio "Homem-Modernidade" (DUMONT, PRETO, 2005, p. 10).

Para além da propaganda, essa imposição é acentuada pelo sistema econômico predominante, o capitalismo, que usurpa o corpo humano e faz dele uma mercadoria, desencadeando uma série de dinâmicas de vulnerabilidade e construção de identidades (BUTLER, 2017). Como resultado, leis, normas morais, censura e diversas formas de violência

são corriqueiramente direcionadas aos corpos mais vulneráveis, perpetuando a visão de que o corpo é uma mercadoria, como pontua Gayle Rubin (2017). Surpreendentemente, essas violações são muitas vezes aceitas e consideradas naturais dentro do contexto sociocultural, em parte devido à pressão exercida pelo sistema econômico para a conformidade com padrões corporais preestabelecidos. Por esse entendimento, esse ciclo perpetua a alienação do ser humano em relação à valorização e conhecimento do próprio corpo. À vista disso, também não se pode negar que, ao longo da história, o corpo esteve sujeito a diversas formas de controle que buscavam domesticá-lo (FOUCAULT, 1998; LOURO, 2000; MISKOLCI, 2012; RUBIN, 2017). No contexto religioso, especialmente nas violentas tentativas de catequese dos povos originários, o corpo era submetido à influência psicológica dos princípios cristãos, suas leis, morais, dogmas e convenções. O corpo era controlado e deveria ser regulamentado pela mente para se conformar e aderir a rituais que o integrariam a um mundo branco, católico e europeu.

Do mesmo modo, o corpo afro-brasileiro também esteve sujeito a essas dinâmicas de controle, que transcenderam as fronteiras da religião e se estenderam a múltiplos aspectos da sociedade. Em uma jornada de subjugação, opressão e resistência, o corpo preto foi transformado em uma mercadoria, uma propriedade, em vez de uma entidade humana dotada de dignidade e autonomia. Neste contexto, a exploração física e sexual representava uma realidade perversa, na qual os corpos negros, especialmente os das mulheres, eram subjugados em busca de lucro e poder econômico. Em paralelo, durante um momento histórico que ecoa profundamente o passado, o Holocausto, o corpo judeu também foi vítima de usurpação de sua propriedade, lidou com explorações de diversas naturezas e, evidentemente, foi alvo do genocídio durante o regime nazista na Alemanha. Na tentativa de eliminar não apenas indivíduos, mas também culturas, etnias e religiões, o Holocausto conduziu milhares de corpos judeus a câmaras de gás, em uma tentativa de extirpar toda identidade que divergisse do ideal nazista. Essa perseguição evidenciou como o corpo, em sua expressão mais íntima da identidade, pode se tornar o alvo mais vulnerável e a representação física do poder político.

Especialmente no período atual, o conflito entre Israel e Palestina também evidencia os resquícios de um passado-presente, cujos corpos de crianças são os alvos principais. Esses corpos jovens e aparentemente apolíticos para os grupos rivais são frequentemente vítimas inocentes de um conflito profundamente enraizado na política, na religião e nas tensões históricas. Suas vidas são interrompidas e seus corpos, marcados pelas cicatrizes da violência,

representam um testemunho eloquente das complexidades e tragédias que permeiam a guerra. Nesse contexto histórico das opressões sistematicamente direcionadas à corporalidade, conforme observado por Michel Foucault (1998), a administração político-religiosa acerca do corpo estende-se aos domínios dos discursos, da economia e das políticas estatais, particularmente durante a Idade Média. Somente a partir do século XVIII, emerge-se uma demanda política, econômica e técnica que traz a necessidade de redefinir e debater o corpo em termos completamente novos. Com efeito, o corpo deixou de ser meramente uma entidade biológica e passou a desempenhar um novo papel como instrumento de informação, controle e regulação das políticas estatais. Essa mudança de perspectiva não foi apenas baseada em uma teoria sexual abrangente, mas também foi concretizada por meio de ferramentas analíticas, métodos contabilísticos, sistemas de classificação e especificação.

Em conformidade com o conceito de "pedagogia do corpo" de Foucault (1998), Miskolci (2012) analisa como a compreensão do corpo como uma construção cultural permitiu ao Estado e às instituições exercerem controle sobre a sociedade. Esse novo paradigma viabilizou a implementação de estratégias de controle que se estenderam além do âmbito estritamente sexual, abrangendo uma ampla gama de práticas e comportamentos ligados ao corpo (MISKOLCI, 2012). Dessa forma, as políticas estatais regulam a sociedade por meio de narrativas, práticas e discursos que diferenciavam corpos considerados normais dos considerados anormais, fomentando a evolução e regulamentação das normas sociais ao longo do tempo. Assim, o corpo, anteriormente um aspecto íntimo e pessoal, adentrou o espaço público, tornando-se sujeito de vigilância e regulação. Em outros termos, em nome de uma alegada prática científica, certos corpos foram privados de suas experiências, identidades e diversas formas de expressão, conforme discutido por Foucault (1998). Isso se torna ainda mais evidente quando observamos a eugenia, uma pseudociência que dizia promover a melhoria genética da sociedade por meio da seleção de características desejadas e a eliminação de características indesejadas; bem como a teoria do "lombrosianismo", que alegava que a criminalidade estava relacionada a características físicas, como a forma da cabeça e o tamanho do crânio. A teoria do "lombrosianismo" influenciou a eugenia, levando a tentativas de identificar "criminosos" com base em características físicas, demonstrando como a sociedade, muitas vezes, instrumentalizou a ciência para legitimar a subjugação de certos corpos e a supressão de suas identidades. Essas teorias contribuíram para a proliferação de discursos que classificavam e estigmatizavam certos corpos como "anormais" ou "indesejáveis".

Ao analisar essas apropriações e violências que afetam certos sujeitos e coletividades na modernidade, Santos (2007) chama atenção para um olhar sobre os pensamentos e as linhas abissais que dividem o mundo, evidenciando resquícios dos processos colonialistas que ainda regulamentam e conduzem o modo como o indivíduo vive em sociedade. Na concepção do autor (2007, p. 76), existe uma cartografia moderna dual nos âmbitos epistemológico e jurídico, cuja “profunda dualidade do pensamento abissal e a incomensurabilidade entre os termos da dualidade foram implementadas por meio das poderosas bases institucionais, universidades, centros de pesquisa, escolas de direito e profissões jurídicas”. Esse contexto reforça a urgência em desafiar essas dualidades e de considerar o corpo não apenas como uma vítima dessas divisões, mas também como um agente de transformação e resistência contra as estruturas de poder que as perpetuam. Diante disso, ao se levar em consideração as experiências tanto do passado quanto do presente, a discussão sobre o corpo, seja como alvo de controle e domínio, seja como agente de resistência e quebra desse sistema opressor, emerge como um tópico inegavelmente relevante. Essa discussão nos desafia à reflexão sobre como as sociedades percebem e tratam corpos que frequentemente são classificados como "outros," com base em diferenças culturais, étnicas ou religiosas. Por meio de uma lente crítica, somos levados a compreender como o corpo é sujeito à exploração e opressão, ao mesmo tempo em que persiste como um terreno fértil para resistência e expressão cultural, remetendo o leitor vividamente à sua comum condição de humanidade.

Essas reflexões, quando aplicadas ao contexto comunicacional, linguístico e epistemológico relacionado ao corpo, revelam uma intrincada rede de relações de poder e narrativas predominantes que, certa medida, buscam configurar a compreensão sobre determinados corpos e seu lugar na sociedade. Essa realidade se estende à forma como os corpos são representados nos discursos midiáticos e acadêmicos, destacando a necessidade de uma análise crítica e uma reavaliação de como essas representações impactam as percepções coletivas sobre a corporeidade. Nesta lógica, surge, variadas vezes, a necessidade de uma escrita mais deslocada dos padrões jornalísticos e estimulada pela própria performance que o corpo procura estabelecer em relação a quem escreve. A expressividade no corpo, desse modo, promove reflexões sobre os significados de resistência, liberdade e comunicação. No campo das biografias, torna-se um corpo que é biografado, mas que afeta o biógrafo e exige um outro tipo de escrita que está alocado mais em suas dimensões metafísicas, políticas e sociais.

### **2.3.1 Performance Corporal: comunicação, resistência e libertação**

Para além de sua anatomia biológica, o corpo pode ser interpretado como um repositório de experiências passadas, carregado por traumas que se inscrevem nas camadas mais íntimas da consciência ou do inconsciente. Cada gesto, cicatriz e expressão transportam consigo o peso de narrativas silenciadas, memórias dolorosas que encontram abrigo nas sinuosidades corporais. Essas vivências transcendem a capacidade de tradução em palavras, manifestando-se, variadas vezes, por meio de comportamentos, discursos e reações. Ao que se parece, ao resistir à articulação verbal, o corpo encontra expressão de fuga e liberdade dos aprisionamentos políticos, morais e de tantas ordens, em outras linguagens, como a arte, no movimento da dança, nas melodias das músicas e das possibilidades estéticas possibilitadas pelas mídias. Desse modo, o corpo se apresenta como um instrumento midiático, um discurso aberto que desafia as barreiras convencionais de comunicação.

Importante ressaltar que o corpo não lida apenas com traumas. Existem, também, experiências agradáveis que podem variar desde a simples sensação de bem-estar físico até os momentos de êxtase e prazer. Em muitas culturas, o corpo é celebrado por meio de práticas como a dança, a música, a gastronomia e o contato físico, todas proporcionando experiências sensoriais positivas. O deleite do corpo também está intrinsecamente ligado à saúde mental e emocional, o que influencia diretamente a qualidade de vida que uma pessoa pode desfrutar. Além disso, as experiências agradáveis com o corpo frequentemente se manifestam em atividades que promovem a autenticidade, a aceitação e a autoexpressão, ressoando na construção de narrativas pessoais de satisfação e contentamento consigo mesmo.

Nesse contexto de comunicação não-verbal, o corpo age como um lembrete constante de que a história de uma vida reside, em grande parte, nos espaços onde as palavras falham em capturar completamente o significado. Isso leva a uma compreensão fundamental: o corpo, também como fonte de comunicação e expressão, se vê obrigado a criar e gerir sua própria linguagem, o que aqui se entende por performance. Por meio dessa linguagem corporal, os indivíduos podem se expressar, comunicar e representar aspectos de sua identidade, experiências, emoções e pensamentos que vão além das palavras faladas ou escritas. Essa forma de comunicação, conhecida como performance corporal, reverbera a maneira como os seres humanos se relacionam com o mundo e com os outros, fornecendo insumos para se pensar a

experiência humana. O corpo, assim, transforma-se em um veículo expressivo, uma tela onde narrativas individuais e coletivas são pintadas, contribuindo para a riqueza e diversidade das formas como a humanidade se conecta e se comunica.

Judith Butler (2017) emprega a filosofia da performatividade para examinar questões de gênero, destacando que todos os corpos são inerentemente performáticos. A performance emerge como o fator vital que confere identidade e resiliência ao corpo, transformando-o em um ator fundamental na expressão humana (BUTLER, 2017). Assim, o ato de performar se revela como o ato essencial realizado pelo corpo, tendo implicações nos âmbitos político, social e cultural. Isso não apenas desloca e descentraliza os processos únicos que constituem a linguagem na performance como um gênero artístico, mas também estende as fronteiras das conexões humanas. Dessa forma, o ato performativo expande a trama de relações para além do corpo, acrescentando dimensões significativas ao conceito do corpo como meio de expressão e comunicação. À vista disso, ao considerar a performatividade do corpo como ato comunicacional, Gonçalves (2004) propõe uma perspectiva que concebe o corpo como um agente central na performance. O autor (2024) destaca que este corpo, um espaço multifacetado de significados e interações, é hábil em se tornar um veículo de comunicação e expressão artística, frequentemente apropriando-se de objetos, situações e locais que, em sua maioria, são percebidos como naturais e socialmente aceitos (GONÇALVES, 2004, p. 88). No entanto, é importante ressaltar que essa apropriação do corpo como um veículo de comunicação não implica que ele deixe de ser disciplinado ou controlado.

Pelo contrário, o corpo encontra, no ato de performar, uma espécie de fuga que lhe permite transcender as normas estabelecidas e incitar mudanças na forma como a realidade convencional é percebida. No entanto, ao empregar essa fuga, o corpo passa a sofrer os efeitos repressivos da sociedade, sendo estigmatizado, colocado sob escrutínio, sujeito a julgamentos morais e culturais, relegado à morte e às piores situações no espectro político e social e desafiando normas tradicionais de identidade de gênero, sexualidade e expressão pessoal (BUTLER, 2017). No âmago desta compreensão do corpo como um agente performático, reside a capacidade de atribuir-lhe novas interpretações e funções. Essa abordagem define de maneira fundamental nossa concepção do corpo e sua relação com o entorno, abrindo um leque diversificado de possibilidades na comunicação e na expressão artística.

Ao investigar o poder da música como uma linguagem corporal e performativa, autores como Zumthor (2018) e Costa (2001) salientam a estreita ligação entre a voz, a comunicação e a performance. Costa (2001), argumenta que tanto quando atuando internamente, nos domínios de nossos corpos e mentes, quanto externamente, no palco, o texto escrito ganha vida no corpo do artista como um ato de encenação. A interseção entre música, corpo e performance amplia consideravelmente nossa compreensão sobre como a comunicação pode superar as limitações da linguagem verbal, segundo os autores (2001). Nesse contexto, o corpo emerge como o principal veículo para transmitir mensagens e resistência, transcendendo as barreiras convencionais da comunicação.

O ato da escrita e da leitura se mostra, assim, como um esforço persistente para restaurar a integração da performance, uma busca inata por recuperar a união há muito perdida (COSTA, 2001). Essa busca pela coesão artística não pode ser desvinculada do desejo de prazer e remonta à Idade Média, quando a performance estava sob escrutínio. Nessa época, a leitura puramente visual era recomendada como uma tentativa de alcançar uma comunicação direta com Deus, despojada de qualquer mediação corporal. Segundo as observações de Costa (2001), essa abordagem marcou o início de uma hegemonia do não físico e do mental sobre a performance, delineando uma mudança significativa na relação entre o corpo e a comunicação artística. O que se iniciou como uma tentativa de buscar uma conexão puramente espiritual e intelectual, desvinculada do corpo, evoluiu para a experiência estética, que busca abraçar a interconexão do corpo, da mente e da expressão.

Ampliando ainda mais o conceito de performance para uma forma de conhecimento compartilhado entre sujeitos, Zumthor (2018) argumenta a necessidade de considerar a performance como um operador que "modifica o conhecimento, já que ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca" (ZUMTHOR, 2018, p. 32). Isso evidencia que a performance é mais do que um mero veículo de comunicação; é um agente que deixa uma impressão no próprio conhecimento. Sob essa perspectiva, o corpo passa a ser visto em sua dimensão performática, particularmente no campo da linguagem, como um facilitador da evocação de memórias. No contexto da música, essa abordagem implica que o ato de cantar, por exemplo, evoca uma "variedade de memórias associadas ao contexto, como experiências passadas de cantar essa ou outra música, ou de ouvir alguém interpretá-la" (REILY, 2022, p. 1). Além disso, vale ressaltar um aspecto cerebral da experiência musical relacionado à retenção

de memórias evocadas pela performance corporal, o que também contribui para a formação de memórias individuais e coletivas, tanto em espaços públicos quanto privados, por meio de melodias, ritmos e letras musicais:

Esta memória é o produto de sucessivas performances – a trajetória, por assim dizer, da canção, que, com cada nova performance, vai sendo ressignificada por aqueles que a apropriam. Deste modo, a própria trajetória da canção cria uma memória. Como uma espécie de arquivo, a performance retém, mesmo que de forma quase imperceptível, o seu desdobramento ao longo do tempo (REILY, 2022, p. 2).

Em consonância com a proposta de Reily (2022) sobre a linguagem musical como meio de comunicação e memória, um exemplo ilustrativo pode ser encontrado no contexto do rock nos anos iniciais da década de 70, mais precisamente no movimento Glam Rock. Neste cenário, a performance artística de David Bowie se sobressai como um exemplo de como a linguagem corporal é veículo de significado, estímulo para reflexões e reações na plateia e na sociedade, em níveis que o próprio artista poderia desconhecer. Em outros termos, a comunicação, neste contexto, demonstra seu poder de reverberar significados, indo além do controle do emissor, à medida que o leitor decodifica a mensagem com base em suas próprias referências e experiências. A proposta linguística do Glam Rock, que empregava o corpo nas performances como meio de expressão, extrapolava os limites do contexto da revolução musical e social na Inglaterra. O movimento não se restringia somente a reagir contra extremos, moralismos e os impactos negativos do avanço tecnológico na sociedade. Ele também questionava questões mais profundas, como os efeitos do capitalismo desenfreado e o uso dos corpos na era da tecnocracia. Além disso, os músicos envolvidos neste movimento tinham o propósito de criar canções com o intuito de fomentar a liberdade, a autonomia dos corpos e a celebração da diversidade de gênero e estilos de vida, enfatizando a importância da liberdade de expressão. Em contexto mais amplo, o Glam Rock não se restringia meramente a uma expressão artística; representava, sobretudo, uma atitude provocadora frente às intrincadas questões da sociedade daquela época.

À guisa de ilustração, destaca-se o poder comunicativo e artístico de David Bowie, que transcende não apenas sua música, mas também sua imagem. Bowie era conhecido por frequentemente se metamorfosear em novas *personas* ou criar alter egos, como Ziggy Stardust, um alienígena do rock com características andróginas e bissexuais. A estratégia de reinvenção pessoal e artística não apenas desafiou as normas convencionais, mas também ampliou

significativamente a capacidade de comunicação por meio da linguagem musical, destacando a influência da performance e da linguagem corporal no âmbito da música e da cultura em geral:

Visualmente, seja no clipe ou em apresentações ao vivo, o personagem possui cabelo *mullet* vermelho e veste-se com uma roupa bastante chamativa e sexualizada que, em sociedades marcadamente conservadoras, seriam usadas apenas por mulheres de tendência sexual mais liberta. Além disso, usava em volta de seus olhos, uma pesada maquiagem preta, no entanto, via-se um homem em trajes e com atitudes teoricamente femininas (CÉSAR, 2020, p. 119).

Como também ressaltado por Almeida Filho e Cardoso Silva (2018, p. 39), a cultura glam teve impacto na aceitação social e individual de muitos dogmas arraigados na sociedade do início da década, especialmente no que diz respeito à sexualidade. Este movimento transcendeu as rígidas fronteiras de gênero, ao abraçar as diversas potencialidades corporais, estéticas e artísticas da androginia. Nesse contexto, "Bowie, de maneira positiva, desafiou os estereótipos de gênero e sexualidade ao incorporar roupas consideradas femininas - segundo os padrões da sociedade de sua época - em seu visual extravagante", como destacado por César (2020, p. 112). No âmbito de outro movimento, o "Flower Power" (Poder das Flores), a expressão corporal desempenhou um papel fundamental na manifestação dos ideais e valores defendidos pelos hippies. A liberdade de expressão, muitas vezes limitada por outras formas convencionais, encontrou no corpo uma plataforma para criar uma linguagem única e autêntica, conhecida como performance. O movimento hippie adotou a performance corporal como uma maneira de se expressar, comunicar e representar suas ideias de não-violência, amor e resistência à guerra. Assim, não é de se estranhar que essas novas propostas estéticas e comunicacionais também influenciaram o movimento Hippie no Brasil e a Tropicália, como será discutido no próximo tópico sobre o corpo biográfico e a escrita enquanto performance.

### **2.3.2 Corpo biográfico e a escrita performática**

Quando observado no âmbito midiático, o corpo se torna um solo fértil para projeções de representações simbólicas que refletem o pensamento, subjetividade e experiência humanas. Nesse cenário, ele ultrapassa a concepção de uma manifestação puramente individual. Ele emerge, assim, como um fenômeno de apelo midiático e sociocultural significativo. Nas mídias,

as corporalidades ainda demarcam territórios, exercem influência na representação de culturas e na transmissão de significados muito além da mera estética. Tornam-se portadoras de identidades ao remeter à ideia de pertencimento a determinados locais, comunidades e classes sociais, e transportando as marcas sociais associadas culturalmente a características específicas de um grupo, estilos e comportamentos.

Sob essa perspectiva, a compreensão do corpo como um agente performático abre oportunidades para desafiar estruturas de poder, possibilitando que os indivíduos afirmem sua identidade e expressem suas experiências, à medida que rompem com padrões tradicionais de submissão e capacitam-se por meio da performance corporal no contexto midiático. Nessa performatividade, o corpo requer uma abordagem que transcenda as normas convencionais do jornalismo e enriqueça a narrativa com suas dimensões sensíveis e estéticas. A escrita, por sua vez, torna-se também uma espécie de performance, que subverte certas normas e padrões jornalísticos de referência (ZAMIN, 2014), como a ideia de distanciamento do texto e objetividade, que limitam a capacidade criativa do jornalista e biógrafo em certos níveis. Como enfatizado por Bertolini e Jefferson (2018), o corpo transcende o papel de mero objeto de notícias no jornalismo, mas torna-se um símbolo cultural e está cada vez mais integrado às pautas das redações. Por esse entendimento, ele se converte em um espelho reflexivo das aspirações, valores e preconceitos da sociedade, sendo elemento básico na formação das narrativas jornalísticas e na interpretação da cultura contemporânea. No decorrer desse processo, o corpo emerge como um espaço onde as representações simbólicas ganham vida, expressando o pensamento, subjetividade e experiência humana.

Segundo Austin (1962), a linguagem não é apenas um veículo de comunicação, mas uma força performativa que exerce influência direta nas ações, percepções e, inclusive, na vivência corporal. Os estudos sobre os atos de fala, conforme o autor (1962), evidenciam que a linguagem não se restringe a transmitir informações; ela desencadeia ações e intenções, com impacto direto no corpo e em sua expressão. Em alinhamento com essa perspectiva, Foucault (1997) também oferece uma análise crítica sobre a natureza constitutiva da linguagem, destacando que esta não é um instrumento neutro para a expressão de pensamentos, mas uma força que nos molda desde o início, influenciando a maneira como vivenciamos e nos relacionamos com nossos próprios corpos. Michel Foucault (1998), por essa ótica, nos incita a direcionar nossa atenção não apenas para os discursos proferidos, mas também para aqueles

que constantemente tentam suprimir ou ocultar variações e efeitos distintos, dependendo de quem é o emissor, qual a sua posição de poder e o contexto institucional que o envolve. Esses discursos são como fórmulas maleáveis, adaptando-se e sendo reutilizados conforme diferentes objetivos. Eis por que é importante considerar não apenas a linguagem em sua natureza performática, mas também a escrita jornalística, pois ambas desempenham papéis fundamentais na construção e manutenção das normas e dos discursos hegemônicos sobre os corpos.

Nesse contexto, de acordo com Michel Foucault (1996), os discursos possuem a capacidade de dar origem a conceitos e a materializar ideologias, exercendo influência sobre a interpretação dos corpos. É possível compreender, assim, como os discursos moldam a maneira como os corpos são percebidos e compreendidos, seja no âmbito político, jurídico ou midiático. Um exemplo concreto desse fenômeno é a maneira como os corpos femininos são submetidos a interpretações discursivas que cotidianamente buscam restringir sua autonomia e o controle sobre si. Essas restrições se manifestam em diversos aspectos, como as limitações ao acesso a serviços médicos seguros para o aborto e os desafios enfrentados pelas mulheres transsexuais em sua busca por reconhecimento e respeito em relação à sua identidade de gênero. Nessa medida, os discursos passam a regulamentar corpos e definir seus direitos, muitas vezes à custa da autonomia e do bem-estar dos indivíduos.

Além disso, os corpos LGBTQIAP+ são igualmente exemplares dessa realidade, uma vez que se tornam, com frequência, alvos de discursos políticos, sobretudo aqueles de natureza reacionária, religiosa e moralista, que visam limitar sua expressão e liberdade em diversas dimensões. Essas comunidades sofrem com o estigma e a marginalização, resultando em um silenciamento de suas vivências, culturas e identidades. Esse fenômeno é um reflexo da invalidação sociopolítico-cultural promovida pelo pensamento das classes dominantes em relação à causa LGBTQIAP+. É relevante também enfatizar a abordagem de Butler (2017) sobre a disposição dos corpos politicamente na sociedade. Butler (2017) enfatiza que todos os corpos são vulneráveis aos discursos e às práticas de opressão. Porém, somente alguns, e nisso incluem razões como raça, credo, orientação sexual, identidade de gênero, sexo, classe econômica, nível educacional, localidade, dentre tantos outros marcadores sociais, sofrem diretamente as implicações políticas relacionadas à desigualdade.

A vulnerabilidade, dita de outro modo, não apenas pode ser projetada, negada, explorada e manipulada, mas também está intrinsecamente conectada à produção e à naturalização de

desigualdades sociais (BUTLER, 2017). Essa discussão assume um peso particular quando aplicada aos corpos LGBTQIAP+. Esses corpos encarnam a interseção da vulnerabilidade corporal na perspectiva de Butler (2017). Eles são sujeitos às vulnerabilidades que surgem em contextos sociais e políticos moldados por discursos e eventos específicos. Partindo da concepção de "desidentificação", Paul Preciado (2004) delinea o que viria a ser o sujeito das estratégias políticas das multidões queer na busca pelo reconhecimento das vozes das minorias. A política das multidões queer visa criar as condições para um "exercício total de enunciação" e uma inversão na força performativa dos discursos, bem como a reapropriação das tecnologias sexopolíticas envolvidas na construção dos corpos considerados "anormais." Isso representa um desafio direto às epistemologias sociopolíticas heteronormativas que continuam a dominar a produção científica.

Com essa perspectiva da linguagem em seu poder performativo, Preciado (2004) revoluciona múltiplos campos, tanto na política quanto na teoria. Sua abordagem política envolve a criação de "contraconceitos" e a busca por maneiras de transformar esses conceitos em ações concretas. Além disso, ele emprega sua teoria ao relatar politicamente sua própria experiência de redesignação sexual, contribuindo assim para a desconstrução das normas sociais e da rigidez das identidades de gênero, especialmente em face da vulnerabilidade corporal enfrentada por indivíduos marginalizados. De acordo com Traquina (2001), em seu estudo sobre o jornalismo do século XX, a mídia tradicional deixou de abordar esses assuntos no século passado, principalmente porque essas pautas desafiavam os valores e tradições das classes dominantes, que frequentemente se identificam com preceitos cristãos, normas heteronormativas, e outros ideais masculinistas. Além disso, a constante reprodução de um discurso hegemônico que invalida outras perspectivas acabou por fortalecer o discurso das classes dominantes, especialmente quando os meios de comunicação tradicionais eram controlados por profissionais enraizados em uma cultura elitista. Esse silenciamento e a ausência de representação nas mídias tradicionais contribuíram para a perpetuação de estigmas e preconceitos direcionados à comunidade LGBTQIAP+.

Fabiana Moraes e Márcia Veiga da Silva (2019) chamam a atenção para o fato de que o jornalismo diário muitas vezes não consegue lidar com realidades complexas que estão constantemente em debate público. No Brasil, em particular, as desigualdades sociais são profundamente marcadas por questões de raça, gênero e classe, que marginalizam grandes

parcelas da população com base em sistemas de classificação e hierarquização de diferenças enraizadas na cultura e nos sistemas simbólicos, nos quais a linguagem desempenha um papel central. As autoras argumentam que o jornalismo opera dentro das estruturas de poder-saber, reproduzindo os valores dominantes por meio de uma racionalidade excludente (MORAES, VEIGA DA SILVA, 2019, p. 12). As autoras (2019) também observam que a imparcialidade e a objetividade, conceitos há muito questionados no âmbito do jornalismo, ainda são frequentemente invocados na prática profissional.

Moraes e Veiga da Silva (2019) também sugerem que um caminho para desestabilizar os modos redutores de representação perpetuados pela imprensa é a adoção do que chamam de uma linguagem jornalística que subverta os cânones estabelecidos. Essa abordagem pode permitir uma maior complexidade na representação dos fatos e das realidades, o que é particularmente relevante quando se discutem corpos e identidades marginalizadas. Neste sentido, a multiplicidade de estudos sobre gênero e sexualidade na academia brasileira têm buscado desafiar a lógica fatalista da atribuição natural ou divina de papéis de gênero na sociedade. De forma contrária a esses discursos deterministas, os estudos demonstram que "homens e mulheres são produtos da realidade social e não apenas decorrentes da anatomia de seus corpos" (REIS, 2018, p. 19). Em resumo, as ideias sobre os corpos não se resumem a uma causalidade regida pelo caos da ordem espiritual ou pela natureza intrínseca, mas sim ao resultado da repetição de práticas sociais e da construção e atribuição de normas, papéis sociais e procedimentos de conduta institucionalizados relacionados ao sexo biológico.

Essas reflexões sobre a relação entre linguagem, discurso e gênero reforçam a compreensão de que os corpos não são apenas moldados por determinações biológicas, mas também são fortemente influenciados pelos discursos e práticas sociais. A linguagem contribui para a construção das identidades de gênero, evidenciando como os corpos são narrados e vistos na imprensa e na sociedade em geral. Diante disso, se o corpo é inerentemente performativo, a linguagem, por extensão, também deveria ser considerada como tal. Ambos compartilham a capacidade de moldar nossas ações, percepções e experiências, e, assim como o corpo se manifesta como um meio de expressão, a linguagem pode ser encarada como uma performance que transcende a transmissão de informações, experiências, sensações e até mesmo de atos políticos. A linguagem corporal e performática, ao tensionar a comunicação em seus níveis político-sociais, encontram exemplos elucidativos em movimentos como o hippie no Brasil.

Durante a década de 1960 e início dos anos 70, os hippies desafiaram as normas sociais convencionais por meio de suas manifestações artísticas e atitudes não conformistas. Seus adeptos utilizavam o corpo como uma expressão viva de suas crenças e valores, muitas vezes recorrendo a roupas, penteados e comportamentos que desafiavam as expectativas tradicionais. Os hippies buscavam, assim, criar uma linguagem corporal que refletisse seus ideais de liberdade, paz e amor, e, por meio disso, contestavam a ordem estabelecida e as estruturas políticas e sociais vigentes, dando voz a um desejo de mudança radical.

Neste contexto, o grupo *Secos&Molhados* destacou-se como um dos pioneiros em compreender o corpo como linguagem na cena musical brasileira. Com a liderança performática de Ney Matogrosso, o grupo explodiu no cenário musical na década de 1970. Ney Matogrosso não apenas desafiou as expectativas tradicionais de gênero por meio de sua aparência andrógina e seu estilo performático, mas também abriu novos caminhos para a expressão artística e política. Por meio de sua linguagem corporal, Ney Matogrosso transmitiu mensagens de igualdade, liberdade e diversidade sexual, muito antes de esses temas se tornarem mais amplamente discutidos na sociedade brasileira. À medida que mergulhamos nas letras das canções, destacando especialmente composições como "Sangue Latino", torna-se manifesta a transgressão da interpretação de Ney Matogrosso para além da mera semântica das palavras das músicas. Neste ponto, é crucial compreender que Ney não só tinha um corpo artístico, mas também uma abordagem corpórea, cênica e comunicativa que desafiava vigorosamente as concepções tradicionais de masculinidade. O cantor não apenas ruína essas preconceções, mas também integra elementos inspirados na cultura ameríndia em seu figurino, que incluía penas e pinturas corporais, além de adotar trajes amplos que evocavam o estilo hippie, ao qual ele era adepto. Isso constituía, para além de um estilo, uma filosofia de vida contraposta à atmosfera de guerra, à censura e a quaisquer formas de autoritarismo predominantes naquela época.

Nesse sentido, a performance de Ney Matogrosso tornava-se um veículo para evocar o "sangue latino" de uma cultura que fora saqueada, sofrendo múltiplos genocídios, que variavam desde o extermínio da língua até a supressão de tradições milenares. Sua voz, transformada em uma plataforma para a expressão artística, servia como o epicentro desse discurso, de denúncia e de libertação. Especialmente quando entoava versos como "quebrei a lança, joguei no espaço, um grito, um desabafo", Ney Matogrosso desafiava as normas e se posicionava como um agente de resistência cultural e social. Não obstante, também vale ressaltar que seu corpo, que

expressava simbolismos profundos, também foi adotado pela mídia, principalmente em programas de televisão e auditórios, tornando-se um objeto de reverência, mas, ao mesmo tempo, suscitando críticas e até ódio. Esse fenômeno ilustra o poder da performance corporal e de sua expressão linguística em questionar e remodelar as convenções sociais estabelecidas, gerando discussões e reflexões na sociedade brasileira. Como será visto mais detalhadamente na análise desta dissertação, no capítulo a seguir, o corpo e a memória emergem como elementos centrais na narrativa biográfica de Julio Maria. Uma corporeidade que desafia as narrativas convencionais; memórias que são reconfiguradas na relação entre jornalista e biografado e na relação entre jornalista e processo da narrativa biográfica. Dois elementos narrativos que orientam o biográfico na configuração da narrativa biográfica e os espaços públicos e privados no jornalismo.

### 3. PROCESSO DE PRODUÇÃO BIOGRÁFICA

Diante da profusão de perspectivas e elementos narrativos que permeiam as biografias jornalísticas, sobretudo quando se abordam questões relacionadas ao corpo, memória e testemunho, torna-se imprescindível desenvolver um protocolo metodológico para a investigação proposta nesta dissertação. Embasado em eixos norteadores, operadores metodológicos e técnicas de pesquisa, como a entrevista em profundidade, esse protocolo configura-se como uma abordagem metodológica específica para esta análise. Assim, o modo como essa metodologia foi estruturada contribui diretamente para analisar a biografia jornalística sobre Ney Matogrosso, obra publicada pelo jornalista Julio Maria, que também é crítico de música, cantor e biógrafo brasileiro.

A abordagem epistemológica desta dissertação fundamenta-se em um jornalismo de teor testemunhal e é respaldada pelas contribuições de Frosh e Pinchevski (2009), Resende e Peres (2016), além de Maia e Fernandes (2023). O objetivo é analisar como as escolhas narrativas acerca da memória e do corpo na biografia de Ney Matogrosso configuram a delimitação entre espaço público e privado no contexto do jornalismo testemunhal. A demanda por essa metodologia não apenas conduz à análise da narrativa proposta pela obra, no que diz respeito à concepção do corpo e da memória na escrita biográfica, mas também incursiona investigações mais direcionadas ao relacionamento do biógrafo com o biografado e demais fontes, como nos detalhes do processo da narrativa biográfica a partir da visão e das decisões do biógrafo na composição da narrativa.

Para tanto, foram conduzidas duas entrevistas para essa dissertação com o jornalista Julio Maria. A pauta dessas entrevistas foi cuidadosamente elaborada a partir das discussões sobre o agenciamento da memória, do corpo e do testemunho jornalístico na construção de narrativas biográficas. As conversas abordaram temas como liberdade de imprensa e de expressão, os limites entre o público e o privado no jornalismo, decisões editoriais relacionadas à biografia de Ney Matogrosso, a escolha subjetiva do biógrafo sobre determinados episódios da vida do artista, o processo de apuração, edição, captação, dentre outros. As entrevistas foram transcritas na íntegra e estão disponíveis nos apêndices A e B desta dissertação.

A primeira entrevista ocorreu no dia 6 de julho de 2023, das 15h04min às 18h15min. Foi realizada de forma online por meio de trocas de áudio, totalizando aproximadamente 3 horas

e 20 minutos. A segunda entrevista foi realizada em 30 de novembro de 2023, das 14h às 15h25 no horário do Brasil e das 18h às 19h25 no horário da Eslováquia, sendo conduzida por videoconferência na plataforma Google Meet. Além das entrevistas diretas com o biógrafo, também foram utilizadas entrevistas secundárias disponíveis no meio digital. Dentre elas, é possível citar reportagens, notícias, podcasts, debates publicados no YouTube e artigos de opinião. Esses materiais visam contextualizar e esclarecer fatos mencionados por Julio Maria nas entrevistas conduzidas para esta dissertação, com o intuito de preencher lacunas no contexto da produção biográfica que não foram abordadas no livro.

Além disso, no que diz respeito à estrutura do protocolo metodológico, esta análise baseia-se em dois eixos norteadores, a saber a “Relação entre biógrafo, biografado e fontes” e a “Relação entre biógrafo e processo da narrativa biográfica”. No primeiro eixo, "Relação entre biógrafo, biografado e fontes", pretende-se examinar a escolha do biografado, suas expectativas iniciais sobre a história de vida do artista Ney Matogrosso e a construção da personalidade do biografado. Além disso, será realizada uma análise da dinâmica interpessoal durante a coleta de entrevistas, testemunhos e eventos, considerando seu impacto na obtenção de informações, na abertura do biografado e nas nuances das narrativas testemunhais. Adicionalmente, será investigada a postura do biógrafo em relação à divulgação de informações de ordem privada, e até mesmo de foro íntimo, assim como fatos provenientes de fontes secundárias, e outros elementos de análise.

No eixo "Relação entre biógrafo e processo da narrativa biográfica", será dada atenção às decisões narrativas, como a opção do biógrafo por não se inserir no texto e a adoção de um tom narrativo mais distanciado do relato biográfico. Ainda será posto sob análise o impacto dos pedidos feitos pelo biografado na construção da narrativa, inclusive antes da publicação do livro, sem esquecer de mencionar também a percepção do biógrafo sobre o corpo testemunhal no processo de escrita. A partir disso, a análise buscará um aprofundamento na percepção do biógrafo sobre o corpo e a memória, e de que forma esses dois elementos narrativos foram utilizados como recursos em uma pauta-ação que, em grande medida, transcende a escrita de vida e intenciona gerar significados e reverberações no meio social.

Para a análise, em cada um dos eixos mencionados, serão empregados dois operadores metodológicos específicos: "Concepção da Memória Biográfica" e "Concepção do Corpo Biográfico". Em relação ao primeiro operador, a análise da memória, entendida como

componente central no relato testemunhal, será fundamentada nas teorias de Pollak (1989), Sarlo (2007), Seligmann-Silva (2008), Agamben (2009), Schmidt (1997) e Giddens (1991). Esta análise abarca as lembranças e relatos testemunhais de Ney Matogrosso, desde sua infância até os momentos mais recentes de sua carreira, com o propósito de compreender como essas memórias foram integradas na construção da narrativa biográfica. Além disso, será considerada a relação entre sua vida privada e os contextos sociais e culturais mais amplos, como a Ditadura Militar, o conservadorismo familiar, a repressão sexual, entre outros momentos possivelmente traumáticos que foram escolhidos pelo biógrafo para compor a obra.

Busca-se, ainda, analisar como Ney Matogrosso se conecta com sua própria história de vida e como o biógrafo percebe a história e a personalidade do cantor, aspectos que se tornam mais evidentes à medida que o livro é examinado metodologicamente. A esta altura, também se torna importante destacar que, partindo da concepção da memória como recurso biográfico (ARFUCH, 2010), também será importante investigar o entendimento do biógrafo sobre os limites entre o espaço público e privado no jornalismo. Como será evidenciado ao longo da análise, isso também se relaciona com a maneira como o biógrafo recebe, apropria-se e transforma essa memória em narrativa, sobretudo ao se pensar no contexto do movimento “Procure Saber”.

No segundo operador metodológico, a inserção do corpo na análise encontra-se respaldada nos conceitos de Butler (2017), Rubin (2017), Foucault (1998), assim como nas discussões sobre a performance corporal de Gonçalves (2004), Zumthor (2018), Reis (2019) e Preciado (2004). A abordagem a ser realizada incluirá a investigação do entendimento do jornalista sobre o corpo biográfico, suas escolhas narrativas centradas na corporalidade e o tensionamento de uma visão do biógrafo acerca do corpo no espaço público e privado. A análise ainda se concentrará na vulnerabilidade corporal, nas performances e nos significados atribuídos ao corpo de Ney Matogrosso enquanto um *locus* testemunhal. Este operador visa compreender como as características corporais foram integradas e configuraram a construção da narrativa biográfica, investigando o corpo como um espaço de testemunho, relato, performance e experiência.

Diante desse contexto, torna-se imperativo desenvolver a análise por meio do seguinte problema de pesquisa: Em que medida as escolhas narrativas do biógrafo, no que concerne à memória e ao corpo, delineiam as fronteiras entre o espaço público e privado na elaboração de

narrativas biográficas no âmbito do jornalismo de teor testemunhal? Esse questionamento busca compreender de que modo as decisões do biógrafo ao abordar aspectos relacionados à memória e ao corpo do indivíduo retratado impactam e configuram a definição das fronteiras entre o que é considerado público e privado na narrativa biográfica e jornalística. Portanto, a pergunta que orienta essa pesquisa investiga os matizes dessa interação, à busca de se compreender como o entendimento do biógrafo e do jornalista sobre o corpo e a memória testemunhal conduz a construção da narrativa biográfica e delinea os limites entre o espaço privado e público em que o testemunho se aloca.

Isso considerado, segue-se o primeiro tópico de análise. Nesta primeira parte, será examinada a relação entre jornalista e biógrafo, a partir de narrativas do livro que abordam as intimidades, traumas e resiliência de Ney Matogrosso, bem como o impacto, envolvimento e sensibilidade do jornalista diante da recepção e escrita desse "Outro" no campo jornalístico. No âmbito mais abrangente deste tema, será abordada a relação familiar, a sexualidade e outras experiências de vida do biografado, incluindo vivências amorosas que ganharam notoriedade no espaço público. Analisar-se-á também a maneira como o jornalista optou por divulgar essas informações, frequentemente de natureza íntima e pessoal, na biografia. Ao longo deste processo, busca-se refletir sobre a compreensão que o biografado possui de sua própria história, assim como a apropriação feita pelo biógrafo para a construção da narrativa biográfica. Esta abordagem visa lançar luz sobre as interações comunicacionais entre o sujeito da biografia, o autor-jornalista e as escolhas na representação de uma vida no espaço público e no privado.

### **3.1 Relação entre biógrafo, biografado e fontes**

O livro de Julio Maria narra episódios da história de vida do cantor Ney Matogrosso, um artista que já possui três livros<sup>24</sup> sobre sua trajetória de vida e profissional, sendo uma biografia, um livro sobre sua performance artística na obra *bandido*, e um livro de memórias.

---

<sup>24</sup> A primeira biografia, "Ney Matogrosso, Um Cara Meio Estranho", foi publicada em 1 de janeiro de 1992 pela jornalista Denise Pires Vaz. Após 27 anos, o segundo livro de memórias, com o título "Vira-Lata de Raça", foi escrito por Ramon Nunes Mello, poeta, escritor, jornalista e ativista dos Direitos Humanos, e publicado em novembro de 2018. O terceiro livro sobre o cantor, intitulado "Ney Matogrosso... para além do bustiê: performances da contraviolência na obra *bandido*" (1976-1977), foi publicado em 2019 com autoria de Robson Pereira da Silva, doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia.

Com foco nos relatos testemunhais do biografado sobre suas memórias, a biografia publicada por Maria foi lançada em 23 de julho de 2021 pela editora Companhia das Letras, coincidindo com o 80º aniversário de Ney. Com uma escrita meticulosa, detalhista nas descrições e uma narrativa que busca compartilhar com o público a vida do artista dentro e fora dos palcos, a obra contou com entrevistas realizadas com pessoas próximas ao biografado, como amigos, familiares, produtores e celebridades do mundo artístico e musical. Em 2022, a biografia jornalística foi finalista na categoria “Biografia e Reportagem” do 65º Prêmio Jabuti<sup>25</sup> e concorreu ao lado de outras obras como "O ar que me falta" de Luiz Schwarcz e "Lula: Biografia - Volume I" de Fernando Morais. O livro vencedor foi “Escravidão - Volume II”, escrito pelo jornalista Laurentino Gomes.

O capítulo inaugural da biografia sobre Ney, intitulado "Um lugar chamado fronteira", mergulha na descrição do local de nascimento do artista, que havia sido tomado como ponto de partida pelo biógrafo para a escrita de vida sobre o artista, no início da produção do livro. Mais tarde, essa ideia viria a ser alterada, a partir de uma questão levantada pelo biografado. Bela Vista, no Mato Grosso, emerge, então, como o cenário inicial da vida de Ney Matogrosso, filho de uma geração de militares do interior mato-grossense. Na década de 1940, essa região se destacava pela diversidade florestal e rica biodiversidade que abraçava ecossistemas diversos, incluindo a Floresta Amazônica. Situado em uma zona de fronteira que transcende limites físicos, linguísticos e culturais - devido à sua proximidade com países vizinhos, como o Paraguai - Ney Matogrosso teria absorvido as influências de diversas culturas desde sua infância, entre elas as ameríndias e hispano-guaranis, conforme delineado por Maria (2022).

Nos capítulos subsequentes, como em "Guerra de pai, guerra de filho", o biógrafo desvenda os detalhes da pré-adolescência do cantor, um período marcado pelas frustrações, atitudes conservadoras e repressoras de seu pai, o militar Antônio Matogrosso Pereira. Este capítulo revela ainda as agressões físicas, as violências psicológicas, os primeiros discursos homofóbicos e o repúdio paterno ao corpo de Ney - espaço em que já se manifestavam os sinais de subversão aos padrões e formas de expressão considerados comuns nas regiões do centro-

---

<sup>25</sup> O jornalista Laurentino Gomes conquistou o prêmio Jabuti de 2022 na categoria Biografia e Reportagem com "Escravidão - Volume II", editado pela Globo. Este trabalho aprofunda-se nas complexidades da escravidão, destacando-se como uma contribuição para o entendimento histórico e social. A lista com os outros vencedores pode ser encontrada no site oficial do prêmio. Disponível em: <<https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/premiacao/?ano=2022>>. Acesso: 29 dez. 2023.

oeste do país, caracterizadas pela forte ideia de masculinidade, pelo machismo impregnado no reduto familiar e pela misoginia, que colocava o feminino como subalterno e inaceitável.

Nas páginas mais adiante, o biógrafo também dedica uma parte considerável do livro à vida adulta do artista, marcada por inúmeras descobertas, como aquelas relacionadas à sua sexualidade, à sua aspiração em se tornar ator, ao envolvimento nas artes cênicas e aos períodos em que residiu em cidades como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro. Desde relacionamentos abusivos até a perseguição por chefes de antigos postos de trabalho, Maria (2021) compartilha os momentos desafiadores que compuseram os dias de Ney Matogrosso. A inveja, os ciúmes de colegas do meio artístico, as tentativas de suicídio cometidas por ex-namorados, as censuras da ditadura e até as restrições impostas ao seu corpo e expressividade dentro da banda *Secos&Molhados*, todos esses detalhes biográficos são relatados pelo jornalista .

O livro também relata o relacionamento entre Ney Matogrosso e Cazuza, apresentando-o como uma das recordações mais marcantes na trajetória do cantor. A narrativa se desenvolve a partir de correspondências antigas trocadas entre ambos, resgatadas do acervo pessoal de Ney, ao qual Julio Maria teve acesso. Esses registros buscaram proporcionar ao leitor uma visão mais ampla dos momentos em que o biografado esteve ao lado de seu companheiro durante a intensa batalha contra a aids. Além desse relacionamento mais midiático, a obra também revela ao público um casamento menos conhecido de Ney. O penúltimo capítulo, intitulado "Adeus Marco", retrata uma relação amorosa que perdurou por treze anos entre Ney Matogrosso e o médico Marco de Maria - este também falecido devido à aids. As páginas desse capítulo compartilham diversas memórias, apresentando poemas, cartas, relatos e valiosos ensinamentos que a presença do médico deixou na vida do artista matogrossense.

Após dedicar essas passagens ao passado de Ney Matogrosso, Julio Maria finaliza a narrativa com um último capítulo, intitulado "Um lugar chamado fronteira". Inclusive, esse relato final recebe o mesmo nome do capítulo que inicia a biografia. Neste ponto, Julio revisita a trajetória de vida de Ney até os dias mais recentes, quando, em 2021, o cantor finalmente recebeu a vacina contra a COVID-19. Este derradeiro capítulo não apenas lança luz sobre a jornada de Ney, mas também examina um cenário mais amplo, sublinhando o impacto do vírus que, além de ceifar vidas, deixou uma marca indelével na cultura brasileira. Personalidades notáveis como Aldir Blanc, Agnaldo Timóteo e Nelson Sargento, destacados compositores e

artistas do cenário musical brasileiro, foram mortos em decorrência do coronavírus, o que representou uma perda para a riqueza cultural do país.

Ao lembrar o período pandêmico, em entrevista para esta dissertação, o biógrafo (2023) enfatiza que, em sua biografia, Ney Matogrosso emerge como um sobrevivente não somente da pandemia de Covid-19, mas da epidemia de aids nos anos 80. Naquela época, Ney testemunhou a perda de vários artistas para a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, uma das epidemias mais devastadoras da história. Iniciada na década de 1980, a epidemia de aids teve um impacto profundo, comprometendo o sistema imunológico e resultando na perda de vários cantores notáveis, como Freddie Mercury, Rock Hudson, Klaus Nomi, Cazusa e Renato Russo. Entretanto, contrariando as expectativas da época, especialmente pelo fato de o biografado ter se relacionado com pessoas portadoras do vírus HIV, Ney foi um dos artistas que sobreviveram às duas épocas de calamidade pública. Maria (2023) destaca que foi esse fato que mais chamou sua atenção ao decidir escrever sobre a história do biografado.

Segundo o jornalista (2023), "Ney não deixou de ser ele mesmo por causa da aids . O cantor permaneceu ao lado de Cazusa e de Marco de Maria, cuidando deles até a morte . Nem mesmo se esquivou de relações sexuais". A partir dessa realidade, o biógrafo compreendeu que o personagem principal merecia outra biografia, que apresentasse Ney Matogrosso como alguém deslocado de seu próprio tempo: um corpo gestado nos cenários contrastantes do Mato Grosso, que enfrentou a fúria do pai desde a infância, descobriu sua sexualidade na aeronáutica, aproveitou as possibilidades artísticas do teatro e dos palcos, enfrentou os discursos de ódio e a censura durante a ditadura, e, posteriormente, demonstrou resistência tanto ao HIV quanto à Covid-19, esta última responsável por 708.021 mortes e 38.130.675 casos confirmados<sup>26</sup>.

Desde a publicação de sua obra em 2015, intitulada "Elis Regina: Nada Será Como Antes", Julio revela um contínuo interesse em entrevistar e biografar cantores brasileiros. Sua atenção voltou-se recentemente para Ney Matogrosso, uma figura ainda viva, e introduziu um desafio adicional à narrativa biográfica. Em contraste com a abordagem anterior em Elis, o biográfico busca retratar Ney como uma resistência em si, emanando de um corpo e uma vida

---

<sup>26</sup> Até o momento em que essa dissertação foi escrita. Os dados são do Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (Conass). Segundo os últimos dados, o país possui 38.130.675 casos confirmados e 708.021 mortes pela Covid-19. Acesso: 17 Dez. 2023. Disponível em: < <https://www.poder360.com.br/coronavirus/brasil-tem-708-021-mortes-por-complicacoes-da-covid/>>.

que personificam ideias contrastantes, criando uma narrativa que transcende fronteiras e mergulha nas intimidades da trajetória desse artista brasileiro. Por essa razão, é necessário que se considere com cautela o que compartilhar no relato biográfico, sobremaneira ao se levar em conta a memória e as imagens públicas e privadas de Ney. Nesse contexto, a proposta da dissertação é desenvolver uma análise que permita compreender como o biógrafo estabeleceu os limites entre o espaço público e privado na elaboração da biografia, ao se ter em mente suas interpretações sobre memória e corpo biográficos. O entendimento é de que suas escolhas narrativas e a sua percepção em relação à memória e ao corpo biográficos são elementos centrais que orientam a compreensão do biógrafo sobre os limites na produção de biografias, incorporando aspectos do jornalismo testemunhal.

Nesta fase inicial da análise, as entrevistas realizadas com o jornalista Julio Maria serão integradas com maior ênfase ao corpo da dissertação, em detrimento dos trechos analisados na biografia. Essa opção decorre da lacuna de informações sobre a produção biográfica do livro, que a dissertação busca, de certa maneira, preencher. Assim sendo, a dinâmica centrada na relação entre biógrafo e biografado será minuciosamente examinada no próximo tópico, em que se aborda a narrativa testemunhal sobre o corpo e a memória biográfica na construção de "Ney Matogrosso: a biografia".

### **3.1.1 Concepção da memória biográfica**

Há biografias que iniciam a narrativa de vida ancorada nas memórias de infância do biografado. Essa abordagem, conforme indicado por Ricoeur (1994), reflete a tentativa do biógrafo de construir um relato que capte as identidades humanas e leva em consideração sua íntima ligação com as memórias. Isso corresponde a uma empreitada, como sugerido pelo autor (1994, p. 92), de "articular a experiência como um todo," desde os primeiros anos de vida do biografado até um ponto mais próximo da época em que o livro foi finalizado. A partir disso, é concebida uma narrativa que, de maneira pretensiosamente linear, segue a concepção moderna da vida, atravessando as fases da infância, da adolescência, da vida adulta e dos dias mais recentes do biografado.

Contudo, também existem biografias que adotam uma abordagem menos convencional, iniciando a narrativa com algum episódio traumático, emocionante ou até disruptivo, que possa ter moldado a trajetória de vida do protagonista ao longo de sua jornada. Tomando essa ideia como exemplo, na fase inicial da produção do livro, Maria (2023) escolheu direcionar sua atenção para as peculiaridades geográficas do estado do Mato Grosso, bem como as lacunas na história e cultura locais, em vez de focar diretamente na infância do biografado. O objetivo era construir um arco narrativo que se iniciasse no Mato Grosso, o estado, e se conectasse com o nascimento de Ney Matogrosso, o artista. No entanto, com o tempo, a abordagem para o início do livro precisou ser ajustada, sendo influenciada pela perspectiva do biografado e pelas considerações da editora da obra.

Às vésperas da etapa de edição da obra, o biógrafo sugeriu a Ney a leitura da biografia, mesmo após o acordo inicial de que Ney não a leria, como Julio compartilhou em uma entrevista à Companhia das Letras<sup>27</sup>, durante o lançamento do livro. No entanto, Ney não reagiu de maneira favorável à ideia de não ler a narrativa sobre sua própria vida. O artista expressou a Julio suas preocupações quanto à possibilidade de informações imprecisas ou prejudiciais, baseando-se em experiências passadas com a mídia, em que Ney chegou a ser taxado como doente, pervertido e fruto de procedimentos sexuais cirúrgicos que pudessem ter influenciado sua personalidade, que para os conservadores era “afeminada” (MARIA, 2023).

Mesmo após o jornalista garantir a Ney que cada detalhe seria minuciosamente verificado, inclusive por meio de outras fontes jornalísticas, o biógrafo recuou e permitiu que Ney lesse a biografia antes da publicação. Essa decisão concedeu a Ney a oportunidade de ser um dos primeiros leitores de sua própria história, que até então se encontrava entrelaçada em distintos períodos, territórios e lembranças compartilhadas tanto por ele quanto pelas fontes secundárias consultadas. Esse gesto de abertura entre os dois destaca-se como uma das primeiras manifestações de transparência na relação entre Julio e o biografado. Segundo Maria (2023) tratou-se de uma medida para preservar, simultaneamente, a liberdade de expressão e de imprensa do jornalista e a construção da memória junto ao personagem principal do livro.

---

<sup>27</sup> O lançamento da biografia na íntegra, publicada no canal do Youtube da Companhia das Letras, está disponível em formato online. Na ocasião, são entrevistados a jornalista Júlia Maria e o biografado, Ney Matogrosso. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r6iVfZQWlA&t=1366s&pp=ygUkbGFuw6dhhbWVudG8gbmV5IG1hdG9ncm9zc28gYmlvZ3JhZmlh>> Acesso em: 11. jul. 2023.

Evidentemente, também não se pode ignorar que este é um aspecto que levanta a possibilidade de intervenção do biografado na composição da narrativa, uma vez que o livro ainda não estava completamente finalizado, o que poderia conceder ao biografado o direito de contestar ou expressar o desejo de omitir determinadas informações ao biógrafo. Após a formalização do acordo, Ney teve seu primeiro contato com a obra e percebeu que as primeiras páginas, destinadas a narrar sua vida, na verdade, descreviam a história do estado onde ele nasceu, o Mato Grosso. Durante a mesma entrevista à Companhia das Letras, o biógrafo relatou que Ney fez um comentário que o levou a reconsiderar iniciar o livro com a história de seu local de origem. Segundo Ney, ao expressar suas impressões sobre o livro a Julio, a obra se assemelhava mais a um livro de história do que a uma biografia sobre uma pessoa. Essa percepção foi também compartilhada pela editora Companhia das Letras, como ressaltado por Julio. "Eu me empolguei com a história do Mato Grosso. Quando chegou à editora, fizeram o mesmo comentário do Ney. Logo, percebi que eu estava me esquecendo do Ney Matogrosso" (MARIA, 2023). A partir desse entendimento, Julio percebeu que o protagonista estava alheio à narrativa. Até então, a história era contada com base no que o biografado considerava mais interessante para se pensar a personalidade do biógrafo: um lugar de fronteiras.

De acordo com Julio (2023), a opção de entender a vida de uma pessoa a partir das memórias de seu local de nascimento é uma tentação perigosa comum entre os biógrafos. "Temos que ter cuidado. Eu caí nessa tentação, nessa armadilha histórica deliciosa, porque ela é sedutora" (MARIA, 2023). O biógrafo ainda salienta que, ao contar a história de uma região, ao mesmo tempo em que descrevia a personalidade do biografado, ele se viu "abrindo a janela da sala, enquanto estava escrevendo, dando uma volta pelo Mato Grosso e não voltando mais, ficando muito tempo por lá" (MARIA, 2023). Foi somente ao perceber essa armadilha que o biógrafo redirecionou seu foco narrativo para a história de Ney.

Com base nesse fato, percebe-se que a postura de Ney em relação às memórias apresentadas no livro reconfigurou, em algum grau, a narrativa proposta por Julio Maria. Enquanto Ney estava mais concentrado na memória individual, Julio parecia vislumbrar a memória coletiva como um meio para encontrar uma representação da personalidade de Ney. A partir desse jogo conflituoso de perspectivas sobre as memórias, revelou-se que a construção da memória biográfica no livro passou a ser configurada pela dinâmica da relação entre jornalista e fonte, especialmente em torno da narrativa testemunhal. Esse aspecto adiciona

camadas de complexidade à obra, o que também destaca como as diferentes visões e ênfases na memória podem influenciar a construção do relato biográfico.

Nesse cenário, as fronteiras culturais, linguísticas, políticas e de outras naturezas do estado do Mato Grosso emergiram como um simbolismo que delineava a personificação do biografado. No entanto, vale ressaltar que esse era um entendimento do biógrafo, uma vez que, para Ney Matogrosso, a reflexão sobre sua própria vida a partir do local de nascimento não era uma prática comum. Tratava-se mais de uma construção biográfica fundamentada no interesse do biógrafo pela história do estado brasileiro. Segundo as informações do biógrafo (2023), as investigações e imersões na história do biografado provocam reflexões sobre a dinâmica em que as memórias, especialmente em biografias, inevitavelmente passam pelo crivo de quem as narra. Diante disso, para Maria (2023), tornou-se sensato abordar as nuances do ambiente mato-grossense antes de mergulhar nas características singulares e, simultaneamente, compartilhadas na trajetória de vida de Ney.

Em outro momento da obra, surge mais um contraste na compreensão da memória biográfica entre biógrafo e biografado. Ney Matogrosso afirma ter resolvido questões com seu passado, ao argumentar que falar sobre suas memórias não faria tanta diferença para ele. Segundo o cantor, embora tudo escrito na biografia seja verdadeiro, ele não atribui à sua própria vida a mesma importância que o jornalista lhe confere. Por outro lado, Maria (2023) observa que, ao contrário da visão heroica que a sociedade muitas vezes tem de Ney, o biografado não se destaca como um dos melhores narradores de sua própria história. Dessa forma, raramente ele se dedica à teorização sobre suas experiências.

Maria (2023) argumenta que é compreensível Ney não enfatizar tão fortemente os episódios de sua vida, pois essa responsabilidade recai sobre o biógrafo na produção de um texto biográfico. O propósito de escrever uma biografia, de acordo com o jornalista, é precisamente construir uma narrativa e compartilhar com o público a história da vida do biografado, sob a perspectiva do jornalista que a elabora. Essa discordância evidencia disparidades na relação entre o autor da obra e o sujeito retratado, especialmente no que diz respeito à existência de diferentes perspectivas sobre o valor e o papel das memórias na construção da narrativa biográfica. Assim, a biografia, como afirma Arfuch (2010), é um rearranjo de memórias que adquire sentido e coerência no trabalho realizado pelo biógrafo em relação à figura do biografado.

Nessa perspectiva, torna-se evidente que Ney Matogrosso enxerga sua história de vida a partir de uma esfera de intimidade. Sua memória não desperta tanto interesse para si, pois é parte constitutiva de sua identidade. Durante a mesma entrevista concedida à editora do livro, em 2021, Ney compartilha que não possui uma ligação com os eventos narrados pelo biógrafo, uma vez que estes pertencem ao seu passado. "Não tenho nenhum envolvimento mais com o meu passado, com a minha infância. Tudo que tive eu resolvi. Eu leio a biografia como uma história que não me incomoda. Mas não tenho envolvimento com nada daquilo". Nesse contexto, o biografado concebe a memória como uma verdade pessoal, ligada ao âmbito íntimo e privado, apesar de ter consciência de que ela desperta o interesse de outras pessoas.

De acordo com Maria (2023), apesar da visão pública sobre Ney Matogrosso ser muitas vezes idealizada, o próprio biografado não compartilha dessa perspectiva. Ao contrário, Ney nunca compreendeu o motivo pelo qual as pessoas se interessam tanto por sua vida, visto que se considera uma pessoa comum. Foi papel do biógrafo explicar ao protagonista da biografia sua relevância como figura pública, não apenas para as futuras gerações e para aqueles que o acompanharam no passado, mas também para a história do país. Ney, apesar de não endossar politicamente grupos específicos, sempre foi encarado pela esquerda, ou por uma parte considerável dela, como um símbolo de resistência política (MARIA, 2023). Ainda segundo o biógrafo (2023), as memórias de Ney adquirem importância por razões jornalísticas, ao empregar o testemunho e o relato do Outro como elementos constitutivos não apenas do espaço privado de quem as compartilha, mas também do espaço público. "Eu acho que Ney, em geral, tem uma visão dele mesmo como uma pessoa de muita normalidade. Ele não consegue se ver de outra forma, até como uma defesa, para que as pessoas não achem que é uma pessoa que se vangloria de alguma coisa" (MARIA, 2023). Segundo o jornalista (2023), o cantor não realiza as melhores reflexões sobre sua própria identidade. "Isso é trabalho nosso enquanto biógrafo. O Ney não é um personagem de reflexões. Não que ele não seja capaz de fazê-las. Mas sinto o Ney mais à vontade quando é considerado um personagem de narrativas" (MARIA, 2023).

Essa confissão revela que a narrativa biográfica é filtrada pelas lentes do biógrafo, embora a história de vida seja compartilhada pela fonte. Trata-se da dimensão do testemunho na mídia, como destacam Frosh e Pinchevski (2014), ao abordar as variações no discurso testemunhal no momento em que esse relato se manifesta em um suporte midiático. No caso da biografia, esse suporte pode ser compreendido como o próprio livro (MAIA, PERES, 2023).

Em outras palavras, enquanto biógrafo e jornalista, o entendimento de Maria (2023) é de que essa memória do espaço privado ganha respaldo para além do íntimo, uma vez que é esperada pelo interesse público. Há, segundo o biógrafo (2023), uma curiosidade para se saber sobre a vida de pessoas com influência pública, que não pode ser descartada por jornalistas. “Ele só aprendeu a lidar com a própria memória no sentido de que a memória dele é interessante, as pessoas param para a ouvir. Agora, a reflexão dele nem tanto. Ele deixa isso ser feito por nós” (2023). A partir disso, o biógrafo de Ney explica que a narrativa passa a ser moldada pela visão e perspectiva do jornalista, de forma subjetiva. Além disso, no processo de produção biográfica, o jornalista se utiliza de memórias não somente do biografado, mas também de fontes secundárias, documentais, de sua subjetividade enquanto pessoa e jornalista, para desenvolver uma narrativa que busque coerência com o percurso de vida do entrevistado:

Classificar, problematizar, compartimentar. Tudo são coisas feitas por nós. Engraçado que ele mesmo não tem essa percepção da própria existência, grandiosa, revolucionária. Eu não sinto que ele esteja fazendo um tipo, quando ele não assume essa postura que colocamos nele. Esse pedestal em que o colocamos. Mas sinto muita verdade. É um exercício em mostrá-lo que ele precisa falar sobre ele mesmo, porque vai ser uma inspiração para muitos. É um trabalho que a gente faz para que ele abra essa caixinha e se considere mais importante do que ele acha que é (MARIA, 2023).

De certa forma, ao reconhecer-se como parte fundamental desse discurso organizado na narrativa biográfica, inclusive sendo o próprio jornalista uma testemunha midiática do relato do Outro, como explicam Peres e Resende (2016), surge a necessidade de equilibrar a ética jornalística e a escolha dos episódios a serem narrados na biografia. Essa relação entre testemunho, memória e biografia ganha forma a partir da dimensão do visível, do dizível e da comoção (FROSH, 2014). O ato de testemunhar configura-se como a externalização de uma série de afetações resultantes do processo de lembranças sobre momentos passados, vividos ou em curso. Contudo, o poder do testemunho também reside em ser afetado e deixar-se afetar pelo relato do Outro. Essa noção é crucial na prática jornalística, fundamentada na ética e no entendimento de que a fala do Outro deve ser acolhida, respeitada e transformada em um texto testemunhal que também valorize a subjetividade e as emoções do jornalista.

No caso da biografia escrita por Júlio, o processo de construção da pauta envolveu três etapas. Inicialmente, foi necessário estabelecer uma linha do tempo, mesmo que permeada por lacunas, abrangendo desde o nascimento até o falecimento, destacando os eventos significativos

e os anos correspondentes. Em seguida, uma extensa pesquisa foi conduzida, incluindo análises de arquivos físicos, documentais e digitais. O segundo momento, entrelaçado com o primeiro, incorporou o desenvolvimento de entrevistas. Maria (2023) destaca a importância de realizar mais de 200 entrevistas para criar uma biografia, considerando esse um número razoável. Ele ressalta a preferência por entrevistas pessoais, preferencialmente presenciais, quando possível. O terceiro momento do processo concentrou-se na redação, sendo importante reconhecer que essas etapas ocorrem de forma cumulativa.

Na primeira entrevista para essa dissertação, Maria (2023) explica que o biografado não interferiu na escrita da biografia, nem mesmo fez exigências sobre o que não deveria ser revelado, para que tentasse cercear sua liberdade de expressão enquanto biógrafo. Porém, durante a entrevista de lançamento da biografia, Ney Matogrosso revelou que solicitou ao jornalista que não publicasse certos casos amorosos mantidos com algumas pessoas da MPB. Essa solicitação tinha o objetivo de evitar possíveis repercussões legais e, principalmente, proteger a privacidade e o bem-estar das famílias envolvidas, uma vez que a sexualidade de um desses artistas com quem Ney se relacionou no passado nunca havia sido revelada.

Apesar do pedido de Ney em não incluir certas histórias no texto biográfico, o biógrafo tomou a decisão de incorporar uma delas, relacionada a um envolvimento com uma pessoa referida na biografia como Zé. O biógrafo justificou sua escolha ao afirmar que considerava o assunto relevante para o público; apesar de Ney considerá-la um assunto de foro íntimo e privado. Para o biógrafo (2023), devido ao tempo transcorrido desde o relacionamento no passado, os impactos seriam minimizados com a publicação da biografia, especialmente porque o sobrenome de Zé não foi mencionado na biografia. Como contado no livro, Zé foi a primeira paixão de Ney no Rio de Janeiro, filho de uma família influente da alta sociedade carioca, mas que manteve seu caso com Ney em sigilo até o momento em que o relacionamento perdurou.

Na visão de Maria (2023), o pedido do biografado fez sentido até certo ponto, pois serviu como guia para delimitar os aspectos públicos e privados na elaboração da narrativa. Nesse contexto, o biógrafo acreditava que informações como essa deveriam adquirir caráter público, especialmente porque a biografia foi redigida em um período em que a sexualidade de Zé já não necessitava mais de ser mantida em segredo:

Eu penso que isso é uma balança muito interessante. É o equilíbrio que a gente tem que fazer mesmo. Aquela informação que a gente coloca, se ela é fundamental para o livro, para a história, ela tem que ser usada, tem que ser colocada. Agora, no balanço, no equilíbrio, se ela vai dar mais problemas, mais dor de cabeça, possíveis processos judiciais e contestações à biografia (...) do que ganhos biográficos, ganhos históricos. Nesse ponto, a gente tem que medir (MARIA, 2023).

Outra situação semelhante surgiu quando o biógrafo optou por narrar a história de amor entre Ney Matogrosso e outro parceiro, o ator Leonardo Villar. "Eu não negocieei com o Ney. Ele foi o homem que falou para o Ney: Você é um cantor" (MARIA, 2023). Para o biógrafo, o romance entre os dois artistas representou um ponto marcante para que Ney Matogrosso compreendesse sua relevância pública, indo além de sua percepção pessoal sobre si mesmo. Dessa forma, a interpretação de uma memória afetiva, originalmente privada, estava intrinsecamente relacionada à história de vida pública do cantor, uma vez que a sociedade já o reconhecia como uma referência musical, mesmo enquanto Ney ainda se via como uma pessoa comum. No quarto capítulo da biografia, "Teatro por paixão, música por acidente", o biógrafo descreve esse momento, resgatando as memórias que Ney guardava em suas intimidades:

A noite terminou no quarto do hotel onde o ator estava hospedado, com sexo, afeto e reflexões. Cada vez mais, o caminho em que corriam juntos teatro e música se distanciava, exigiu de Ney uma decisão. "Eu não quero ser cantor, quero ser ator", desabafou a Leonardo. Sem vê-lo atuar, mas já sabendo como cantava, Leo, mesmo atraído pelo jovem que acabara de conhecer, não respondeu o que ele gostaria de ouvir: "Não lute contra isso, Ney. Você é um cantor" (MARIA, 2021, p. 70).

Com a decisão em divulgar essa memória, o biógrafo procurou transcender a constatação de que Villar não era uma pessoa assumidamente gay diante da sociedade, direcionando seu olhar para a forma como Ney Matogrosso também se via. De certa forma, identificou uma dualidade na experiência humana ao longo da vida dos dois artistas. Em suas trajetórias, Leonardo Villar representava alguém que ainda não aceitava completamente sua identidade sexual, mas desempenhava um papel significativo na jornada de autodescoberta musical de Ney Matogrosso. Por outro lado, Ney aceitava-se sexualmente, mas ainda não enfrentava totalmente sua vocação musical. Ambos eram indivíduos que revelavam um ao outro suas próprias contradições.

Desse modo, ao incorporar a memória do relacionamento entre Ney Matogrosso e Leonardo Villar na biografia, Julio Maria parece almejar mais do que simplesmente relatar fatos isolados. Há uma inclinação do biógrafo em apostar em uma narrativa testemunhal que não se limita apenas a apresentar eventos cronológicos, mas busca, de certa forma, tecer os fios soltos da existência do biografado. Nesse contexto, a produção biográfica assume um papel de entrelaçamento das memórias, gerando sentido e significado para eventos que talvez Ney nunca tenha considerado de maneira tão profunda. Essa abordagem transcende a mera exposição de acontecimentos para se tornar uma tentativa de costurar os nós até então desatados na trajetória de vida do artista, criando uma narrativa que vai além da linearidade cronológica e busca uma compreensão interconectada da experiência humana.

Dado esse fato, trata-se do testemunho de si que chega até o biografado, incitando reflexões sobre sua própria trajetória. A escolha estratégica do biógrafo revela eficiência ao considerar os espaços públicos e privados do biografado. Ao abordar detalhes que podem impactar a vida pessoal de Ney Matogrosso, Maria (2023) inicia o processo dialogando com o entrevistado para explicar a relevância de determinada informação. Isso visa preservar a integridade do indivíduo, a priori, respeitando sua esfera privada, ao mesmo tempo em que assegura o interesse público que permeia a história. Além disso, a liberdade proporcionada pelo próprio cantor revelou-se primordial para o biógrafo (2023) ao estabelecer limites entre a memória do biografado e a distinção entre o espaço público e privado nas narrativas testemunhais. A abertura e a honestidade na conversa com o biografado não apenas preservaram a integridade do indivíduo, respeitando sua esfera privada, como também asseguraram o interesse público que permeia a história, possibilitando, assim, o desenvolvimento de uma narrativa mais equilibrada.

Mesmo considerando que, segundo o biógrafo (2023), Ney não interferiu na biografia, na verdade, sabe-se que houve uma interferência mútua entre o biógrafo e o biografado. Não foi uma interferência autoritária como insinuavam algumas pessoas durante do movimento “Procure Saber”, mas se tratou de uma influência na representação da qual fizeram parte o biógrafo e a forma como a memória era processada por Ney. Esse processo evidencia uma dinâmica de luta de forças entre ambos, buscando o controle da narrativa e uma tentativa de dominar o que deveria permanecer no âmbito privado e o que deve ser exposto no espaço

público. Para o biógrafo, essa situação foi ideal para explorar a escrita de uma biografia a partir da memória como dispositivo testemunhal. "A minha escolha por Ney foi feita por ele ser o único biografado da música brasileira que lidaria com a própria história de maneira livre" (MARIA, 2023). Apesar de Ney saber que um jornalista escreveria sua biografia, ele colaborou abertamente, estabelecendo ligações quase diárias ao longo de cinco anos. "Foi o que ele me prometeu fazer, sem interferir. A situação ideal para um biógrafo, ela não se repetirá, com certeza, em nenhuma situação, com nenhum outro artista" (MARIA, 2023).

Outros momentos da relação entre biógrafo e biografado também evidenciam como a memória se tornou um terreno de disputa entre ambos. Ao longo dos capítulos, Julio Maria desafiou a memória de Ney Matogrosso, revisitando eventos que o artista havia relegado a um plano menos importante ou desconhecido por completo. Essas situações revelam a complexidade da interação entre biógrafo e biografado, em que ambos buscaram exercer influência na narrativa e no controle das memórias apresentadas na biografia.

Um dos momentos traumáticos para Ney, que se destaca nas páginas da biografia, acontece quando o cantor lê a biografia antes da publicação e se depara com os insultos proferidos por figuras públicas da época, como Chacrinha, o ex-apresentador de televisão famoso por suas chacretes. Conhecidas por animarem o público com performances usando roupas curtas, as chacretes chegaram a ter seu corpo censurado durante a Ditadura Militar. Maria (2021) comenta<sup>28</sup> que, após a entrega dos originais, houve um período de silêncio por parte do biografado. No quinto dia, Ney Matogrosso finalmente entrou em contato. Para surpresa do jornalista, Ney revelou que uma das situações relatadas no livro o incomodou profundamente. Tratava-se do capítulo "Glória e Insulto", no qual são narradas as falas homofóbicas de Chacrinha contra Ney, frequentemente chamando-o de "viado", embora o cantor fosse uma presença constante no programa<sup>29</sup>. Até o modo como o texto foi escrito, de

---

<sup>28</sup> A entrevista completa com Julio Maria, publicada em 23 de julho de 2021 pelo jornal Estado de Minas, pode ser acessada na íntegra. Nela, o jornalista Júlia Maria conta os desafios ao escrever o livro e a sua relação com o biografado durante o processo de escrita da biografia. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/07/23/interna\\_cultura,1289171/biografia-de-ney-matogrosso-mergulha-na-intimidade-do-timido-espalhafatoso.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/07/23/interna_cultura,1289171/biografia-de-ney-matogrosso-mergulha-na-intimidade-do-timido-espalhafatoso.shtml)>. Acesso em: 11. jul. 2023.



<sup>29</sup> Você pode assistir a Ney Matogrosso no Programa do Chacrinha.

algum modo, parece revelar a intenção do biógrafo em contar ao biógrafo parte de sua história, até então desconhecida, como neste trecho do livro:

Chacrinha pedia aos militares que cuidassem de Ney com a devida intolerância dos tempos. Para ele, o artista “deveria ser proibido pela censura e pelo juizado de menores” porque era “rebolativo, erótico e muito do bichânico”. Enfim, um ser “mais comprometedor [e] mais erótico do que qualquer travesti”. Uma saraivada de nove notas em dias quase seguidos publicadas no jornal O Fluminense, na coluna “Chacrinha se comunica”, queria colocar Ney e os Secos & Molhados na mira das armas. Os títulos falavam por si. A nota “Estranho privilégio! Secos & Molhados podem tirar a roupa!” indignava-se com o fato de Ney não ser censurado pela mesma moralidade que se impunha contra as chacetes e as passistas das escolas de samba. Assim escrevia um dos maiores comunicadores do país, com um programa em horário nobre (MARIA, 2021, p. 179).

O biógrafo, ao decidir partilhar eventos traumáticos na vida de Ney Matogrosso, inevitavelmente coloca em pauta a ética e a responsabilidade inerentes à narrativa biográfica. A tentativa de evitar o sensacionalismo dessa exposição não nega o impacto psicológico que tais revelações podem ter na subjetividade do biografado. O pedido de Chacrinha para que Ney fosse silenciado, como revelado na biografia, transcende a repressão individual e revela uma face mais ampla do contexto histórico da ditadura.

A carta do advogado Alcides Barbosa da Cunha, evidenciando a intenção de matar Ney Matogrosso, não apenas aponta para a repressão sistemática da época, mas também lança luz sobre a violência específica enfrentada por artistas que desafiavam normas estabelecidas, tanto sexuais quanto estéticas. A exposição desses eventos, embora seja uma forma de preservar a memória histórica, levanta questões éticas sobre a decisão do biógrafo em trazer à tona traumas que, além de pertencerem ao biografado, possuem implicações políticas e culturais mais amplas. O uso do corpo de Ney como instrumento político na narrativa biográfica ressalta a complexidade de representar e interpretar a história de figuras públicas, especialmente quando se trata de experiências pessoais e dolorosas. Sobre a carta, Maria (2021) compartilha no livro:

Um telespectador da Globo chamado Alcides Barbosa da Cunha não concordaria com o espião do SNI. Ele decidiu despejar toda a sua fúria numa carta dirigida aos homens mais poderosos da nação quando assistiu a uma aparição de Ney no programa Brasil Pandeiro, em 1978. Ney, para ele, era uma aberração moral e a censura “que existe neste país” deveria aniquilá-lo a todo custo (MARIA, 2021, p. 261).

O biógrafo, ao decidir expor eventos traumáticos na vida de Ney Matogrosso, inevitavelmente coloca em pauta a ética e a responsabilidade inerentes à narrativa biográfica. Além disso, a biografia, ao trazer à tona eventos íntimos e traumáticos na vida de Ney Matogrosso, enfrenta o desafio ético de equilibrar a preservação da privacidade do biografado com o dever jornalístico de contextualizar as violências enfrentadas por corpos considerados "afeminados" na sociedade. A exposição de eventos traumáticos sem uma análise mais aprofundada das violências físicas e simbólicas sofridas por esses corpos pode ser percebida como uma lacuna na abordagem jornalística da biografia. A decisão do biógrafo de revelar tais memórias amplia a compreensão pública sobre as experiências desses corpos marginalizados em uma sociedade machista, heterossexista e homofóbica, como a brasileira. No entanto, ao não contextualizar adequadamente essas violências no livro, a biografia corre o risco de deixar de informar ao leitor o impacto cultural e histórico dessas narrativas individuais, não contribuindo de maneira integral para uma discussão mais ampla sobre a luta contra a opressão de corpos marginalizados.

A abordagem do biógrafo ao retratar a vida de Ney Matogrosso sem politizar, alinhada à postura usual do biografado, levanta questões sobre a responsabilidade do jornalismo em atender às expectativas do biografado e, ao mesmo tempo, satisfazer o interesse público. Ao trazer elementos como a relação com Chacrinha e o contexto da ditadura, o biógrafo inadvertidamente introduz um contexto político que tem repercussões sobre o corpo de Ney, submetendo-o à violência estatal e ao discurso de ódio social. Essa exposição, mesmo que não seja explicitamente política, contribui para uma narrativa jornalística que reflete não apenas a vida íntima do artista, mas também a influência de forças externas, políticas e sociais, que configuram a experiência do corpo desviante na sociedade. Portanto, a aparente neutralidade da narrativa pode ser questionada à luz da interação entre a vida privada do biografado e os fatores políticos que fizeram parte de sua trajetória de vida. Por outro lado, Julio Maria escreve no livro que a mídia foi instrumentalizada politicamente para difamar Ney Matogrosso, ao evidenciar como a narrativa jornalística tentou distorcer a percepção pública do artista. Ao destacar esses episódios, o biógrafo não apenas recupera a memória da ditadura. Julio Maria aponta para a instrumentalização da mídia como uma ferramenta de controle social e difamação durante o período ditatorial. Nesse trecho, o biógrafo destaca:

Assim escrevia um dos maiores comunicadores do país, o Chacrinha, com um programa em horário nobre: “Se o Matogrosso vai até a dança do ventre (é só entender!) e fica naquele do seminu, por que se proibir que as jovens, bonitas (e autênticas, afinal de contas!...) não possam bailar, na TV, com as suas bonitas pernas e fazendo o charminho próprio do belo sexo? Esse privilégio dos Secos & Molhados já está fazendo a gente coçar o queixo (MARIA, 2021, p. 174).

Apesar de ter convidado a banda *Secos & Molhados* para seu programa de auditório, Abelardo Barbosa, o Chacrinha, destacou-se como um dos críticos mais contundentes nos primeiros anos da carreira de Ney Matogrosso. Chegou a escrever na imprensa carioca que "Ney Mato Fino" deveria ser proibido pela censura e pelo Juizado de Menores (MARIA, 2021, p. 169). As ofensas não se limitaram aos bastidores, pois o apresentador utilizou colunas de jornais, como *Tribuna da Imprensa* e o *Fluminense*, uma forma de atacar e difamar publicamente Ney Matogrosso, retratando-o como uma pessoa anormal e doentia. Ou seja, houve também o uso da mídia para questionar a personalidade de Ney no espaço público, partindo de aspectos de sua vida privada, como a sua sexualidade:

Luiz Gleiser, do Jornal do Brasil, abria seu texto considerando que a guitarra e o baixo “poucas vezes se entendem”. E continuava: “João Ricardo, diretor musical e compositor do grupo, não tenta explorar o potencial de uma apresentação ao vivo, mantendo a “duração de cada canção exatamente como o público já as conhece de rádio e vitrola, sem adicionar nada além de uns lances coreográficos, e deixar para Ney, o vocalista, a tarefa de carregar o espetáculo com sua voz e seu corpo” (MARIA, 2021, p. 167).

Até a leitura de sua biografia, Ney Matogrosso não tinha conhecimento de que era difamado por Chacrinha, já que o apresentador sempre o convidava para cantar nos programas de auditório. Para o cantor, foi desafiador lidar e processar essas memórias que até então eram desconhecidas. Maria (2023) destaca que essa foi a questão central pela qual Ney desejava ler a biografia, pois o cantor desconhecia as pessoas que o depreciavam de forma violenta, seja por sua sexualidade, seu corpo, sua voz, ou até mesmo por absurdos mentirosos que eram difundidos publicamente a seu respeito. "Ele ficou muito preocupado se as coisas terríveis inventadas sobre ele foram incorporadas na história. Ele sempre menciona o exemplo de quando diziam que sua voz era aguda porque o castraram na infância" (2023). No lançamento do livro, Ney relata que essa falsa narrativa foi inventada no passado, sugerindo que sua voz fina

resultava de uma castração, devido a um timbre considerado mais feminino pelos reacionários e detratores do cantor.

Nesse contexto, importa destacar que as memórias relacionadas à vida de Ney, especialmente aquelas em que outras personalidades o ofendiam publicamente, emergiram das investigações conduzidas pelo biógrafo na composição da obra. Apesar de serem experiências traumáticas, Maria (2023) salienta que essas memórias preenchem as lacunas do percurso de vida não apenas para o público, mas também para o próprio biografado. Isso se aplica igualmente ao biógrafo, uma vez que, durante o processo de apuração, o jornalista se deparou com críticas inesperadas que iam de encontro à imagem que ele, enquanto biógrafo, possuía sobre Ney Matogrosso:

Hoje a gente está acostumado a ver Ney muito bem avaliado, muito bem criticado, sempre arrebatador de crítica também. Engraçado, quando a gente pesquisa, descobre o quanto Ney apanhou na crítica e nas campanhas que havia nos jornais sobre o Ney Matogrosso, escritas em geral por colunistas como o Chacrinha, o Abelardo Barbosa. Ele tinha uma coluna em vários jornais, que publicaram a mesma coluna. Ele tinha um problema com o Ney Matogrosso, bem sério. Ele sempre dizia: “Por que eu não posso exibir minhas charetas em paz, e Ney pode aparecer pelado fazendo apologia ao ‘homossexualismo’”? [nas palavras do apresentador na época - mas o termo correto é "homossexualidade"]. Mas, olha, coisas realmente pesadas. E outros colunistas, como Carlos Imperial e outros colunistas conservadores, que tinham uma postura bastante agressiva. Isso foi encontrado durante a apuração. Isso também foi muito difícil para o Ney ler. Ele me contou depois. Então, esse é um ponto que eu diria que foi uma surpresa. Não a ponto de mudar a narrativa, mas de se valorizar bastante no livro, porque acho que é um desafio que o Ney encontrou pela frente (MARIA, 2023).

Em consonância com a divulgação desses episódios, o biógrafo optou por incorporar à narrativa o ambiente social no qual Ney estava inserido quando Chacrinha e outros indivíduos difamaram o cantor. Conforme destaca o biógrafo (2021) no livro, Ney e a banda *Secos&Molhados* nos anos 60 foram alvos de perseguições durante a ditadura militar. Esse período, que corresponde ao regime militar no Brasil (1964-1985), foi marcado por vinte e um anos de práticas consecutivas de perseguição, censura e silenciamento contra artistas nacionais. Sob a liderança do alto escalão do Exército, após o golpe de estado contra o governo de João Goulart, o regime militar proibiu canções como "Cálice" (1978) e "Apesar de Você" (1978), de Chico Buarque, e "Que as crianças cantem livres" (1973), de Taiguara Chalar da Silva, cantor

uruguaio radicado no Brasil. Diversos artistas renomados da MPB também tiveram suas músicas censuradas.

No entanto, como ressalta Julio (2023), a censura contra Ney ocorreu de maneira mais sutil durante o Regime Militar. "Ele nunca foi exatamente torturado, não era um preso político, não saiu do país por causa disso. Mas, evidentemente, como mostram os documentos, foi vigiado, cerceado, perseguido pela censura nos camarins dos shows" (MARIA, 2023). A revolta também despertou a hostilidade de parte da sociedade contrária à banda, a ponto de, em novembro de 1978, uma carta<sup>30</sup> contendo ameaças à performance de Ney Matogrosso ter sido enviada ao Ministro da Justiça. O autor do texto foi o advogado Alcides Barbosa da Cunha. Ele dizia que a performance artística de Ney Matogrosso corrompia os costumes da família e tornava difícil a criação dos filhos no país. Ainda enfatizava que não seria correto a justiça permitir que um "portador de anomalia cerebral" impusesse ultraje à sociedade. O advogado ainda chama o artista de vulgar, desmoralizante, viciado, virulento, inimigo da sociedade, inimigo comum e pede um basta à perversão.

Nesse cenário, importa ressaltar que Ney Matogrosso também desconhecia diversos eventos que marcaram sua vida durante a ditadura. Devido à extensa passagem do tempo e ao comprometimento intenso com sua carreira, Ney teve não pôde testemunhar certos discursos e acontecimentos que circundam sua trajetória pessoal durante esse período. Mais uma vez, a biografia emerge como um veículo de expressão dessa dimensão testemunhal, destacando não apenas os elementos conhecidos da vida de Ney, mas também aspectos até então obscurecidos pela passagem do tempo e pelo desconhecimento sobre determinadas informações.

Em certa medida, as escolhas narrativas de Julio Maria não se limitam a uma mera exposição cronológica dos eventos na vida de Ney Matogrosso. Ao contrário, elas revelam uma análise profunda das complexidades que permeiam a memória do biografado. Ao incorporar a narrativa da ditadura, o biógrafo não tem somente a intenção de preencher lacunas históricas, mas de proporcionar uma reflexão sobre como a vida de Ney no espaço público pode ter

---

<sup>30</sup> Na carta, o advogado reclama da performance de Ney Matogrosso em um programa de televisão. Além disso, o texto endereçado ao Ministro da Justiça também contém ameaças e perseguições ao cantor. Disponível em: <<https://documentosrevelados.com.br/homofobia-no-tempo-da-ditadura-atinge-o-cantor-ney-matogrosso/>>. Acesso em: 22. jan. 2023.

influenciado suas questões pessoais. Isto é, a narrativa testemunhal sobre a memória vai além de um relato factual. Ela também aborda como a exposição pública de Ney durante a ditadura o fez refletir sobre sua própria importância como figura pública quando a biografia foi publicada. Desse modo, as escolhas narrativas do biógrafo não apenas elucidam eventos históricos, mas também destacam as nuances das relações entre público e privado na elaboração de narrativas biográficas, particularmente no contexto do jornalismo de teor testemunhal. A inserção de eventos históricos na biografia, desse modo, não apenas diversifica a compreensão do público sobre a vida do artista, mas também revela as fronteiras permeáveis entre o âmbito pessoal e os contextos históricos que influenciaram a trajetória de Ney Matogrosso.

Ao destacar Ney como alvo tanto da repressão da ditadura quanto da figura paterna, Julio Maria estabelece uma conexão entre as experiências pessoais do biografado e os eventos históricos que moldaram sua vida. Simultaneamente, revela como os momentos históricos foram, em algum grau, impactados pela presença de Ney nos palcos. Essa interligação entre a trajetória pessoal de Ney e os acontecimentos históricos oferece uma perspectiva narrativa que ressalta as influências existentes entre o indivíduo e o contexto sociopolítico. As escolhas narrativas do biógrafo não se limitam a uma apresentação factual, instigando reflexões sobre as fronteiras entre o público e o privado na construção das narrativas biográficas. Essa abordagem dialoga com a visão de Schmidt (1997), que, na escrita jornalística de biografias, destaca não apenas as realizações públicas, mas a importância de abranger facetas como sentimentos, inconsciente, cultura, dimensão privada e cotidiano.

Além disso, a relação entre Ney e seu próprio corpo como alvo, não apenas da ditadura e da figura paterna, mas também de sua percepção pessoal, é habilmente explorada por Julio Maria. Este enfoque, ao utilizar o corpo como elemento na construção biográfica, contribui para a reflexão sobre as fronteiras entre o público e o privado, como será aprofundado no próximo tópico. Essa perspectiva conecta-se ao entendimento de Silva (2009), que destaca que a memória levanta questões que exigem reflexão, especialmente no contexto da manutenção de uma memória por forças sociais. Silva (2009) também enfatiza que o biografismo, ao evidenciar a multiplicidade de significados e expectativas em diferentes obras, autores e épocas, é um campo propício para revelar as complexidades das narrativas individuais. Pollak (1989), por sua vez, aborda a natureza das memórias, evidenciando que as lembranças podem apresentar

zonas de sombra, silêncios e "não-ditos", que se sobrepõem ao esquecimento definitivo. Assim, a análise do biógrafo, ao considerar essas dimensões, enriquece a compreensão da interação entre história, memória e construção de biografias. Essas considerações fornecem um contexto teórico essencial para examinar a abordagem de Julio Maria na próxima seção.

### 3.1.2 Concepção do corpo biográfico

Na primeira experiência com a biografia, o leitor se depara imediatamente com a capa do livro, elaborada pelo ilustrador Alceu Chiesorin Nunes, que atua há dez anos como diretor de arte do Grupo Companhia das Letras e dedica-se à coordenação da produção e criação de capas de livros. A imagem da capa apresenta o rosto de Ney Matogrosso, com um semblante sério, olhar atento e diversos adereços associados à cultura hippie e cigana em seu pescoço. A mesma imagem revela um corpo magro com pelos, em contraste com o brinco na orelha, um lenço no cabelo e um bracelete de alumínio preso ao braço. Para se ter uma imersão na linguagem corporal que as fotografias buscaram captar, adicionamos as fotos como anexo no final desta dissertação.

A fotografia escolhida para a capa da biografia faz parte de um ensaio artístico, em preto e branco, intitulado "Retratos que um dia fiz: Ney Matogrosso, 1976". As fotos da sessão apresentam Ney sem camisa, em um fundo preto, sempre com expressões mais sérias no semblante, mas, paradoxalmente, com um corpo delicado e descontraído. Ao que a foto parece propor ao leitor, é justamente reproduzir a personalidade e o corpo de Ney, conhecido por suas naturezas andróginas, contrastantes e imprecisas; mesma ideia que foi pensada pelo biógrafo ao escrever a história de vida do cantor. Com um total de 512 páginas distribuídas ao longo de 25 capítulos, o livro proporciona uma narrativa que percorre diversos estágios da vida de Ney.

Decerto, com bastante frequência, a mídia<sup>31</sup> e a opinião pública refere-se a Ney como um corpo e uma pessoa resistentes, quase imunes às vicissitudes do tempo. Por essa, entre outras razões, Maria (2023) diz considerar a figura de Ney Matogrosso como representativa de um

---

<sup>31</sup> Em especial nessa matéria, é dada atenção ao corpo de Ney ainda nos dias atuais. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2021/08/13032037-aos-80-anos-ney-matogrosso-revela-seus-segredos-para-o-corpo.html>>. Acesso: 15. dez. 2023.

corpo que é símbolo de resistência e originalidade em suas performances artísticas, em seus posicionamentos políticos a partir de sua própria história, seu modo particular de conduzir os desejos e sua filosofia de vida, que muito tem a ver com o período em que viveu como hippie nas décadas de 70 e 80. O biógrafo (2023) conta que desde o início da produção da biografia levou a corporalidade de Ney como elemento capaz de direcionar a narrativa do livro. O jornalista relata que um episódio na biografia o fez pensar no modo com a narrativa seria criada ao longo da escrita da obra. Trata-se do dia em que o pai de Ney Matogrosso o colocou nu, em frente à casa onde moravam, para que todos que passassem na rua vissem aquele corpo desnudo. Na época, Ney Matogrosso tinha apenas cinco anos. A punição derivou de alguma brincadeira de criança. As pessoas que passavam pela rua paravam, viam a criança pelada e começavam a dar risadas. Ney, com muita vergonha, pegava a areia com a mão e passava no corpo, para cobri-lo de areia, cobrindo-lhe também a vergonha de ser como um bode-expiatório<sup>32</sup> do pai. Ao rememorar a infância de Ney Matogrosso, Maria oferece uma visão privada do ambiente em que o biografado foi criado, destacando as adversidades que marcaram sua trajetória desde os primeiros anos de vida:

Eram 1500 bombeadas todas as tardes, até que a água do poço enchesse a caixa no alto da casa. Uma tarefa que Ney desempenhava contando cada movimento para tentar diluir o ódio das lembranças. “Menino, levanta”, gritava o pai com um puxão nas cobertas antes de amanhecer. “E venha limpar minhas unhas.” A água subia e com ela chegavam as memórias. Ele só tinha cinco anos quando foi deixado de castigo nu no jardim onde todos podiam vê-lo. Uma criança assustada que buscava encobrir as vergonhas esfregando no corpo a terra do chão. A bomba era pressionada com golpes de raiva. Se pudesse, mataria aquele homem. “Ele não chora”, admirava o irmão. “Eu não quero filho viado”, dizia o pai. “Matto Grosso ainda acaba com esse garoto”, comentava um vizinho. “Deixa o menino em paz”, pedia a mãe. Naquela tarde de 1958, aos dezessete anos, Ney encheria a caixa pela última vez (MARIA, 2021, p. 6).

Este relato não se limita a expor apenas as dimensões tangíveis do corpo físico de Ney, mas vai além, incorporando ao texto biográfico os aspectos metafísicos e, em certa medida, traumáticos que permeiam a experiência humana. Esses elementos integram a narrativa

---

<sup>32</sup> A expressão "bode expiatório" refere-se a uma pessoa ou grupo que é injustamente responsabilizado por problemas ou erros, muitas vezes para desviar a atenção de outros culpados ou questões mais profundas. Um "bode expiatório" é escolhido para assumir a culpa, muitas vezes de maneira arbitrária, a fim de evitar que os verdadeiros responsáveis enfrentem as consequências. O termo tem origens na prática antiga de colocar os pecados do povo em um bode, que era então expulso para simbolizar a remoção dos pecados. No caso de Ney, o pai utilizava o corpo do artista como um repositório de suas próprias frustrações.

biográfica e ainda revelam as camadas mais profundas que foram armazenadas na memória íntima do biografado. Em consonância com essa abordagem que busca captar tanto o palpável quanto o intangível, Dumont e Preto (2005) afirmam que o corpo humano é o epicentro de toda expressão humana. Ele não apenas constitui o ponto de origem dos pensamentos, da resistência e do desenvolvimento da linguagem, mas ainda fornece o espaço onde as subjetividades individuais se manifestam, seja de maneira explícita ou sutil.

Ao analisar as apropriações e violências que impactam certos sujeitos e coletividades na modernidade, Santos (2007) destaca a importância de observar os pensamentos e as linhas abissais que dividem o mundo, evidenciando resquícios dos processos colonialistas que ainda influenciam a forma como o indivíduo vive em sociedade. Segundo o autor (2007), existe uma cartografia moderna dual nos âmbitos epistemológico e jurídico, cuja profunda dualidade do pensamento abissal foi implementada por meio de poderosas bases institucionais, como universidades, centros de pesquisa, escolas de direito e profissões jurídicas. Esse contexto sublinha a urgência em desafiar essas dualidades e considerar o corpo não apenas como vítima dessas divisões, mas também como um agente de transformação e resistência contra as estruturas de poder que as perpetuam (SANTOS, 2007, p. 76). Diante disso, ao levar em consideração as experiências do passado e do presente, a discussão sobre o corpo, seja como alvo de controle e domínio, seja como agente de resistência e quebra desse sistema opressor, emerge como um tópico inegavelmente relevante.

Essa discussão desafia a reflexão sobre como as sociedades percebem e tratam corpos frequentemente classificados como "outros", com base em diferenças culturais, étnicas ou religiosas. Por meio de uma lente crítica, deve-se compreender como o corpo é sujeito à exploração e à opressão, ao mesmo tempo em que persiste como um terreno fértil para resistência e expressão cultural. Esta perspectiva adiciona uma camada à análise do corpo biográfico de Ney, destacando as experiências individuais e a influência nas estruturas sociais que configuram as narrativas e a percepção dos corpos ao longo do tempo. Nesse contexto, a compreensão do corpo como um agente performático, discutida por vários autores, abre oportunidades para desafiar estruturas de poder e demandar uma maior contextualização na utilização da memória na biografia de Ney Matogrosso. Autores como Bertolini e Jefferson (2018) ressaltam que o corpo vai além de ser um mero objeto de notícias, transformando-se em um símbolo cultural integrado às agendas das redações. Com isso, a crítica à biografia ganha

força ao considerar que, embora o biógrafo tenha trazido ao texto testemunhal a relação entre o corpo de Ney e sua própria existência, não proporcionou uma análise histórica e social equivalente para os corpos desviantes.

Se a vida do artista esteve entrelaçada a movimentos político-culturais em diversos momentos durante a escrita biográfica, seria igualmente relevante, especialmente em um contexto jornalístico, contextualizar a marginalização desses corpos ao longo da narrativa. O biógrafo, ao compartilhar a passagem do corpo de Ney sendo sobrepujado por sua própria existência, poderia ter estendido essa abordagem para uma compreensão mais abrangente das lutas e marginalizações enfrentadas pelos corpos desviantes ao longo do tempo. Assim, a narrativa ganharia uma camada mais profunda ao considerar não apenas a experiência individual, mas também as dinâmicas sociais e históricas que moldaram a trajetória tanto de Ney quanto das vidas postas em constante vulnerabilidade, desde a infância, como destaca Butler (2017). Ao salientar que o corpo é um componente fundamental na construção das narrativas jornalísticas e na interpretação da cultura contemporânea, a crítica ressalta a ausência de uma análise mais abrangente do contexto social que moldou a resistência de Ney. Embora a narrativa enfatize o corpo como um espaço de representações simbólicas, pensamentos e subjetividade, a falta de uma exploração mais profunda sobre como essas representações se entrelaçam com o panorama histórico e social pode restringir a compreensão do leitor.

As reflexões de Fabiana Moraes e Márcia Veiga da Silva (2019) sobre o jornalismo diário no Brasil buscam compreender que o jornalismo muitas vezes falha em lidar com as complexidades das realidades em debate público, especialmente as desigualdades sociais marcadas por questões de raça, gênero e classe. As autoras (2019) observam que o jornalismo, ao operar dentro das estruturas de poder-saber, reproduz os valores dominantes, perpetuando uma racionalidade excludente. Além do mais, a perspectiva de Austin (1962) sobre a linguagem como uma força performativa que influencia diretamente ações, percepções e experiência corporal é crucial para entender como a narrativa biográfica, ao negligenciar a análise mais profunda do contexto social, pode limitar a compreensão do impacto do corpo de Ney no cenário cultural. Foucault (1997), alinhando-se a essa visão, destaca que a linguagem não é apenas um veículo neutro de expressão, mas uma força que molda nossa relação com nossos corpos, o que reforça a importância de uma abordagem mais crítica e contextualizada durante a escrita e toda a produção jornalística de uma biografia.

Para Maria (2023), foi a partir desse testemunho que o jornalista concebeu uma ideia intrigante ao associar a imagem de Ney ao desenvolvimento de uma biografia, destacando o corpo do artista como sua principal forma de resistência e base da narrativa. Um testemunho capaz de endereçar a escrita a partir da corporalidade e reconhecer, nos episódios em que o corpo sofre com o trauma, a trama de vida em ser Ney Matogrosso. Ao contrário do que se possa imaginar, o próprio cantor, por sua vez, nunca havia feito essa conexão. Segundo o biógrafo (2023), a história de vida de Ney é marcada pelo momento em que seu corpo é exposto; o mesmo corpo que será destacado como sua maior fortaleza. Conforme relatado pelo jornalista durante a escrita dessa dissertação (2023): "a força do discurso do Ney é musical e físico; está na voz e no corpo". Com essa perspectiva, a narrativa foi se entrelaçando com episódios da vida do biografado, nos quais o corpo direcionava a escrita e, até mesmo, limitava a entrada do biógrafo nos espaços públicos e privados do artista:

Muito curioso perceber como ele (Ney Matogrosso) faz isso hoje, aos 84 anos, na turnê em que ele está subindo aos palcos pelo Brasil, com "O bloco na rua". Muito curioso como ele começou a fazer isso. Com o *Secos&Molhados*, todo mundo estranhando aquela criatura que aparece no palco. Engraçado, Augusto, isso é muito importante. O corpo do Ney não é erotizado no início. Ele vai fazer isso depois no disco "Bandido". No segundo disco solo, ele vai tomar uma postura mais sedutora. O corpo em nome da sedução. No "Água do céu pássaro", seu primeiro disco solo, ele ainda mantém uma pegada animal, selvagem, um corpo que expressa os movimentos de uma ave. Até esse momento, ele está muito mais focado nisso, nesse lugar do animal, do que uma eroticidade nos seus shows (MARIA, 2023, grifo nosso).

A partir do relato de Julio Maria (2023), que aborda a percepção de Ney como um corpo em constante mutação e metamorfoses, torna-se evidente que a relação entre o biógrafo e o biografado direciona, em certa medida, a composição da narrativa de vida de Ney. Essa relação não se limita apenas à elaboração da narrativa biográfica, mas estende-se a um entendimento mais profundo, conferindo ao corpo do artista um significado que transcende sua natureza física. Essa constatação fica evidente no capítulo "Guerra de pai, guerra de filho", quando Julio além de narrar os episódios faz uma espécie de comentário sobre a relação de Ney com seu próprio corpo e de como essa descoberta estará envolvida na personalidade do artista:

Ainda era cedo, Ney tinha cinco anos, e suas percepções corporais só iriam começar mais tarde, mas alguns sinais já existiam. Ao ir buscar uma rosca portuguesa chamada cavaca no armazém onde trabalhava o irmão da professora Lourdes, o rapaz abriu o bolso da calça dizendo que bastava colocar a mão ali e pegá-la, deixando o pênis para ser apalpado. Ney não entendeu. Outra vez, mais atento, enquanto andava por um

caminho na mata, se deparou com um casal transando de pé. “Sai daqui, seu moleque”, disse o rapaz. Ele voltou no dia seguinte, mais curioso, e os reencontrou na mesma posição. “O que você quer, menino?”, disse o jovem. E Ney respondeu: “Eu quero aprender”. Diferentemente do que pensava o padre, as primeiras saliências da “criança perigosa” não se dariam com homens nem com mulheres, mas com ele mesmo (MARIA, 2021, p. 31).

O corpo, para a própria biografia, tornou-se um repositório de testemunhos que ganha vida ao se conectar aos eventos vividos por Ney Matogrosso ao longo de sua trajetória. A proposta de Maria (2023) em olhar para esse corpo como fonte testemunhal corrobora como o que Seligmann-Silva (2008) chama de “escuta ativa e espontânea do testemunho nas narrativas”. Essa ideia é fundamental para ampliar as vozes individuais e coletivas, dando expressão às memórias de processamento complexo, especialmente aquelas relacionadas a experiências traumáticas. O autor (2008) ainda ressalta que o testemunho não existe sem a disposição de ouvir e o desejo de compartilhar a carga do “Outro”. Quando o jornalista assume o papel de portador do testemunho, ele adota uma postura ativa e comprometida com a dinâmica desse testemunho (PERES, 2016).

O papel da escuta ativa do testemunho transcende o mero ato de ouvir, envolvendo uma ética que permeia essa interação. Embora seja reconhecido que o jornalista deva aderir a diretrizes para evitar invadir a privacidade da fonte, ao mesmo tempo, ele deve fornecer informações de interesse coletivo ao público. Nesse contexto desafiador, Maria (2023) aponta para a dificuldade em estabelecer fronteiras precisas e definitivas entre os espaços público e privado, destacando a falta de nitidez na demarcação desses limites. No entanto, ao trazer questões tão íntimas de Ney Matogrosso para a esfera pública, é crucial questionar como o biógrafo equilibra o respeito à privacidade com a responsabilidade ética de informar, considerando o impacto dessas revelações na vida do biografado e na percepção do público sobre sua história pessoal.

Para o biógrafo (2023), é incumbência do jornalista delinear conjuntamente com o biografado as possíveis fronteiras entre o público e o privado durante a pesquisa e a composição da biografia. Essa abordagem não apenas evita a mecanização do processo de escrita biográfica, mas também o torna mais flexível, não limitando-se estritamente a manuais de redações jornalísticas ou a princípios da profissão que podem ser considerados ultrapassados. Essa

abordagem buscaria, em alguma medida, equilibrar o direito à privacidade do biografado com a responsabilidade de divulgar informações pertinentes ao público.

Sobre isso, a perspectiva do biógrafo (2023) ressalta a necessidade de uma colaboração estreita entre jornalista e biografado. No entanto, é válido destacar que essa abordagem sugerida pelo autor da biografia pode levantar questões sobre o poder que o biografado, muitas vezes uma figura pública, tem na seleção e moldagem da narrativa, o que poderia influenciar na objetividade da biografia. Vale mencionar, ainda, que a proximidade entre o biógrafo e o biografado, embora proporcione uma narrativa mais intimista, também levanta a questão de até que ponto a objetividade jornalística é mantida. O controle sobre o que é suprimido e o que é destacado pode refletir não apenas as preferências do biografado, mas também influenciar a amplitude da narrativa, impedindo uma análise mais abrangente dos eventos e das relações de Ney Matogrosso com seu contexto histórico e social. Essa dinâmica pode, de fato, configurar a biografia de maneira que não apenas respeite a privacidade, mas também exclua aspectos desconfortáveis ou controversos da vida do biografado. Dessa forma, a relação próxima pode, paradoxalmente, limitar a profundidade da análise jornalística proposta pela biografia.

No caso da biografia de Ney, pensar a relação entre corpo e narrativa biográfica foi uma das maneiras de delimitar o que seria de interesse público. Ao trazer o corpo escondido na infância, houve várias intenções, mas uma delas foi justamente endereçar a ideia de que o *locus* testemunhal da vida narrada de Ney Matogrosso perpassa, em grande proporção, pela sua relação com o próprio corpo. “É curioso você perceber que, ao tentar expor o filho, o pai consegue fazer com ele saiba lidar com o corpo publicamente. Só com o tempo entenderá que o corpo será, no futuro, sua grande arma” (MARIA, 2023). No livro, o biógrafo chega a compartilhar com o leitor de que modo o corpo de Ney era visto até mesmo dentro da igreja, em que decidiu fazer comunhão, ainda pequeno:

Ney gostou da ideia de ingressar na turma para fazer a primeira comunhão, mas algo o havia intrigado na conversa inicial com o sacerdote. Depois de reparar que o garoto o olhava com alguma admiração, o padre advertiu: “Esta criança é muito perigosa”. No caminho de volta, Lourdes lançou broncas contra um “menino que não conseguia entender o mal que tinha feito. Passado algum tempo, na preparação para a primeira comunhão, Ney foi ao confessionário purificar-se do que poderia carregar de pecado naquele corpo tão pequeno e ouviu o padre perguntar: “Você já fez saliência com meninas?”. “Não”, disse ele, entendendo por saliência a coisa proibida dos adultos. “E com os meninos?” Meninos? Na volta para casa, Ney não conseguia parar de pensar como seria, afinal, fazer saliências com meninos” (MARIA, 2021, p. 31).

De certa maneira, a escolha do biógrafo de retratar a infância de Ney no início da biografia, com revelações sobre como seu corpo se manifestava de maneira não conformista em relação às expectativas sociais de normalidade sexual, ancoradas no sexismo, heteronormatividade e misoginia, reflete uma decisão narrativa que busca compor a imagem biográfica do cantor. Esse corpo, muitas vezes em discordância com as normas sociais impostas sobre a expressão de traços femininos em corpos masculinos, passa a ser, por si mesmo, uma forma de narrativa biográfica, como se delineasse os caminhos de transformação que o conduziram à sua identidade atual.

Das (2020) destaca que, por meio da interação entre corpo e linguagem, muitas mulheres, sujeitas a uma sociedade patriarcal que limita diariamente suas ações corporais, conseguiram dar voz e evidenciar os prejuízos sofridos por elas, além de testemunhar o dano infligido ao tecido social como um todo. Nesse contexto, o ataque direcionava-se à própria ideia de que grupos diversos poderiam coexistir no mesmo espaço (DAS, 2020, p. 11). A autora ressalta, ainda, que várias contribuições recentes para a teoria da subjetividade enfatizam que a experiência de se tornar sujeito está intrinsecamente ligada à sua vivência de maneiras significativas. De forma semelhante, ao observar a narrativa biográfica sobre a infância de Ney e como seu corpo desafiava as normas sexuais impostas pela sociedade, a biografia propõe uma narrativa que vai além da individualidade, o que leva à concepção de um testemunho das transformações vivenciadas pelo cantor e à necessidade de se pensar em existências possíveis, em novas corporalidades, sobretudo no que concerne à corporalidade infantil, que também tem sido cada vez mais alvo de discursos regulatórios, homofóbicos e sexistas. Assim como as mulheres destacadas por Das (2020), na biografia de Julio Maria, Ney utiliza seu corpo como meio de expressar as complexidades de sua identidade, rompendo com as expectativas sociais, religiosas e familiares preestabelecidas.

No entanto, essa abordagem levanta interpretações e questionamentos adicionais, como a importância em se compreender em que medida o corpo de Ney foi realmente moldado por essas repressões sociais e em que medida o próprio Ney, enquanto pessoa e artista, foi impactado por essas influências. Entrevistas anteriores revelam a postura tranquila de Ney em relação ao seu passado. Ele destaca que não se identifica mais com sua história progressista e que não reflete intensamente sobre os eventos de sua vida.

Portanto, embora a narrativa biográfica possa oferecer novas informações e relações sobre a trajetória do cantor, não pode plenamente afirmar que o artista é uma representação completa de seu corpo ou uma manifestação das violências que experimentou. Ademais, na esfera privada, Ney é conhecido por sua personalidade mais reservada, em contraste com sua presença extrovertida nos palcos. Nesse contexto, é possível considerar que Ney, como uma forma de externalizar as frustrações e silenciamentos vividos, tenha utilizado seu corpo como meio de transcender o âmbito privado e introduzir no público a ideia da performance, representada pelos movimentos, provocações e ritmo singular em suas apresentações. A relação entre os espaços público e privado, nesse sentido, pode ter sido crucial para que Julio navegasse na compreensão e redação da biografia de um dos ícones mais proeminentes da América Latina. Entretanto, não se pode afirmar que a identidade do cantor é exclusivamente resultado direto de sua relação com o corpo e dos traumas que vivenciou.

Evidentemente, não se pode negar que a abordagem do biógrafo ao considerar o corpo de Ney Matogrosso como uma arma contra seus traumas é, de fato, pertinente. Ao mesmo tempo em que também não se pode negligenciar a dualidade dessa exposição. Enquanto o corpo é visto pelo jornalista como instrumento de superação, ele também se torna vulnerável às interpretações e discursos que emanam da própria biografia. A narrativa, ao expor o corpo, inadvertidamente o submete a uma dimensão do sensível, reativando não apenas os traumas passados, mas também criando um espaço onde o corpo do artista é submetido à escrutínio e às diferentes interpretações. Nesse contexto, a biografia revela o corpo como um corpo que resiste, mas, ao mesmo tempo, destaca a fragilidade inerente à exposição pública, reacendendo, de certa forma, os desafios que esse corpo enfrenta ao se confrontar com as representações e construções externas. Portanto, há uma ambivalência na forma como a biografia maneja a narrativa em torno do corpo de Ney, entre a afirmação no âmbito privado e a vulnerabilidade no espaço público.

Diferente de outros artistas, Ney Matogrosso não é um dos que mais falavam publicamente sobre sua vida, apesar de ser considerado alguém que também não esconde suas intenções. Ney, publicamente, é um ser reservado, o que contraria em alguma medida a expressividade do seu corpo que a biografia quis evidenciar. Nesse corpo, residem as marcas de seu passado. Sua vida, discernida pelo biógrafo no encontro com o biografado, atravessa esse corpo. A narrativa, então, é constantemente influenciada por ele, agenciada a todo momento. É nesse receptáculo que se encontram as correntes quebradas de seu passado, quando

escolheu utilizá-lo como uma ferramenta enunciativa e performática para a não categorização de sexo, gênero, identidades sexuais e outras tantas.

Como aponta Judith Butler (2017), a partir de sua filosofia sobre performatividades, os corpos são inerentemente performáticos. A performance emerge como o elemento vital que confere identidade e resiliência ao corpo, transformando-o em um protagonista fundamental na expressão humana (BUTLER, 2017). Dessa forma, o ato de performar revela-se como a ação essencial realizada pelo corpo, com implicações nos domínios político, social e cultural. Isso não apenas desloca e descentraliza os processos únicos que constituem a linguagem na performance como um gênero artístico, mas também estende as fronteiras das conexões humanas. Assim, a performatividade amplia a trama de relações para além do corpo, acrescentando dimensões significativas ao conceito do corpo como meio de expressão e comunicação. Esse corpo ressoa, assim, com a luta pela liberdade e anarquismo, desafiando a figura paterna que tentava subtrair dele sua essência mais substancial — a busca por uma performance que transcende o ser definido, uma existência sem categorizações.

No capítulo “Amor, sexo e suicídio”, é compartilhada a relação que Ney havia com seu corpo na adolescência. Ainda era um momento de descobertas, mas Ney já sabia que o limite de gênero também não fazia parte de sua personalidade. “Depois de pensar em abrir-se para meninos e meninas, Ney sentiu segurança ao se entender com a prima e passou a sufocar as vontades que poderia sentir por alguém do mesmo sexo” (MARIA, 2021, p. 42). A obra revela que Ney transava com sua prima, à deriva da ingenuidade da família, e essas foram suas primeiras experiências sexuais. Conforme revelado no texto biográfico, Ney Matogrosso também sentia atração sexual e romântica por meninos, uma experiência que desencadeava, mesmo em alguém aberto a não categorizar dinâmicas sexuais, uma confusão sobre sua própria identidade e seu corpo. Essa confusão é um reflexo da sociedade, condicionada a impor às pessoas limites pela cultura, impedindo-as de transcender as expectativas convencionais. Ao tratar da relação sexual entre Ney e sua prima, o biógrafo não economiza palavras:

A prima estabeleceu com Ney uma rotina para as transas secretas. Protegidos pela ingenuidade da família, que não via maldade no garoto calado demais para a lascívia, os dois deitavam-se na mesma cama, cobrindo-se com mantas mesmo em noites de calor para cobrirem-se de corpos logo depois, assim que as luzes se apagassem e os adultos fossem dormir. Ney ia para o quarto primeiro e fingia pegar no sono até a moça chegar, sempre bem-disposta. Seu sangue agora fervia antes mesmo que ela

viesse lhe ensinar posições de prazer a cada noite, retirando-o da infância e conduzindo-o de muitas formas ao mundo dos homens (MARIA, 2021, p. 41).

Ao divulgar as relações sexuais de Ney Matogrosso, a biografia de Julio Maria oferece uma visão íntima do cantor, incluindo detalhes sobre sua transa com a prima, um relacionamento com um colega da aeronáutica, com Cazuzu, com o ator Leonardo Villar e com tantas outras pessoas. No entanto, ao destacar essas experiências, há uma consideração sobre o risco de enquadrar a vida amorosa do artista numa ótica reducionista, na qual sua identidade é relacionada à esfera sexual. A escolha narrativa de compartilhar essas relações afetivas, de fato, é valiosa para compreender Ney em sua vida privada, mas também demanda uma reflexão sobre como essa abordagem pode sugerir ao leitor uma relação direta entre a personalidade do artista e as questões sexuais.

Em histórias sobre pessoas LGBTQIAP+ ou que não se identificam com os termos de orientação, identidade e expressão sexuais existentes no corpo social, é comum notar uma focalização intensa nas dimensões sexuais de suas vidas, como se a sexualidade fosse o prisma definitivo para compreender suas histórias. Embora essa abordagem amplifique discussões sobre liberdade sexual e identidade, a biografia de Ney Matogrosso, ao narrar suas relações amorosas, pode contribuir para consolidar uma representação que superdimensiona a vida do artista em torno de sua sexualidade. É, portanto, necessário reconhecer que a experiência fora dos padrões heterossexuais é multifacetada, indo além das relações amorosas, e a atenção excessiva a esses aspectos pode perpetuar estereótipos, restringindo a compreensão da diversidade de trajetórias individuais.

Sob essa ótica, Foucault (1997) propõe uma atenção direcionada não apenas para os discursos proferidos, mas também para aqueles que constantemente tentam suprimir ou ocultar variações e efeitos distintos, dependendo de quem é o emissor, qual a sua posição de poder e o contexto institucional que o envolve. Esses discursos são como fórmulas maleáveis, adaptando-se e sendo reutilizados conforme diferentes objetivos. Assim, torna-se crucial considerar não apenas a linguagem em sua natureza performática, mas também a escrita jornalística nesse contexto, compreendendo-a como um elemento dinâmico e influente na construção de significados e configuração de percepções individuais e coletivas sobre o corpo.

Em constante reflexão sobre a dicotomia do corpo no espaço público e privado, Julio Maria (2021) detalha na biografia a recusa pública do *Jornal do Brasil* em entrevistar o cantor, rotulando-o como pessoa travesti, o que reflete a persistência do preconceito e da discriminação midiática em relação ao corpo do artista à época. Essa rejeição ressalta como o corpo pode se tornar um campo de disputa de significados, e como as identidades de gênero e sexualidade podem ser mal compreendidas e marginalizadas. De certa forma, ao dar eco a esses discursos cotidianamente disseminados pela mídia sobre o corpo de Ney, Julio Maria encontrou uma maneira de transpor a percepção do corpo do âmbito privado para o espaço público. O jornalismo e a mídia, por exemplo, se destacaram como espaços nos quais Ney enfrentou intensamente o ódio direcionado à sua corporalidade. No capítulo, “Glória e Insulto”, a biografia revela um episódio específico, descrito na coluna intitulada “Como é que pode? Nudez dos Secos e Molhados é ilusão”, na qual Chacrinha, apresentador de TV, constantemente equipara Ney à figura de uma pessoa travesti, ridicularizando-o e retratando-o como um ser desprezível que era privilegiado por expor seu corpo na televisão. A biografia, a fim de elucidar o que era dito pelo apresentador, compartilha com o leitor um trecho da coluna em que Ney é lido por Chacrinha como um corpo de “gestos lascivos”:

Aquela dança do ventre de Ney Matogrosso [...] não existe. É que a gente vê os gestos lascivos do dito cujo, ouve a sua voz em falsete, pensa que aquilo tudo é travesti e, vai-se-ver, não é. Pela simples razão de que travestis (e similares) estão proibidos de apresentação na TV. Ora, se aquilo que os *Secos&Molhados* fazem não é consentido em TV, logicamente o que se está vendo - e a TV tem mostrado, tanto e tanto, é pura ilusão. De ótica. É um ufo, um óvni, coisa assim (MARIA, 2021, p. 180).

Essa exposição pública do corpo de Ney Matogrosso, frequentemente mediada por discursos negativos, revela não apenas a maneira como o corpo é moldado e percebido na esfera midiática, mas destaca a necessidade, segundo o biógrafo (2023), de compreender a dimensão pública do corpo. O corpo de Ney, enquanto sujeito da exposição midiática, torna-se um campo de batalha simbólico, onde as normas sociais e as expectativas de gênero são debatidas e contestadas. Julio Maria, ao trazer à tona essas narrativas, narra a história de Ney Matogrosso e incita uma reflexão sobre como a sociedade lida com a diversidade corporal no contexto público, especialmente quando essa diversidade desafia as normas preestabelecidas.

Essa marginalização, por sua vez, atua como um mecanismo de exclusão, impedindo que certas vidas alcancem espaços de poder ou ganhem visibilidade significativa na estrutura

social. O biógrafo, ao construir a narrativa biográfica com atenção ao corpo e ciente dessas dinâmicas de poder, buscou proporcionar ao leitor e ao próprio biografado um maior entendimento sobre as dimensões discursivas do corpo de Ney Matogrosso no contexto social. Essa percepção emerge da relação entre o biógrafo e o biografado, destacando o testemunho do corpo também como uma ferramenta eloquente para a elaboração da narrativa biográfica. É por meio desse diálogo entre ambos que as nuances do corpo de Ney Matogrosso adquirem destaque na narrativa, revelando-se como um testemunho midiático das lutas, resistências e transformações que configuram a narrativa sobre sua história de vida. Esta relação, guiada pela escuta ativa do testemunho, buscaria manter um equilíbrio entre os espaços público e privado do corpo, o que proporciona uma compreensão mais ética sobre o artista e das questões sociais abordadas em sua obra.

### **3.2 Relação entre biógrafo e processo da narrativa biográfica**

Todo texto é, intrinsecamente, uma criação humana, manifestação da habilidade dos seres humanos em se comunicar, transmitir ideias e compartilhar informações por meio dos códigos linguísticos. Essa criação, portanto, implica escolhas conscientes, desde a seleção de palavras até a estruturação de frases e a organização de ideias, todas permeadas, em alguma medida, pela subjetividade de quem escreve. Essa subjetividade, que permeia cada palavra e estrutura escolhida para a composição da obra, molda simultaneamente as experiências, perspectivas e intenções do autor. Nesse contexto, o texto não se limita a ser apenas um veículo de informações, mas configura-se como um reflexo do sujeito que o concebe, incorporando sua visão de mundo e as nuances de sua individualidade. Vale lembrar que esse processo de sociabilidade também afeta o biógrafo em seu processo de escrita.

Partindo desse pensamento, a subjetividade, longe de ser uma inevitabilidade, é um componente narrativo que confere singularidade e profundidade à comunicação escrita. No contexto específico da biografia de Ney Matogrosso, o biógrafo, Julio Maria, se viu frequentemente afetado pela história do seu biografado. Ao longo do processo de escrita, deparou-se com momentos de escolhas, nos quais era necessário decidir de que maneira contar, o que incluir na narrativa e quais razões atribuir a determinadas informações, ponderando sobre

a pertinência de compartilhá-las com o público. Essas decisões, permeadas pela subjetividade do biógrafo, não apenas moldaram a forma como a história foi contada, mas também evidenciaram a interação intrincada entre o narrador, o biografado e o público leitor. Cada escolha, cada palavra, torna-se assim um reflexo não apenas da vida do biografado, mas também do olhar singular e das intenções do biógrafo que, por meio de sua subjetividade, contribui para construção da narrativa testemunhal.

Isso evidencia, de maneira significativa, que a elaboração de uma biografia jornalística é permeada pelas interferências do biógrafo, especialmente em sua compreensão de memória e corpo ao narrar a história de Ney Matogrosso. Memória e corpo surgem como elementos fundamentais para refletir sobre as dinâmicas entre espaço público e privado no âmbito jornalístico, colaborando na construção da imagem do percurso biográfico de um indivíduo tão multifacetado como Ney. A narrativa resultante não apenas instiga reflexões no biografado e nos leitores, mas também desafia o jornalista, que atua como testemunha desse processo de narrativa testemunhal. Esse envolvimento íntimo entre o biógrafo, a memória, o corpo e a construção da narrativa biográfica revela-se como um intrincado processo de reflexão e construção de significados, transcendendo os limites convencionais da exposição de fatos.

Essa realidade é especialmente evidente quando se trata do texto biográfico. Ele emerge a partir da visão singular de um biógrafo, filtrada por suas próprias lentes, na tarefa de narrar e interpretar a história de outra pessoa. Cada escolha de palavras, estrutura narrativa e ênfase expõe fatos objetivos, mas também revela a perspectiva singular do biógrafo em relação ao indivíduo retratado. Dessa forma, a subjetividade do biógrafo se entrelaça com a subjetividade do próprio sujeito biografado, dando origem a uma narrativa que, mesmo almejando a objetividade, é também configurada pela interpretação pessoal e pela perspectiva do biógrafo. Desde a pauta jornalística, elementos como o corpo e a memória são cuidadosamente considerados na composição da narrativa. Esses elementos tornam-se fundamentais na criação de uma trama que transcende os meros eventos, incorporando a percepção do narrador na narrativa biográfica, como será explorado no próximo tópico.

### 3.2.1 Concepção da memória biográfica

Antes mesmo de iniciar a elaboração da biografia de Ney Matogrosso, Julio Maria já nutria um certo interesse pela história do cantor. Curiosamente, a ideia desse projeto biográfico foi gestada ainda enquanto ele trabalhava na biografia de Elis Regina<sup>33</sup>, cantora brasileira e melhor amiga de Ney, publicada em 2015. Durante a produção da biografia sobre a artista, Julio empenhou-se em retratar Elis para além do cenário público, revelando facetas de suas intimidades e inseguranças que raramente eram percebidas pelo público. Por meio do livro, o jornalista procurou reconstruir a imagem pública relacionada à morte de Elis Regina, frequentemente vinculada à mídia por questões relacionadas a drogas, compartilhando com o público outras perspectivas de sua história<sup>34</sup>.

Essa experiência moldou a abordagem detalhada que Julio Maria empregou ao mergulhar na biografia de Ney Matogrosso, buscando compreender não apenas o artista em sua privacidade, mas também os discursos em relação às suas memórias no espaço público. Dois anos após a publicação da biografia sobre a cantora, Julio Maria iniciou a produção da biografia de Ney Matogrosso. “Durante a elaboração da obra sobre Elis Regina, Ney Matogrosso se mostrou um entrevistado generoso, compartilhando histórias significativas sobre Elis” (MARIA, 2023). Foi nesse momento que Julio percebeu que Ney seria seu próximo biografado. Maria (2023) enxergou em Ney Matogrosso a oportunidade de biografar uma pessoa ainda em vida, disposta a compartilhar suas experiências sem muita autocensura:

Eu gosto muito do Rui Castro, quando ele fala que "os vivos atrapalham as biografias". Ele tem toda a razão. Mas eu entendi que o Ney Matogrosso era uma exceção. Seria

---

<sup>33</sup> "Elis Regina: Nada Será Como Antes" é uma biografia escrita por Julio Maria sobre a vida dessa cantora brasileira que faz parte da MPB. O livro explora aspectos mais íntimos e pessoais da artista, indo além de sua imagem pública. Julio Maria busca apresentar uma perspectiva diferente da morte de Elis, frequentemente associada a drogas pela mídia. O biógrafo utiliza memórias e diversas perspectivas para oferecer uma compreensão mais completa da história da cantora, destacando a importância da subjetividade na narrativa biográfica. Essa abordagem influenciou seu trabalho posterior ao escrever a biografia de Ney Matogrosso, em que também busca revelar as complexidades do indivíduo por trás da fama.

<sup>34</sup> Em entrevista a Pedro Bial, o filho de Elis Regina, João Marcelo Bôscoli, confirmou que a morte de sua mãe não foi causada em razão de drogas, nem mesmo ocorreu por suicídio. Na conversa, ele diz: “É apenas uma teoria. Acho que é um conjunto de ações, de várias coisas, vários anos de sofrimento, de abandono, de estar em um ambiente que só tem homem, e todos só querendo ‘comê-la’ em todas as direções. A Elis não se matou, ela morreu de choque anafilático. O que ela tinha não daria para ter uma overdose”. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/gente/elis-regina-jamais-iria-se-matar-com-tres-criancas-em-casa-diz-filho-da-cantora/#:~:text=A%20Elis%20n%C3%A3o%20se%20matou,estava%20indo%20e%20perceber%20isso>, Acesso: 24 jan. 2024.

uma exceção por entender que ele não iria poder interferir, poder manipular, poder vigiar, poder cercar. Isso porque eu tive uma conversa com o Ney, antes de começar a fazer [a biografia] e ele já havia sinalizado para mim que não iria tomar essas atitudes que um vivo costumaria tomar quando diante de um biógrafo. Então, a minha escolha por Ney foi [essa]: talvez o único biografado da música brasileira que lidaria com a própria história de maneira livre, sabendo que alguém estaria fazendo [uma biografia], mas ajudando essa pessoa, que foi o que ele me prometeu fazer, sem interferir. Cara, a situação ideal para um biógrafo, a situação ideal. Ela não se repetirá, com certeza, em nenhuma situação, com nenhum outro artista (MARIA, 2023).

Nesse ponto inicial, Julio desenvolve uma fixação em torno do simbolismo de Ney, ao evidenciar sua capacidade artística, habilidade comunicativa e sua maneira de lidar com as memórias. Contudo, o que mais impressiona o biógrafo é a genuinidade de Ney, independente do contexto. Para Julio (2023), o cantor não se fragmenta entre a *persona* pública e a privada. Na visão dele (2023), Ney Matogrosso como pessoa é o mesmo indivíduo que o público conhece. "A imagem que eu tinha de Ney Matogrosso no início da escrita da biografia permaneceu inalterada ao longo do processo, devido ao fato de ele não ter segredos; acredito que isso está relacionado à sua postura" (MARIA, 2023). Em outras palavras, para o biógrafo, uma característica da personalidade de Ney é a consistência em manter sua autenticidade e se expressar sem reservas. "É bom? Não. Biograficamente, nós adoramos revelar outros lados dos biografados. No caso do Ney, isso quase não existe. Então, não tem grandes revelações, no sentido das surpresas, de uma expectativa do que é o personagem" (MARIA, 2023).

No exercício do jornalismo biográfico, o profissional se encontra diante de uma dicotomia entre a busca pela informação e o respeito à privacidade do biografado. O compromisso com o interesse público instiga o jornalista a buscar facetas desconhecidas ou menos acessadas da vida do biografado, muitas vezes causando um desconforto interno devido à exposição de detalhes íntimos. A necessidade de apresentar outras perspectivas do indivíduo, suas experiências e contribuições para a sociedade muitas vezes requer a investigação de aspectos que vão além do espaço público. Essa abordagem desafia o jornalista a equilibrar a responsabilidade ética e a busca pela pluralidade da narrativa, revelando a interseção entre o fazer jornalístico e a escrita de uma biografia.

Ao retratar o biografado sob uma perspectiva de poucas surpresas, o biógrafo revela a limitação do acesso a revelações impactantes e memórias disruptivas sobre a história de Ney Matogrosso, conforme Julio reconhece em sua obra (2023). Nesse contexto, ele questiona se a ausência de descobertas surpreendentes é benéfica no âmbito biográfico. Essa ponderação

levanta indagações cruciais sobre o papel das expectativas na elaboração de biografias e como a visão subjetiva do biógrafo pode moldar a percepção do público em relação ao retratado. A divergência entre a autopercepção de Ney e a interpretação do jornalista ressalta os conflitos intrínsecos à representação biográfica, especialmente no que diz respeito às nuances da memória e da perspectiva do biógrafo.

A perspectiva do biógrafo, ao afirmar que a narrativa de Ney Matogrosso carece de surpresas, acrescenta um elemento intrigante à construção biográfica. Essa abordagem suscita questionamentos sobre o papel interpretativo tanto do biografado quanto do biógrafo na elaboração do enredo apresentado no livro. A falta de surpresas pode ser vista como arriscada, pois a narrativa pode ficar centrada na interpretação que Ney tem de si mesmo e aquela adotada pelo biógrafo. Há, por exemplo, os detratores que não enxergam Ney Matogrosso como uma figura musical ou artística e, como o biógrafo apresenta no livro, geralmente essa antipatia ao artista advém de um repertório ideológico baseado nas ideias de moralidade. De certa forma, entender esses discursos como surpresas, por mais que fossem esperados, diversificam a reflexão sobre a dualidade entre a imagem pública e privada do biografado e de que modo essas dualidades afetam também o modo como a narrativa será conduzida.

Em determinado ponto da biografia, houve uma tentativa de conceber a memória como um catalisador de questões mais íntimas da vida de Ney. Este aspecto é evidenciado no capítulo "Amor, sexo e suicídio", no qual o biógrafo relata a visita do pai do cantor à base da Aeronáutica no Rio de Janeiro para verificar como Ney estava vivendo. Segundo Maria (2023), as memórias do cantor sobre seu passado são notavelmente claras. Contudo, o biógrafo destaca que, assim como ocorre com todos os biografados e as pessoas entrevistadas, há a possibilidade de criarem cenas e situações não por mentira, mas devido à cristalização da memória no artista. A narrativa biográfica surge, então, como o meio pelo qual essa memória se entrelaça com outras lembranças, gerando novos significados tanto para o biografado quanto para o público leitor. Esta é a passagem do livro em que Júlio rememora a visita do pai de Ney à aeronáutica:

Quando fazia um ano que Ney entrara na Aeronáutica, seu pai resolveu ir ao Rio para falar com os responsáveis. O filho, sem a virilidade dos militares, deveria estar em apuros. Sargento Matto Grosso adentrou o batalhão, sentou-se na sala do comando e ouviu algo que levaria dias para digerir: "Sargento, em poucas palavras, se eu tivesse cem homens como o seu menino, meu batalhão seria perfeito. Ele nunca chega para pedir dispensa, nunca atrasa. É um escravo do horário". Ao voltar para casa e contar

a conversa a Beíta, foi dormir depois de ouvi-la dizer: “Pois é, hoje você quebrou a cara” (MARIA, 2021, p. 48).

Nesse contexto, Maria (2023) ressalta a importância da responsabilidade dos biógrafos em realizar ajustes, pesquisas e verificações para confirmar se os eventos ocorreram conforme descrito, buscando uma compreensão mais precisa. Especificamente, ao abordar a visita do pai do músico ao Rio, a intenção do jornalista foi contradizer a ideia arraigada de que o pai não gostava dele ou que alimentava um sentimento de ódio pelo biografado. "Eu acho o Ney bastante implacável com o pai dele nas entrevistas que ele dá. Mas eu tenho uma questão em relação a isso", compartilha o biógrafo (2023). Ele destaca que há conexões em sua própria história que Ney nunca explorou em suas entrevistas, e a elaboração da biografia, onde as memórias se entrelaçam em um cruzamento semântico, proporcionaria ao biógrafo uma reflexão sobre diferentes perspectivas:

Eu falei com: ‘Ney, será que seu pai não gostava de você? Ele sai da casa dele lá no interior de São Paulo para ir até o Rio de Janeiro para saber como você estava no quartel. Ele sai da casa dele e vem para São Paulo para saber como você estava vivendo com aquelas pessoas que estavam aqui no centro de São Paulo. Esse pai chama você para trabalhar com você no interior. Por mais que fosse um homem com outros conceitos, nascido nos anos 20, como esse homem pode não amar o filho?’ (MARIA, 2023).

Na análise das lembranças do biografado sobre as ocasiões em que seu pai reprimia sua expressão considerada afeminada, surge uma contraposição intencional, não com o propósito de desqualificar a figura paterna na vida de Ney, mas sim de enriquecer esse retrato paterno com um sentimento que não é percebido pelo filho, embora captado pelo biógrafo. Nesse contexto, o jornalista assume seus próprios filtros e toma decisões ao lidar com as histórias do biografado. O biógrafo (2023) menciona que ao tentar conectar as memórias de Ney a uma linha de sentido mais ampla, o autor da biografia fazia algumas escolhas e elencava episódios que considerava relevantes para a construção da biografia.

No que se refere ao período em que o biografado enfrentou questões relacionadas ao uso de drogas, como compartilhado no sétimo capítulo intitulado “Homem-pássaro”<sup>35</sup> o biógrafo tomou medidas adicionais, chegando a participar de cerimônias no mesmo local que o cantor frequentava, o que proporcionou a ele uma experiência próxima, embora não tenha consumido o Santo Daime para manter sua concentração. Esta estratégia evidencia a dedicação do biógrafo em acessar e compreender as experiências do biografado, mesmo quando o acesso direto não era possível. A transmissão das emoções do biógrafo, detalhadamente filtradas, destaca-se como um elemento importante no processo de escrita, visando representar com mais objetividade as vivências do artista. Essa abordagem é percebida como um jogo estratégico, no qual a emoção do biógrafo influencia na narrativa biográfica, contribuindo para uma representação detalhada das experiências do biografado.

De certa forma, a abordagem adotada por Maria, ao se aproximar das experiências vividas por Ney Matogrosso, reflete uma busca jornalística pela autenticidade e detalhamento na construção de seus textos biográficos. A prática de participar ativamente de vivências relacionadas ao biografado, como no caso da cerimônia no Santo Daime, demonstra um comprometimento em compreender profundamente as nuances da história narrada. Ao reconhecer a importância de se familiarizar com as realidades que desconhece, Julio revela uma preocupação em gerar descrições mais concretas à complexidade das experiências de Ney, que o leitor pudesse não compreender. Essa abordagem não apenas contribui para a riqueza da narrativa, mas ressalta a visão do biógrafo de que a proximidade com a vivência proporciona uma compreensão mais íntima do biógrafo com a escrita da biografia.

Nesse processo de relação íntima entre quem escreve e o que é narrado, a concepção de memória como um local de precisão, enfatizada por Maria (2023), sugere que o biógrafo percebe esse aspecto como fundamental para a narrativa biográfica. Ao considerar a memória como um terreno detalhado e específico, o jornalista busca transmitir essas nuances ao leitor, promovendo uma imersão na vida do biografado. Esse entendimento revela uma abordagem que exige de cuidado e aderência à ética jornalística na construção da narrativa, destacando a



<sup>35</sup> Você pode ouvir o álbum “Homem Céu-Pássaro” à medida em que lê a dissertação.

importância de transmitir com o máximo de transparência as experiências e os fatos presentes na memória do biografado.

Logo, na interseção entre a compreensão da memória e a construção da narrativa biográfica, emerge a questão dos limites entre o espaço público e privado do biógrafo. Ao buscar uma proximidade tão íntima com as experiências do biografado, o biógrafo enfrenta o desafio de equilibrar sua participação ativa e o respeito aos limites estabelecidos pelo próprio biografado. Esta dinâmica ressalta a importância de não ultrapassar os limites da privacidade do biografado e garantir a preservação da integridade do seu espaço pessoal ao mesmo tempo em que se empenha em apresentar a história de maneira mais ampla.

É importante frisar que, na elaboração da biografia, Maria adota uma postura narrativa em terceira pessoa, abdicando do uso da primeira pessoa como narrador. Esse formato é justificado pela sua formação jornalística e pela busca por um estilo mais clássico de biografia, onde o biógrafo se mantém diluído na narrativa. O biógrafo evita compartilhar detalhes sobre o processo de produção, como uma abertura explicativa ou reflexiva sobre suas escolhas, enfatizando a preferência por uma figura discreta na construção da narrativa. O objetivo, segundo ele, é minimizar ruídos na comunicação e permitir que a história seja o elemento central, sem interferência da presença do narrador ou do processo de escrita.

Maria (2023) também destaca a intencionalidade por trás dessa escolha. Segundo o autor (2023), a intenção foi preservar a fluidez do texto e manter o foco na narrativa. Ao evitar a utilização excessiva de aspas e a inserção de observações pessoais, o biógrafo buscou criar uma atmosfera onde a história se desenvolveria sem interrupções narrativas que desviem a atenção do leitor. Para ele, a abordagem também reflete a preocupação em evitar ambiguidades causadas por uma eventual colocação pessoal, mantendo a coerência do eixo narrativo ao longo da obra. No entanto, essa escolha suscita reflexões sobre os limites entre o espaço público e privado do biógrafo, evidenciando a delimitação consciente para preservar a integridade da história.

Contudo, embora o biógrafo busque uma narrativa fluida e ininterrupta, alguns autores sustentam que a expansão da experiência do leitor pode advir do compartilhamento do processo de produção de uma biografia, justamente porque confere mais informação e transparência. Maia e Fernandes (2022) enfatizam a importância da transparência no campo jornalístico, inserido por natureza em uma esfera econômica impulsionada pelo capital. Os autores destacam

a falta de clareza por parte da mídia em relação à sua estrutura empresarial, evidenciando a existência de conglomerados com interesses políticos e econômicos que não se alinham com o interesse público. Esta ausência de transparência compromete a integridade do jornalismo, até mesmo quando se trata de uma biografia, já que há escolhas editoriais tanto do biográfico quanto da editora do livro. Ademais, Maia e Fernandes (2022) expressam apreensão quanto à falta de transparência em qualquer processo de produção jornalística.

A escolha de Julio Maria por adotar uma narrativa em terceira pessoa na elaboração da biografia de Ney Matogrosso revela uma preocupação não apenas com a preservação da privacidade do biografado, mas também com a proteção do próprio biógrafo e jornalista. Essa estratégia reflete, na verdade, uma postura que busca minimizar a exposição de detalhes íntimos do processo de pesquisa e escrita, contribuindo para a construção de uma barreira entre o espaço público e privado do biógrafo. Ao narrar a história em terceira pessoa, Julio Maria dilui sua presença na obra, mantendo uma certa distância entre sua identidade e a trama biográfica. Isto é, essa abordagem serve como um mecanismo de autoproteção, limitando a exposição de aspectos pessoais e garantindo que o foco principal permaneça na vida de Ney Matogrosso. A ausência de detalhes sobre o processo de produção, o uso mínimo de aspas e a escolha de não inserir opiniões buscam preservar a integridade do biógrafo, reforçando a ideia de que a narrativa é conduzida pelo livro, desvinculando-a de interferências individuais.

Além disso, a decisão do biógrafo em preservar a privacidade do biografado, como exemplificado por Julio Maria em sua abordagem distante na narrativa sobre Ney Matogrosso, não apenas se configura como uma precaução ética, mas também como um elemento que molda a compreensão do espaço público e privado na biografia. Entretanto, essa delimitação cuidadosa entre o que é compartilhado e preservado levanta questionamentos sobre o conceito de "equilíbrio narrativo", como mencionado pelo biógrafo. Esta busca por um meio-termo entre a divulgação de informações de interesse público e o respeito aos limites do espaço privado do biografado é discutível e não é universalmente consensual. Essa discussão ressoa com o debate proposto pelos autores Maia e Fernandes (2022), que, ao discutirem a falta de transparência na mídia, questionam a necessidade de equilíbrio narrativo no jornalismo. A transparência, segundo eles, é crucial no campo jornalístico, especialmente considerando as influências políticas e econômicas presentes. A narrativa mais distante adotada por Julio Maria pode, por

um lado, preservar a privacidade, mas, por outro, suscita inquietações sobre até que ponto a responsabilidade ética é verdadeiramente atendida.

No âmbito dessa análise, a argumentação de Moraes (2022) acerca do jornalismo de subjetividades acrescenta uma perspectiva crítica à discussão. A sugestão de que esse estilo jornalístico pode contribuir para um equilíbrio narrativo, ao incorporar diversas perspectivas, lança dúvidas sobre a escolha de Julio Maria por uma abordagem mais distante. Questiona-se se essa opção poderia resultar na perda de uma narrativa mais enriquecedora e diversificada. Em última análise, a intrincada relação entre a subjetividade do biógrafo, a preservação da privacidade do biografado e a busca por um equilíbrio narrativo instiga reflexões críticas sobre as práticas e responsabilidades éticas no âmbito da escrita biográfica.

Apesar do texto em terceira pessoa e da tentativa de não influenciar a sua escrita das memórias de Ney com posicionamentos pessoais, o biógrafo compartilha um episódio revelador sobre a influência na memória de Ney, relacionada à crença de que a banda Kiss<sup>36</sup> teria se inspirado nos *Secos&Molhados*. Essa memória distorcida ilustra como as experiências podem ser reinterpretadas ao longo do tempo, resultando em narrativas que se afastam da realidade factual. A preocupação de Julio com a veracidade das memórias evidencia a natureza dinâmica e subjetiva desse componente crucial na escrita biográfica. Inclusive, o biógrafo reconhece a tendência das pessoas, inclusive figuras públicas como Ney, de moldarem suas memórias com base em influências externas. Esse entendimento leva Julio a adotar uma postura que busque confirmar e esclarecer eventos por meio de documentos e diálogos, como no caso da descoberta dos documentos militares de Ney no quartel:

Ney se deu pior no dia em que tentou ser mais esperto que a tropa lançando mão do golpe do cinturão. Os soldados de serviço, identificados por um cinto especial e um bracelete branco da PA, tinham prioridade na hora de se servirem no rancho, o refeitório dos militares. Mesmo não estando de serviço, Ney entrou em formação usando os ornamentos a fim de enganar o oficial de dia e ser dispensado para almoçar antes da turma. Mas o comandante da tropa desconfiou da trama, lavrou a farsa, mandou o recruta sair de forma e anotou: “O soldado Ney de Souza Pereira, do 1º/2º

---

<sup>36</sup> Na biografia de Ney Matogrosso escrita por Julio Maria, é provado que a inspiração para a estética da banda Kiss não veio dos *Secos&Molhados*, uma vez que a Kiss realizou seu primeiro show em janeiro de 1973, antes da visita dos *Secos&Molhados* ao México. Maria (2021) destaca que artistas como Slade, Humble Pie, Alice Cooper e David Bowie foram as verdadeiras influências da Kiss, desmistificando a ideia de que a banda norte-americana teria se inspirado no grupo brasileiro. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/afina-o-kiss-copiou-o-secos-e-molhados-para-criar-suas-mascaras/>>. Acesso: 12 dez. 2023.

GT, fica preso por quatro dias por ter tentado ludibriar o oficial de dia durante a formatura do rancho (nos 70 e 82 do artigo 10) (MARIA, 2021, p. 46).

Ao expor a estratégia de ativação da memória, Julio ressalta a importância de sondar os arquivos vivos, como Ney e outras fontes secundárias, para resgatar detalhes frequentemente esquecidos ou inicialmente não compartilhados. A sua prisão no quartel da aeronáutica era um episódio que o biografado mal recordava. A constatação de Julio sobre esse esquecimento ou desconhecimento de fatos da própria vida instigou a necessidade do biógrafo em desvendar camadas ocultas da memória, conduzindo a entrevistas sensíveis que despertam lembranças antes adormecidas. Além disso, Julio contestou outra informação repassada pelo biógrafo, por exemplo, quando Ney disse que a banda Kiss havia se inspirado no *Secos&Molhados*:

Ele contou para a biografia, mas eu insisti com ele para provar que a banda Kiss não se inspirou nos *Secos&Molhados*. Isso foi dito uma vez pelo Zé Rodrigues ao Ney, com um episódio narrado sobre como isso teria ocorrido. Ney acreditou e ele passou a narrar isso como se fosse fato. Depois que a biografia saiu, ele não falou mais. Isso é um exemplo de memória enviesada, que se apropriava de outras memórias. Então, criou-se outra memória. Por isso, a gente tem que ficar sempre atendo às memórias desses nossos arquivos vivos, as pessoas que nos dão depoimento podem trazer ajustes da história, nos quais elas estão bem, ou então elas esquecem de coisas que para elas não tiveram importância. Você (como jornalista) tem que ir e ativar essa memória (JULIA MARIA, 2023).

Essa abordagem evidencia a tarefa do trabalho biográfico, que demanda mais que a compreensão da subjetividade do biografado, mas também uma atenção crítica à fluidez da memória. Contudo, a representação apresentada por Maria (2023) sobre a ativação dessas lembranças destaca uma dependência considerável na memória documental, o que leva ao questionamento sobre a confiabilidade dessas recordações, já que a biografia não possibilita mais informações sobre os arquivos consultados pelo jornalista. O risco de distorções ou omissões pode surgir, o que compromete, em alguma medida, a precisão da narrativa biográfica. Vale destacar, também, que a precisão do processo biográfico, de todo modo, dada a especificidade desse tipo de escrita, nem sempre é possível atingir como desejado.

O retrato do biógrafo como um jornalista metódico, empenhado em reconfigurar narrativas preexistentes sobre a vida de Ney Matogrosso, pode ser interpretado também como uma perspectiva favorável. Há o perigo de que, ao reconhecer a imperfeição e adaptabilidade inerentes à construção das memórias, o biógrafo possa inadvertidamente justificar ou minimizar

possíveis distorções que possam surgir no processo. Além disso, a reflexão sobre o processo de ativação e ajuste das memórias destaca a responsabilidade ética do biógrafo, mas é importante reconhecer que essa abordagem não está isenta de desafios éticos, como a possibilidade de influenciar ou moldar as lembranças do biografado. Este enfoque, embora intencionado como uma valorização da complexidade do passado de Ney Matogrosso, pode levantar preocupações sobre a objetividade do biógrafo no tratamento das memórias e na construção da narrativa biográfica.

É importante destacar, ainda, que a percepção de Julio Maria em relação à história de vida de Ney Matogrosso não se limita apenas à compreensão da complexidade da memória, embora também se entenda o corpo como um elemento importante para a construção da narrativa biográfica. O corpo, entendido como um registro das experiências vividas, ganha destaque no processo de escrita do jornalista. A atenção às corporalidades, aos gestos e às vivências de Ney não apenas enriquece a descrição das experiências narradas, mas contribui para a delimitação dos espaços público e privado na elaboração da narrativa testemunhal. Ao entender o corpo como uma extensão da memória e um *locus* testemunhal, Julio Maria (2023) estabelece uma interconexão entre a materialidade do vivido e a expressão verbal, promovendo uma escrita que pense o corpo como parte da escrita biográfica.

### 3.2.2 Conceção do corpo biográfico

Em entrevista ao programa *The Noite*<sup>37</sup>, apresentado por Danilo Gentili no SBT, Ney Matogrosso revelou que a prática de maquiagem seu rosto transcende uma mera questão estética, diferentemente da comum associação com artistas como David Bowie. Embora o cantor tenha um interesse na arte da pintura corporal, conforme destacado na entrevista, a revelação vai além: a maquiagem era uma estratégia para evitar o assédio do público. Em outras palavras, Ney Matogrosso utilizava pinturas no corpo como uma ferramenta de proteção, resistência e autodefesa. O emprego da maquiagem, como uma barreira entre a figura pública e a privada foi, assim, uma tática comum por muito tempo pelo artista para preservar sua integridade e privacidade diante do assédio que sofria publicamente.

---

<sup>37</sup> Na conversa, Ney compartilha outros detalhes sobre sua vida privada e pública, como seus relacionamentos, sua relação com as drogas, sexo, dentre vários temas. A entrevista pode ser acessada na íntegra no canal do youtube do programa *The noite com Danilo Gentili*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OIkG-fTRLgg&pp=ygUYbmV5IG1hdG9ncm9zc28gdGhlIG5vaXRl>. Acesso em: 12 nov. 2023.

Esse relato, em alguma medida, ressalta a importância do corpo como uma dimensão fundamental na construção da identidade de um artista, revelando as nuances da relação entre a esfera pública e privada no contexto da exposição midiática. Para além desse aspecto, Ney Matogrosso compartilha, durante o mesmo programa de televisão, uma experiência pessoal de violência, na qual seu pai proferiu um discurso de morte dirigido a ele. Esse relato de Ney lança luz sobre as cicatrizes no corpo como testemunho das vivências traumáticas por ele enfrentadas. As memórias corporais tornam-se assim uma parte intrínseca de sua narrativa pessoal e artística, resgatadas por Julio Maria na construção da identidade de Ney.

O biógrafo optou por incorporá-las ao texto biográfico como uma maneira de compreender, para si mesmo, a origem da vitalidade, coragem e resistência presentes no corpo de Ney. Para Maria (2023), essas respostas estariam entrelaçadas na relação do corpo com a narrativa biográfica, orientando sua pesquisa e dando forma à sua abordagem na construção da história de Ney Matogrosso:

Com isso, podemos trazer uma discussão muito interessante. O corpo exposto do artista, muitas vezes, é o responsável por ser o artista hoje. É o grande desafio de pegar os shows do Rock Rio. Vamos tirar os corpos de cena. As vozes vão segurar aquilo? Só as vozes vão segurar os grandes espetáculos. O Ney fez isso com ele. Mas será que hoje, essas vozes sobreviveriam sem os seus corpos? Dos bailarinos? Das cantoras? Não só as mulheres. Independente do corpo, do gênero. Ney teve a coragem de se perguntar isso: mas será que é só o corpo? Foi um sucesso. Ele conseguiu aglutinar em um ser só, uma excelência vocal e um discurso corporal magnífico. Isso não teve nada a ver com dança (MARIA, 2023).

Julio Maria (2023) relata na biografia como o corpo de Ney Matogrosso se tornou um palco onde se desenrolavam as narrativas de suas experiências e traumas. O biógrafo revela uma transformação sociocultural, ao mencionar que, até o início da ditadura, a família tradicional brasileira, de certa forma, utilizava a música "O vira" para incentivar as crianças a dançarem. Contudo, com o advento da repressão, o corpo de Ney passou a ser encarado como um território potencialmente perigoso. Isso porque, por meio de sua expressão artística, ele evidenciava contrastes relacionados a questões sexuais e de gênero que o grupo reacionário da época preferia ignorar.

O corpo andrógino, peludo, seminu, sem camisa, com saia, maquiagem, adornos ameríndios, com rebolados e pulos, entre outros elementos, tornou-se uma manifestação

artística que desafiava as normas estabelecidas, provocando reações adversas daqueles que buscavam manter uma visão conservadora e restritiva da sexualidade e da expressão de gênero na sociedade. Essa dinâmica entre o corpo de Ney e a resistência cultural ilustra a capacidade do corpo do artista, apesar de ser algo íntimo, em gerar significados no espaço público e ser uma espécie de provocador social - elementos que Julio Maria incorporou na biografia do cantor. Nesse contexto, conforme analisa Michel Foucault (1996), torna-se evidente que o modo como o discurso sobre é construído, sobretudo a se pensar na escrita da narrativa testemunhal em biografias, exerce influência na interpretação dessas mesmas corporalidades. Essa influência permeia diferentes esferas, como a política, a jurídica e a midiática, configurando a percepção e compreensão dos corpos de maneira significativa. Um exemplo concreto desse fenômeno pode ser observado na forma como os discursos contribuem para restringir a autonomia e o controle sobre os corpos femininos, refletindo-se em barreiras como a limitação do acesso a serviços médicos seguros para o aborto e nos desafios enfrentados por mulheres transsexuais em sua busca por reconhecimento e respeito à identidade de gênero. Essa regulação discursiva dos corpos, muitas vezes, se traduz em normas que definem direitos, frequentemente à custa da autonomia e do bem-estar dos indivíduos.

O entendimento de Julio sobre o corpo transcende a mera anatomia e percorre a noção mais ampla de liberdade, um elemento intrínseco que parece inabalável na trajetória do cantor. Essa perspectiva oferece uma lente por meio da qual Julio aborda não apenas a narrativa biográfica, mas também a interação do corpo de Ney com os espaços público e privado. A concepção do corpo como um símbolo de liberdade lança luz sobre como o biógrafo enxerga a relação entre a figura pública de Ney Matogrosso e seu espaço íntimo. A resistência expressa pelo corpo de Ney diante das normas tradicionais e opressivas da sociedade estabelece uma dinâmica particular entre o público e o privado na construção de sua identidade, uma dinâmica que Julio utiliza a favor do texto e traduz em sua narrativa biográfica. Esse entendimento do corpo como um território de liberdade deixa marcas na maneira como o autor articula a jornada de Ney:

O Ney não sabe dançar. O corpo dele não sente o ritmo e não está acorrentado a um ritmo. O corpo dele está livre. Ele tem uma liberdade que faz o corpo flutuar acima do ritmo. Também uma postura de libertação. Ele está se libertando inclusive da própria música, ao fazer uma flutuação de algo que parece uma dança, mas é um movimento da natureza. Tem todos esses momentos de sobe e desce. Põe o corpo para fora. Cobre o corpo. Livra-se do ritmo. Enfim, é muito interessante (MARIA, 2023).

No entanto, apesar de o biógrafo estabelecer uma conexão íntima com o corpo do biografado, no primeiro disco solo<sup>38</sup> de Ney, o próprio cantor decide temporariamente se desvincular da expressão corporal. Essa decisão, para Maria (2023), assume relevância na escrita biográfica, uma vez que também contribui para ampliar a compreensão do corpo para além do contexto da vida de Ney. Nesse episódio específico, Ney Matogrosso escolhe ocultar seu corpo. Em uma apresentação, veste um terno e é acompanhado pelo músico Rafael Rabello, além de participar da produção de um disco com o grupo Aquarela Carioca. Em ambos os momentos, Ney declara: "chega, eu quero agora testar a voz" (MARIA, 2023). Nessas ocasiões, o corpo é propositadamente removido do foco, e Ney aparece com uma postura mais comedida, trajando vestimentas formais ao lado dos músicos. Essa escolha não apenas impacta a percepção do biógrafo sobre a dualidade corpo e voz, mas também adiciona camadas de sentidos à identidade artística do cantor.

A aparente contradição de ver Ney Matogrosso realizar um espetáculo sob essa perspectiva mais convencional surpreende, mas nesse instante, o artista evidencia que, embora o discurso do corpo seja marcante, a voz possui uma autonomia própria. Essa escolha, segundo o biógrafo (2023) revela a forte relação entre corpo e voz na expressão artística de Ney, demonstrando que, mesmo ao esconder seu corpo temporariamente, ele destaca a independência e a vitalidade de sua voz como elemento fundamental em sua performance.

A decisão de Ney Matogrosso de se distanciar temporariamente de sua expressão corporal, ocultando seu corpo em uma apresentação formal, é um elemento relevante na percepção do biógrafo sobre o corpo biográfico. Ao destacar momentos em que Ney escolhe testar sua voz e retirar o corpo de cena, o biógrafo, Maria (2023), não apenas aborda a dualidade entre corpo e voz no artista, mas também reflete sobre a influência desses momentos na construção da narrativa biográfica. Essa escolha de Ney para ajustar sua expressão pública pode indicar uma busca por delimitar e preservar certos aspectos de sua privacidade e identidade pessoal, representando um desdobramento na compreensão do espaço público e privado na vida do cantor.

---

<sup>38</sup> O primeiro disco solo de Ney Matogrosso foi lançado em 1975 e se chama "Água do Céu - Pássaro". Este álbum marcou o início da carreira solo do cantor após sua saída do grupo Secos & Molhados.

Na perspectiva do jornalista (2023), esses momentos em que o corpo é propositadamente retirado de cena e substituído pela ênfase na voz revelam a versatilidade artística de Ney e, ao mesmo tempo, proporcionam uma perspectiva sobre como o cantor lida com a exposição pública e a gestão de sua identidade. Ao incorporar essas experiências na narrativa biográfica, Maria (2023) não somente documenta a trajetória artística de Ney, mas considera as nuances do espaço público e privado do biografado em relação ao próprio corpo. Da mesma forma, o entendimento do biógrafo sobre o corpo biográfico contribui, assim, para a análise mais profunda desses espaços e do corpo do cantor como elemento testemunhal.

Na narrativa biográfica de Ney Matogrosso, mantém-se uma constante associação entre o artista e seu corpo enquanto um lugar de testemunhos, delineando os intrincados vínculos entre o espaço público e privado. A música "Fala", embora não tenha sido composta por Ney Matogrosso, destaca-se como uma expressão significativa desse diálogo entre corpo, testemunho e comunicação na biografia. "Única canção que recebeu um arranjo de Zé Rodrix feito à base de piano, contrabaixo, bateria e pandeiro" (ZAN, 2015, p. 17). A partir da interpretação de Ney Matogrosso no primeiro álbum do *Secos&Molhados*, foram adicionadas camadas de significado à composição a partir do corpo. A melodia pode ser percebida pelos ouvintes como uma canção de amor, delicada, sentimental e até mesmo triste.

Ao analisar a letra de "Fala", o eu lírico se posiciona de maneira passiva, limitando-se a ouvir o que o outro tem a dizer. O pedido insistente ao longo da canção para que o interlocutor se manifeste sugere uma espécie de súplica presente no refrão, revelando uma dinâmica peculiar de comunicação. Essa investigação das nuances do relacionamento interpessoal, permeada pela expectativa da expressão verbal do Outro, contribui para a construção de uma imagem mais ampla de Ney Matogrosso no contexto de sua biografia. O corpo, enquanto veículo de interpretação e expressão, é assim entrelaçado ao espaço público e privado, proporcionando uma análise mais aprofundada da identidade do artista.

Ao analisar *Fala*<sup>39</sup> e o modo como a melodia foi estruturada, em suas pausas, no uso de “instrumentos como naipes de cordas (violinos e viola) e o improvisado de sintetizador Moog,



<sup>39</sup> Aqui, você pode ouvir a música “Fala”.

ampliando a ‘massa sonora’ de maneira crescente até o final da faixa” (ZAN, 2015, p. 17), toda a composição nos remete a produções musicais românticas, como poemas de amor musicados. Mas o contexto em que a música foi produzida ainda é, de alguma maneira, um fator que contribuiu para se compreender as dimensões políticas da canção. Assim, foi escrita a canção:

Eu não sei dizer nada por dizer  
Então eu escuto  
Se você disser tudo o que quiser  
Então eu escuto  
Fala  
Lalalalalalalalá  
Fala  
Se eu não entender, não vou responder  
Então eu escuto  
Eu só vou falar na hora de falar  
Então eu escuto  
Fala (MATOGROSSO, 2004).

No texto biográfico, o jornalista Julio Maria (2023), releva que, quando de sua escrita, *Fala* foi composta pela cantora Luhli para ser uma música de rock, enérgica, rápida e quase nada melancólica. Somente, passado algum tempo e com a performance corporal de Ney, a música ganhou o aspecto sensível, como conta o biógrafo (2021):

“Fala” chegou aos ouvidos de Tato como um rock acelerado, parecido com “O vira”, feito em um lote com outras três ou quatro canções. Mas, ao perceber o quanto de beleza a velocidade desperdiçava, o pianista sugeriu ralentar seu andamento para reforçar as nuances da melodia até transformá-la numa balada. Antes de mostrá-las, João chamou Ney para fazer a ideia ganhar força na prática. Uma passada pela voz do vocalista na nova levada e a música nunca mais voltou a ser o que era (MARIA, 2021, p. 111).

A escolha de Ney Matogrosso em modificar o ritmo, o arranjo e outros elementos melódicos na interpretação de "Fala" ressoa nas reflexões de Schroeder (2010) sobre a necessidade de conferir uma corporalidade musical à canção. Essa decisão vai além de uma mera adaptação; ela exemplifica a imersão nas possibilidades de realização, evidenciando a disposição para modificar ou mesmo abandonar a ideia inicial diante de desafios insuperáveis (SCHROEDER, 2010, p. 177). Da mesma forma que a música passa por transformações, o texto biográfico de Ney Matogrosso, sob a perspectiva de Julio Maria, é moldado pelo entendimento do biógrafo sobre o corpo. Assim como Ney experimenta alterações na composição musical

para alcançar uma manifestação mais plena, Julio Maria (2023) se envolve na narrativa biográfica, interpretando e recriando eventos para revisitar a corporeidade da vida de Ney. Dessa maneira, a biografia de Ney Matogrosso transcende a simples transmissão de fatos; ela se torna uma expressão intrínseca do diálogo entre corpo, testemunho e comunicação, refletindo as interações, os conflitos e limites entre os espaços público e privado na construção da identidade do artista.

Pode-se entender, portanto, o corpo do artista em *Fala e*, do mesmo modo, na própria biografia, como o sobrevivente que enfrenta o interrogatório, que exige respostas e que não vai se entregar, até que chegue o momento certo de fazê-lo. A compreensão desse contexto revela como a voz de Ney Matogrosso dava vida às poesias de João Gilberto. Ele era um intérprete singular, usando sua voz delicada e poderosa para dar significado a canções que muitas vezes não delineavam claramente o eu lírico. Dada a natureza das letras, poderia ser interpretada como alguém de qualquer gênero que dialoga com a expressão do Outro. Mas é a voz e o corpo de Ney Matogrosso que conferem sentido à música, devido ao seu caráter subversivo enquanto artista. Um corpo reconhecido pela sua androginia, subversivo às concepções binárias de masculinidade e feminilidade, que interroga o que era mais proibido de se manifestar durante a ditadura: a fala. Desse modo, não só na letra da música, mas também na realidade, a voz de Ney configura-se como um instrumento que “expressa a resistência clandestina, daqueles que tinham que conviver às escondidas do regime militar”, como lembra Cerry (2015, p. 63).

Apesar de no fonograma musical o corpo do intérprete não ser visível, Zumthor (1997) sustenta a ideia de que a performance musical é sempre um endereçamento de conexão entre intérprete e ouvinte. “O intérprete, na performance, exibido seu corpo e seu cenário, não está apelando somente à visualidade. Ele se oferece a um contato”, lembra o autor (ZUMTHOR, 1997, p. 204). Assim, Schroeder (2010, p. 171) também enfatiza a presença do corpo nas canções quando argumenta que “a transubstanciação dessa exposição própria do corpo em linguagem musical permite a apreensão, porque fornece indícios fortes da sua presença, dessa corporalidade, mesmo na forma de gravação, sem a presença visual do corpo”. A se pensar no texto biográfico, o corpo também assume materialidade discursiva e leva o leitor a pensar em contextos sociais e culturais ainda mais abrangentes.

A capa do disco “Secos e Molhados” lançado em 1973, é representativa. Trata-se de uma fotografia icônica que retrata três cabeças, sendo Ney Matogrosso uma delas, cada uma

com características marcantes. A maquiagem exuberante de Ney, seus cabelos longos e a presença de um colar de pérolas contribuem para uma estética visual andrógina. O corpo, especialmente o rosto maquiado de Ney, é utilizado como um meio de comunicação artística, transmitindo uma mensagem de expressão individual, liberdade e provocação. A concepção da capa foi inspirada por uma outra fotografia que apresentava a cabeça de uma mulher, notavelmente Ceni Câmara, colocada sobre uma mesa e, de maneira simbólica, decapitada. Essa imagem evoca de modo sugestivo os discursos sociais que perseguem certos corpos, estabelecendo normas de controle e legislação sobre as individualidades corporais. Na biografia, Julio Maria conta a história da foto:

Não havia dinheiro, mas, como nas histórias dos grandes álbuns, havia magia. E com a capa não seria diferente. João Apolinário conhecia um premiado fotógrafo de campo do jornal Última Hora chamado Antonio Carlos, não por acaso, Rodrigues, primo de segundo grau do escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues. Mesmo sem recursos, Apolinário o envolveu pedindo que fizesse de graça as fotos para a capa do disco que o grupo de seu filho iria lançar. A imagem lúdica dos Secos & Molhados já sugeria um retrato pronto, um deleite para qualquer câmera, mas Rodrigues, decidido a aproveitar a liberdade com o amigo para fazer laboratório, não se contentou em colocá-los em caras e bocas no estúdio e mostrou uma revista da empresa Fotoptica com a ideia aproximada do que queria: uma perturbadora foto que ele próprio havia feito exibindo a cabeça de sua mulher à época, Ceni Câmara, maquiada e posta à mesa como se estivesse decapitada (MARIA, 2021, p. 138).

Ao explorar a questão do corpo como meio de comunicação, a capa do álbum desafia as normas convencionais, utilizando a imagem pessoal de Ney Matogrosso para comunicar uma expressão artística audaciosa e inovadora. A maquiagem, os adornos e a representação visual dos corpos dos membros da banda são elementos fundamentais na construção da identidade provocativa e de gênero fluido associada ao grupo *Secos&Molhados*, reforçando a ideia de que o corpo é um veículo poderoso para a expressão artística e social. Esta afirmação foi proferida pelo crítico musical Zuza Homem de Mello, em sua contribuição para o Estadão na época:

Afinal, em que consiste o show de Net: dança com música ou música com dança? “com dança? Ai é que está: na fortíssima projeção que assume no palco, com gestos, requebros, voos e expressões, ele consegue embaralhar com total dignidade o nu e o vestido, o masculino e o feminino, o estranho e o comum, o claro e o escuro, o metal e o couro, a voz e o movimento, ou seja, como consequência de tudo, a música com a dança (MARIA, 2021, p. 316).

Na análise do corpo artístico de Ney Matogrosso, conforme delineado por Julio Maria (2021, p. 462), as músicas "Sangue latino"<sup>40</sup>, "Rosa de Hiroshima", "Mulher barriguda" e "O vira" são fundamentais para compreender a existência corporal do cantor nos *Secos&Molhados*. Estas escolhas de repertório indicam uma presença do corpo que confronta as práticas repressivas de um país que perseguia seus artistas. O biógrafo destaca a incongruência entre o impacto cultural de Ney e a falta de retaliação governamental mais severa ao artista, ao questionar por que ele não foi alvo de prisão ou censura mesmo após vender quase 1 milhão de discos. O corpo de Ney Matogrosso desperta mais estranhamento do que as mensagens que ele transmitia. Curiosamente, a compreensão desse corpo parece ser mais associada à sua esfera privada do que às manifestações públicas que promovia. Na biografia, o biógrafo encaixa o corpo como "ameaça aos valores da família e dos bons costumes", para destacar a trama narrativa que envolve a figura de Ney com imagem que desafiava normas sociais preestabelecidas. Já ao dizer sobre os "porões da alma irrevelável dos próprios militares" (MARIA, 2021, p. 463), o jornalista introduz uma perspectiva psicológica e ideológica à análise da censura, o que sugere que a relação entre Ney e as autoridades transcendia aspectos meramente políticos. Dessa forma, o biógrafo sugere que entender o fenômeno Ney Matogrosso requer uma incursão nos "porões da alma", incorporando uma dimensão subjetiva à investigação histórica.

Ao abordar a temática da repressão, o biógrafo ressalta que, "mesmo sendo um incômodo por provocar os pudores dos homens fiéis às suas programações heterossexuais, Ney era respeitado" (MARIA, 2021, p. 463). A utilização da palavra "incômodo" destaca a transgressão representada por Ney em relação às normas sociais, especialmente no âmbito da sexualidade. Já a expressão "respeitado" evidencia um contraponto da percepção pública de Ney, que revela uma reverência paradoxal em meio à quebra de padrões. Essa dualidade no julgamento de Ney pelo público e pelas autoridades oferece uma perspectiva de seu corpo no meio público e reforça as interações entre o artista, seu público e o contexto sociopolítico da época. Vale ressaltar que não só o corpo de Ney foi apresentado na biografia. Considerado um tema muitas vezes polêmico no jornalismo cotidiano, o suicídio de um ex-parceiro de Ney,



<sup>40</sup> Enquanto continua a leitura, é possível ouvir a música "Sangue Latino".

emerge também como uma faceta temática em relação ao corpo na biografia, especialmente pela natureza dos corpos marginalizados e socialmente vulneráveis que permearam a vida de Ney. O biógrafo relata minuciosamente episódios envolvendo tentativas e consumações de suicídio, incluindo casos de ex-parceiros de Ney Matogrosso. Um exemplo é o caso de Eugênio, mencionado em passagens específicas da biografia. Eugênio, que compartilhou um relacionamento com Ney, tomou a difícil decisão de encerrar a própria vida durante um período de crise. Na biografia, a abordagem narrativa de Júlio não ameniza os detalhes acerca do suicídio do ex-parceiro de Ney:

Ney sentiu que Eugênio ainda não estava emocionalmente equilibrado e o convidou para entrar. Não, ele não iria sair de Brasília, e disse isso da melhor maneira que conseguiu. Conversaram um pouco e, minutos depois, transaram. Eugênio ficou e as coisas correram relativamente bem até o momento em que um rapaz que alugava o quarto ao lado, no mesmo apartamento de Tonho, passou por eles usando uma camiseta de Ney. Eugênio, imaginando que os dois haviam transado, enfureceu-se, mas esperou para agir. À noite, quando se deitaram, ele segurou o parceiro pelo pescoço e ameaçou enforcá-lo. “Você está transando bem porque está transando com outros”, Ney o encarou: “Você quer me matar faz tempo, não é? Então, mate agora”. Eugênio o largou e desatou num choro convulsivo antes de pegar as coisas e partir mais uma vez. Foi a última noite que se viram. Meses mais tarde, Ney recebeu a notícia de que Eugênio tinha cometido suicídio. Abriu o gás da cozinha e colocou a cabeça no forno para morrer lentamente (MARIA, 2021, p. 58).

Essa abordagem em relatar a prática de suicídio, não tão comum no jornalismo de referência, suscita questionamentos sobre a razão pela qual o biógrafo optou por incluir tais relatos em uma obra jornalística. Além disso, levanta-se a questão de como essa decisão se relaciona com o direito à liberdade do jornalista e se há influência sobre o direito à privacidade das fontes e das pessoas mencionadas. Essas reflexões se tornam pertinentes ao se considerar os limites éticos e legais envolvidos na construção de uma biografia, bem como pensar as fronteiras que delimitam o espaço público e privado no jornalismo. No capítulo "Teatro por paixão, música por acidente", o biógrafo aborda um caso adicional de tentativa de suicídio envolvendo outro ex-parceiro de Ney:

A segunda reprovação de Wanda se deu em outro campo, quando Ney passou a namorar um rapaz mais novo e tão apaixonado por ele que, depois de dois meses, não suportou a ideia de ter vivido apenas uma aventura. Para Ney, Wanda, que não gostava do jovem procurando-o com tanta insistência, estava enciumada. Mas o flerte entre os dois rapazes durou pouco e mostrou que a professora tinha razão. Sem aceitar o fim do relacionamento, o garoto se pôs a rondar a casa. Logo que teve certeza de que a história dos dois havia terminado, ele chamou Ney, de caso pensado, para uma última

conversa. Aproveitou sua presença para, diante do amor impossível, ingerir vários comprimidos antidepressivos ao mesmo tempo, disposto a morrer. Assim que os efeitos começaram a derrubá-lo, Ney o mandou sair. Iria acompanhá-lo, mas, se caísse no caminho, agonizaria só. Ao chegarem à casa do rapaz, seu irmão, um padre, atendeu à porta. “Ele tentou suicídio”, disse Ney, antes de virar as costas e partir” (MARIA, 2021, p. 67).

Julio (2023) esclarece que a abordagem do tema do suicídio na biografia fundamenta-se na natureza do suporte literário, permitindo a exploração de assuntos que transcenderiam as limitações de uma matéria jornalística comum. Ele destaca que, para ele (2023), não se trata apenas de um relato jornalístico, mas sim de um livro que oferece espaço para abordar questões mais sensíveis ao público. Entretanto, essa abordagem não implica em negligenciar a ética jornalística; pelo contrário, é uma oportunidade para respeitar as fontes e conscientemente considerar os limites entre os espaços público e privado na construção da narrativa biográfica:

Tem um tabu, realmente, com relação ao suicídio. Eu nem chamaria de tabu. Eu acho que existe um motivo realmente para que esses casos não sejam divulgados. Não sejam a todo tempo colocados na imprensa. Eu sei bem, eu trabalho em um jornal e eu concordo, sabe, Augusto? Eu acho que tem que ser assim mesmo, acho que a gente não pode ficar noticiando casos de suicídio, com a pessoa cometeu aquele suicídio. Acho isso terrível. Agora, no livro, eu acho que tem um ambiente diferente que te permite contar essas histórias (MARIA, 2023).

Na abordagem do biógrafo sobre o tratamento do suicídio na narrativa, Júlio Maria (2023) ressalta que o ambiente do livro difere significativamente de uma notícia de jornal, indicando uma contextualização mais aprofundada e um impacto diferenciado no leitor. A justificativa para incluir casos de suicídio na narrativa reside na importância de compreender o cenário de Brasília, cidade em que Ney viveu e que deixou marcas indeléveis em sua vida. O biógrafo ainda destaca o elevado índice de suicídios da época na capital federal, apresentando a narrativa como uma oportunidade de revelar não apenas a cidade, mas também o que cercava Ney, incluindo três pessoas próximas que se suicidaram. A partir dessa decisão, também se observa que houve uma tentativa, na escrita biográfica, de entender o Ney como uma pessoa equilibrada, alheia aos conflitos psicológicos, mas rodeada por eles.

Analisando mais a fundo, a abordagem do biógrafo para tratar do suicídio após a contextualização revela uma intenção de mergulhar nas contradições do mundo que envolviam Ney. Ao ressaltar a solidez interna do cantor, o biógrafo destaca a singularidade de Ney em

enfrentar conflitos externos ao longo de décadas, sem sucumbir a conflitos internos intensos como acontecia, por exemplo, com Elis Regina. A escolha de explorar esses conflitos é justificada como uma maneira de mostrar continuamente que Ney, embora robusto internamente, está imerso em um mundo conflituoso.

Um conflito que também está no entendimento público do seu corpo, já que o público sempre se refere a Ney Matogrosso como uma pessoa LGBTQIAP+. Julio Maria (2023) aborda a razão pela qual optou por não explorar politicamente esse aspecto na biografia do cantor. A decisão do biógrafo em não politizar a representação dos corpos LGBTQIAP+ na narrativa biográfica, apesar de contextualizar a luta da comunidade em determinadas partes, é fundamentada nos princípios de Ney Matogrosso. O cantor, ao longo de sua trajetória, resistiu a vinculações a grupos políticos e expressou sua relutância em ser explorado pela esquerda para propósitos políticos. Esse distanciamento de associações políticas é evidente em uma entrevista à BBC de Londres, onde Ney declara enfaticamente: "A bandeira sou eu". Tal postura sublinha a visão de Ney sobre a singularidade de sua identidade, rejeitando ser reduzido a um símbolo político e destacando que sua representação transcende rótulos e categorias políticas.

A abordagem do biógrafo em não politizar os corpos LGBTQIAP+ na narrativa biográfica destaca, em alguma medida, uma preocupação ética em respeitar a autonomia e os desejos do biografado, bem como preservar a integridade do relato biográfico. Essa escolha ressoa com a proposta de Ney Matogrosso de ser reconhecido e compreendido como indivíduo, e não reduzido a um ícone político (MARIA, 2023). Portanto, a narrativa biográfica busca equilibrar a representação das experiências pessoais de Ney, incluindo sua trajetória como uma figura pública LGBTQIAP+, sem forçar uma politização que não está alinhada com os valores e escolhas do próprio artista. Apesar disso, dada a natureza polêmica da questão, é essencial abordar a representatividade que membros da comunidade esperam de Ney Matogrosso e, ao mesmo tempo, o que podem esperar da biografia. A escolha do biógrafo de manter um determinado entendimento sobre o artista levanta questionamentos sobre como essa representação pode ecoar entre aqueles que veem Ney como uma figura de importância cultural e social. O livro, ao se posicionar dentro desse contexto, inevitavelmente influencia a percepção que a comunidade terá de Ney Matogrosso.

Desse modo, é possível entender que a maneira como o corpo de Ney Matogrosso é retratado na biografia de Julio Maria oferece uma proximidade das experiências do cantor com

a escrita do texto testemunhal escrito pelo biógrafo, revelando-se como um espaço comunicativo e interrelacional. A abordagem do biógrafo por uma escrita centrada no corpo vai além da simples exposição de detalhes íntimos, permitindo ao leitor contemplar o corpo de Ney como um lugar de significados e de testemunhos. Aspectos marcantes, como os momentos em que o cantor decide "tirar o corpo de cena" durante apresentações mais formais, oferecem nuances significativas sobre sua relação com a expressão corporal. Essa escolha estratégica de Julio Maria não apenas proporciona uma visão abrangente do artista, mas instiga reflexões sobre a dinâmica entre os espaços público e privado no contexto biográfico.

Ao abordar detalhes delicados, como tentativas de suicídio e relacionamentos amorosos, a biografia levanta questões éticas e fronteiras entre a esfera pessoal e a pública. A inclusão desses elementos sensíveis na narrativa traz evidências da intenção do biógrafo em apresentar Ney como um ser humano resistente, sujeito a diversas experiências e adversidades. A contextualização da vida do cantor em Brasília, com altos índices de suicídio na época, além de ampliar a compreensão do cenário em que Ney vivia, também questiona as convenções sobre o que é adequado discutir nos espaços públicos de uma biografia. A relação de Ney com a comunidade LGBTQIAP+ é abordada cuidadosamente, destacando a escolha de Julio Maria de não politizar essa representação na biografia. A resistência de Ney em ser instrumentalizado para fins políticos ressoa na decisão de não abordar os corpos LGBTQIAP+ de maneira política, apesar de contextualizar a luta dessa comunidade a partir de terminados trechos da narrativa. Isso suscita questões sobre como a representação de corpos, especialmente em relação à orientação sexual e identidade de gênero, pode ser sujeita a interpretações políticas por parte dos biografados e dos biógrafos. A análise do corpo de Ney na biografia, portanto, revela mais do que aspectos privados e íntimos do artista. É um caminho para se pensar de que modo as fronteiras entre público e privado passam a ser criadas na construção de narrativas biográficas, seja na relação entre biógrafo e biografado, seja na relação entre biógrafo e texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida desta investigação surgiu da reflexão sobre os desafios éticos intrínsecos à criação de uma narrativa sobre a vida de uma pessoa, baseada não apenas em eventos objetivos, mas também nas percepções, compreensões e decisões narrativas advindas da subjetividade do biógrafo. Conforme discutido, em épocas passadas, a biografia era considerada como um retrato fiel da vida de uma pessoa. No entanto, com o avanço dos estudos sobre o biografismo na história, no jornalismo e em outras áreas, tornou-se evidente que o texto biográfico se trata mais de uma composição de episódios, editorialmente organizada pelo biógrafo, do que o resultado puro de uma investigação e entrevistas. Seguindo a perspectiva de Pereira (2007), a biografia pode ser encarada como um “gênero de memória”, pois a construção da história de vida de um indivíduo depende da recordação e da repetição discursiva ao longo do tempo. Assim, a memória de outras pessoas que conviveram com o biografado se torna uma espécie de fonte documental para o jornalista, necessária para obter informações e criar uma narrativa que incorpore diversas perspectivas sobre o “eu” descrito pelo biografado.

Nesse processo, o biógrafo utiliza seu entendimento de memória para decidir quais momentos temporais e fatos da vida do biografado serão destacados no texto biográfico. Na biografia de Ney, por exemplo, percebe-se uma conexão da narrativa sobre a vida de Ney com as questões históricas do país e com a memória subjetiva do biografado. O biógrafo baseou-se nas lembranças de Ney e dos entrevistados, abordando raramente, pelo menos no texto principal, questionamentos sobre essa memória. Isso não implica que a memória não tenha sido frequentemente confrontada, pois isso ocorreu no relacionamento entre biógrafo e biografado. Contudo, no que diz respeito à relação entre o biógrafo e a configuração da narrativa, as tensões relativas à memória não ficaram tão evidentes no livro. Talvez, se houvesse mais detalhes sobre o processo de produção ou notas de rodapé com informações adicionais, seria possível abranger esse aspecto com mais evidência. Além disso, a relação entre a abordagem do biógrafo em “Ney Matogrosso: a biografia” e as reflexões sobre memória propostas por Silva (2009) e Pollak (1989) foram essenciais para compreender esse processo de produção biográfica. Primeiramente, ao se considerar a visão de Silva (2009) sobre a memória como um elemento socialmente construído, percebe-se que a escolha do biógrafo em destacar certos momentos temporais e fatos na vida de Ney Matogrosso está intrinsecamente vinculada às forças sociais

que configuram a manutenção de uma memória específica. O biógrafo, ao compreender esse aspecto, não apenas apresenta a trajetória individual de Ney, mas também a insere em contextos em que já existam ideais e expectativas preexistentes. Ao se pensar a construção da personalidade de Ney Matogrosso na biografia, observa-se um contraste entre a visão do biógrafo e a autoimagem do próprio Ney.

O biógrafo, ao retratar Ney como alguém determinado, libertário e revolucionário, projeta suas próprias expectativas e interpretações sobre o principal personagem do livro. No entanto, Ney, ao expressar sua própria perspectiva, desafia essa caracterização, quebrando um pouco da expectativa inicialmente estabelecida pelo biógrafo, uma vez que o biografado se considera uma pessoa tão comum como qualquer outra. A discrepância entre a interpretação do biógrafo e a autopercepção de Ney ressalta que o entendimento da memória na escrita biográfica origina-se no biógrafo e está constantemente guiado por sua subjetividade. Isso evidencia como a construção da narrativa biográfica é configurada pelas perspectivas do narrador.

A segunda perspectiva sobre memória, relacionada à ideia de Pollak (1989), sobre as disputas e transformações na sua construção, traz à tona a noção de que o biógrafo, ao narrar a vida de Ney Matogrosso, participa de um campo de disputa onde as transformações históricas e sociais podem influenciar a imagem pública do biografado. Essas mudanças não apenas afetam a posição de Ney na memória coletiva, mas também permeiam a própria “memória oficial”, que pode se adaptar a variações e contradições ao longo do tempo. Exemplo disso é o fato de que o biografado teve que lidar com diversas memórias que partiram da escrita proposta por Julio. Tais memórias, por vezes esquecidas ou totalmente desconhecidas por ele, como os episódios desagradáveis com Chacrinha, sua detenção na aeronáutica, as inquietações de seu pai acerca de sua saúde e bem-estar nesse ambiente, entre outros, trouxeram ao próprio Ney uma outra perspectiva sobre seu percurso de vida. Em certo sentido, a discussão não se resume a determinar se houve ou não invasão na esfera privada do artista, pois a biografia transita constantemente entre os âmbitos público e privado. No entanto, sob a perspectiva de Pollak (1989), que discute as controvérsias relacionadas à imagem pública e à memória coletiva, é plausível afirmar que as revelações do biógrafo acrescentam novas facetas à vida pública de Ney, a partir de suas subjetividades, alocadas em um espaço privado, e de dados objetivos, mais alocados no espaço público, aos quais o biógrafo teve acesso.

Além disso, na escrita jornalística de biografias, não apenas as conquistas públicas e notáveis dos personagens são valorizadas, mas também se destaca a importância de abranger outras dimensões dos sujeitos, como sentimentos, o inconsciente, a cultura, a esfera privada e o cotidiano (SCHMIDT, 1997, p. 16). Para isso, foi necessário que a biografia escrita por Julio Maria fosse além dos fatos e eventos da vida pública, para compreender também a dimensão privada e cotidiana do biografado, assim como seus sentimentos e valores culturais. Nesse ponto, pode-se dizer que, em alguns momentos, o jornalista avançou um pouco mais na intimidade do biógrafo e incorporou ao livro, inclusive, o que o biografado havia pedido para não ser exposto: o caso romântico entre Ney e Zé. Em alguma medida, o jornalista afirmou que sua decisão em trazer o episódio, deu-se porque o então Zé já havia falecido e não haveria por que esconder sua sexualidade nos dias de hoje.

Entretanto, é válido considerar que a ética jornalística se constrói e entra em prática a partir das escolhas do biógrafo. Abordar a sexualidade de uma pessoa que não está mais viva e que não foi entrevistada pode configurar uma falta de respeito ao corpo e à memória dessa pessoa. Um exemplo recente desse dilema ocorreu com o ex-apresentador de televisão Gugu Liberato<sup>41</sup>. A discussão em torno da sexualidade do apresentador, que anteriormente estava confinada a um padrão heteronormativo, tornou-se de conhecimento público após sua morte em novembro de 2019. Nas redes sociais, as pessoas passaram a discutir a vida íntima do comunicador, embora ele mesmo nunca tenha falado publicamente sobre ser gay.

No entanto, Gugu foi, de certa forma, "arrancado" de um suposto armário. As primeiras especulações após a trágica morte do apresentador sobre um possível relacionamento foram veiculadas pelo jornal *O Estado de S.Paulo* em fevereiro de 2020. O texto abordava a possibilidade de um relacionamento com o chef de cozinha Thiago Salvático, que, mais tarde, desistiu de qualquer ação relacionada à herança. Esse episódio destaca a delicadeza e a complexidade envolvidas na abordagem da vida íntima de figuras públicas após sua morte. Além do mais, a exposição da vida íntima do apresentador após sua morte levanta uma reflexão sobre o tratamento da mídia em relação à sexualidade de figuras públicas. Enquanto o apresentador estava vivo, a imprensa raramente abordava o tema, mas após sua morte, a

---

<sup>41</sup> Em junho de 2023, no auge da polêmica, o jornalista Ricardo Pedro Cruz do UOL, criticou a abordagem da mídia e dos internautas na internet sobre a sexualidade do artista. O jornalista chamou a exposição de grotesca. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/06/23/gugu-liberato-e-a-violencia-de-ser-tirado-do-armario.amp.htm>>. Acesso: 3 jan. 2023.

discussão tornou-se um tópico frequente. Isso destaca uma lacuna ética: o respeito à privacidade da pessoa morta, que muitas vezes é negligenciado pela mídia. Dessa forma, a decisão de Julio Maria em expor a sexualidade de Zé levanta questões semelhantes à discussão sobre a vida íntima do apresentador. A escolha de abordar a sexualidade de Zé após sua morte pode ser interpretada como uma intrusão na privacidade da pessoa falecida, algo que ele não teria falado publicamente enquanto estava vivo. Essa abordagem levanta uma reflexão sobre a ética na escrita biográfica, especialmente quando se trata de detalhes íntimos.

Vale destacar também que, ao analisar as escolhas do biógrafo, revela-se uma discrepância no tratamento da vida privada entre Ney Matogrosso e Zé. Enquanto Ney, um artista já amplamente conhecido por sua postura provocativa e desafiadora, teve detalhes íntimos expostos em sua biografia, a abordagem de Julio Maria em relação à sexualidade de Zé parece contrastar. Zé, ao que tudo indica, não teve sua sexualidade abordada de maneira pública enquanto estava vivo, o que poderia indicar uma postura mais reservada em relação a esses aspectos de sua vida. Essa discrepância suscita questionamentos sobre as escolhas éticas do biógrafo. A exposição da vida íntima de Ney, reconhecido por desafiar padrões e normas sociais, pode ser interpretada como parte de uma narrativa já associada à sua figura pública. No entanto, pelo fato de Ney Matogrosso estar vivo, existe um certo controle por parte do próprio biografado sobre sua história de vida, tanto nas omissões de segredos, quanto mesmo nos pedidos feitos diretamente ao biógrafo.

Além disso, a pesquisa revela discordâncias entre o biógrafo e o biografado ao longo do processo de produção. Em primeiro lugar, as entrevistas evidenciam que a principal controvérsia reside na forma como o biógrafo percebe e enxerga Ney Matogrosso, em contraste com a visão que o próprio artista tem de si, tanto no cenário público quanto no privado. Julio Maria, dessa maneira, encara a história do artista como uma narrativa ainda centrada na ideia de enaltecimento da figura biográfica, pelo menos em algumas partes do livro, já que se trata de uma obra com aproximadamente 500 páginas oriundas de cinco anos de pesquisa com mais de 200 entrevistados. Por outro lado, de modo um pouco mais contido e modesto, Ney Matogrosso concebe sua própria vida como menos fascinante do que o biógrafo antevira desde o início do projeto. O artista não se reconhece como alguém cuja história desperte a mesma curiosidade nos leitores. De certa forma, para Ney, sua vida não respalda uma noção pública tão interessante; sobremaneira porque o biografado pensa sua própria história a partir de um

lugar mais próximo ao espaço privado, um pouco a partir de sua intimidade. Ainda assim, é imperativo reconhecer que esta dinâmica faz parte intrínseca do processo biográfico. O que se destaca, portanto, ao analisar o livro, é que esse fenômeno ocorre porque, no contexto da escrita biográfica, as decisões editoriais passam pelo crivo do jornalista.

Dessa maneira, a narrativa biográfica se concentra consideravelmente no que o jornalista pensa e entende sobre o biografado do que o contrário. O biografado, de certa forma, consegue delimitar o alcance do jornalista sobre sua vida, utilizando memórias e testemunhos compartilhados com os leitores. Entretanto, é válido observar que o acesso do jornalista às fontes secundárias acaba por ampliar ainda mais o leque de informações ao biógrafo sobre a vida e percursos do biografado, fomentando a complexidade do retrato final. Essa assimetria de narrativas na construção do texto biográfico, no entanto, levanta questões sobre a influência do biógrafo na formação da imagem do biografado. Isso, por vezes, pode distorcer a percepção pública da vida do indivíduo retratado, e até mesmo da dimensão privada, criando um desafio inerente à busca por uma representação equilibrada.

Essa discrepância torna evidente que o entendimento de que a perspectiva de Ney Matogrosso sobre sua própria vida não se alinha completamente com a visão que o biógrafo tem da relevância e fascínio de sua história. Essa divergência de percepções entre o biógrafo, Julio Maria, e o biografado, Ney Matogrosso, injeta uma complexidade adicional na produção da biografia, destacando as interpretações contrastantes sobre a importância da vida do artista. Essa tensão entre o narrador e o protagonista acrescenta uma camada crítica à narrativa, questionando a natureza subjetiva da construção biográfica. Para além disso, à medida que a pesquisa progredia, tornou-se evidente que a narrativa biográfica, entrelaçada à investigação jornalística, incorpora habilmente os fundamentos e técnicas advindos do fazer jornalismo. Elementos como objetividade, interesse público, produção de pauta e entrevistas, presentes no jornalismo de referência (ZAMIN, 2014), revelavam-se não apenas como pilares em textos jornalísticos tradicionais, mas também presentes em composições mais extensas e específicas, como as biografias.

A partir disso, também foi possível compreender que a escrita de uma biografia por um jornalista envolve, em grande medida, resgates históricos e factuais meticulosamente entrelaçados com lembranças e testemunhos dos entrevistados, respaldados por fontes documentais, para composição da história de um indivíduo. Essa observação não se limitou a

um mero relato da vida do biografado no livro analisado nesta pesquisa; pelo contrário, resultou também em uma narrativa diversificada, ao proporcionar uma compreensão mais centrada no corpo e nas memórias de vida do biografado. Com evidência, na biografia de Ney Matogrosso, as questões éticas, políticas e culturais emergiram com bastante destaque durante a reflexão e a construção narrativa sobre a vida do biografado. Originando-se das próprias visões de mundo e da compreensão que o biógrafo tinha do personagem principal, essas considerações guiaram os caminhos narrativos escolhidos por Julio, conforme confirmado na entrevista concedida à produção desta dissertação e a partir da análise feita sobre a obra. O objetivo do jornalista, até certo ponto, era apresentar uma narrativa alinhada à noção de liberdade, perspectiva que o escritor conseguiu adotar e desenvolver na biografia sobre o cantor. Em suas questões ainda mais subjetivas, o biógrafo foi pontual em explicar que sempre olhou para o artista como uma figura destemida, disruptiva na linguagem e no corpo; um artista-político em sua própria natureza de ser no mundo. Essa noção, pois, passou a ser a ideia central pela qual a personalidade e as experiências de Ney ao longo de sua vida seriam narradas.

O corpo de Ney Matogrosso vai além da narrativa individual ao espelhar as contendas simbólicas que o cercam. Sua corporalidade apresenta uma potência discursiva importante para o jornalista, especialmente devido à sua ligação com movimentos político-culturais ao longo da vida. Nesse contexto, o desafio de um biógrafo que se propõe a escrever uma biografia sobre o artista é contextualizar a marginalização do corpo do artista, à busca de se aprofundar em suas dimensões políticas, sociais, culturais e artísticas. Ao observar a sobreposição do corpo de Ney por suas características sexuais consideradas desviantes socialmente, o biógrafo teria a oportunidade de ampliar essa abordagem para compreender as lutas e marginalizações enfrentadas por corpos vulneráveis em uma sociedade sexista e moralista como a brasileira, o que não é enfatizado com tamanha intensidade na biografia elaborada por Julio Maria. A partir disso, o que a análise evidencia é que a narrativa proposta por Maria (2021) buscou por uma profundidade narrativa ao contemplar não apenas a experiência individual, mas, de modo similar, as dinâmicas sociais e históricas que influenciaram tanto a trajetória de Ney enquanto artista, quanto outros de seus momentos de vida mais vulneráveis e alocados no espaço privado, desde a infância, adolescência e vida adulta. Como pensa Butler (2017), todos os corpos são, de algum modo, vulneráveis, mas não são todos que sofrem esse processo de vulnerabilização. Há questões políticas, sociais, familiares, dentre outras, que levam a essa realidade, como aconteceu com o corpo de Ney.

Esta discussão incita uma reflexão sobre como as sociedades percebem e tratam corpos frequentemente rotulados como "outros", baseando-se em diferenças culturais, étnicas ou religiosas. Através de uma lente crítica, é crucial compreender como o corpo é sujeito à exploração e opressão, enquanto simultaneamente persiste como terreno fértil para resistência e expressão cultural. Essa perspectiva adiciona complexidade à análise do corpo biográfico de Ney, destacando as experiências individuais e a influência nas estruturas sociais que configuram narrativas e percepções sobre as corporalidades. Neste contexto, a concepção do corpo como agente performático, discutida por diversos autores, oferece oportunidades para desafiar estruturas de poder e exigir uma contextualização mais ampla na utilização da memória na biografia de Ney Matogrosso. Autores como Bertolini e Jefferson (2018) salientam que o corpo transcende a condição de mero objeto de notícias, tornando-se um símbolo cultural integrado às agendas das redações. Portanto, a crítica à biografia surge do fato de que, embora o biógrafo tenha explorado a relação entre o corpo de Ney e sua própria existência, foi negligenciada uma análise histórica e social equiparada para os corpos desviantes.

Um testemunho capaz de direcionar a escrita a partir da corporalidade e de reconhecer, nos episódios em que o corpo enfrenta o trauma e os momentos de felicidade e de gozo, a trama de vida que é Ney Matogrosso. Surpreendentemente, o próprio cantor nunca havia feito essa conexão. Segundo Maria (2023), a história de vida de Ney é marcada pelo momento em que seu corpo é exposto; o mesmo corpo que será enfatizado como sua maior fortaleza. Com esta perspectiva, a narrativa foi se entrelaçando com episódios da vida do biografado, nos quais o corpo guiava a escrita e, inclusive, restringia o acesso do biógrafo aos espaços públicos e privados do artista. Foucault (1997), neste sentido, e como já citado, destaca que a linguagem não é apenas um veículo neutro de expressão, mas uma força que molda nossa relação com nossos corpos, reforçando a importância de uma abordagem mais crítica e contextualizada durante a escrita e toda a produção jornalística de uma biografia.

A divergência no entendimento da memória entre o biógrafo e o biografado adiciona uma camada intrigante à narrativa. Ney Matogrosso compartilha relatos que, segundo sua perspectiva, visam mais à recuperação do passado do que a uma análise profunda ou reflexão sobre ele. Para Ney, as memórias servem como um meio de reconstruir eventos passados, mas sem mergulhar excessivamente na reflexão sobre seu significado. Em contraste, Julio Maria encara as memórias como um dispositivo narrativo essencial, capaz de não apenas recuperar o

passado, mas também de lançar luz sobre a formação da identidade presente de Ney. A abordagem do biógrafo, ao adotar as memórias como dispositivo narrativo, suscita questões críticas quando confrontada com a análise de Seligmann-Silva (2008) sobre a importância da escuta ativa. Embora a narrativa biográfica busque ampliar vozes e dar espaço a memórias complexas, é crucial questionar até que ponto a atitude do biógrafo representa uma escuta autêntica diante das experiências traumáticas compartilhadas por Ney Matogrosso. Mais que isso, a disposição de ouvir e compartilhar a carga do testemunho é central, e, ao assumir o papel de portador desse testemunho, o jornalista deve adotar uma postura ativa e comprometida com a verdadeira dinâmica do relato (PERES, 2018). Diante disso, é necessário avaliar se o biógrafo, ao valorizar as memórias como dispositivo narrativo, está realmente proporcionando uma escuta autêntica ou se há uma tendência de moldar as experiências do biografado de acordo com uma visão preconcebida.

Esse contexto provocou uma reflexão central sobre como esses elementos orientam o jornalista na investigação dos espaços públicos e privados, suscitando, de certa forma, questionamentos sobre a abordagem ética no trabalho jornalístico e biográfico. Como destacado por Arfuch (2019), a biografia em si possui uma natureza híbrida, situando-se como um campo que abraça as identidades contemporâneas (BOURDIEU, 1986). Compreendido como um processo de construção da memória na narrativa e dos esquecimentos que emergem à tona por meio da escuta e testemunho do Outro (POLLAK, 1989; SARLO, 2007; SELIGMANN-SILVA, 2008), o texto biográfico no jornalismo surgiu em conjunto com a virada subjetiva que conduziu à valorização do testemunho nas narrativas produzidas pelo jornalismo (PERES, 2016; AGAMBEN, 2009; RESENDE, 2017; MAIA, BARRETOS, 2018). Um exemplo que ilustra essas considerações é encontrado na análise da biografia de Ney Matogrosso, objeto de pesquisa desta dissertação, ao se compreender como Julio Maria enfrentou desafios éticos ao lidar com as memórias do artista e suas interações com outras fontes. Conforme delineado por Agamben (2009), o trabalho do biógrafo consiste na tentativa de criar uma narrativa sobre o biografado. A pesquisa evidencia que não se trata simplesmente de reproduzir literalmente a jornada de vida de uma pessoa, de forma fidedigna, pois isso seria uma ilusão biográfica, conforme apontado por Bourdieu (1986). O texto biográfico apresenta amarras de sentidos, episódios selecionados da vida do biografado, escolhas do biógrafo que revelam uma reconstrução de espaços e tempos para alinhar o sentido do relato e do momento em que os fatos ocorreram.

O livro jornalístico "Ney Matogrosso: a biografia" ilustra diversas vezes esse processo. Apesar das informações detalhadas repassadas pelo biografado, tornou-se evidente para Julio Maria que algumas informações estavam centradas em uma memória já cristalizada, necessitando ser acessada novamente por meio de outras fontes, sejam humanas e ligadas ao biografado ou até mesmo documentais e jurídicas. Isso ocorre quando Ney Matogrosso relatou sobre sua vida na aeronáutica, mas esqueceu de que havia sido preso. Por meio de uma fonte documental, Julio Maria recuperou essa memória para o artista, lembrando-o de seu passado e ressaltando as complexidades da construção biográfica. Sabe-se que, na prática jornalística, o testemunho é frequentemente associado à noção de presença corpórea, à ideia de estar fisicamente no espaço e momento em que o acontecimento ocorreu, remetendo à concepção clássica de "testemunho ocular da história". Contudo, Peres (2021) observa que, em uma sociedade cada vez mais midiaticizada e digitalizada, onde a imagem e as narrativas desempenham papéis significativos, "os sujeitos receptores de determinados acontecimentos, mesmo distantes do local onde os fatos ocorreram, são testemunhas em potencial" (PERES, 2021, p. 28). Nesse sentido, o receptor pode tornar-se testemunha de um acontecimento, mesmo sem estar fisicamente presente no local e momento em que ocorreu. Para Frosh (2014), nesse cenário de trocas, o jornalista assume o papel de testemunha ao relatar a história do Outro.

Conforme destaca Agamben (2009), a construção biográfica é um retalho de memórias sobre a vida do biografado, que o fragmenta, mas também tem sua história pensada e articulada a partir de fontes secundárias, descobertas jornalísticas e pela subjetividade do próprio biógrafo, adquirindo uma relevância premente. A pesquisa evidencia que a biografia jornalística não se resume a um texto centrado apenas no discurso do biografado, mas também abrange a compreensão das fontes e do biógrafo. Como lembra Julio (2023), ao falar do preparo de uma pauta para cada biografado, a prática de escrever uma biografia é a extremidade do jornalismo; é praticar o jornalismo em sua forma mais intensa. A biografia, de acordo com Julio, contém quase tudo que se espera de um fazer jornalístico: uma grande reportagem centrada em um único personagem. O jornalista (2023) destaca que é possível potencializar uma matéria de jornal mil vezes por meio desse formato e que tudo na vida do personagem principal pode ser biografado. No entanto, a pesquisa conduzida nesta dissertação lança um contraponto à visão do biógrafo. Embora Julio (2023) defenda que tudo na vida do artista é passível de ser biografado, surge uma reflexão crítica sobre a ética dessa abordagem. A elaboração de uma biografia implica, necessariamente, estabelecer fronteiras entre o entendimento do biógrafo

sobre espaço público e privado, juntamente com a disposição do biografado em compartilhar confissões e testemunhos.

Ao abordar essas fronteiras, é crucial considerar a decisão jurídica do STF em 2015, que ressalta a necessidade de ponderar tanto a liberdade de expressão e de imprensa quanto o direito à privacidade da fonte. A própria dinâmica da publicação de uma biografia, ao longo do tempo e em interação com o público e entrevistados, contribui para refinar a compreensão do que ultrapassa ou não os limites entre o público e o privado nas produções jornalísticas, sem imposições de censura prévia. Essa análise enfatiza a importância de considerar as nuances éticas envolvidas na construção de narrativas biográficas, à busca de sempre se colocar em pauta o respeito à privacidade das fontes e a necessidade da expressão jornalística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, J. L. 1962a. **How to do things with words**. Harvard University Press (Traduzido por Danilo Marcondes de Souza Filho. Quando Dizer é Fazer Palavras e Ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990).

ADICHIE, Chimamand. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo? Outra travessia**, n. 5, p. 9-16, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e o testemunho** (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

ALMEIDA FILHO, Carlito Lins de; CARDOSO SILVA, Jhonattan Willian. Diálogos entre a rebeldia e a androginia. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, RS, v. 6, n. 2, jul./dez. 2018, p. 34-42. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/8352>>. Acesso em: 22 out. 2019.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea** / Leonor Arfuch: tradução, Paloma Vidal. - Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 370 p. ISBN 978-85-7511-167-3.

AVELAR, Alexandre S.; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **Grafia da Vida: Reflexões e Experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012, 248p. Revista Diálogos Mediterrânicos, (5), 201–206. <https://doi.org/10.24858/85>. Acesso: 21 mai. 2023.

BARRETOS, Dayane C. **Experimentar encontros e compartilhar sentidos: a escrita de si e do outro nas narrativas de jornalistas brasileiras**. 2017. 167 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

BERTOLINI, JEFERSON (2018). Jornalismo e corpo: um estudo sobre a representação do corpo no jornalismo de TV e na percepção de telespectadores. **Pauta Geral - Estudos Em Jornalismo**, 5(2), 255–270. Recuperado de <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/12591>.

BOULOS, Alfredo. **História e Sociedade & cidadania**: 3º ano. 1ª Ed. São Paulo: FTD, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **L'illusion biographique**. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 62-63, pp. 69-72, juin 1986. Tradução de Olívia Alves Barbosa. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3137327/>> Acesso: 8 abr. 2023.

BRUNER, Jerome. **A construção narrativa da realidade**. In: Critical Inquiry, Vol. 18, No. 1, 1991, pp. 1-21.

BUARQUE, Chico. Penso eu. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, RJ, 16 out. 2013, Opinião, Cultura, online. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/penso-eu-10376274>>. Acesso: 08. out. 2023.

BUTLER, Judith. Vulnerabilidad corporal, coaliciones y política de la calle. **Nómadas**, Colômbia, n. 46, p. 13-29, abril/2017.

CASTRO, Ruy. **A vida por escrito: ciência e arte da biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CESAR, Guilherme Manna. Platão e Bowie: leituras sobre os corpos andróginos. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v. 16, n. 24, 2020. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Plat%C3%A3o-e-Bowie%3A-leituras-sobre-os-corpos-andr%C3%B3ginos-Cesar/eb918f42e25dd1973c8aaedd34b03fd9cc6a68bd>>. Acesso em: 23. jan. 2023.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Assinatura e impressões digitais**: pela autoria no Jornalismo. In: FURLANETTO, Maria. M; Souza, Osmar. Foucault e a autoria. Florianópolis: Insular, 2006.

CRAVEIRO, D. A.; NETO, R. V.; COSTA, R. L. Música e Censura durante a Ditadura Militar Brasileira (1964 – 1985). **ANAIS DO SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA**, [S. l.], v. 1, n. 01, p. p. 193–201, 2017. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/seminarioformacaodocente/article/view/4176>. Acesso em: 28 dez. 2022.

DAS, Veena. **O ato de testemunhar**: violência, gênero e subjetividade. In: Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário. São Paulo: Unifesp, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000200002>.

DOSSE, François. **O desafio biográfico - escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.

DUMONT, Adilson; PRETO, Édison Luis de Oliveira. A visão filosófica do corpo. **Escritos educ.**, Ibité , v. 4, n. 2, p. 7-11, dez. 2005 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-98432005000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-98432005000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 05 nov. 2023.

ÉPOCA. **Jair Bolsonaro: Chico, Caetano e Gil estão defendendo minha tese**. Rio de Janeiro: Revista Época, online, 2013. Disponível: <<https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/10/bjair-bolsonarob-chico-caetano-e-gil-estao-defendendo-minha-tese.html>>. Acesso: 4 out. 2023.

FERNANDES, Elias C. **Acontecimento e testemunho jornalístico: uma análise dos livros "Olga" e "Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço"**. 2023. 159 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.

FERNANDES, D. RAFAELA, DAISY. **A polêmica das biografias não autorizadas - o limiar entre o direito à intimidade x liberdade de expressão**. Repositório Unisal, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.lo.unisal.br/direito/semidi2014/publicacoes/livro5/Daisy%20Rafaela%20da%20Silva%20e%20Thais%20Cristina%20Fernandes.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2023.

FERREIRA, Moura. Nova biografia de Ney Matogrosso sai em julho com aval de Caetano Veloso. **G1**, São Paulo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2021/05/15/nova-biografia-de-ney-matogrosso-sai-em-julho-com-aval-de-caetano-veloso.ghtml>>. Acesso em: 12 set. 2023.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **A História da Loucura na Idade Clássica** (1961). 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998.

FROSH, Peter. **Telling presences: witnessing, mass media, and the imagined lives of strangers.** In: FROSH, P; PINCHEVSKI, A

. *Media witnessing: testimony in the age of mass communication.* Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009, p. 49-72.

FURTADO, Thais. Pauta. In: **Tópicos em jornalismo: Redação e Reportagem,** ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. Florianópolis: Insular, 2021.

FURTADO, Thaís; VEIGA, Marcia; VIEIRA, Karine. M.,. **As narrativas de si e os modos de operar na construção das práticas jornalísticas por jornalistas.** In: MAROCCO, Beatriz (Org.). *Entrevista: na prática jornalística e na pesquisa.* Porto Alegre: Libretos, 2012. Edufba; Brasília: Livro Compós, 2011.

GALVÃO, Walnice N. A voga do biografismo nativo. **Estudos Avançados.** vol. 19, no 55, São Paulo, Sept/Dec 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142005000300026](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300026)> Acesso em: 15 abr. 2023.

GAUCHAZH. Referência no estudo de relatos biográficos, a Argentina Leonor Arfuch fala sobre a polêmica das biografias. **GaúchaZH,** 11 dez. 2013. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2013/12/referencia-no-estudo-de-relatos-biograficos-a-argentina-leonor-arfuch-fala-sobre-a-polemica-das-biografias-4357746.html>>. Acesso em: 03 out. 2021.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Unesp, 1991.

GOLDBEDG, Roselee. **Performance art: desde el futurismo hasta el present.** Barcelona: Ediciones Destino, 1996.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. Performance: um fenômeno de arte-corpo-comunicação. **Logos,** [S.l.], v. 11, n. 1, p. 76-95, jan. 2015. ISSN 1982-2391. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14676>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

KLAFKE, M. F. Show opinião: engajamento e intervenção no palco pós-1964. **REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS,** [S. l.], v. 1, n. 6, p. 64–78, 2015.

Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/368>. Acesso em: 21 jan. 2023.

LAGE, Nilson. **A reportagem**. Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEAL, Bruno. S. **Introdução às narrativas jornalísticas**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

LONGUI, Ariovaldo. A. **Interesses públicos e privados no jornalismo: os limites da transparência**. 2006. Tese (Doutorado em ciências da comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MAIA, Marta R. A História Oral como recurso metodológico. **Revista Contracampo**, n. 15, p. 137, 1 dez. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i15.550>. Acesso em: 8 jul. 2023.

MAIA, Marta. R.; BARRETOS, Dayane. do. C. O testemunho como elemento central na produção jornalística: a narrativa de Operação Massacre. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 1, p. 214-226, ago. 2018. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/11550>>. Acesso em: 27 set. 2020.

MAIA, Marta. R.; BARRETOS, Dayane. do. C. A potência mediadora do testemunho na configuração dos relatos jornalísticos sobre a violência contra mulheres na série Um vírus e duas guerras. **Sur le Journalisme**, v. 11, n. 2, 2022. Disponível em: <<https://revue.surlejournalisme.com/slj/article/view/491>>. Acesso em: 01 mar. 2023.

MAIA, Marta. R.; FERNANDES, Elias. A transparência no processo de produção das biografias Lula e Marighella. **Esferas**, n. 25, p. 160–180, 17 nov. 2022.

MAIA, Adriana Valério. STANKIENWICZ, Mariese Ribas. **A música popular brasileira e a ditadura militar: vozes de coragem como manifestações de enfrentamento aos instrumentos de repressão**. 2015. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2015. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/23122>>. Acesso em: 28 dez. 2022.

MARIA, Júlio. **Ney Matogrosso: a biografia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 512 p.

MARIA, Júlio. **Elis Regina. Nada será como antes**. 1. ed. São Paulo: Master Book, 2015. 424 p.

MCADAMS, Dan. P. (1993). **The stories we live by: Personal myths and the making of the self**. William Morrow & Co.

MCCHESENEY, Roberte. W. **Corporate media and the threat to democracy**. Seven Stories Press, 1997.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

MOHANTY, Chandra T. “**Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses**.” In: MOHANTY, Chandra T.; RUSSO, Ann; TORRES, Lourdes (Ed.). **Third World Women and the Politics of Feminism**. Bloomington: Indiana University Press, 1991. p. 51-81

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Márcia. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: **Anais do XXVIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Porto Alegre, 2019.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950-1980)**. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_, Marcos. “**Música e História do Brasil**”. In: **História & música – história cultural da música popular**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

NETO, Lira. **A arte da biografia: como escrever histórias de vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

NETO, Lira. **Uma história do samba: as origens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NORA, Pierre, & Aun Khoury, Ylara. (1993). **ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES**. Projeto História : **Revista Do Programa De Estudos**

**Pós-Graduados De História,** 10. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa.** Petrópolis, Vozes, 2010.

PEREIRA, Lindjane. **A biografia no âmbito do jornalismo literário.** 2007. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2017. Disponível em: <http://bocc.ufpb.pt/pag/pereira-lindjane-jornalismo-literario.pdf>. Acesso: 21 mar. 2023.

PERES, Ana. C. Jornalismo: testemunha lacunar da história. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 18, n. 1, p. 25–37, 5 jul. 2021. Acesso: 8 jun. 2023.

PERES, Ana. C. **O que resta dos fatos: testemunho e guinada afetiva no jornalismo.** Tese — Universidade Federal Fluminense: Niterói. 2016, p. 182. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/16601>. Acesso: 20 mai. 2023.

PERES, Ana C.; MAIA, Marta R. JORNALISMO DE TEOR TESTEMUNHAL: contribuições para um diálogo possível entre a pauta e a narrativa. In: **ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/jornalismo-de-teor-testemunhal-contribuicoes-para-um-dialogo-possivel-entre-a-pa?lang=pt-br>. Acesso em: 16 jul. 2023.

PINTO, Ana E. S.. **Jornalismo Diário.** Reflexões, Recomendações, Dicas e Exercícios. Publifolha, 2009.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRECIADO, PAUL B. **Manifesto contrassexual:** práticas subversivas de identidade sexual, São Paulo: N 1, Edições, 2004.

PROVOCA. **Analisando a história do Brasil:** a desigualdade é a marca. São Paulo: Provoca, Youtube, 2022. 55 min. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=1VOjZJ1CWW8&pp=ygUacGF1bG8gY2VzYXlgaXJhdWpvaHByb3ZvY2E%3D>. Acesso: 8 out. 2023.

REILY, S. A. A música e a prática da memória - uma abordagem etnomusicológica. **Música e Cultura**, v. 9, p. 1, 2014. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4576280/mod\\_resource/content/1/A musica e a prática da memória\\_Reily.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4576280/mod_resource/content/1/A_musica_e_a_pratica_da_memoria_Reily.pdf)> Acesso em: 28 dez. 2022.

RESENDE, Fernando; PERES, Ana C. Nós, as testemunhas: notas sobre um jornalismo de teor testemunhal. **Dispositiva**, v. 5, n. 2, p. 121-137, 17 ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/p.2237-9967.2016v5n2p121-137>. Acesso em: 8 jul. 2023.

RESENDE, Fernando. Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. In: GISELENE, Silva et al (Org.). **Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Salvador:

RESENDE, Fernando. Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe. **Revista Contracampo**, 85-102, 2005. 76, 2005. FA Resende. Annablume/FAPESP, 2002.

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa I**. A tríplice Mimese, São Paulo, Papirus, 1994.

RODA VIVA. **Paulo Cesar de Araujo - 28/10/2013**. São Paulo: Roda Viva, Youtube, 2013. 1h 18min 40s. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=MbblJTpgcdo>>. Acesso: 4 out. 2023.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. Títulos originais: Thinking Sex e The Traffic in Women São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SAMPAIO, Ana Paula. Biografia de Ney Matogrosso desnuda, deliciosamente, as paixões, lutas e conquistas do artista. **Diário do Pará**, 19 jul. 2023. Pará. Disponível em: <<https://diariodopara.dol.com.br/toda/atualidades/biografia-de-ney-matogrosso-desnuda-deliciosamente-as-paixoes-lutas-e-conquistas-do-artista-75284/>>. Acesso em: 03 jun 2023.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.)

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SILVA, Daniela. **Subjetividade, política, cultura**: eixos para pensar a entrevista midiática como fonte para a pesquisa científica. **Interfaces**, online, v. 11, n. 04, 2020.

SILVA, Eduardo. M. da. **Espaço público e jornalismo: a função social da imprensa na construção da democracia.** Editora Vozes, 2006.

SILVA, Wilton. C. L. da. (2009). **Biografias: construção e reconstrução da memória.** *Fronteiras*, 11(20), 151–166. Recuperado de <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/626>.

SORIANO, Jaume. **L’ofici de comunicóleg: métodos per investigar la comunicació.** Barcelona, 2007.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THOMPSON, Alistair. **Recompondo a história: questões sobre a relação entre história oral e as memórias.** *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.]*, v. 15, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11216>. Acesso em: 8 jul. 2023.

TRUILO JUNIOR, Décio. TANJI, Thiago. **Jornalistas de São Paulo e a ditadura: relatório da Comunicação da Verdade, Memória e Justiça do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo.** São Paulo: Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/comissoes-da-verdade/sindicatos/JornalistasdeSoPauloeaditadura.pdf>>. Acesso: 03 out. 2023.

TV 247. Estação Sabiá - “Maria Bonita – Sexo, violência e mulheres no cangaço”, com Adriana Negreiros. **Youtube**, 23 mar. 2023. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_ujo-YuhMlc](https://www.youtube.com/watch?v=_ujo-YuhMlc)>. Acesso em: 20 mai. 2023.

VIEIRA, Karine M. **O desafio de narrar uma vida - a Crítica Genérica no estudo da biografia como gênero jornalístico.** Porto Alegre. Fabico/UFRGS, 2011.

VIEIRA, Karine. **O desafio de narrar uma vida: a Crítica Genérica no estudo da biografia como gênero jornalístico.** 2011. 134 f. Dissertação (mestrado) - Mestrado em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2011. Disponível em: <[https://www.academia.edu/9472107/O\\_desafio\\_de\\_narrar\\_uma\\_vida\\_a\\_crítica\\_genética\\_no\\_estudo\\_da\\_biografia\\_como\\_gênero\\_jornalístico](https://www.academia.edu/9472107/O_desafio_de_narrar_uma_vida_a_crítica_genética_no_estudo_da_biografia_como_gênero_jornalístico)>. Acesso em: 3 mar. 2023.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografia e biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002

WALSH, Rodolfo. **Operação Massacre**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ZAN, José Roberto. 2015. “Secos & Molhados: Metáfora, Ambivalência E Performance”. *ArtCultura* 15 (27). Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/29331>>. Acesso em: 31 dez. 2022.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo, Ubu, 2018.

## APÊNDICE A

Entrevista foi realizada por Carlos Augusto, com o jornalista e biógrafo de Ney Matogrosso, Julio Maria, realizada em 06 de julho de 2023, das 15h04min às 18h15min. A conversa aconteceu de forma remota, por meio de trocas de mensagens de áudio. Nesta entrevista, as perguntas estão majoritariamente centradas no segundo eixo metodológico desta pesquisa, a partir do qual se analisa a relação entre o jornalista e a configuração da narrativa.

**Carlos Augusto: Na capa do livro, está escrito "Ney Matogrosso: a biografia". Há um motivo para a inclusão da expressão "a biografia" no título? Foi uma decisão tomada pela editora, uma escolha sua enquanto biógrafo ou conjunta?**

**Julio Maria:** Vamos lá! Sobre o título do livro, “Ney Matogrosso: a biografia”, na verdade, não foi uma decisão tomada pela editora. Foi uma decisão minha. Foi uma sugestão minha, por mais que soasse, para mim, também, pretensioso, “a biografia”. Parece que é a biografia definitiva, e eu mesmo sou contra a ideia de biografia definitiva. “Completa”, “profunda”, isso existe, eu tentei fazer. Acredito que tenha conseguido. Agora, “definitiva”, acho que não existe. A gente não consegue dizer isso, sobretudo de um artista que está vivo, né? Mas a biografia tem alguns sentidos. Eu evitei muito, acho que a todo momento, eu não queria usar nome de música, nome de frase que o Ney cantou. Tipo, “Homem com h”, sabe?! Enfim, qualquer música que lembrasse Ney Matogrosso. Eu acho que esse é um recurso muito batido mesmo. Então, eu evitei nome de capítulo que tivesse nome de música e o próprio nome do livro. Então tem que ter [a palavra] “biografia” na capa, é importante a palavra, né? E o nome do artista. Pronto, então fechou a ideia: “Ney Matogrosso: a biografia”. “Uma biografia”, por outro lado, ficaria também assim... Ah, é uma biografia, né?! “Você tem várias, essa aqui é mais uma”. Também eu acho que reduziria demais. Então, a gente correu mais o risco de soar com uma pretensão do que algo superficial. Virou “Ney Matogrosso: a biografia”. Foi uma decisão minha, mesmo, e que a editora acatou.

**C.A: Como surgiu a escolha de Ney Matogrosso para ser biografado? Há alguma relação com o contexto político, cultural ou social do país durante o lançamento da biografia?**

**J.M:** Quando eu estava fazendo a biografia da Elis Regina, Ney Matogrosso foi um entrevistado muito generoso com as histórias sobre Elis e, ali, eu comecei a entender que seria o meu próximo biografado. Eu gosto muito do Rui Castro, quando ele fala que "os vivos atrapalham as biografias". Ele tem toda a razão. Mas eu entendi que o Ney Matogrosso era uma exceção. Seria uma exceção por entender que ele não iria poder interferir, poder manipular, poder vigiar, poder cercear. Isso porque eu tive uma conversa com o Ney, antes de começar a fazer [a biografia] e ele já havia sinalizado para mim que não iria tomar essas atitudes que um vivo costumaria tomar quando diante de um biógrafo. Então, a minha escolha por Ney foi [essa]: talvez o único biografado da música brasileira que lidaria com a própria história de maneira livre, sabendo que alguém estaria fazendo [uma biografia], mas ajudando essa pessoa, que foi o que ele me prometeu fazer, sem interferir. Cara, a situação ideal para um biógrafo, a situação ideal. Ela não se repetirá, com certeza, em nenhuma situação, com nenhum outro artista.

**C.A:** Na biografia de Ney, você não se coloca explicitamente em primeira pessoa e não compartilha detalhes sobre o processo de produção, como tem sido comum em algumas biografias jornalísticas recentes. Essa escolha foi intencional? Se sim, quais os motivos?

**J.M:** Sobre a minha posição. O meu posicionamento como narrador na biografia. Realmente eu não me coloco em primeira pessoa. Não é um... talvez por vir do jornalismo. O formato que eu adotei foi da terceira pessoa, de contar mesmo as histórias, não ter o narrador. Quer dizer, o narrador é o próprio livro. Assim como também não compartilho detalhes sobre o processo de produção. Não tem o texto de abertura, dizendo "fiz assim, fui por aqui, a história chegou pra mim dessa forma". Realmente, eu acho que... deixa eu pensar. Fui muito em cima do que eu me acostumei a ver com relação a um formato de biografia clássico, no qual os biografados são simplesmente muito diluídos. Desculpa. O biógrafo aparece de forma muito diluída na narrativa. Quanto mais esconder, melhor, por um lado. Depois a gente vai falar do outro lado, que eu já vi que você perguntou lá embaixo. Mas nesse momento, eu me diluo, eu me escondo, porque eu acredito que a gente tem que evitar alguns ruídos. O tempo todo você vê que eu uso muito poucas aspas. Eu não gosto de usar aspas. acho que aquilo às vezes é um recurso em que você coloca na boca de alguém algo que você não consegue comprovar. Tem esse recurso das aspas. E, no caso aqui da sua pergunta, eu também, narrando a história, não coloco na boca de

ninguém. É o livro que está sempre narrando a história. Foi uma escolha intencional e o motivo é a fluidez do texto. Eu acho que quando a gente não faz o leitor... não muda o eixo narrativo para quem está narrando, (isso acontece com uma eventual primeira pessoa, com uma eventual colocação pessoal durante a história) isso se tornaria, ao meu ver, um ruído. Talvez um ruído que eu quisesse evitar. Então, eu deixei a coisa fluir de forma muito natural para que a história fosse realmente o primeiro plano.

**C.A:** No início da produção da biografia, levando em conta a declaração feita pelo próprio biografado na entrevista de lançamento do livro pela Companhia das Letras, qual foi a perspectiva ou ênfase que você planejou dar a princípio na pauta, considerando que o primeiro capítulo abordava mais a história do estado do Mato Grosso do que a história pessoal de Ney?

**J.M:** O Mato Grosso, estado, a história do Mato Grosso, pra mim, explica muito porque esse homem surgiu ali, porque que Ney Matogrosso é como é. Rapidamente, fazendo essa comparação aqui para você, antes de responder à pergunta... “O homem chamado fronteira” é o nome do primeiro e do último capítulo. Isso porque o Ney é a fronteira e, diante desse *insight*, de que quantas fronteiras existem dentro de um homem, que você não sabe se é homem, se é mulher, que você não sabe se é homem, se é animal, se é um bicho, que bicho é, que você não sabe se aquela voz é masculina, feminina, que você não sabe se ele canta rock, salsa... Enfim, muitas das coisas que eu escrevi no texto, que está lá no livro, eu explorei pelo *insight* da fronteira. Aí, eu investi realmente na história daquele lugar onde nasce o Ney Matogrosso. Investi a conta de... essa versão não foi publicada. Mas a minha pesquisa foi tão grande que eu me deixei seduzir pela história do Mato Grosso. Então, isso é uma tentação que os biógrafos caem e que é perigosa. Tem que tomar cuidado. Eu caí nessa tentação, nessa armadilha histórica deliciosa, porque ela é sedutora. Então, ao contar a história de algo paralelo à história do seu biografado, você se seduz a ponto de “você abrir a janela da sala, enquanto estava escrevendo, fui dar uma volta pelo Mato Grosso, e não voltei mais. Fiquei muito tempo por lá. Quando voltei, me perdi, não achei o caminho de volta”. Quando eu li isso, cara, eu joguei páginas e páginas fora. Essa versão que o Ney fala que leu, sobre o prolongamento da história do Mato Grosso, foi a essa versão que ele se referiu. Essa versão que eu reduzi muito para que o Ney estivesse presente na história logo, não ficasse muito tempo fora da história. Então, eu fiz isso,

é verdade. O Ney tinha razão. Que bom que ele me deu esse toque. Eu reli. Realmente percebi que eu estava demorando demais para voltar para ele [Ney Matogrosso].

**C.A: Como foi a recepção da proposta de biografia por parte da editora? Houve alguma exigência específica ou orientação editorial que você precisou considerar durante o desenvolvimento do projeto?**

**J.M:** Foi interessante. Na verdade, a editora queria a biografia do Ney. Foram procurar pelo Ney e o Ney falou: “não, tem um jornalista fazendo [a biografia] já”. Era eu. Então, na verdade, eu estava fazendo a biografia e iria lançá-la de qualquer forma. Mas a editora, também, ao mesmo tempo, queria a biografia. Procurou por Ney e me encontrou no caminho. Então, nos encontramos. Nenhuma interferência, nenhuma exigência específica. Foi realmente muito livre, muito livre mesmo, por parte da editora.

**C.A: Na entrevista de lançamento mencionada anteriormente [no lançamento do livro], Ney Matogrosso também afirma que, quando você apresentou a ideia de escrever a biografia, ele disse que não poderia impedir a escrita devido a uma lei que resguarda o direito do jornalista. Gostaria de entender melhor qual é a sua percepção sobre o motivo pelo qual Ney fez essa declaração e como foi o processo de aceitação por parte dele para participar das entrevistas e colaborar com a biografia?**

**J.M:** O Ney disse exatamente isso: "eu não posso impedir que você escreva". Aí eu disse pra ele: “mas você pode ajudar?”. Ele [disse]: "claro, posso ajudar, com as coisas que eu lembrar, obviamente". Então, ele recebeu muito bem, até o ponto em que eu falei pra ele, lá atrás, que ele não poderia ler a biografia. Eu pedi ao Ney que não lesse a biografia, que não lesse antes de publicar. Depois eu mudei de ideia. Depois que tava pronta, eu entendi que o Ney já tinha entendido. Então, ele leu a biografia. Ele ficou muito preocupado, quando disse que ele não leria. Ele ficou com muito medo de que entrasse na história coisas horríveis que ele mesmo já leu sobre ele. Ele sempre cita aquele exemplo que falavam que a voz dele era aguda, porque haviam castrado ele na infância. Umas coisas terríveis. Eu falei, eu acalmei o Ney e falei ao Ney que isso não vai acontecer. Fica tranquilo que eu vou sempre estar apurando, sempre estar checando. "Você também é parte, né?" Ele é parte envolvida, óbvio... que eu checaria como

jornalista, mesmo, faz. Então, foi isso. A aceitação dele foi... ele foi entendendo, foi colaborando, foi confiando que a coisa realmente era séria, que eu estava fazendo alguma coisa séria. Foi uma postura muito positiva, muito colaborativa e sem restrições, Augusto. Isso eu acho o mais sublime nessa história.

**C.A: O que levou você a acatar o pedido de Ney em não mencionar os nomes de algumas pessoas com quem ele teve relacionamentos na MPB, ao mesmo tempo em que você acaba relevando um desses casos, como o de "Zé" (nome fictício), com quem Ney teve um caso quase secreto? Quais foram os critérios ou motivos que o levaram a fazer essa escolha?**

**J.M:** O Zé é a única figura que eu não revelo o sobrenome no livro. O nome dele é "Zé" mesmo. É um nome fictício, mas não é também, porque é Zé mesmo. Só que tem um sobrenome aí, que eu até me esqueci agora, que eu não revelo no livro a pedido do Ney. É verdade. O Zé foi uma história muito guardada pela família, uma família poderosa, segundo o Ney, lá do Rio de Janeiro. Cara, foi um pedido assim: se você colocar, vai trazer mais... o argumento do Ney foi esse: vai trazer mais de dessabor, mais confusão, mais problemas para a biografia do que ganho. Eu pensei realmente, isso é uma balança muito interessante, é um equilíbrio que a gente tem que fazer mesmo. Aquela informação que a gente coloca, se ela é fundamental para o livro, para a história, ela tem que ser usada, tem que ser colocada. Agora, no balanço, no equilíbrio, se ela vai dar mais problemas, mais dor de cabeça, possíveis processos e contestações à biografia do que ganhos biográficos, ganhos históricos, Aí a gente tem que medir. Outra [decisão], por exemplo, que eu não negocie com o Ney foi a revelação de Leonardo Villar, aquele ator, falando da sexualidade dele [sexualidade do ator], falando na biografia que ele teve uma história com o Ney, uma noite com o Ney. Foi o homem que falou para o Ney: "Ney, você é o cantor, você já é um cantor". Por que eu não negocie? E o Ney pediu para eu não colocar também esse nome. Só que eu não negocie porque a história era muito importante para o livro. Por quê? Para fazer a fofoca de que os dois ficaram juntos? Não. Porque o Leonardo Villar foi quem... o primeiro homem que falou para o Ney, que ele era cantor. Então, isso é muito importante, aquele contexto todo daquela noite em que eles ficaram juntos era muito importante para o livro. E ali eu não negocie. Falei com Ney que essa história precisava estar. Então, são dois exemplos importantes que mostram como a gente pode equilibrar na balança esses personagens. Quando podem dar problema, não se cita. Não tem problema. Quando podem dar problema, a ponto de

comprometer a biografia e a supressão dessa informação não trará nenhuma perda para o livro, ótimo. Eu não tenho problema nenhum com isso. Agora, quando a história for perder... aí eu acho que o biógrafo não tem que negociar.

**C.A: Durante o processo de entrevistas, você se deparou com uma realidade que divergiu significativamente daquela que você imaginava quando começou a escrever a história? Por exemplo, existiu algum momento específico ou informação que tenha surgido durante as entrevistas e tenha causado uma mudança drástica na narrativa?**

**J.M:** Durante a apuração, eu não esperava as críticas que eram contrárias a ele. Hoje a gente está acostumado a ver o Ney muito bem avaliado, muito bem criticado, sempre arrebatador de crítica também. Engraçado, quando a gente pesquisa, descobre o quanto o Ney apanhou mesmo na crítica e as campanhas que havia nos jornais sobre o Ney Matogrosso, escritas por colunistas grandes como o Chacrinha, o Aberlado Barbosa. Ele tinha uma coluna em vários jornais, que republicavam a mesma coluna. Ele tinha um problema com o Ney Matogrosso, bem sério. Ele sempre dizia: “Por que eu não posso exibir minhas chacetes em paz, e o Ney pode aparecer pelado fazendo apologia ao ‘homossexualismo’”? [nas palavras do apresentador na época - mas o termo correto é "homossexualidade"]. Mas, olha, coisas realmente pesadas. E outros colunistas, como Carlos Imperial e outros colunistas conservadores, que tinham uma postura bastante agressiva. Isso foi encontrado durante a apuração. Isso também foi muito difícil para o Ney ler. Ele me contou depois. Então, esse é um ponto que eu diria que foi uma surpresa. Não a ponto de mudar a narrativa, mas de se valorizar bastante no livro, porque acho que é um desafio que o Ney encontrou pela frente.

**C.A: Quais foram os desafios enfrentados ao buscar fontes secundárias e documentais para obter informações sobre a vida de Ney Matogrosso? Você contou com uma equipe para auxiliar na apuração, condução de entrevistas e outras atividades de produção, ou trabalhou de forma independente?**

## **Parte 1**

**J.M:** Olha, então, os desafios ao buscar as fontes. É um desafio burocrático. Primeiro... de você acessar documentações. Por exemplo, eu fui muito, eu tive muita dedicação para encontrar a documentação do Ney no exército, na verdade, na aeronáutica. O Ney serviu na aeronáutica no Rio de Janeiro, no galeão. Eu consegui ter acesso à documentação toda da ficha do Ney como soldado. Isso para mim foi algo que eu batalhei demais: como foi o Ney soldado. Então, existe muita paciência para conseguir esses documentos. Com muita paciência para acessar estes documentos. Agora, por exemplo, alguns foram repassados pelo próprio Ney. Quando ele encontrou uma caixa com cartas, a carta da Elis Regina, um bilhete que a Elis entregou para ele, ele me entregou. Então, isso foi direto com o Ney. Claro, foi mais fácil. Mais difícil é quando a gente tem que ir, realmente, a campo descobrir essas documentações todas que não estão guardadas em nenhum site. Ela está solta, está por aí. Está nos arquivos militares do Brasil, e essas realmente foram as [fontes documentais] mais difíceis que eu encontrei.

## **Parte 2 (continuação)**

**J.M:** [A produção da biografia] foi totalmente independente, sem nenhuma equipe para apurar, para conduzir entrevistas, nem mesmo para tirar [transcrever] as entrevistas, para ouvir o áudio e escrever. Porque isso, até a editora me ofereceu. Mas eu neguei, porque eu acho que quando você está tirando [transcrevendo] uma entrevista, você já está editando. Você já está entrando em contato de novo com aquela entrevista. É importante porque às vezes a gente fica há tempos, mais de um ano, com uma entrevista guardada. Só vai ouvir aquilo para fazer o livro. Então, é importante a gente fazer isso. É o que eu acredito. É muito bom ter uma equipe, mas é fundamental que você, o autor, faça esse trabalho de escrita, esse trabalho de edição, do seu material bruto. Importantíssimo.

**C.A:** **No livro, há relatos de casos de suicídio, como o de Eugênio, e inclusive uma descrição do modo como ele se suicidou. Geralmente, no jornalismo, esses casos não são narrados de forma detalhada. Poderia explicar os motivos que te levaram a trazer esse caso para o texto?**

**J.M:** Tem um tabu, realmente, com relação ao suicídio. Eu nem chamaria de tabu. Eu acho que existe um motivo realmente para que esses casos não sejam divulgados. Não sejam a todo tempo colocados na imprensa. Eu sei bem, eu trabalho em um jornal e eu concordo, sabe, Augusto? Eu acho que tem que ser assim mesmo, acho que a gente não pode ficar noticiando casos de suicídio, com a pessoa cometeu aquele suicídio. Acho isso terrível. Agora, no livro, eu acho que tem um ambiente diferente que te permite contar essas histórias. O ambiente do livro, ele não funciona como uma notícia de jornal. Talvez isso possa ser estudado mais profundamente, mas o impacto do leitor é diferente também. Ele [o livro] está muito mais contextualizado, e é importante, o porquê de eu decidir [trazer esse caso no livro]. É importante saber que a Brasília, essa Brasília na qual o Ney vai viver, e vai marcar a vida dele para sempre, era uma cidade com altíssimo índice de suicídio. E o Ney conviveu com três pessoas com potencial risco de suicídio. Então, [o livro] mostra, com a narração desses casos... primeiro, o que era essa cidade. Segundo... o que estava em torno do Ney. Se você perceber, Augusto, em torno do Ney, é onde estarão as contradições do mundo, do livro. Dentro do Ney, da pessoa, você não vai encontrar maiores conflitos. Eles vão aparecer na vida do Ney externamente. É o mundo que está em conflito e é o Ney que está passando por ele. Isso é muito curioso, porque a Elis Regina, por exemplo, é a outra velha fada, ela era um conflito interno. Mesmo vivendo num mundo bastante conflituoso, o conflito interno da Elis era maior do que tudo. O Ney não. O Ney tem uma solidez interna e vai viver num mundo conflituoso por muitas décadas. Cada década trazendo seu conflito particular. Então, a exploração desses conflitos... Para mim era muito importante dizer a todo momento: “olha o Ney está passando por aqui”.

**C.A:** Considerando os conceitos trabalhos pela jornalista Fabiana Moraes de “pautaroteiro” (centrada em ganchos) e pauta-ação (buscando subverter discursos e lógicas de poder), você se considera um biógrafo que adota uma abordagem mais voltada para a pauta-ação, visando questionar e desafiar certos paradigmas ao escrever a biografia de Ney Matogrosso?

**J.M:** Eu acho que a imparcialidade biográfica, ela no fundo não existe. Quem tentar ir por esse caminho, na verdade, vai estar enganando o leitor porque a escolha mesmo das histórias já está posicionando o biógrafo de alguma maneira. A escolha do biografado já começa a posicionar o

biógrafo de alguma maneira. Agora, eu me coloco como biógrafo de posicionamento. De reflexão, de uma reflexão que está explícita, não escondida no livro. Quando sou eu, pensando, ou seja, o livro, você vai sacar. É o livro que está pensando isso aqui. Não é a história, não é uma compreensão lógica. Não é um documento, não é uma narração apenas de um diálogo simplesmente. Às vezes, é também. Mas estou dizendo que, às vezes, eu abro, sim, liberdade para um texto mais analítico. Às vezes, uma reflexão e colocações ali que o próprio entrevistado pode nem pensar, pode nem ter pensado que participou daquilo. Mas depois ele lê. É engraçado quando o Ney lê, ela fala: “Puxa, curioso isso”. Então eu me coloco, sim, intencionalmente, como um biógrafo. Gosto de biografias que pensam e que deixam claro os seus pensamentos. É o que eu sempre gostei de ler e o que eu acabo tentando fazer também.

## **APÊNDICE B**

Esta segunda entrevista foi realizada em 30 de novembro de 2023, das 14h às 15h25 no horário do Brasil e das 18h às 19h25 no horário da Eslováquia, sendo conduzida por videoconferência na plataforma Google Meet.

**Carlos Augusto: Ainda nesse processo inicial de escrita, você tinha em mente uma imagem específica de Ney Matogrosso que buscava retratar com um público? Essa percepção inicial sobre quem era Ney Matogrosso permaneceu constante ao longo da escrita, ou você testemunhou mudanças em sua percepção sobre o biografado durante o processo?**

**Julio Maria:** Basicamente, a imagem que eu tinha do Ney Matogrosso, pelo fato de ele não ter segredos, acho que isso tem a ver com postura dele... o que você acha que Ney Matogrosso realmente ele é. Então, assim, a minha apuração só levou ao encontro da minha expectativa do que era o Ney Matogrosso. É bom? Não. Biograficamente, nós adoramos revelar outros lados dos biografados. No caso do Ney, isso quase não existe. O que você imagina que ele seja, o que o imaginário popular imagina que ele seja, é o que ele é. Então, não tem grandes revelações, no sentido das surpresas, de uma expectativa do que é o personagem. Ele é o que imaginário aponta mesmo.

**CA: Eu, enquanto leitor, tive uma sensação de você também desejou mostrar esse lado de uma mudança que o Ney provocava na sociedade, mas a partir dele mesmo, sendo ele mesmo. Isso existiu? Você teve a vontade de mostrar essa parte com mais evidência?**

**JM:** Sim, teve. Exatamente. Esse é o triunfo do Ney. O que o torna um grande personagem é exatamente o poder que ele teve sendo ele mesmo, de transformar ou de resistir dentro de contextos de cenários que estão no contraditório daquela criatura. Quando você faz uma linha do tempo rápida, você percebe que o Ney nasceu nos anos 40. Se ele nasceu nos anos 40, você imagina como eram os pais, com um filho que nasceu homem com trejeitos de menina - que era o que pai dele pensava. Mas ele não se moldou à expectativa do pai. Você tem episódios em que ele vai para o quartel, um lugar super masculinizado, e o Ney continua sendo ele. Inclusive ele vai se apaixonar por outro rapaz dentro do quartel. Mas uma vez ele não abriu

mão, não escondeu o que era a sua essência. Nos anos 60, tem a ditadura. Ele também não deixa de falar o que ele queria falar, cantar o que queria cantar. Nos anos 70, o Ney também passa por episódios traumáticos, mas nunca foi exatamente torturado, não era um preso político, não saiu do país por causa disso. Mas evidentemente, como mostram os documentos, foi vigiado, cerceado, procurado pela censura nos camarins no show. Então, mesmo assim, ele continuava sendo ele mesmo. Não acho que o Ney, Augusto, tenha forçado uma barra: “agora eu vou fazer um disco aqui politizado”. Ele foi ele mesmo. Ele acredita muito nisso: ser você mesmo, a liberdade para ser você mesmo. É uma frase que ele diz mesmo. Só continuando, ele vai para os anos 80 e chega a aids. Para mim, a gente pode considerar, por mais estranho que seja, mas tem um pensamento que me passa agora: o Ney não deixou de ser ele mesmo por causa da aids. As pessoas começaram a se cuidando? Mas ele não deixou de ser ele mesmo. Até se relacionando com o Marco de Maria, que foi o marido mesmo do Ney. A primeira vez que o Ney teve de dividir seu território com alguém foi com o Marco de Maria. Primeira e última vez que ele morou com alguém. Até mesmo o próprio Cazuzza. Duas pessoas que foram infectadas pelo vírus, mas que não tiveram distanciamento. O Ney permaneceu ao lado dessas pessoas. Cuidando dessas pessoas. Mais do que isso, propondo inclusive um relacionamento sexual. Propondo e não se esquivando disso. Toda essa linha do tempo para dizer do impacto do Ney sempre parecendo um ser deslocado do seu tempo. No sentido de estar sendo ele mesmo. Isso percorre até os anos atuais, porque ele sendo ele, inclusive não caindo nas mãos de uma possível esquerdização da sua postura. Não é disso que estamos falando. Ele não usou a sua postura, para apoiar os políticos da esquerda. Isso é curioso. Ele apoiou as campanhas das Diretas Já, foi contra o governo passado, do Bolsonaro, mas também não apoiou o Lula. Você não vê o Ney indo para uma Parada Gay em São Paulo, por temer ser instrumentalizado. Acho que a importância do Ney é olhar para a liberdade de ser você mesmo.

**CA: Durante a minha leitura do livro, percebi que o trauma surge como um elemento significativo na narrativa do livro, influenciando episódios cruciais da vida de Ney Matogrosso – como sua relação conturbada com o pai, os impactos do serviço militar, a insatisfação do grupo *Secos&Molhados* com a performatividade do corpo de Ney, além dos discursos homofóbicos na mídia e a perseguição velada durante a ditadura. Em relação a isso, gostaria de saber como você percebe o papel da memória nesse contexto biográfico. Como você enxerga a memória como um dispositivo que reconstrói o passado,**

## **instiga reflexões sobre o futuro e influencia a narrativa ao escrever a biografia de Ney Matogrosso?**

JM: As memórias do Ney são muito importantes e claras. Mas, como todo biografado e todas as pessoas que a gente ouve, eles podem criar cenas. Elas podem criar situações. Não é porque se trata de uma mentira. É porque a memória foi cristalizada em Ney de alguma forma. Então, cabe aos biógrafos ajustá-las, pesquisar, ver se foi daquele jeito mesmo e ajustar as coisas. Uma passagem que o Ney sempre conta. Ele contou para a biografia, mas eu insisti com ele para provar que a banda Kiss não se inspirou nos *Secos&Molhados*. Isso foi dito uma vez pelo Zé Rodrigues ao Ney, com episódio narrado sobre como isso teria ocorrido. Ney acreditou e ele passou a narrar isso como se fosse fato. Depois que a biografia saiu, ele não falou mais. Isso é um exemplo de memória enviesada, que se apropriava de outras memórias. Então, criou-se outra memória. Por isso, a gente tem que ficar sempre atendo às memórias desses nossos arquivos vivos, as pessoas que nos dão depoimento podem trazer ajustes da história, nos quais elas estão bem, ou então elas esquecem de coisas que para elas não tiveram importância. Você (como jornalista) tem que ir e ativar essa memória. Esse trabalho leva um tempo para fazer. Por exemplo, eu consegui os documentos do Ney no quartel, como o Ney serviu à Aeronáutica. O Ney não me contou nada disso. Mas com os documentos em mãos, ele se lembrou. Como eu ativei essa memória? Olha, Ney, dia tal você estava no quartel. Teve um episódio que você chegou a ser preso, foi detido. Ele nunca conta isso nas entrevistas, mas para o livro ele se lembrou. Não é porque ele se escondia. Mas a memória dele não sedimentou essa memória, já que para ele era algo completamente normal. Para mim, ele disse: “por que eles vão querer saber da minha vida no quartel?”. Eu disse: “óbvio que vão querer saber”. Esses são os cuidados de memória, e a importância de a gente lidar cautelosamente com a memória das pessoas. Essa é a importância da memória física.

**CA: Tem uma frase do Ney, que vi em uma entrevista, em que ele fala que a vida dele não tem tanta importância, como você, enquanto biógrafo, acredita ter. Ele chega a dizer para você: “você traz minha vida, mas não vejo tanta importância”. Você acha que é mais o público quem o vê da forma como a biografia o retrata?**

JM: Eu acho que o Ney, em geral, tem uma visão dele mesmo como uma pessoa de muita normalidade. Ele não consegue, até como uma defesa, para que as pessoas não achem que é uma pessoa que se vanglorie de alguma coisa. Ele não faz a melhor reflexão sobre o que ele é. Isso é trabalho nosso. O que você está fazendo, o que eu faço na biografia. O Ney não é um personagem de reflexões. Não que ele não seja capaz de fazê-las. Mas sinto o Ney mais à vontade quando é considerado um personagem de narrador, de narrativas. Ele é mais narrador do que um personagem reflexivo. Se você pedir para o Ney responder a qualquer uma das perguntas que você está me fazendo, ele vai sair com uma resposta muito curta, muito superficial, com pouca vontade de se aprofundar. Mas se pedir para ele contar a história do quartel, ele vai contar e vai adorar. Ele aprendeu a fazer isso. Ele aprendeu a lidar com a própria memória no sentido de que a memória dele é interessante, as pessoas param para a ouvir. Agora, a reflexão dele nem tanto. Ele deixa isso ser feito para nós, classificá-lo, problematizá-lo, compartimentá-lo. Tudo são coisas feitas por nós. Engraçado que ele mesmo não tem essa percepção da própria existência, grandiosa, revolucionário. Eu não sinto que ele esteja fazendo um tipo, quando ele não assume essa postura que nós o colocamos nele. Esse pedestal em que nós o colocamos. Mas sinto muita verdade. É um exercício de nós mostrarmos para ele que ele precisa falar sobre ele, porque ele vai ser uma inspiração para muitos. É um trabalho que a gente faz para que ele abra essa caixinha e se considere mais importante do que ele acha que é.

**CA: Como o corpo de Ney Matogrosso é abordado na biografia, considerando a caracterização frequente pela mídia como um 'corpo transgressor'? Como você percebe a relevância desse corpo não apenas na narrativa pessoal do artista, mas também na contextualização da história do lugar de seu nascimento, da sociedade em que viveu e das transformações culturais ao longo do tempo?**

Tem o episódio que Ney não faz essa ligação. Mas eu começo a fazer. Eu tenho tentação em fazer essa ligação. É sobre o momento em que Ney tem 5 anos. O pai chega em casa, o Ney fez alguma brincadeira de criança. O pai dele não gosta e coloca o Ney pelado no jardim em frente de sua casa, para que as pessoas passassem e o vissem pelado. Quando elas viam o Ney pelado, começava a dar risada. Ele, com muita vergonha, pega areia com a mãozinha e passava no corpo, para o cobrir de areia. Olha que coisa. O Ney nunca fez essa ligação. Mas para mim a história do Ney começa aí. Esse momento do corpo exposto, o mesmo corpo que será exposto

como a sua maior força. A força do discurso do Ney. Ele é musical e físico. Ele está na voz e no corpo. Muito curioso perceber como ele faz isso hoje, aos 84 anos, na turnê em que ele está subindo aos palcos pelo Brasil, com O bloco na rua. Muito curioso como ele começou a fazer isso. Com o *Secos&Molhados*, todo mundo estranhando aquela criatura que aparece no palco. Engraçado, Augusto, isso é muito importante. O corpo do Ney não é erotizado no início. Ele vai fazer isso depois no disco “Bandido”. No segundo disco solo, ele vai tomar uma postura mais sedutora. O corpo em nome da sedução. No “Água do céu pássaro”, seu primeiro disco solo, ele ainda mantém uma pegada animal, selvagem, um corpo que expressa os movimentos de uma ave. Até esse momento, ele está muito mais focado nisso, nesse lugar do animal, do que uma eroticidade nos seus shows. Mas é muito curioso você perceber que, ao tentar expor o filho, o pai consegue a fazer com ele saiba lidar com o corpo publicamente. A primeira exposição pública do corpo do Ney foi em forma de castigo. Só o tempo ele entenderá que o corpinho daquela criança será, no futuro, sua grande arma. Na trajetória do Ney, vai ter um momento em que ele vai tirar o corpo. Ele vai esconder o corpo. Ele vai fazer uma apresentação com o terno. Vai chamar o Rafael Rabello. Vai fazer um disco com um grupo chamado Aquarela Carioca. São dois momentos em que Ney fala assim: “chega, eu quero agora testar a voz”. O corpo nesse momento é escondido. Ele tira o corpo de cena e entra com terno, com os músicos, todo recatado. Ninguém acredita, mas é o Ney Matogrosso fazendo um show. Nesse momento, ele prova que o discurso do corpo existe, mas a voz tem vida próprio. Com isso, podemos trazer uma discussão muito interessante. O corpo exposto do artista, muitas vezes, é o responsável por ser o artista hoje. É o grande desafio de pegar os shows do Rock Rio. Vamos tirar os corpos de cena. As vozes vão segurar aquilo? Só as vozes vão segurar os grandes espetáculos. O Ney fez isso com ele. Mas será que hoje, essas vozes sobreviveriam sem os seus corpos? Dos bailarinos? Das cantoras? Não só as mulheres. Independente do corpo, do gênero. Ney teve a coragem de se perguntar isso: mas será que é só o corpo? Foi um sucesso. Ele conseguiu aglutinar em um ser só, uma excelência vocal e um discurso corporal magnífico. Isso não teve nada a ver com dança. O Ney não sabe dançar. O corpo dele não sente o ritmo e não está acorrentado a um ritmo. O corpo dele está livre. Ele tem uma liberdade que faz o corpo flutuar acima do ritmo. Também uma postura de libertação. Ele está se libertando inclusive da própria música, ao fazer uma flutuação de algo que parece uma dança, mas é um movimento da natureza. Tem todos esses momentos de sobe e desce. Põe o corpo para fora. Cobre o corpo. Livra-se do ritmo. Enfim, é muito interessante.

**CA: Então, tudo isso pairou sobre sua mente, enquanto você escrevia a biografia?**

JM: Pairou. O corpo está presente no discurso e no imaginário de quem é Ney Matogrosso.

**CA: A biografia retrata relações homoafetivas e um corpo que desafia concepções tradicionais de gênero e orientação sexual, mas há pouca menção à luta LGBTQIAP+ no Brasil. Você considera que essa ausência foi uma decisão baseada nas declarações de Ney sobre não se enquadrar nas siglas da bandeira, mas ser ele próprio essa bandeira?**

JM: O que me guiou, Augusto, foi a trajetória do Ney. Uma vez que ele não aderiu a nenhum movimento de gênero, de posicionamento. Ele não se posicionou. Ele só fala de sexualidade quando a gente pergunta. Ele fala com a maior naturalidade. Tem um momento que eu falo isso, textualmente está no livro. Qual era o medo dele? Se me colocarem como o representante de alguma organização ou associação LGBTQIAP+, os reacionários vão dizer: “olha lá, o gay velho”. Ele evitou, porque ele não queria ser reduzido. Ele sempre entendeu que uma participação efetiva, à frente de um movimento seria uma redução do que ele tem para dizer. Não que ele não diga. Não que ele não tenha essa função. São inúmeros os casos de pessoas que procuram o Ney para dizer: “Obrigado, Ney. A vida mudou. Tive coragem de ser quem eu sou, graças a você”. Até hoje ele ouve isso. Mas ele não se associa a nenhum grupo. Eu seguindo os passos dele. Esses grupos não entram na biografia, porque eles estão à margem do próprio Ney. O Ney deixou os movimentos à margem da vida dele. Não quer que ele não esteja ligado às pessoas. Pelo menos, dois singles por mês do Ney são gravados com pessoas dos mais diversos gêneros, de banda rock, pessoas trans, não-binários. São diversidades que o Ney abraça, sem ir atrás de um discurso de engajamento. Ele está indo atrás de uma canção. Quando ele gosta, ele grava. Isso define um pouco o caminho da biografia, que segue os passos do biografado. Eu deixo claro por que ele não faz parte dos grupos, baseado no que ele me falou. O livro fala desta postura do Ney em relação a isso.

**CA: Ao ser tocado pelo relato da infância de Ney Matogrosso, como um corpo afeminado, sensível e não-masculinizado, especialmente por encontrar ressonâncias em minha própria experiência, pergunto: como essa narrativa da infância chegou até você? Se foi por meio de Ney, como você lidou emocionalmente ao receber e narrar sobre essas**

**memórias tão sensíveis, que demandam uma abordagem cuidadosa e atenciosa na construção da narrativa biográfica?**

JM: O primeiro filtro da história que está sendo contada é do biógrafo. Se você fizer uma biografia com as mesmas informações que apurei, será outra biografia. A história vai passar pelos seus filtros. Por que eu escolho uma e você escolhe outra? Por exemplo, eu tenho um filho de 21 anos. Quando eu abri o livro, que abre pela cena de uma briga entre Ney e pai dele... eu não cheguei a brigar com o meu filho, mas eu tive uma discussão com ele enquanto eu estava escrevendo o livro. “Ah, filho. Se você está querendo sair de casa, tudo bem, filho. Então saia de casa”. Foi a mesma essência da briga que fez o Ney sair de casa. Eu me vi naquela cena. Eu investi muito nesse abre, porque eu estava vivendo isso também. A questão do Ney com o pai... eu queria desvendar quem era esse pai do Ney Matogrosso. Eu acho o Ney bastante implacável com o pai dele nas entrevistas que ele dá. Mas eu tenho uma questão em relação a isso. Eu falei: “Ney, será que seu pai não gostava de você? Ele sai da casa dele lá no interior de São Paulo para ir até o Rio de Janeiro para saber como você estava no quartel. Ele sai da casa dele e vem para São Paulo para saber como você estava vivendo com aquelas pessoas que estavam aqui no centro de São Paulo. Esse pai chama você para trabalhar com você no interior”. Por mais que fosse um homem com outros conceitos, nascido nos anos 20, como esse homem pode não amar o filho? A gente tem que levar em consideração as lembranças que o Ney tem de quando o pai podava o filho por ter um corpo afeminado. Então, eu faço uma contraposição que não é para derrubar o pai da vida do Ney, mas é para acrescentar a esse pai um sentimento que não passa pelo filtro do Ney narrador. Mas está no filtro do biógrafo. Então, o biógrafo tem que assumir que ele tem seus filtros e que vai fazer suas escolhas também. Como eu lidei com as histórias, como você perguntou? Eu deixei que elas viessem e que elas me emocionassem primeiro. À medida que Ney contava, eu selecionava o que achava bom. Em relação ao Ney com as drogas, eu cheguei a ir ao Santo Daime. Quando eu não tive acesso a alguma experiência, eu tento recuperar de alguma forma determinada experiência. Normalmente, eu crio filtros. Por exemplo, o Ney foi ao Saito Daime. Eu fui no mesmo local que o Ney foi, participei da mesma cerimônia, só não tomei o Santo Daime, porque eu precisava ficar concentrado. Descrevi todo o lugar e todo o processo. O mais certo para mim é tratar bem a emoção do biógrafo e deixar que ela me emocione. É importante que ela passe por esse filtro, para que ela saia no texto, para sair no texto da forma mais precisa que o Ney tenha vivido. É meio como um jogo estratégico.

**CA: Quais cuidados específicos você tomou para não invadir a intimidade de Ney, especialmente ao buscar informações sobre sexo, relacionamentos, entre outros?**

JM: Na verdade, nenhum cuidado. Eu entendo que tudo aquilo que o artista que vive e que reflete na obra dele, é passível de ser biografado. A minha ética é de que, se o artista escondeu um segredo muito bem escondido, aquilo vai ficar com ele até que alguém descubra ou não. Se o artista foi influenciado por aquele evento, se aquele evento gerou uma interpretação, uma música, uma inspiração, será biografado. Pode ser o que for. Transei com a mulher do meu biógrafo. Aquele virou um fato da sua carreira artística, vai ser biografado. Então, eu sou levado sempre por essa ligação de artística como ser humano. Nesse momento, retiro a minha ética de não ter muros. A não ser que o artista tenha escondido suas histórias. Senão, elas aparecem e serão relatadas. Não fiz um livro para agradar ao Ney. Avisei isso ao Ney. Não é um livro dele, para ele. É um livro sobre ele. Pode ser que ele goste de algumas coisas, não goste de outras. Mas é assim que eu sei fazer biografia. Então, foi assim que lidei com esse limite do privado e público, que eu sinceramente acredito que não exista para os artistas.

**CA: Ele não gostou de alguma parte? Ele não gostou de alguma informação?**

JM: Ele não me pediu para tirar nada. Mas tem algumas partes que ele não gostou. Tem muitas partes pesadas que são as pessoas falando mal dele. Ele achou aquilo terrível. Como que o Chacrinha escrevia algumas coisas sobre ele. Coloquei até pessoas populares que falavam coisas do Ney Matogrosso. Eu fiz questão de colocar mesmo, porque mostrava a resistência de uma sociedade também. Essas coisas ele não gostou. Elas foram publicadas.

**CA: Sobre o Procure Saber, que entra na questão das biografias, como você vê essa questão hoje? Olhando para sua biografia, você acredita que ela também seria uma biografia censurada?**

JM: Eu acho que não, por causa do Ney. Sempre falei para ele: “você censurar uma biografia, seria fazer o mesmo que tentaram fazer com você a vida inteira, e não conseguiram”. Então, ele entendeu muito bem isso. Acho que o Ney é o único personagem que você pode fazer isso. É um trabalho livre. Ele vai entender. Você não consegue fazer isso com nenhum outro artista,

vai abrir as suas portas para você vasculhar a vida dele, sem patrulhamento. Eu acredito que ajudou muito o fato de ser o Ney Matogrosso. Não acredito que essa biografia teria sido possível com outro artista da música brasileira vivo hoje. Não existe dono da história. Se ele é um artista, ele pode ser biografado por qualquer pessoa. Mas isso não tira a responsabilidade do biógrafo. A gente pode sofrer processo de todo mundo. A pessoa pode não ser a biografada, mas ela pode estar citada no livro. Então, existe esse cuidado com a biografia que precisa continuar como era antes. O que mudou é que não precisa mais pedir bênção à pessoa para ser biografado. Ir à família da pessoa que morreu, fazer um pacto dizendo que não vai fazer determinada perguntada. Judicialmente, o trabalho do biógrafo está garantido. Esse foi um momento do Procure Saber importante, porque o STF ratificou o trabalho biográfico. Óbvio que, mesmo que se faça uma biografia autorizada, quando você tem a ciência do biógrafo, é mais rico. Sou entusiasta do seguinte: ter o biografado do seu lado, mas que ele saiba que a biografia será escrita de forma livre... quando o biógrafo está vivo, obviamente. A decisão do STF foi fundamental para que a gente tivesse garantia para que a gente não tivesse um monte de livro sendo apreendidos como fez Roberto Carlos fez com o seu biógrafo. Isso nunca mais aconteceu.

**CA: Júlio, para compreender melhor o processo de produção da biografia, gostaria de saber como foi a construção da pauta. Assim como em reportagens e notícias, normalmente há uma preparação de pauta. No caso da biografia sobre o Ney Matogrosso, esse processo chegou a existir? Incluiu, por exemplo, a separação de fontes, designação de períodos específicos para pesquisa, consulta de fontes documentais, revisão de texto, editoração, entre outros aspectos? Pode compartilhar um pouco sobre como se deu essa organização e desenvolvimento ao longo do projeto?**

JM: O processo de construção da pauta exigiu. Basicamente, foram três momentos. O primeiro foi criar uma linha do tempo, ainda que seja com muitas lacunas. De quando nasceu até quando morreu. Todos os fatos importantes e os anos em que os fatos aconteceu. Depois, fui para muitas pesquisas, leituras; vasculhei arquivos físicos, documentais, digitais. No segundo momento, que vai se intercalando com o primeiro, vêm as entrevistas. Acredito que precisa ter mais de 200 entrevistas para uma biografia. Esse seria um número razoável. Eu sempre gostei de fazer entrevistas pessoais, olho no olho. Se puder isso, melhor ainda. O terceiro momento foi a escrita. Claro que são momentos acumulativos. O primeiro está rolando. Quando vem o segundo, vem

o terceiro. Você está escrevendo, mas ainda continua investigando e fazendo entrevista. Então, tem a preparação de cada entrevistado ser uma pauta mesmo. Por exemplo, vou falar com o Willy Verdaguer, baixista dos *Secos&Molhados*. Nesse caso, eu tinha que montar uma pauta jornalística mesmo, para não me esquecer dos detalhes. Todos os tópicos escritos sobre aquela determinada gravação dos *Secos&Molhados*, saber como o Ney se manifestava no palco. Preparar uma pauta para o Caetano, Gil, Milton, esses caras todos. Tinha que ser preparada uma pauta para cada um. Eu digo que é a extremidade, é praticar o jornalismo na sua extremidade. O jornalismo mais intenso que tem é uma biografia. Está tudo ali: uma grande reportagem sobre um único personagem. Você vai potencializar uma matéria de jornal mil vezes.

## ANEXO 1



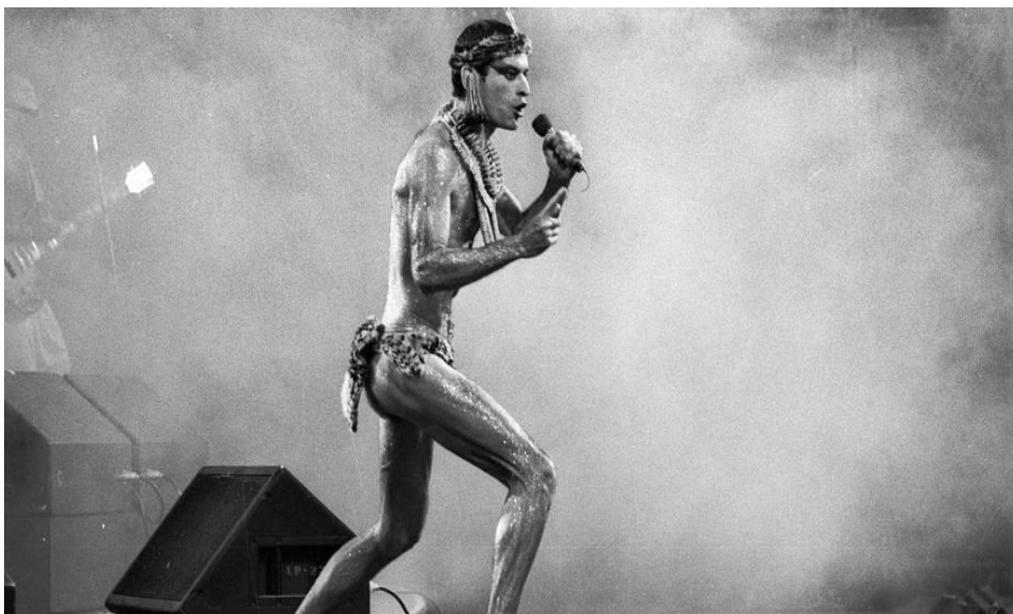
**Corpo infantil enquadrado** - Ney Matogrosso quando pequeno (*Foto: arquivo pessoal*)

## ANEXO 2



**Corpo andrógino** - Ney Matogrosso em 1976 (*Foto: Divulgação/Bob Wolferson*)

### ANEXO 3



**Corpos, memória e democracia** – Ney Matogrosso no Rock in Rio, no show de estreia em 1985, fim do Regime Militar de 64 (*Foto: acervo Rock in Rio*).

### ANEXO 4



**Voz, corpo e comunicação** – o cantor em apresentação no segundo dia de The Town – (*Foto: Cláudio Augusto/BrazilNews*).

**ANEXO 5**



**Corpo, linguagem e provocação – ensaio artístico (Foto: Julio Maria)**

**ANEXO 6**



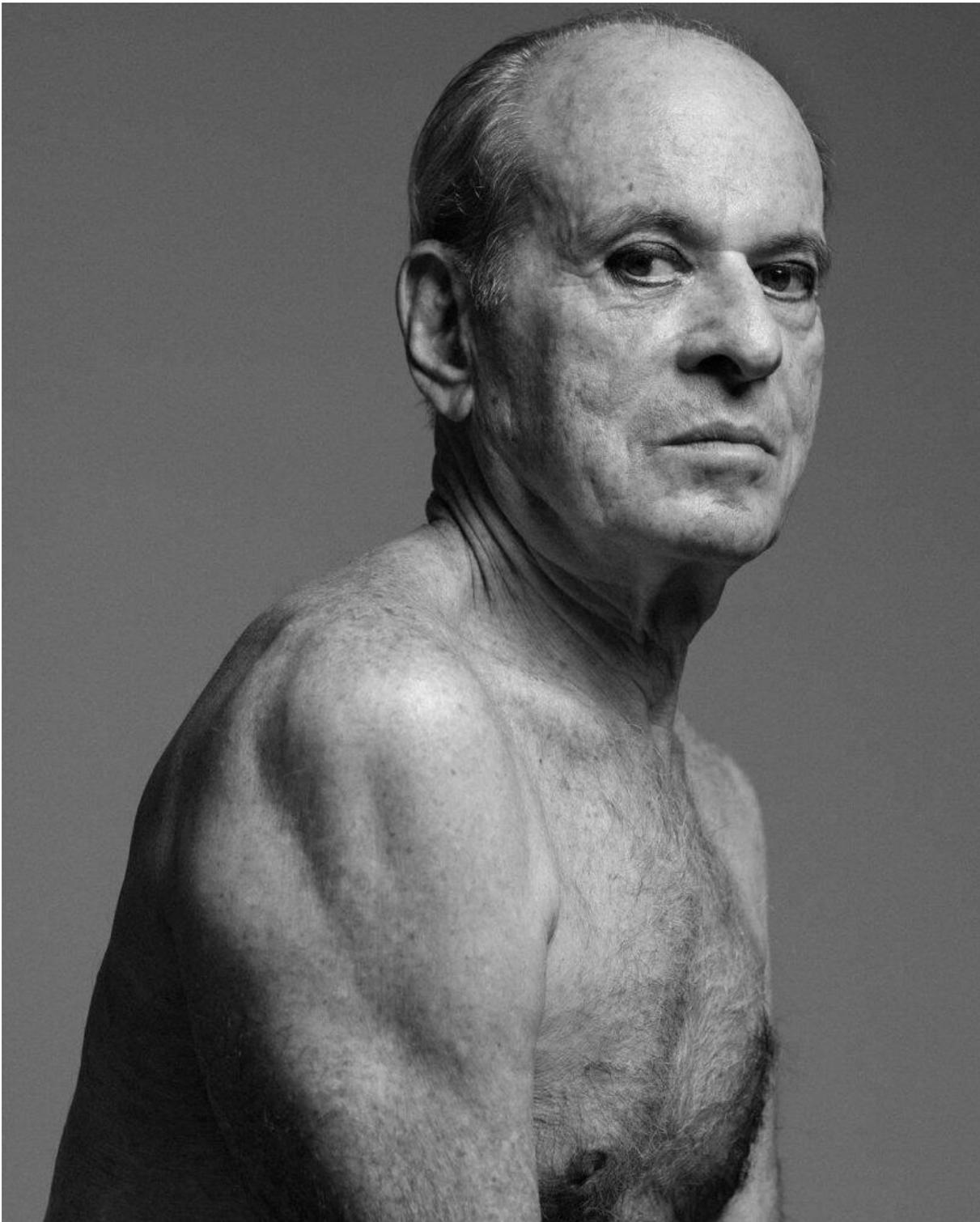
**Corpo, linguagem sonora e performance – (Foto: arquivo pessoal)**

## ANEXO 7



**Corpos, homens e afetos** – Ney em ensaio com o rapper Rico Dalasam, único rapper preto e abertamente gay da cena musical brasileira, na revista TRIP (*Foto: Jorge Bispo*).

**ANEXO 8**



**Corpo, memória e testemunho** – Ney Matogrosso após 80 anos de idade (*Foto: Jorge Bispo*)

